



O CANTO DA SEREIA

UMA VERSÃO DARKE E SENSUAL
DE A PEQUENA SEREIA

KARINA HALLE

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O
CANTO
DA
SEREIA

UMA VERSÃO DARK E GORGONAS
DE A PROVA DA SEREIA

KARINA HALLE

Bestseller do New York Times

Capa

Ficha Técnica

PRÓLOGO

Maren

Parte 1 – O Oriente

Capítulo 1 – Maren

Capítulo 2 – Maren

Capítulo 3 – Ramsay

Capítulo 4 – Maren

Capítulo 5 – Ramsey

Capítulo 6 – Maren

Capítulo 7 – Ramsay

Capítulo 8 – Maren

Capítulo 9 – Ramsay

Capítulo 10 – Maren

Capítulo 11 – Maren

Capítulo 12 – Ramsay

Parte 2 – As Ilhas

Capítulo 13 – Ramsay

Capítulo 14 – Maren

Capítulo 15 – Maren

Capítulo 16 – Ramsay

Capítulo 17 – Ramsay

Capítulo 18 – Maren

Capítulo 19 – Maren

Capítulo 20 – Ramsay

Capítulo 21 – Maren

Capítulo 22 – Ramsay

Capítulo 23 – Maren

Parte 3 – A Travessia

Capítulo 24 – Maren
Capítulo 25 – Ramsay
Capítulo 26 – Maren
Capítulo 27 – Maren
Capítulo 28 – Ramsay
Capítulo 29 – Maren
Capítulo 30 – Maren
Capítulo 31 – Ramsay
Capítulo 32 – Maren
Capítulo 33 – Ramsay

Parte 4 – O Ocidente

Capítulo 34 – Maren
Capítulo 35 – Maren
Capítulo 36 – Ramsay
Capítulo 37 – Maren
Capítulo 38 – Maren
Capítulo 39 – Ramsay
Capítulo 40 – Maren
Capítulo 41 – Maren
Capítulo 42 – Ramsay
Capítulo 43 – Maren
Capítulo 44 – Ramsay
Capítulo 45 – Maren
Capítulo 46 – Maren

Posfácio

Agradecimentos

Karina Halle

O CANTO DA SEREIA

Tradução
Sofia Ribeiro

Ficha Técnica

Título: O Canto da Sereia
Título original: A Ship of Bones & Teeth
Autor: Karina Halle
Tradução: Sofia Ribeiro
Revisão: Isabel Garcia
ISBN: 9789895810727

QUINTA ESSÊNCIA
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

© Karina Halle, 2023
Publicado com o acordo do autor, c/o Baror International, Inc.,
Armonk, New York, USA.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.com

*Ao meu pai, Sven, marinheiro viquingue, por instilar em mim o amor ao mar.
Estamos a cuidar bem do teu navio por ti.*

*À minha mãe, Tuuli (cujo nome significa «vento», em finlandês):
obrigada por seres o vento nas minhas velas.*

*E ao Scott, claro, e como sempre.
És o meu capitão-pirata da vida real.*

*First we stand up, then we fall down
We have to move forward, before we drown*

Depeche Mode

*I descend from grace in arms of undertow
I will take my place in the great below*

Nine Inch Nails

Playlist

Pode encontrar a *playlist* completa no meu Spotify.

Entretanto, aqui ficam algumas das canções que aparecem no livro:

- «The Kraken» – Hans Zimmer
- «Supernaturally» – Nick Cave and the Bad Seeds
- «Mermaids» – Florence and the Machine
- «Before We Drown» – Depeche Mode
- «Hoist the Colors» – Colm R. McGuinness
- «Vivien» – (++++) Crosses
- «I am not a woman, I'm a god» – Halsey
- «With Teeth» – Nine Inch Nails
- «Diamond Eyes» – Deftones
- «Always You» – Depeche Mode
- «A Drowning» – How to Destroy Angels
- «Hurricane» – Halsey
- «Gods and Monsters» – Lana Del Rey
- «Mermaids» – Hans Zimmer
- «La Mer» – Nine Inch Nails

Advertência quanto ao conteúdo deste livro

Olá, querido leitor! Se está a pensar ler este livro, há algumas coisas que deve saber antes de tomar a sua decisão.

Uma delas é que, apesar de eu ter investigado bastante e me ter esforçado ao máximo para ser o mais precisa possível relativamente aos aspetos da vida dos piratas, navios antigos, termos náuticos, etc., posso ter tomado uma ou outra liberdade nesta fantasia.

A segunda, e esta é importante, este livro é um romance negro. Permita-me que esclareça: se é leitor de romances negros, provavelmente isto é apenas «um pouco sombrio» (portanto, não fique com esperança de ter algo tresloucado).

Preciso, no entanto, de o referir, porque se as pessoas pegarem neste livro a pensar que vai ser como *A Pequena Sereia* ou *Os Piratas das Caraíbas* com uma pitada para maiores de treze ou um romance cuidadoso, vão ter um choque de realidade. *O Canto da Sereia* é bem adulto e tem montes de sexo e palavrões, um romance que alguns podem considerar «pouco saudável». Com efeito, existem coisas no seu conteúdo para as quais preciso de alertar o leitor...

O livro contém os seguintes desencadeadores de reações: violência doméstica física e emocional (infligida não pela personagem principal), ideias suicidas, morte de um ente querido, sangue, ferimentos, violência absurda, bruxaria, consentimento dubio numa dinâmica de desequilíbrio de poder, herói muito possessivo, predatório e bruto com a heroína (marca-a com um ferro incandescente, estou só a avisar) e o romance dos dois poderia ser designado de «tóxico» (reitero que ele é um pirata e ela, um monstro), linguagem obscena explícita e todas as personagens são muito cinzentas em termos morais e cheias de defeitos, em geral. Claro que há assassinios, tortura, imprecações blasfemas e palavrões, abuso de poder e cenas de sexo explícito com espancamento, cordas, sujeição (com correntes), mordanças, situações de cativo e captor, comportamentos desviantes primitivos e até há quem possa desdenhar deste livro chamando-o de «pornografia de fantasia negra».

Não quero vender demasiado a ideia do conteúdo sexual porque **não** é essa, de facto, a base do livro, mas sei que muitas pessoas *são* sensíveis às cenas de sexo gratuito, a temas de romance negro e personagens masculinas possessivas, de modo que tenho de me certificar de que tudo isto é exposto

com clareza para que saibam no que se estão a meter quando lerem este livro.

Portanto... se algum dos elementos acima mencionados o irrita ou desencadeia reações adversas quando lê, sugiro que não leia este livro. Estou a falar a sério. **Por favor, não leia este livro.** A sua saúde mental importa-me e quero que leia livros de que gosta, não livros que o angustiarão ou o farão revirar os olhos. A vida é muito curta para ler um livro de que se sabe que não se vai gostar.

Contudo... se, para si está *tudo bem* com o descrito acima... a bordo, iuhu! Está prestes a navegar no *Nightwind*.

PRÓLOGO

Maren

Não havia lua na noite em que decidi vender a minha alma. As águas eram negras como tinta de polvo e, pela primeira vez em muito tempo, tive medo. É como se me tivesse finalmente dado conta não só do que estava prestes a fazer, como do que já tinha feito.

Um mês antes, tinha deixado a minha família sem pensar duas vezes. Com Nill, o meu tubarão, como único companheiro, virei costas às minhas irmãs, ao meu pai, ao seu reino, e nadei até outro futuro. Sempre fui imprudente e impulsiva, querendo mais do que uma vida vulgar nas profundezas de Limonos, mas nunca tinha feito nada tão irrefletido e perigoso. Nunca tinha saído de casa.

Não que não o tivesse pensado antes. Quantas vezes vagueei por entre as enormes hastes verdes da floresta de algas com Asherah, a dizer que a única coisa que queria era ir-me embora, ou nadei por entre os jardins de coral com Larimar, desejando que a minha vida fosse mais do que o que o meu pai planeou para mim. Mas as minhas irmãs nunca me ouviam – eu era a mais nova e facilmente descartada. Uma princesa só de nome, que nunca seria rainha, que nunca teria poder.

E então, um dia, parti. Comecei a nadar para sul ao longo da costa, deixando para trás o mar e o reino, dirigindo-me a águas ainda mais mornas, profundas e negras. O Nill nadava comigo, o meu leal protetor desde que nasci, sem nunca questionar o que eu estava a fazer.

Acabei por me cansar e mandei o Nill à superfície para ver se era seguro dar uma espreitadela. Quando ele me assegurou de que era, ergui-me e irrompi na ondulação.

Aguardava-me um mundo novo. Em lugar da paisagem seca e rochosa que cercava a árida Limonos, ali tudo era verde e viçoso, com papagaios a voar das árvores, grasnando. O céu não era de um azul tão brilhante como em casa, mas havia drama e perigo nas grandes nuvens negras que rolavam por

cima dos picos das montanhas circundantes, cobertos de vegetação densa.

E, na praia, estava o homem mais bonito que eu havia visto.

Claro que eu já tinha visto homens. Antes de desaparecer, a minha mãe levava-os muitas vezes para as profundezas de Limonos e oferecia-nos os seus órgãos. Asherah, a primogénita, ficava com o coração, Larimar ficava com o fígado e eu geralmente ficava com um rim. Sempre quis o coração de um homem, mas a minha mãe dizia que era uma coisa que eu tinha de fazer por merecer. Nunca tive oportunidade de lhe perguntar como poderia merecê-lo, porque a minha mãe foi içada da água, certa noite, por pescadores, e nunca mais foi vista.

Enquanto sereias, o nosso primeiro instinto é atrair homens para a morte. Seduzíamos-los, afogávamos-los e comíamos-los, e os seus corpos davam-nos energia e nutrientes durante meses. São uma iguaria rara, mas muito desejada.

Mas eu nunca tinha ido à caça de um homem e, embora o meu instinto inicial ao ver aquele em particular devesse ter sido seduzi-lo para o destruir, só quis mesmo seduzi-lo. Na altura eu só tinha dezasseis anos, quase nem adulta era, e a visão daquele homem mexeu com algo dentro de mim. Fez-me sentir coisas que eu nunca tinha sonhado sentir. Era uma fome diferente que eu sentia, mais premente.

Eu era tão parva.

Numa questão de segundos, apaixonei-me por ele, engolida pelo desejo, e aquele homem tornou-se uma obsessão minha. Passava os dias escondida atrás dos rochedos nos bancos de areia, a espiá-lo enquanto o Nill nadava em círculos nas águas atrás de mim. O humano viajava com uma trupe que lhe satisfazia todos os caprichos. À noite, dormia numa tenda na praia, cuja lona branca lembrava as velas de um navio, e um desfile de mulheres desaparecia no seu interior, os seus gemidos estridentes faziam doer o meu corpo, de necessidade e inveja. Durante o dia, ele espalhava-se na areia a entreter os convidados, que se empanturravam com boa comida. Eu dava por mim a querer experimentar tudo o que eles comiam, mas tive de me contentar com amêijoas, caranguejos e pepinos-do-mar, que viviam nas águas rasas à minha volta.

Na altura, eu não compreendia inglês, mas acabei por me dar conta de que todos o tratavam por «príncipe Aerik».

Aquilo que compreendia era que precisava que ele fosse meu. Algo que eu pudesse finalmente dizer que me pertencia. Toda a minha vida me senti tão fragmentada e só, com o meu pai bondoso, mas firme e distante, sendo as minhas irmãs a luz da vida dele depois do desaparecimento da minha mãe. Quanto a mim, fiquei com o Nill e pronto. Nunca ninguém olhou para mim e se perguntou como eu estava. Eu não passava da terceira, que ocupava muito espaço no mar. Até as outras sereias do reino me ignoravam. Embora não fosse ninguém no seio da minha própria família, era também demasiado diferente e real para que os de fora da família travassem amizade comigo.

E então pensei, tolamente, que se conseguisse que este humano, este

príncipe Aerik, fosse meu, não teria de ficar sozinha. Mas ele vivia em terra e nunca sobreviveria mais do que uns minutos sob a superfície do mar. Nunca faria parte do meu mundo.

Foi aí que eu soube que teria de ser eu a fazer parte do dele.

Avisaram-me em criança sobre as bruxas do mar, seres que possuíam uma magia que lhes permitia mudar de forma à vontade, podendo assim viver acima e abaixo da água. Embora fossem as sereias que os seres humanos temiam, nós, as sereias, tínhamos as bruxas do mar. Tinham a capacidade de realizar os nossos desejos, no entanto, nenhuma dádiva surgia sem preço.

Mas eu era jovem, casmurra e imprudente. Queria aventura, queria ver como era a vida acima do mar. Queria ser mais do que era. Queria *amor*.

E então tratei de chamar uma bruxa do mar. As minhas irmãs tinham-me dito que elas gostavam de receber coisas brilhantes de presente e que responderiam ao meu grito de sereia. Passei a noite disparada de um lado para o outro, à procura de coisas que captassem o meu olhar, como corais de cores fortes em tons saturados de vermelho, laranja e amarelo, minúsculas estrelas-do-mar roxas, algas raras azul-celeste e pérolas que eu extraía da boca de ostras relutantes.

Quando reuni estas peças brilhantes do mar, nadei até ao desfiladeiro de vertentes de rochedo e coral que se erguia em meu redor, um lugar com uma acústica fantástica. E comecei a cantar.

Tanto quanto sabia, não há nenhuma canção específica para conjurar as bruxas, é apenas a nossa voz, em geral, que as pode atrair a nós. Todas as sereias tinham vozes lindas e encantadoras e a minha não era exceção. Eu só não gostava de cantar por me colocar no centro das atenções (a não ser que uma das minhas irmãs estivesse a cantar, e nesse caso ninguém me ouviria sequer).

Mas cantei. Cantei para chamar a bruxa do mar. Cantei sobre querer fazer um negócio, ter uma vida em terra firme, conquistar o coração de um homem e, depois do que me pareceu ser uma eternidade, o Nill começou a nadar em círculos protetores à minha volta, o que queria dizer que estava a vir uma bruxa do mar.

A primeira coisa a aparecer foram os tentáculos. Eram cordas enormes e escorregadias, com ventosas nas pontas e pele roxa franzida. Não pertenciam à bruxa do mar, mas a um dos Kraken, os monstros marinhos gigantescos que as bruxas controlavam.

O resto dos Kraken escondia-se nas turvas profundezas azuis do oceano, embora eu conseguisse discernir vagamente uns olhinhos amarelos brilhantes.

Edonia avançou então, caminhando até mim com duas pernas no chão marinho, completamente nua.

Era impressionante. Eu tinha ouvido dizer que as bruxas do mar eram umas velhas feias, mas não era nada assim. Ela era suave e pálida, com cabelo branco comprido que se movia em redor da sua cabeça como serpentes marinhas. Parecia mais humana do que outra coisa e senti logo ciúmes dela.

– Querida – disse-me, com voz melódica, mas grave. – Diz-me o que te apoquentá.

Eu estava tão pasmada com ela que não conseguia falar.

– Pediste a assistência de uma bruxa do mar, não pediste?

Anuí, e ela aproximou-se. O Nill começou a pôr-se entre nós, mas antes que eu lhe pudesse dizer que se afastasse, um tentáculo chicoteou a água e agarrou-o. O Nill gritou, um som afiado que pouquíssimas criaturas conseguiam ouvir, e o Kraken enrolou-se à volta do centro do corpo dele, apertando-o bem.

– Não, para! – gritei. – Não lhe faças mal!

Edonia fez-me um sorriso malicioso e, de repente, toda a sua beleza como que desapareceu. Podia ter sido bonita, mas era fria e implacável e eu soube logo que não podia confiar nela.

– Uma medida de precaução. Dependendo de como isto se desenrolar, mando-o libertar. Senão...

Compreendi a ameaça. Tinha-a chamado para lhe pedir um favor e era ela que estava no comando.

– Diz-me o que queres, querida – disse ela, parecendo entediada. – Para fazermos este acordo depressa. Não tenho a noite toda.

Por um momento, tinha-me esquecido por que razão a chamara, do que se apoderou de mim para fazer uma coisa tão imprudente como conjurar uma bruxa do mar. Mas depois lembrei-me. O desejo dentro de mim, aquela necessidade de pertencer a alguém e a algum lugar, era demasiado visceral para ser ignorada.

– Vi um homem na costa – disse eu, enquanto os seus olhos vermelhos se estreitavam. – Chama-se príncipe Aerik. Quero tornar-me humana e quero que ele se apaixone por mim. Podes ajudar-me?

Ela soltou uma risadinha sem alegria.

– Ah, querida. Posso, sim. Mas não há nada que eu faça sem um preço.

Olhei em redor, para as pecinhas brilhantes do mar que tinha reunido, no preciso instante em que o tentáculo do Kraken saiu para as varrer a todas. Tanto trabalho para nada.

– Achas que aquilo serve? – Edonia riu-se. – Como és ingénua. Diz-me, quantos anos tens?

– Dezasseis – consegui dizer.

– Dezasseis. Tão jovem. E julgas que sabes o que é o amor, em tão tenra idade?

Estudou-me por um momento.

– Mas vejo que talvez o que te apoquentá seja falta de amor em casa. Uma sensação de descontentamento. De não pertença. Sim?

Acenei com a cabeça e olhei para o Nill, para me certificar de que o Kraken não lhe estava a fazer mal, mas, de repente, tinha a Edonia em cima de mim, com as unhas afiadas no meu queixo e a obrigar-me a olhá-la nos olhos.

– Fazemos assim – disse ela. Dei por mim perdida no vermelho

rodopiante dos seus olhos, como coral num remoinho. – Concedo-te o que desejas, desde que fique com alguma coisa tua em troca.

O facto de ela ser capaz de me conceder o meu desejo fez o meu coração pular de alegria e possibilidade, tanto que achei que nenhum preço a pagar seria elevado demais.

– O que queres?

– A tua voz – disse ela, simplesmente.

– A minha voz?

– É linda – disse ela, com ar de desdém. – Todos sabemos que as sereias têm a capacidade de atrair os homens ao mar com o seu canto. Gostaria de ter oportunidade de fazer o mesmo. Os Krakens são animais de estimação maravilhosos, mas falta-lhes finura. Sabem matar, mutilar e destruir, mas não sabem atrair.

– Mas és uma bruxa. Com certeza já podes fazer isso aos homens.

– Nem todos os homens são iguais – disse ela com brusquidão. – Há homens que resistem ao charme das bruxas. A tua voz não seria apenas uma coisa para ouvir. Vou precisar da tua língua.

– A minha língua! – gritei.

– Língua de sereia é um ingrediente que me falta para o meu livro de magia.

– Fica com a minha cauda, já que me vais dar pernas – protestei.

– Ah... também vou ficar com ela. Agora escuta, meu doce, porque só tens uma oportunidade para decidir. Com o meu feitiço, dou-te pernas. Tiro-te as guelras e as garras, os colmilhos e a força e faço de ti uma bela mulher. E tu vais à procura do teu príncipe e fazes dele teu, se assim o desejares. Mas não poderás voltar a ser sereia. Não serás capaz de viver debaixo de água. Serás humana completamente. Não viverás trezentos anos, viverás talvez sessenta, se tiveres sorte. – Fez uma pausa e cravou mais fundo a garra na minha pele. – Continuas interessada?

Eu devia ter dito não. Porque não disse não?

Mas, ao invés, disse:

– E não é preço que baste para pagar?

Os olhos dela tornaram-se frios.

– Queres tornar-te humana e experimentar esse mundo? Queres o amor do príncipe e de seja quem for que escolhas? Então tens de saber que o mundo humano não é igual ao mundo das sereias, lá em baixo. Não, ele vale *mais*. O mundo humano é um mundo em que irás controlar o teu destino. Para seres a pessoa que tu, e só tu, decidires ser. Enquanto humana, podes fazer o que desejares, podes ser o que quiseres. Serás mulher e uma mulher tem todo o poder lá em cima. O mundo será teu. Para tudo o que desejares, arranjarás maneira de o conseguir.

Ela sabia dizer as palavras certas. Mentia com quantos dentes tinha.

– A única coisa que peço em troca é a tua língua – acrescentou com um encolher de ombros, retirando os dedos do meu queixo. – Se tiveres sorte, não

te fará grande diferença. Os humanos adaptam-se bem.

Quando ela punha as coisas nestes termos, nem parecia um preço muito alto a pagar.

– Mas nunca mais vou ver o meu pai e as minhas irmãs – lamentei-me.

– Nadaste para longe deles, não nadaste? Já partiste, por alguma razão. Já antes desta noite tinhas tomado a tua decisão. Além disso, nada te impede de, um dia, apanhares um barco para o teu velho reino. Talvez eles te visitem. O mundo é a tua ostra e tu és a pérola, meu doce.

Talvez não tivesse de ser o fim. Talvez eu pudesse mesmo apanhar um barco ao cimo de Limonos e, se mergulhasse, mesmo que só por um minuto, pudesse vê-los e dizer-lhes que estava bem.

– Está bem – disse-lhe. – Vou fazer isso. Mas, primeiro, quero que libertes o Nill.

Edonia olhou para o Kraken e fez um sorriso malicioso. O Kraken apertou com tanta força que os olhos negros do Nill começaram a sobressair e eu gritei.

Depois, um dos muitos dentes do Nill saltou, caindo em espiral até ao chão do oceano.

– Liberta-o – disse Edonia ao Kraken, a contragosto.

O tentáculo afrouxou e o Nill afastou-se depressa a nadar, em direção a Limonos. Não tive dúvidas de que ia contar ao meu pai o que eu fiz.

Edonia caminhou até ao dente caído e pegou nele, depois veio ter comigo e colocou-o na palma da minha mão.

– Toma. Fica com uma lembrança de quem costumavas ser. Sempre que te arrependeres da vida que tens lá em cima, podes lembrar-te de que o único amigo que alguma vez tiveste foi um maldito tubarão.

– Espera. Porque haveria eu de me arrepender da vida que tenho lá em cima? – disse eu, começando a entrar em pânico.

Mas Edonia não disse nada. Em vez disso, rasgou um sorriso quase malvado, que continua a assombrar os meus sonhos, e agarrou numa faca que pareceu ter sido evocada do nada.

O tentáculo que prendera o Nill saiu disparado para se enrolar à minha volta, com a ponta a segurar-me a boca aberta.

Gritei.

Depois, Edonia segurou a minha língua entre os dedos e fez deslizar nela a lâmina afiada até a minha cabeça explodir de dor e o meu sangue impregnar a água.

O grito parou.

Parte 1

O Oriente

Capítulo 1

Maren

Dez anos depois

- Pronto, princesa – diz a Daphne, a minha aia, quando acaba de me pentear.
- Linda como sempre. Em condições para todos os homens do rei, digo eu.

Olho-me no espelho, vendo mas sem ver o meu reflexo, e consigo fazer um sorriso rígido.

– Obrigada, Daphne – digo baixinho, levando os dedos ao colmilho do Nill, pendurado numa delicada corrente de prata. Vou tirá-lo daqui a pouco, porque sei como o Aerik fica irado quando me vê usá-lo.

– Oxalá não estivesse tão escuro e pardo aqui, para a podermos ver melhor – diz ela, fungando e olhando em redor dos meus aposentos. – Espere-se que só o lume e um par de arandelas iluminem o quarto todo. Deduzo que nem todos os palácios reais sejam iguais, não é? Este não é nada parecido com o de casa, Sua Majestade.

O palácio do príncipe Ferdinand pode não ser tão grandioso como o que eu e o Aerik ocupamos em Vemmetofte, mas este lugar fica na outra ponta do mundo, e não é só isso, o príncipe nem sequer vive aqui a maior parte do tempo. O Aerik e o Ferdinand têm tantas coisas em comum, ambos passam os anos errando pelo mundo a desperdiçar dinheiro, sem terem nada que ver com as famílias à espera, para além de pedirem mais fundos.

No caso do Ferdinand, instalou-se aqui em Butuan durante alguns meses por ano; o resto do tempo, passa-o em diferentes cantos do império, que pertence ao rei Philip V, seu pai. Eu e o Aerik temos estado no nosso navio real, o *Elephanten*, e as nossas viagens não muito diferentes. A única discrepância é que somos esperados em casa este ano por ordem do nosso rei, o pai do príncipe Aerik, Frederick IV. Eu esperava que continuássemos a nossa viagem à volta do mundo, seguindo os ventos comerciais e atravessando

o oceano até às colónias, mas o dever acabou por chamar o meu marido e, por sua vez, a mim.

Dizer que estou desiludida é um eufemismo. Eu esperava que, quando o navio chegasse a terra firme, do outro lado do oceano, eu pudesse encontrar o caminho de volta para casa, mesmo sendo esta inútil para mim como ser humano. Ainda assim, passei dias e noites a sonhar com mergulhar no mar, nadar nas profundezas até entrar no reino de Limonos. Mesmo que eu só conseguisse ficar debaixo de água o tempo que os meus pulmões me permitissem, queria olhar novamente de relance o meu pai e as minhas irmãs. Queria ter oportunidade de lhes dizer que lamento, que cometi um grave erro e que os amo e faria qualquer coisa para estar com eles.

No mínimo, poderia encontrar Edonia e fazê-la reverter o feitiço. Se ela se recusasse, eu estava preparada para a matar. Ah, imaginei matá-la muitas vezes nos últimos dez anos, especialmente depois de uma zanga com o Aerik, em que me senti impotente e esmagada pelas minhas próprias decisões erradas. Imaginei como seria ter outra vez garras e dentes afiados como lâminas, para os enterrar na sua jugular e lhe estrafegar a bela garganta, enchendo a água de sangue.

– Sente-se bem, princesa? – perguntou a Daphne, mirando-me. – Parece um pouco afogueada. É difícil de perceber numa divisão tão escura – acrescenta ela, com um resmungo.

– Estou bem.

Aclaro a garganta e foco-me no meu rosto ao espelho, permitindo-me finalmente uma olhada ao meu reflexo. Odeio espelhos, odeio o vazio que vejo sempre nos meus olhos. Quando eu era sereia, admirava muitas vezes o meu reflexo em espelhos e vidro partidos que as minhas irmãs resgatavam de naufrágios, mas não me pareço nada como dantes. Os meus olhos costumavam ser de um azul brilhante, que passava do turquesa pálido de cardumes rasos para a cor luminosa do plâncton brilhante, tudo dependendo do meu humor.

Agora são apenas a sombra do mar sem fim e a mulher que me fita é alguém que eu não reconheço, especialmente com o cabelo preso em vários cachos ao cimo da cabeça. É a moda do momento entre as senhoras, mas eu preferia ter o cabelo solto, como ondas de tinta, preferia que os laços rígidos na minha cintura fossem desatados. Parece-me completamente errado que sejam feitos de osso de baleia, um animal que eu tinha por amigo.

A única coisa que resta do meu velho «eu» são as impressões esbatidas das minhas guelras, três linhas ténues de cada lado do pescoço, tão ténues que só se veem a uma certa luz. Um símbolo da minha vida debaixo de água, antes de eu a ter trocado por outra.

– Ora, mas não está linda, seja como for? – murmura a Daphne, ajustando umas madeixas de cabelo na minha cabeça. – Uma doce visão para a sua última noite em terra. Não duvido que os príncipes vão ter saudades um do outro quando zarparmos novamente.

Sinto um nó no estômago ao pensar nisso. O Aerik vai ter saudades do Ferdinand, seu semelhante em libertinagem, talvez pior. Sentirá falta da liberdade que o navio lhe deu. Tem sido mais gentil comigo durante a maior parte da viagem, menos violento. Só fica feliz quando está a explorar, longe do olhar atento da família, e eu temo o que voltar para casa fará ao seu humor.

Atira-te borda fora, digo a mim mesma. Os mares que te reclamem. É melhor afogares-te e morreres do que viveres com esse homem e com o homem em que ele se tornará novamente.

Engulo em seco e esfrego o colmilho de tubarão entre os dedos.

– Daphne – digo baixinho. – Quando eras mais jovem, fizeste alguma coisa mal pensada de que te arrependes desde então?

A Daphne pestaneja para mim no reflexo do espelho. É minha aia desde que me casei com o príncipe e tem estado sempre do meu lado, no bom e no mau, mantendo os segredos mais sombrios só para si. Mais para proteger o príncipe do que a mim, tenho a certeza, uma vez que dariam uma má imagem dele, mas não deixa de ser a pessoa mais próxima de mim. E, no entanto, há uma distância entre nós, uma amizade que nunca se pode realmente aprofundar por causa da minha posição como figura real e de uma vida construída com mentiras.

– Ah, isso parece-me uma pergunta difícil – diz ela, cantarolando por um instante a uma melodia que tem na cabeça. – Se calhar, tenho de pensar um pouco. Talvez quando era pequena possa ter roubado alguns doces *lakrid* ao meu irmão no Natal. Nunca lhe disse. – Leva a mão ao peito. – Por favor, não pense mal de mim.

Lanço-lhe um sorriso rápido.

– Nunca, Daphne. – Eu devia ter calculado que seria algo assim pequeno. Ela nunca entenderia. Acho que ninguém nesta terra entenderia.

– E, se não for muita ousadia da minha parte, posso perguntar-lhe o mesmo? – diz ela.

Fico rígida.

– Arrependo-me de muitas coisas – digo-lhe cuidadosamente. Como a Daphne viu a maneira como o meu casamento se desfez, não precisa de pensar muito sobre o que eu poderia lamentar. – É difícil uma pessoa viver a vida sem se perguntar *e se*, não é?

Uma vida que é uma mentira. Toda a minha história de fundo é uma mentira, uma história que contei a mim mesma e aos outros tantas vezes que quase cheguei a acreditar nela. Há dez anos, acordei na praia em que o Aerik estava instalado, trazida pelo mar. O seu criado Hodges encontrou-me completamente nua, ensanguentada e incapaz de falar, não só por me ter sido cortada a língua e eu ainda estar engasgada com o meu próprio sangue, mas devido a todo o trauma. Estar em terra, ter pernas, respirar ar em pulmões subutilizados; soube, segundos depois de acordar, que tinha cometido o maior erro da minha vida.

Provavelmente, razão pela qual tentei tanto fazer com que o meu erro

vallesse a pena, mesmo que tenha vindo com um preço tão alto.

Mas estou a divagar. Na realidade, o Aerik viu-me ser transportada nos braços do Hodges e, por causa do feitiço de Edonia, consegui encantar o Aerik, mesmo não sendo capaz de falar. Ou talvez não tenha sido o feitiço nem o meu encanto a conquistá-lo, mas o facto de eu ser bonita, estar nua e em silêncio. Algo que ele poderia exhibir ao mundo e manipular para ir ao encontro dos seus caprichos.

Só muito depois de conseguir compreender o inglês e aprender a escrevê-lo, consegui contar ao Aerik e aos outros a minha história, que passei muito tempo a criar na minha cabeça. Eu tinha sido sequestrada de uma terra distante, chamada Limonos, por piratas, que me cortaram a língua e me deitaram ao mar, deixando-me como morta. Com os piratas já a aterrorizarem os mares e as rotas comerciais nessa altura, a minha história era totalmente credível e a maior parte do mundo continha terras longínquas de que ninguém nunca tinha ouvido falar. O que mais poderia ter explicado aquilo? Segundo eu tinha percebido, as sereias eram coisas de mitos e lendas, em que só os marinheiros velhos e rijos pareciam acreditar. Ter-me-iam rotulado de louca se eu tivesse dito a verdade sobre as minhas origens.

Acontece que eu logo puxaria da sorte dentro dos domínios do que é possível. No espaço de um ano sem conseguir falar, a minha língua começou a crescer de novo. Regenerou-se lentamente, como sucede com a cauda de uma sereia se for cortada, até que um dia consegui falar outra vez. Quando chegámos ao continente, o médico do Aerik considerou-me um milagre e eu consegui entrar na família real sem mácula. Edonia pode ter-me ficado com a voz, mas não impediu que a minha voltasse.

– Tanta inquietação não lhe trará grande coisa a não ser penas, digo eu – lamenta a Daphne. – O melhor é aceitar a sorte que Deus lhe deu. – Faz uma pausa e dirige-me um sorriso cheio de pena, que preenche as suas bochechas redondas e vermelhas. – Por mais agruras que tenha.

E, no entanto, tudo o que fiz na última década foi aceitá-la. Não quero aceitar mais. Quero ripostar, quero lutar pelo meu caminho para a liberdade. Mas este mundo acima dos mares é cruel com as mulheres, independentemente da sua posição, e é um mundo que não é meu. Eu nunca me encaixarei aqui entre os humanos porque, no fundo do meu ser, não sou humana.

No entanto, também não sou sereia. Apenas existo neste espaço entre os mundos, sem ter onde pertencer. A minha alma está à deriva.

Tudo porque acreditei nas mentiras de Edonia.

De repente, a porta atrás de nós roda e abre-se e, no reflexo do espelho, vejo o Aerik tropeçar para dentro do quarto.

– Aí estás – diz-me, arrastando as palavras e com a peruca preta torta. Obviamente bêbedo. O meu pulso acelera, martelando nas minhas veias; levo a mão ao colmilho do Nill e aperto-o com força. – A minha serpente de língua fendida – diz ele com um resfolegar de desdém. Olha a Daphne com um

trejeito desdenhoso da cabeça. – Vai-te, preciso de ter uma palavra com a minha esposa viscosa.

Por favor, não me deixes, penso, de coração apertado ao ver a Daphne sair à pressa do quarto. Já não consigo respirar.

– Estás atrasada – diz ele, parando a poucos metros de distância e olhando para mim no espelho. – Eu e o Ferdinand já acabámos com uma garrafa, à tua espera. A comida está a ficar fria.

Ah, raios!

– Disseram-me que o jantar era às sete – digo, tentando manter a voz firme e calma, mas submissa. Dirijo-lhe o sorriso mais suave que consigo fazer e descontraio o olhar para não parecer que estou a desafiá-lo.

– Duvido muito que te tenham dito isso – diz. – Foi-te dita a hora certa, mas o teu cérebro de ervilha não conseguiu compreender, não é verdade?

O meu sorriso vacila um pouco e eu entrelaço as mãos recatadamente no colo. Já voltou a ser o homem amargo de antes.

– Erro meu. Se isso te apraz, estou pronta.

Ele franze o sobrolho para mim no espelho, os seus olhos indo para o meu peito. Antes que eu tenha oportunidade de tapar o fio, a mão dele dispara e agarra o colmilho de tubarão.

– O que é que eu te disse sobre esta coisa sórdida? – diz, e arranca-o do meu pescoço, partindo o fio ao meio. – Eu disse-te para não o usares, é uma coisa que usaria uma selvagem, não a porra de uma princesa.

Grito de terror, torcendo o corpo para tentar arrancar-lho. Fecho os dedos em torno das suas mãos, tentando abrir-lhe os dedos.

– Não, por favor, sabes bem que é especial para mim, sabes que é a única coisa que tenho de casa, eu...

– Ah, desanda – diz ele e eu sei que ele está prestes a bater-me com as costas da mão segundos antes de o fazer. O estalo soa a dinamite, o meu rosto é atirado para trás, irrompendo em chamas devido à picada da palma da sua mão, mas se isto é tudo o que ele me vai dar, então aceito.

Mas depois ele dirige-se intempestivamente à lareira e atira o fio lá para dentro, e eu grito, levantando-me da cadeira a cambalear e correndo desajeitadamente até à lareira para o salvar.

Ele agarra-me, tem o hálito quente e a cheirar a álcool.

– Sabes, gostava muito mais de ti quando não falavas – sussurra, inclinando-se e o fogo reflete-se nos seus olhos escuros, negros como o pecado. – E ainda mais quando mal conseguias andar. Sim, acho que gostava muito mais de ti nessa altura.

Com um resmungo, dá um chuto na minha canela esquerda e eu grito quando as minhas pernas cedem e me estatelo no chão. Ele sabe que as minhas pernas são naturalmente fracas e ataca-as sempre.

Dá-me um toque firme de lado com a bota e eu enrolo-me numa bola para me proteger mais.

– Partimos amanhã de manhã – diz-me ele, e eu tenho muito medo de

dizer seja o que for, por isso fico simplesmente com as mãos sobre a cabeça, o queixo enfiado no peito, deitada aos pés dele. A vergonha que sinto é profunda.

– Eu queria que a minha última noite aqui fosse boa. – A voz dele é agora melancólica, mas eu não me atrevo a baixar a guarda. – Tudo o que terei do meu tempo com o Ferdinand são boas lembranças. É isso que não entendes, minha Maren. És néscia demais para compreender o que é ser um homem como eu. Ter o mundo na ponta dos dedos e depois esse mundo ser-me retirado. Nunca poder ser quem anseio ser.

Ouç-o virar-se e suspirar, e só quando o chão treme ligeiramente dos seus passos é que levanto a cabeça.

– Não te dês ao trabalho de vir jantar – diz ele sem se virar. – Bem podias saltar umas refeições, a julgar pela tua aparência.

O seu insulto não exerce qualquer efeito sobre mim. Prefiro quando ele me acha repulsiva.

Fico à espera até o ver sair, depois levanto-me, com a perna dorida mas estável, e vou a correr para o lume. O fio está no toro, o colmilho escurecido. Agarro o atizador e pesco-o, deixando-o cair no chão de madeira, onde ouço um ligeiro silvo do calor.

O metal da corrente parece não ter derretido e o colmilho está chamuscado, mas intacto.

O único lembrete de quem realmente fui ainda permanece.

Capítulo 2

Maren

O sol é implacável e o ar, cheirando a sal, alcatrão e incenso, está a tornar-se mais espesso e húmido à medida que a manhã se estende. A brisa fraca que agita as frondes das palmeiras parece não chegar até nós, nas docas, e as coisas já estão atrasadas, e a tripulação e o nosso séquito real irritadiços com o calor.

O Aerik está especialmente intratável. Tem os olhos vermelhos e está pálido da pândega de ontem à noite com o Ferdinand, que está aqui a ajudar-nos na partida do porto da cidade de Butuan. Tenho evitado ao máximo o meu marido. Tenho sorte que ele não me tenha marcado ontem à noite, mas mesmo que tivesse, todos olhariam para o outro lado, como fazem sempre.

– Muito bem, vamos pôr-nos a caminho, pelo amor de Deus – diz o Aerik com uma carranca, passando por mim e entrando na prancha que conduz ao navio.

Faz um mês que pus os pés pela última vez no *Elephanten*, um navio da frota que pertence ao reino, emprestado ao Aerik para as suas aventuras. Por mais que eu adore estar no mar e que a dimensão do navio faça com que viver nele seja razoavelmente confortável, a ideia de estar confinada durante tanto tempo faz-me sentir as palmas peganhentas.

É seguido por Hodges, o seu criado, juntamente com o cozinheiro e o resto da trupe, e alguns membros da tripulação que também parecem desgastados. Pelo aspeto deles, o mês que estiveram em terra deve ter sido passado a beber.

– É sempre um pouco caótico quando estamos de abalada, não é, Sua Majestade? – diz a Daphne, segurando um guarda-sol por cima de mim para me proteger do sol e pegando-me no braço enquanto caminhamos ao longo da prancha até ao convés largo do navio. – Se bem que não gosto do aspeto daquelas nuvens.

Sigo a sua linha de visão e vejo uma massa de nuvens escuras à distância, acima dos picos verdes das ilhas mais próximas.

– Deve correr tudo bem – digo-lhe. – Estão a norte e nós vamos para oeste, para o mar Sulu.

– Não sabe? – diz ela. – Mudança de planos. Vamos parar em Manila para abastecermos. Norte será.

– Manila? – repito.

Uma onda de esperança aquece o meu peito. Mesmo com vento nas velas e os mares de feição, levará pelo menos uma semana para este navio chegar a Manila, mas uma vez lá iremos para terra. Há uma hipótese de eu me conseguir esgueirar e me perder na cidade. Podia fugir. Parte de mim interroga-se se o Aerik organizaria uma grande busca por mim. Ele odeia-me, isso sei eu, mas mesmo depois de todos estes anos não sei dizer se, apesar disso, precisa de mim.

– Sim – diz a Daphne. – Creio que vai ser um bom começo lento para a viagem. Agora venha, temos de levar as malas para o seu camarote.

Dirigimo-nos para baixo, para os aposentos dos oficiais, onde ficamos, e os criados trazem os baús com todos os meus pertences. Enterrado ao fundo do baú, dentro de uma bolsa de seda, está o colmilho do Nill. Insisto com a Daphne e os criados que vou arrumar tudo sozinha, mas a verdade é que só preciso de um esconderijo adequado para o fio.

Felizmente, não tenho de partilhar cama com o Aerik, que está na cabine ao lado da minha, o que significa que tenho um pouco de privacidade. Decido escondê-lo debaixo do colchão fino e espero que ele nunca se depare com ele.

Limpo o suor da testa, já com a combinação colada à pele quando a temperatura no convés começa a subir. Quem me dera poder subir para sentir a brisa e ver a nossa partida, mas sei que o Aerik diria que estou no seu caminho. Por isso, permaneço em baixo, a guardar as minhas coisas até o suor me escorrer pelo peito e pelos braços, depois, deito-me na cama.

Devo ter caído no sono, porque quando dou por mim, o meu quarto treme e a chuva e as ondas fustigam a janela. Sento-me na cama, o ar já não cheira a resina e suor, mas à brisa marinha fresca e ao tipo de eletricidade deliciosa que acompanha as tempestades.

Ajeito o vestido e o cabelo, depois saio dos meus aposentos e dirijo-me rapidamente ao convés do navio, passando pela tripulação e pelos criados, que fazem uma vénia à minha passagem, até o meu rosto encontrar uma chicotada de chuva.

– Vossa Alteza, não é seguro estar aqui – diz-me o Miguel, um dos tripulantes, quando entro no convés.

Mas eu nem sequer estou a ouvir. Sinto algo a ganhar vida. A tripulação está aos gritos, uns com os outros, para ajustar as velas e há caos em meu redor, mas estou encantada. A chuva é morna, o vento sopra soltando-me o cabelo e dou por mim a sorrir quando inclino a cabeça para trás, olhando o céu, que escurece a cada segundo que passa. O crepúsculo desceu,

intensificado pelas nuvens enegrecidas ao alto e, quando olho para oeste, vejo a última luz do poente laranja pairando em torno da silhueta das ilhas mais próximas.

– Devia mesmo voltar lá para baixo, minha senhora – diz o Miguel, segurando-me pelo cotovelo. – Isto não é lugar para uma mulher, muito menos para uma princesa.

Olho para ele, com a chuva a escorrer pelo meu rosto.

– Onde está o Aerik?

– Está a ser sensato, mantendo-se lá em baixo.

– Nunca ninguém disse que eu era sensata, pois não, Miguel? – digo, sentindo o regresso do meu ânimo.

Afasto-me dele e caminho cuidadosamente pelo convés; por mais anos que tenha passado com pernas, tenho sempre um ligeiro coxear que não consigo esconder. Percorro todo o caminho até ao castelo de proa, onde o Ivan, nosso intendente, está de pé com o timoneiro, um homem local que eles contrataram para ajudar a navegar naquela zona à noite.

– Vossa Alteza – diz-me o Ivan, com surpresa. – É melhor...

– Sim, descer, já me disseram – digo. – Só queria apanhar um pouco de ar fresco.

– Vai haver muito tempo para ar fresco nos próximos meses – diz ele, sacudindo o chapéu antes de voltar a colocá-lo na cabeça. – Mas uma tempestade não é o melhor momento para isso.

– Vai piorar muito? – pergunto, espreitando à nossa frente.

Navegar à noite, especialmente entre ilhas, onde há imensos recifes e perigos, é sempre arriscado. Se se acrescentar a isso uma tempestade, as coisas ficam complicadas.

– Não deve ser muito mau, creio – diz ele. – Estamos a passar por baixo, ela está a passar por cima.

Agarro o corrimão enquanto o navio corta as ondas e, de repente, desejo estar ali sozinha. Só eu, o mar e os meus pensamentos. Parece que a minha alma está a ser puxada para a superfície da água.

Fixo os olhos nas luzes longínquas que pontilham a linha costeira do outro lado das ondas escuras, luzes e lanternas das pessoas que vivem nessas ilhas. Dou por mim a perguntar-me como serão as suas vidas, se terão alguma preocupação. Se eu pudesse trocar a minha vida pela deles.

Pestanejo, os meus olhos tentando habituar-se. Algumas luzes começam a mover-se, como que se separando da ilha.

Então, recortados na última luz granulosa do crepúsculo, um mastro e velas gigantesco surgem à vista e eu percebo que se trata de um navio. Um navio grande, deslizando mesmo na nossa direção. Franzo a testa, tentando perceber como é possível aproximarem-se, considerando que não deviam sequer ter vento nas velas, vindos daquela direção, mas têm.

O navio começa a desvanecer-se diante dos meus olhos.

Uma a uma, as luzes do navio apagam-se até eu mal conseguir vê-lo.

– Há um navio – digo com surpresa, apontando na direção. – Eu vi um navio.

– Onde? – pergunta o Ivan e ambos, ele e o timoneiro, vêm para o meu lado, olhando para a escuridão.

– Estava ali. Depois ficou escuro, como se todas as candeias tivessem sido apagadas, uma a uma. – Olho para eles. – Porquê fazer uma coisa dessas? Não querem que os vejamos?

Os olhos do timoneiro arregalam-se e ele abana a cabeça com medo.

– Não – diz ele, com sotaque pesado. – Não. Não, não pode ser, agora não.

– O quê? – pergunta o Ivan bruscamente. – Diz-me já, de quem se trata?

– É... a Irmandade do Sangue.

Troco um olhar com Ivan.

– A Irmandade do Sangue? – repito. – Refere-se aos piratas?

– Sim. Piratas! – grita o timoneiro.

O Ivan engole em seco e lança-me um olhar austero.

– Princesa, eu insisto, volte imediatamente para dentro. Diga ao príncipe que guarde os objetos de valor e escondam-se.

– Mas a Irmandade é só uma história, não é? – pergunto. – Não são, de facto, um navio de mortos-vivos e malditos.

– Sejam o que forem, princesa, definitivamente são piratas – diz ele gravemente. Os seus olhos focam-se num ponto acima do meu ombro, de maxilar comprimido. – Agora ponha-se a andar!

Agarra-me o braço e praticamente me empurra para os degraus, gritando depois para o resto da tripulação.

– Piratas! Piratas avistados, navio-fantasma a bombordo! Toda a mão-de-obra no convés! Vão buscar o capitão!

Todas as almas que estão no convés começam a entrar em pânico e a gritar, a correr de um lado para o outro, e a sua energia é contagiosa. Dou por mim quase a escorregar pelas escadas abaixo e pelo convés, tentando sair do caminho deles até estar lá em baixo.

– Aerik! – grito pelo corredor. – Onde está o Aerik!?

– Mas que raio de gritaria é esta? – diz o meu marido, saindo da cozinha, a limpar a boca a um pano.

– Piratas! – digo-lhe. – O Ivan disse para nos escondermos e aos nossos bens.

Ele franze a testa.

– Piratas? Tens a certeza?

– Sim, sim, fui eu que os vi. Estavam já ali e depois todas as suas luzes se apagaram ao aproximarem-se.

– Os piratas não atacam assim à noite.

– O timoneiro diz que é a Irmandade do Sangue.

Ele resfolega.

– Não passam de um conto de fadas, diretamente saído dos irmãos

Grimm.

– Era o que eu também pensava.

Mas eu vi o medo nos olhos do Ivan e do timoneiro. A Irmandade consistia, supostamente, numa tripulação de piratas perversos, que se dizia serem mortos-vivos, o seu navio construído nas entranhas do inferno. Foram inúmeras as histórias de ataques contra a frota de galeões espanhóis que entrava e saía de Manila, os navios saqueados, os tesouros levados e todos a bordo deixados como mortos ou sequestrados. No seio da Irmandade está o seu líder, o capitão Ramsay «Ossos» Battista, um homem considerado tão mau que nem o diabo o quer.

– Quer seja ou não conto de fadas, podem estar para vir a bordo – acrescento, com medo.

O Aerik abre a boca para dizer alguma coisa, provavelmente antipática, depois ouve-se um forte BANG que parece fazer-me explodir os ouvidos e sou atirada para o chão.

– Fogo de canhão! – grita alguém de cima quando tento erguer-me sobre os cotovelos.

O Aerik está encostado à parede, sem fazer nenhum movimento para me ajudar a pôr-me em pé.

– O que se passa, por Deus? – grita a Daphne, saindo do seu quarto. – Princesa Maren!

Acorre a ajudar-me a pôr-me em pé.

– Piratas – digo-lhe, apertando-lhe os braços. – Temos de nos esconder.

– Lembre-se de para onde o capitão nos mandou ir – diz a Daphne rapidamente. Lá para baixo, para o porão.

Começa a puxar-me e ao Aerik em direção aos degraus que conduzem aos conveses inferiores, mas consigo libertar-me justamente quando outro canhão dispara para a lateral do navio, desta vez fazendo explodir a cozinha, onde as pessoas gritam horrorizadas, e cacos de madeira voam como estilhaços.

Sou atirada contra a parede, mas consigo recuperar o equilíbrio e começo a correr para a minha cabine.

– Onde vai!? – grita a Daphne para as minhas costas. – Volte!

– Não desperdices a tua vida por ela – ouço o Aerik dizer-lhe. – O teu dever é, em primeiro lugar, para comigo.

– Vai! Esconde-te! Eu vou atrás! – grito, o navio estremecendo de novo, desta vez com os canhões a disparar do nosso lado.

Consigo chegar à minha cabine e atirar o colchão da cama para trás, agarrando depois a bolsa com o colmilho do Nill. Tiro rapidamente o fio lá de dentro, com as mãos a tremer, e amarro-o à volta do laço, por baixo do carpete. Faço menção de voltar para a porta quando ouço mais gritos, desta vez do convés superior e, com uma sensação de horror abatendo-se dentro de mim, percebo que os piratas estão a bordo.

Eu podia descer ao porão com o Aerik e a Daphne e quaisquer criados

reais que restem, esconder-me debaixo de uma cobertura e esperar que os piratas não me encontrem. Talvez o Aerik, a Daphne e eu sejamos os únicos no navio deixados vivos.

Mas essa ideia é quase tão má como a de os piratas, particularmente um homem notoriamente malvado como o capitão Ossos, nos matarem aqui sem piedade, ou levarem-nos para bordo do seu navio para nos torturar. E tenho a certeza de que o que me está reservado é muito, mas muito pior do que posso imaginar.

Puxo o fio do corpete. Os meus dedos apertam à volta do colmilho de tubarão e levo-o aos meus lábios trémulos, beijando-o.

– Dá-me força, Nill – digo baixinho.

Em seguida, volto a enfiá-lo no corpete, viro-me e agarro a cadeira no canto da cabine. Pego nela, segurando-a acima da cabeça, depois atiro-a à janela com um grito.

A cadeira estilhaça os vitrais; a chuva e a água do mar pulverizam o interior. Escolho o meu caminho cuidadosamente ao longo do chão, evitando os cacos, depois agarro na ponta do meu vestido, as anáguas constituindo acolchoamento suficiente quando envolvo nelas o meu punho. Arranco com um soco os restantes cacos afiados presos à moldura da janela até ser relativamente seguro, depois enfio a parte superior do corpo para fora dela. Alguns picos de vidro apunham a minha pele, mas consigo ignorá-los.

Por cima do vento, da chuva e das ondas, ouço chapinhar, pessoas a caírem ou a atirarem-se borda fora, além de ocasionais gritos ou súplicas por Deus e misericórdia. Quando fito a superfície da água, iluminada apenas pela lanterna solitária, que está pendurada no castelo de popa, percebo que o *Elephanten* parou de navegar. Os piratas devem ter derrubado as velas e o mastro, neutralizando o navio. Se eu saltar, terei de me assegurar de que nado o mais depressa possível até à costa para não ser detetada. Os piratas podem nem saber que eu existo, a menos que tenham atacado o nosso navio de propósito.

Não tenho tempo para pensar nisso.

Puxo o resto do corpo, contorcendo-me para sair pela janela, depois viro-me e devagar, cuidadosamente, baixo-me até ficar pendurada por cima do mar, a agarrar o caixilho da janela com toda a força que consigo exercer.

Fecho os olhos e inspiro fundo.

É melhor arriscar afogar-se e nadar até à costa do que passar um minuto com o que quer que os homens deste navio tenham em mente para mim.

Isto inclui o meu marido.

Largo-me.

Caio no ar, com o vestido a bater à volta do meu corpo quando rodo para me afastar do barco, de modo a não bater no leme.

A água vem ao meu encontro como uma bofetada na cara.

E tudo fica escuro e muito, muito frio.

Capítulo 3

Ramsay

– São dinamarqueses, cap'tão – diz o meu contramestre, Olhos Doidos, dirigindo-se a mim, enquanto dobra o óculo. – Parece qu'ê um navio da linha dinamarquesa-norueguesa, um dos grandes, mas um bocado mais sossegado do que devia ser.

Olho em redor, os meus olhos vasculhando as águas à frente e atrás da embarcação que, por serendipidade, cruzou o nosso caminho esta noite.

– Para um suposto navio da linha, parece não haver mais ninguém na sua linha. Aposto que é um saque fácil.

– Acha que tem alguma coisa a bordo que valha a pena? – pergunta o contramestre.

Encolho os ombros e dirijo-lhe um sorriso encorajador.

– Vamos ter de descobrir, não vamos, contramestre?

Ele ri-se e olha outra vez pelo óculo enquanto eu rodo o leme o suficiente para aproximar o *Nightwind* do navio misterioso. É mesmo uma beleza e agora posso ver com os meus próprios olhos que não tem a tripulação de um navio de guerra em serviço. Ou transportam carga preciosa, ou pessoas preciosas.

– O que achas, capitão? – pergunta a Sam, subindo as escadas a correr na minha direção, no castelo de proa. – Contemo-nos?

Lanço-lhe um olhar tépido. Não é frequente a Sam mostrar contenção.

– Acho que vamos pedir educadamente aos nórdicos que entreguem o que quer que tenham... e depois a si próprios.

Ela resfolega. Eu sou bastante educado, mas só depois de umas gargantas cortadas.

– Achas que é o *Elephanten*? – pergunta ela. – Já ouviste falar dele, aquele onde estão o príncipe e a princesa dinamarqueses. Foram avistados por estas águas nas suas viagens. Pode ser o navio deles.

– Um príncipe e uma princesa? – diz Olhos Doidos. Parece encantado. – Talvez tenham tesouros que nunca sequer imaginámos. Uma coroa para eu pôr na cabeça!

– É possível – digo, matutando. Em todos os meus anos de alto mar, nunca interceitei um navio real. A nossa habitual rota pelo Pacífico só nos fez tomar galeões espanhóis e um ou outro navio de lixo chinês. – Podem ter joias e coroas a bordo. Ou podem ter algo mais valioso do que isso.

– O quê? – pergunta ele.

– Eles próprios.

A Sam dá-me um murro no braço.

– Cuidado, Ossos. Não queremos trazer mais pessoas para bordo do que costumamos fazer. Passado um tempo, começam a cheirar mal.

Lanço à minha marinheira outro olhar sarcástico.

– Minha querida cunhada, isto seria uma situação de reféns *reais*. Não daqueles que se descarta, mas dos que se preservam para resgate e negociações. Por dinheiro. Não achas que o rei da Dinamarca vai querer este filho e esta nora de volta? Teria de pagar um preço alto, escreve o que te digo.

– Então, isto transformou-se numa operação legítima de sequestro – diz ela com um suspiro. – Sabes bem que eu odeio ter de me conter.

– Vais conseguir. – Pigarreio e olho para a minha tripulação, que aguarda as minhas instruções.

– Ouçam-me cá, rapazes – disparo. A Sam já há muito deixou de revirar os olhos ao ser chamada de rapaz. – Esta noite a abordagem é um bocado diferente. Aquele lindo navio acolá, a jeito para ser tomado, é um navio da marinha dinamarquesa. Se esta senhora aqui estiver correta, há um príncipe e uma princesa a bordo.

– Ooooh! – exclama a tripulação.

– E tenho ideia de que valem mais vivos do que mortos. Claro que ficamos com o saque, se o tiverem, e faremos o nosso melhor com alguns dos seus tripulantes, mas quando levarmos o casal real para bordo, não quero que lhes toquem num fio de cabelo. Bem. A menos que o príncipe esteja a usar uma daquelas perucas. Nesse caso, fiquem à vontade para a atirar borda fora. – Olho para o Sterling McCoy. – É melhor ires preparar a cela para eles.

Ele acena do tombadilho, fazendo tilintar as chaves de carcereiro que traz à banda.

– Quedos e pacientes, rapazes – digo à tripulação, mantendo as mãos firmes no leme. – Devemos ser capazes de tomar este navio de olhos fechados. – Miro o Grego, no mastro da mezena, acima de mim, pendurado como um macaco. – Drakos, traz a mezena. Assim que estivermos perto, quero que tu e o Lothar deem balanço e embarquem. Tirem-lhes o mastro e o aparelhamento. Nem sequer vão dar pela vossa chegada no escuro.

Drakos rasga um sorriso para mim e faz um aceno de cabeça. É sempre um rapaz despreocupado, mas noites como esta iluminam-no como os fogos de artifício que vimos sobre Malaca.

– Conveses vazios na popa e na proa! – grita Thane ao atravessar intempestivamente o convés, com as mãos atrás das costas. – Redes para cima e arcas para baixo!

– Tragam armas pequenas para o tombadilho e todos os homens aos seus postos – acrescento, certificando-me de que minha voz é mais alta do que a do meu irmão. Embora ele seja o intendente, eu sou o capitão e muitas vezes ele parece confundir os dois. Não ajuda que a tripulação tenha tendência a ouvi-lo mais do que a mim. – E apaguem as luzes. Está na hora de ficarmos no escuro.

Eleva-se um pequeno grito de entusiasmo, seguido pelo silêncio de que precisamos por ficarmos no escuro. O Henry e o Lucas, dois dos nossos pajens, apressam-se a apagar todas as chamas do *Nightwind* até eu saber que somos invisíveis para o outro navio. Mas o outro navio não é invisível para nós.

– Içamos as cores? – pergunta-me o Cruz, o meu imediato.

– Sim. Eles não as verão no escuro, mas eu gosto da formalidade.

– Içar as cores! – grita o Cruz, enquanto a Sam começa a içar no mastro a bandeira vermelha afixada com uma caveira branca.

Thane vem ter comigo.

– Tens a certeza de que isto é boa ideia, *capitão*? – Como sempre, exagera a palavra «capitão».

– Este navio pode ser um dos últimos que vemos antes de chegar a Los Pintados. Precisamos de suprimentos para nós, o Lucas e os rapazes, e precisamos de dinheiro.

– Temos dinheiro suficiente.

Resflego de desdém.

– Dinheiro para hoje, mas e amanhã?

– E achas que manter um príncipe e uma princesa reféns durante meses vai resultar em alguma coisa? Pode demorar esse tempo todo até chegar aos ouvidos do rei, e depois?

– Não pensei tão longe, irmão, mas tal como disseste, temos muito tempo para pensar. Vamos apenas assegurar de que mantemos um membro da tripulação vivo por tempo suficiente para chutá-lo borda fora. Nadará até à costa e espalhará a palavra assim que deixarmos as ilhas. Talvez deixemos alguns sobreviventes aqui também. Seremos misericordiosos por uma vez na vida.

Os olhos dourados do Thane estreitam, pensativamente.

– É um jogo. Quando chegarmos a Acapulco, podem ser notícias velhas.

– Então matamo-los. Sem danos, não há perdas.

– Manter as coisas simples é uma virtude. Primeiro, querias ir caçar, o que nos levará numa perseguição insensata pelo oceano, agora queres adicionar pessoas à nossa tripulação.

– Nós não estamos a coagi-los – lembro-lhe. – Agora, se não te importas, gostava que o meu intendente pegasse nas pontas soltas.

Contraí o maxilar como faz sempre quando lhe dou ordens. Tem alguma

coisa que ver com o facto de ele ter nascido primeiro e estar à espera de que o irmão se tolha aos seus pés.

Volto de novo a minha atenção para o navio real. A julgar pela gritaria a bordo, viram-nos, apesar da cobertura da noite, o que significa que se porão na defensiva a qualquer momento. São precisos muitos tiros de perto para danificar o *Nightwind* – qualquer bom navio pode levar uma tarefa de tiros e sair em bom estado –, mas, mesmo assim, prefiro que saia ileso.

– Preparar as velas para o combate! – grito. – Rezar e botar abaixo o rum!

Os pajens andam numa correria a dar a todos uma dose de rum, enquanto o Drakos, o nosso único tripulante religioso, recita a sua oração numa explosão furiosa de grego.

– Artilheiros a postos! Levem as balas encadeadas! Gurupés para embarque!

Os marinheiros ajustam as velas o suficiente para que a proa do navio vá agora colidir com a parte inferior do navio deles e eu pressiono o leme o suficiente para o colocar no curso certo.

– Contramestre, segura o timão – digo, afastando-me do leme para o entregar ao Olhos Doidos. – Deixem-me ser o primeiro a ir. – Desço as escadas à pressa e dou uma corrida até à proa. – Artilheiros, primeiro disparo de pelouro, depois balas encadeadas!

Ouçõ um «sim, sim» vindo de baixo e depois um canhão dispara, enviando o projétil a voar para o lado de madeira do navio da marinha. Não atravessa o navio, mas eu sei que foi o suficiente para chacinar qualquer um que estivesse por ali.

Certifico-me de que a minha espada de marinheiro está bem presa antes de subir para o gurupés, correndo com cuidado até à ponta do mastro. Posso ter um bom equilíbrio, mas um passo em falso e acabo na água.

Uma vez na ponta, ergo-me e fico a ver o outro navio aproximar-se cada vez mais e fico de olhos presos com um membro da sua tripulação, um homem corpulento de bigode.

– Deus Todo-Poderoso – diz o homem, com a boca aberta de medo.

– Não é um deus – digo-lhe. – É mais um diabo.

Viro-me e faço um sinal com os dedos para mais uma ronda de disparos e o grito faz-se ouvir, outro canhão a disparar. Desta vez, o barco inteiro vira para um lado e eu sei que o embate causou danos a sério.

Então salto da proa e entro no navio. O membro da tripulação tenta pegar na sua arma, mas lanço-me a ele num segundo. Passo imediatamente a espada pelo seu pescoço, cortando-lhe a garganta, e o sangue jorra e espirra para as minhas botas. Ignoro a visão. Todos nos tornámos insensíveis à visão do sangue durante a batalha, de modo que já não exerce efeito sobre nós.

Não faz sentido desperdiçar tempo, embora saiba que o Thane está a resmungar com os seus botões por causa da minha falta de misericórdia. Pode querer manter as coisas simples, mas manter as coisas simples significa matar

tantos quantos pudermos. Quanto menos pessoas tivermos para lidar, mais simples, digo eu.

Um dos tripulantes solta um grito de vingança pelo companheiro caído e começa a correr para mim, com a pesada espada desembainhada, e sei que é uma questão de tempo até alguém disparar um mosquete contra mim. Aí vou ficar mesmo danado.

Bloqueio os lances dele sem dificuldade, fazendo uma dança delicada por um momento antes de lhe derrubar a espada e espetar a minha lâmina diretamente no seu estômago. O homem cospe sangue num grito lamentável e, depois colapsa no convés.

– Ossos, vamos precisar de *alguns* vivos – diz o Cruz, divertido, e salta do gurupés ao meu lado para olhar o homem.

– Estou a fazer o meu melhor – digo-lhe. – Mato mais uns quantos e talvez se rendam todos pacificamente.

Felizmente, quando o Drakos e o Lothar dão balanço para vir para bordo, de pistolas e espadas prontas, já a tripulação no convés caiu de joelhos e se rendeu. O Sterling vem para bordo em seguida, a sua estrutura maciça mantendo os novos prisioneiros na linha, e segue-se-lhe o Thane, à caça do capitão com o Cruz, por baixo do convés.

Enquanto eles vasculham as pessoas lá em baixo, eu faço um balanço da tripulação que se rendeu. Nós fazemos sempre prisioneiros, na verdade precisamos deles antes de uma grande travessia, mesmo com magia nas velas do *Nightwind*, mas selecionar os prisioneiros certos é uma arte. Quem for mais fecundo geralmente serve, mas as mulheres tendem a aguentar mais tempo.

Infelizmente, até agora ainda não vi nenhuma mulher. Decido-me por seis dos homens mais fortes, depois ordeno aos rapazes que matem o resto, exceto os dois mais novos, que são instruídos a transmitir a mensagem e as nossas negociações de reféns antes de serem içados pelos pés e atirados borda fora.

Quando a carnificina dos outros começa, o Thane e o Sterling aparecem com uma senhora de mais idade e bochechas redondas numa mão e, a julgar pela peruca, o príncipe na outra. Tanto a senhora como o príncipe parecem aterrorizados, mas a senhora tem uma dureza que o príncipe não possui, algo que eu aprecio.

– Esta não é a princesa – digo, gesticulando para a mulher. – Pode ser bonita, mas é muito velha. – Dou um passo na direção deles. – Onde está a princesa? Ouvimos dizer que viajava contigo, príncipe.

Nem sequer sei o nome destes membros da realeza, mas parece que não importa.

– Não sei onde ela está – diz o príncipe, com um toque de ressentimento na voz, como se quisesse e esperasse que nós a encontrássemos.

Olho para a senhora, que sacode a cabeça a medo.

– Leva-os para bordo do *Nightwind* – digo ao Thane, e depois passo por

eles e desço a correr para o convés inferior.

Há gemidos lá em baixo, de homens caídos, e pequenos incêndios provocados pelos canhões, com os corredores numa barafunda de carvalho cheio de farpas. Vasculho rapidamente o navio, tentando captar o aroma de qualquer coisa floral e feminina, sobre o cheiro de destruição que permanece com o fumo no ar.

Sigo o meu nariz até uma das cabines na popa e sou recebido por maresia e vidro partido. Corro para a janela estilhaçada e olho para fora.

E eis uma mulher, lá em baixo, na água, o vestido amarelo-pálido a flutuar à volta dela como uma vela humedecida, o cabelo preto enrolado, como tinta. A sua cabeça mergulha continuamente na água, como se ela estivesse inconsciente ou perto disso.

– Mais devagar, princesa! – grito da janela.

Ela não se mexe. Ainda assim, devo salvá-la enquanto tenho oportunidade. Ela não me servirá de muito se o mar a reclamar.

Fito-a por mais um momento, há algo nela que me leva a fazer uma pausa. Vista desta altura, tem as feições obscurecidas e, no entanto, sinto-me estranhamente atraído para ela. É como se nem sequer tentasse ficar à tona, como se quisesse que o mar a engolisse inteira. Ela quer desistir.

E eu estou aqui para lhe destruir isso tudo.

Comprimo o corpo através da janela, pés primeiro, e depois caio na água, conseguindo fazer uma torção para um mergulho de cisne a meio do caminho. A água é fria, mas refrescante e eu deslizo através das ondas sem dificuldade, surgindo mesmo ao lado da mulher.

– Princesa? – pergunto, e a mulher agita-se, os olhos arregalam-se, como se de repente se desse conta de que está a flutuar no oceano. – Vim resgatá-la, minha senhora – digo-lhe, fazendo-lhe um sorriso e cuspiendo água do mar.

Estou à espera que grite por socorro ou tente nadar para longe.

Em vez disso, a princesa dá-me um soco na cara.

Capítulo 4

Maren

Julguei que tinha morrido.

Certa vez a minha mãe, quando eu era jovem e provavelmente uma peste para as minhas irmãs, disse-me que se as sereias fossem más nunca alcançavam a imortalidade no além e, em vez disso, tornavam-se espuma das ondas. Tive a certeza de que, quando bati na água, me dissolvi nessa mesma espuma, um castigo por ter trocado a cauda por pernas que nem sequer funcionam bem metade do tempo, por virar as costas à minha família para sempre, por abandonar o que os deuses fizeram de mim.

Durante muito tempo tive pensamentos de largar tudo, claro. Às vezes os pensamentos eram verdadeiramente suicidas, outras vezes eram desejos desesperados de uma vida diferente, de uma fuga. Mas quando pensei que estava a morrer, percebi com que facilidade sucumbi à ideia da morte.

Esqueci-me do navio, do Aerik e da Daphne. Só pensei na minha família. Pensei em recomeçar. Pensei em todos os meus arrependimentos.

Houve tantos arrependimentos!

A água estava tão fria e escura e o meu vestido era tão pesado e eu pensei que talvez, em vez de nadar para a costa, me deixasse afundar no meu próprio túmulo aquático e finalmente acabasse com tudo.

Eu queria tornar-me espuma do mar.

E depois ouvi gritos. Berros.

Uma voz masculina desconhecida, com uma vaga pronúncia escocesa.

Abri os olhos e vi um homem nadar para mim, de sorriso rasgado, como se tivéssemos ido dar um mergulho juntos.

Chamou-me *princesa*. Disse-me que estava ali para me resgatar, mas, pela expressão triunfante e demoníaca no seu rosto, eu soube que não era o meu salvador.

Era um pirata.

Portanto, fiz o que sempre ansiei fazer ao Aerik.

Dei-lhe um murro na cara, sentindo o estalar dos ossos sob os nós dos dedos, que tão bem me soube, e comecei a nadar para longe, o mais depressa que o meu vestido me permitia.

Não cheguei longe.

O homem foi apanhado de surpresa pelo meu golpe (tal como eu, muito honestamente), mas não o deteve minimamente.

Em vez disso, agarrou-me pela cintura e cingiu-me com o braço, como se fôssemos amantes a ir passear, e começou a nadar em direção ao navio, tão rápido e forte que provocou em mim uma onda de inveja, porque, em tempos, também eu conseguia nadar assim.

Não devia ser possível um homem ser tão forte, e foi então que eu soube o que sei agora. Aquele homem não era um homem comum.

Era o célebre pirata, o capitão Ossos.

E eu estava condenada.

– Tenho a princesa – anuncia o capitão, enquanto me arrasta para bordo do navio.

Não sei como é que consegui continuar a agarrar-me, apesar de eu espernear e me contorcer e do facto de eu pesar muito com um vestido encharcado, e puxar-me para cima na corda até ao convés do seu navio, mas fê-lo como se eu não passasse de uma mera saca de batatas ao seu ombro.

Caio sem cerimónia no convés, formando um montinho, e espetam-se-me farpas nas bases das palmas das mãos quando amorteço a queda. Alguém ri dissimuladamente e ergo os olhos, com o cabelo meio solto caindo-me sobre o rosto, e sei que pareço uma louca.

Estão três piratas reunidos à minha volta. Para minha surpresa, um deles é uma mulher pálida, que usa o corpete amarrado sobre uma camisa masculina enfunada, por cima das anáguas de calções largos e o cabelo ruivo numa trança caída nas costas. Por um momento, penso que talvez seja outra mulher que foi tomada e arruinada por este bando de demónios, mas, a julgar pelo brilho divertido nos seus olhos, não creio que seja assim. Foi ela que resfolegou.

Os outros dois piratas são o capitão rufia e um homem negro muito alto. Há algo nos dois que me apanha desprevenida e preciso de um momento para perceber o que é. Eu esperava que os piratas parecessem cães sujos, usando roupa esfarrapada e com nódoas, branqueada pelo sal, mas não são nada assim. É certo, o capitão está encharcado e usam uma variedade de roupas ecléticas, contudo, têm um ar asseado, as roupas podiam ser feitas por medida.

– Tem a certeza de que ela é a princesa? – pergunta o homem negro, que me olha com curiosidade, com um sotaque que parece espanhol ou português.

– Aposto que sim – diz o capitão, estendendo a mão e agarrando-me pelo braço, o seu aperto forte e doloroso ao puxar-me para me pôr em pé. – Quer refutar, Sua Alteza?

Fito o capitão, recusando-me a ser intimidada por ele. Estranhamente,

pensei que veria o seu nariz partido, magoado e ensanguentado do meu punho, mas não tem nenhuma marca. Estou chocada com a decepção que sinto, como se estivesse a precisar de derramar sangue. A rapidez com que o meu moral caiu.

– Onde está a Daphne? – exijo saber, levantando o queixo e olhando o capitão pirata nos olhos. Está escuro, por isso é difícil discernir, mas parecem incolores.

– Quem? – pergunta a mulher pirata.

– Daphne? – repete o capitão. Franze o sobrolho. – Está a perguntar pela senhora com anos em cima? Bochechas de maçã e pesada?

Mal aceno, com medo da resposta.

A sua testa franze mais.

– Já foi levada para baixo. Você é uma bela peça, não é? Pergunta por ela e nem um pensamento tem para o seu querido marido, o príncipe?

– Ela podia ser minha mãe – sugiro, sentindo apenas um niquinho de culpa por pensar no bem-estar de Daphne antes do do meu próprio marido.

– Ah! – diz ele, com a curva de um sorriso e o dedo espetado no ar –, mas não é. Aposto que é a sua aia. Infelizmente, não sei muito sobre a realeza, na verdade, acredite ou não, é a primeira pessoa da realeza que conheço. Nem sequer sei o seu nome.

Pressiono os lábios, recusando-me a dar-lho.

– É a princesa Maren. Escreve o que te digo – diz orgulhosamente a mulher. – E o príncipe chama-se Aerik.

– E Daphne, a aia – deduz o capitão. – Prazer em conhecê-la formalmente. Sou o capitão Battista. – Acena para a mulher. – Esta pombinha esvoaçante aqui é a Sam. E este é o Cruz, o meu imediato.

– Não quero saber quem nenhum de vós é – digo, tentando manter a voz firme. – Podem ir todos para o inferno.

Tento libertar-me da mão dele, mas é inútil, mesmo quando ele se desmancha a rir.

– Oh, meu Deus! Ouçam só a boca desta lindeza. É assim que se fala em Copenhaga ou anda há muito tempo embarcada? Parece um maldito marinheiro.

– Onde está o resto da tripulação? – pergunto, olhando para o outro navio.

O barulho de antes desapareceu e, embora não consiga ver grande coisa no escuro além, ouço risos e conversas, mas os gritos cessaram. Piora ainda mais as coisas. O meu sangue arrefece no silêncio. O cheiro a queimado enche o ar.

– Levámos alguns dos vossos tripulantes para o porão – diz o Cruz.

– E os outros? – E os criados que têm estado lealmente ao nosso lado há anos?

O Cruz ergue as sobrancelhas.

– Estão mortos – diz simplesmente, como se eu fosse burra.

As palavras são uma flecha para o meu coração.

– Sabe em que navio se encontra, não sabe? – diz a mulher.

Tento ao máximo parecer forte, embora receie estar a desmoronar por dentro.

– Sim. Chamam-lhes a Irmandade do Sangue.

O capitão resfolega e lança-me um olhar sarcástico, inclinando a cabeça de modo a que as sombras sob as suas maçãs do rosto altas parecem combinar com a barba por fazer, conferindo ao seu rosto um ar de caveira.

– Portanto, a nossa reputação precede-nos.

– Eu sempre achei que nos devíamos chamar Irmandade Antiga – pondera o Cruz, passando a mão pelo queixo. – Ou Irmandade do Diabo.

Sam, a mulher pirata, aclara a garganta.

– Embora signifiquem o mesmo, prefiro irmandade a fraternidade, se querem a minha opinião. E acho que era Tropa de Desesperados.

– Ah sim, Desesperados – diz o capitão, apreciativo. – Dessa gosto muito. Eu sei que foi assim que tão carinhosamente nos chamaram os comerciantes espanhóis. – Olha para mim e as sombras intensificam-se mais, de tal modo que eu podia jurar que o meu olhar lhe trespassa a pele até ao esqueleto. Deve ser uma ilusão ótica.

Ou todas as lendas que ouviste de eles serem um navio-fantasma são verdadeiras.

O meu sangue enregela ainda mais. Sejam quem forem estes homens, mataram o resto da tripulação sem piedade.

– Seja como for, parece que não tem medo suficiente – diz o capitão, sorrindo indelicadamente. – Talvez eu tenha sido demasiado hospitaleiro. Agradeço que agora venha para a podermos reunir com o seu querido príncipe.

Dá-me um toque com tanta força que quase caio ao chão. Sou detida pelos seus braços, os seus gestos estonteantes de tão rápidos.

– E a Daphne? – pergunto, enquanto ele me puxa ao longo do convés, com o meu vestido molhado arrastando atrás de mim.

– Tal como disse o Cruz, está no porão – diz ele. – Mas não é próprio para uma princesa. Não, querida, tenho um sítio especial para o casal real, reservado só para vós.

Ah, caramba!

– Está a tomar-nos a todos como prisioneiros?

Leva-me escadas abaixo até ao navio. Está tão escuro lá em baixo, sem uma única candeia acesa ou lume na cozinha. A minha visão noturna é melhor do que a da maior parte das pessoas, uma reminiscência de sereia, mas, mesmo assim, não vejo nada.

– Vou tomá-la e ao seu marido como prisioneiros – diz ele, empurrando-me rudemente por mais um lanço de escadas. Com um equilíbrio fraco até ao meu melhor, quase dou um trambolhão de novo.

– Porquê? – pergunto, tentando pegar nas pontas do vestido para não

tropeçar nele.

– Porque eu aposto que vocês os dois valem muito dinheiro – diz ele.

Na escuridão, ele parece ser maior e mais imponente. O capitão é um homem consideravelmente alto e largo, de grandes braços e espadaúdo, mas, agora que não consigo vê-lo, que só sinto a sua presença, parece maior do que a vida, mais poderoso e fatal. Tenho medo de que me vá fazer alguma coisa e me apanhe desprevenida. Pensar nisso faz acelerar o meu pulso, e sinto um aperto no peito.

– Eu não valho nada – digo-lhe, e arrependo-me mal abro a boca. Se ele achar que eu não valho nada, não há razão para me manter viva.

Ele puxa-me, fazendo-me parar e, mesmo no escuro, eu juro que vejo os seus olhos brilharem por um momento, um clarão de cinza-azul, como o mar durante uma borrasca.

– Acha que agora a vou deixar ir? Alguma coisa vale. Talvez o príncipe valha mais, mas conta na mesma. Rei nenhum deixará uma princesa a apodrecer, com o mundo a ver.

– Como é que ele vai saber? Quem lhe dirá que estamos em sua posse?

– Sabe, 'mor – diz ele, a voz assumindo uma qualidade rouca e eu sinto-o inclinar-se mais para mim, o seu sopro quente na minha face –, nós não matámos toda a tripulação. Temos *alguma* moral. Deixámos alguns partir e dissemos-lhes que espalhassem a palavra ao seu querido rei. Não tenho dúvidas de que, quando chegarmos a Acapulco, haverá dinheiro à nossa espera.

– Acapulco! – exclamo. – Na Nova Espanha?

– É uma longa viagem, sim, mas o *Nightwind* já a fez inúmeras vezes. Atrevo-me a dizer que nos conheceremos bem uns aos outros quando lá chegarmos. Pode ser que a princesa nem queira desembarcar.

A viagem pelo Pacífico, que ouvi dizer demora meses a fio aos galeões espanhóis que frequentam a rota, não foi a primeira coisa a impressionar-me. Foi o facto de Acapulco estar perto de Limonos. Mais perto do que alguma vez estive de casa desde que saí.

Se eu conseguir, de alguma forma, sobreviver à travessia do oceano, mantida em cativeiro neste maldito navio durante meses, existe a possibilidade de eu voltar para Limonos. Depende de mim a fuga quando nos aproximarmos da costa, mas de bom grado arriscarei a morte se isso implicar que vejo a minha família, nem que seja por um segundo.

– Agora venha acostumar-se à sua nova casa – diz-me o capitão, empurrando-me para a frente até eu sentir que entrámos noutra cabine.

– Maren? – ouço a voz de Aerik, baixa e fraca no escuro.

– Tenho aqui a tua princesa – diz o capitão Battista, e depois ouço o chocalhar de chaves. – Se tentarem alguma coisa, sofrerão, tomem a minha palavra como divina.

Ouçoo o rangido do metal, a porta de uma jaula a abrir e sou empurrada para o interior até tropeçar contra Aerik.

– Aproveitem a privacidade, seus pombinhos – diz o capitão, e ouço a porta ser trancada. – Pois tenho a certeza de que haverá caos pela manhã.

Ouçoo afastar-se, as botas ecoando pelo navio, depois ouço a porta da cabina fechar-se.

– Estás encharcada – diz o Aerik, afastando-se de mim. – O que te aconteceu?

– Tentei nadar para ir pedir ajuda – digo. Não estava à espera de que ele chorasse de alegria com o meu regresso, mas não pensei que ficasse tão frio tão depressa.

– Mentirosa – sibila e, embora eu não consiga vê-lo, sei que está a fazer aquela coisa com os olhos de quando é dominado pela mesquinhez e pela raiva. – Não ias pedir ajuda! Estavas a tentar fugir. A deixar-me para morrer aqui.

– Não estava – digo, mas detenho-me. Porque sou uma mentirosa. Eu *estava* a deixá-lo para morrer ali. E estava a tentar salvar-me apenas a mim.

– Muito bem – acrescento, sentindo finalmente determinação nos nervos. Já não posso ter medo dele, não agora, depois de tudo isto. – Estava só a tentar sobreviver. Eu...

CRAQUE.

Bate-me, o punho contra a maçã do rosto e o meu pescoço estala para trás, com a força de tudo aquilo.

Fica tudo envolto em trevas, como se não fosse já tão negro.

Capítulo 5

Ramsey

O sonho começa sempre da mesma maneira.

O mar está calmo como vidro, não há uma única nuvem ao alto e o horizonte é uma linha fina e reta de azul que quase se mistura com o céu. Neste ponto, é difícil diferenciar o que é memória e o que é sonho. As minhas lembranças dizem-me que não havia nada de estranho ou agoiroento naquele dia em particular, nem sequer a ameaça de acalmia (não que isso importasse, no que toca ao *Nightwind*).

Mas a sensação é diferente nos meus sonhos. O ar é pesado e opressivo, todo o vento sugado e os céus, ao alto, parecem assustadores em todo o seu alcance. No sonho é como se fôssemos apenas um navio numa garrafa, vigiado por alguma entidade mítica que decide quando vivemos e quando morremos.

Então, o primeiro golpe acontece como aconteceu na vida real. Aquele baque horrível que ainda ecoa no meu cérebro nos dias em que apanho muito sol, bebo muita cerveja e tenho muito tempo para pensar. O ataque abala todo o navio e, embora a maior parte da minha tripulação não soubesse de que se tratava, eu sabia. Eu sabia o que era e porque estava aqui e o que pretendia fazer.

Era um dos Kraken.

O que queria dizer que a bruxa do mar também aqui estava.

Ela queria o livro, aquele que pertencera à minha esposa, Venla.

Eu só queria fazer o meu luto e agarrar-me à única coisa que dela me restava.

Mas, embora o sonho comece sempre da mesma maneira, com aquele baque explosivo e aquele peso horrível e o pavor que se segue, nem sempre acaba da mesma forma.

Esta noite estou impotente no meu sonho, sei que não é real, mas sei que

já aconteceu e observo, observo o tentáculo cair de lado no navio, vejo-o alongar-se para Hilla e grito. Alto como a porra, até sentir a garganta estrafegada.

– Hilla! – A minha voz envolve o ar espesso e ela vira-se para me olhar, os grandes olhos azuis, uma mancha de chocolate na bochecha, da guloseima que lhe dei há poucos minutos.

Tenho sorte desta vez, por não acordar aos gritos. A tripulação foi-se habituando ao longo dos anos, mas eu não. Uma pessoa não se acostuma a uma coisa destas.

Abro os olhos e fito o teto. O meu coração está em escalada no peito, o meu corpo revive o trauma. Inspiro demorada e profundamente até o meu coração se acalmar, depois sento-me na cama.

É preciso um momento para que o sonho desvaneça e as memórias da última noite me venham à cabeça. Saúdo o facto de o meu passado ser enterrado pelo presente.

O *príncipe* e a *princesa*. Que sorte foi deparar com aquele navio dinamarquês pouco antes de partirmos para o Pacífico. Os galeões espanhóis que saíam de Manilla para o Pacífico agora partiam em comboio para evitar ataques do *Nightwind*, tal como os navios mercantes tinham de fazer quando atravessavam o Atlântico. Pois por mais imparáveis e poderosos que a minha tripulação e o meu navio sejam, não chegamos para enfrentar uma frota, especialmente se estiver alerta para nós.

Ou, pelo menos, ainda não somos assim tão poderosos. Há rumores de uma sereia mantida num tanque de vidro a bordo do navio-fantasma, com a sua tripulação de esqueletos. Foi o suficiente para eu traçar o caminho para Los Pintados e Nan Madol – a famosa «Cidade do Recife» –, porque o seu navio tem sempre de regressar lá.

Mas agora, com os reféns a bordo, há pelo menos uma pequena recompensa para quando chegarmos à Nova Espanha, caso o nosso desvio não seja tão gratificante como alguns possam pensar. Só espero que, quando a tripulação foi atirada borda fora com a mensagem para o rei, tenha sobrevivido tempo suficiente para entregá-la.

Se calhar devias tê-los deixado viver a todos.

Mas pensamentos deste género nunca me fazem bem. Arrependo-me de muita coisa no passado e não me permito deter-me mais neles. Sim, podia tê-los deixado viver a todos, mas a verdade é que matar faz parte da minha natureza, não é diferente do jaguar na selva. As pessoas nunca querem admitir a si próprias que são más, perversas, feitas à imagem do Diabo, não de Deus. Toda a gente nesta terra verde e azul acha que é perfeita e isso não é maneira de se viver. Eu penso que há uma certa paz que é dada quando se aceita quem e o que se é.

Como a princesa. Para mim é igual a todas, não passa de uma desconhecida e vem da gente que mais abomino, a que está à frente da sociedade. No entanto, há algo na sua natureza que é apelativo para mim.

Talvez tenha sido por me bater na cara, ou por me ter amaldiçoado abertamente, ou por não parecer muito preocupada com o príncipe. Todos esses momentos me mostraram quem ela realmente era e que não tinha medo de o mostrar.

Com ela no pensamento, levanto-me, de pila em riste. Naturalmente, não foi apenas a atitude dela que me amornou, mas o estar tão desejável naquele vestido molhado. Com o cabelo preto comprido, desgrehado e sem ganchos, as tetas cheias e os olhos azuis reluzentes, ela parecia pertencer à escuridão, como uma deusa de alguma religião esquecida.

Esta manhã não tenho tempo para tratar da pila rija. Em vez disso, olho pela secção transparente dos vitrais dos meus aposentos. A aurora está a raiar e o turno da noite termina em breve, e parece que mantiveram o navio a um ritmo constante. A julgar pela terra a estibordo, devemos atravessar o estreito de San Bernardino ao final da tarde. Depois disso, podemos respirar um pouco melhor. Não é invulgar que os navios da marinha se encontrem nas enseadas insulares, mas quando chegarmos ao Pacífico, devemos estar livres deles.

O meu coração bate com mais força ao pensar no mar aberto, no horizonte inexorável e na liberdade que ele representa. Se eu mandasse, nunca iríamos sequer a terra. Mas, embora eu seja capitão deste navio, ele é uma democracia e a maior parte da tripulação fica um bocado esquisita depois de algum tempo sem ver terra. O meu trabalho consiste, acima de tudo, em mantê-los saudáveis e felizes.

Visto-me e lavo-me rapidamente na bacia de água doce antes de sair. Devia ir primeiro lá a cima ver o turno da noite antes que acabe, mas estou curioso para ver como estão os meus prisioneiros. Consigo ouvir daqui os que estão no porão, a gemer, a chorar e a implorar para serem libertados, mas, neste momento, não tenho interesse neles. Em vez disso, desço um nível até ao convés das armas e à cela onde o casal real se encontra.

Abro a porta da cabine e preparo-me, à espera de ser atingido com excrementos a voar, ou algo do género. Já me aconteceu algumas vezes, quando me interessei particularmente por um prisioneiro e o mantive atrás das grades aqui.

Em vez disso, deparo com os amantes em extremos opostos da cela. A princesa está sentada no chão, de cabelo no rosto e a olhar para baixo, o príncipe está encostado às grades, com uma expressão lamentável na cara.

– Exijo que me liberte! – diz o príncipe quando os nossos olhares se cruzam, agarrado às grades da cela até ficar com os nós dos dedos brancos. – Por ordem do rei Frederick IV, do reino da Dinamarca! Eu sou o príncipe Aerik e não tem o direito de me fazer refém.

– No entanto, aqui está – digo-lhe. – Eu perguntava como dormiu, mas, a julgar pelo seu mau humor e completa falta de gratidão por não ter sido morto mal o vi, vou deduzir que não dormiu bem.

Baixo os olhos para a princesa, ansioso para ver se ela tem uma refutação. Mas a mulher que vejo diante de mim é completamente diferente da

que conheci na noite passada. Levanta a cabeça para me olhar e, quando muito, parece acobardar-se. Talvez de repente se tenha lembrado de que devo ser temido. Ou isso ou está em choque.

– E o que diz a princesa? – Encaminho-me da cela, mantendo-se fora de alcance, para o caso de o príncipe decidir fazer algo estúpido. Conhecendo-me, acabaria por matá-lo e não quero dar cabo de uma coisa boa. – Está muito sossegada esta manhã. Mal consegui que se calasse ontem à noite.

Com isto, Aerik vira-se para ela, lançando-lhe um olhar frio.

– Sim, é um problema que ela tem.

Finalmente, ela levanta a cabeça para olhá-lo, com fogo nos olhos. O seu cabelo recua o suficiente para que eu veja nódoas negras ao longo da maçã do rosto e à volta do olho. Sei que fui rude com ela ontem à noite, mas nunca batera numa mulher. Poderia esperar-se isso, especialmente entre os piratas, mas considero-o uma demonstração de violência covarde e deselegante.

– O que é isso? – pergunto, olhando para ela. – O que aconteceu ao seu rosto?

Ela mexe o maxilar de um lado para o outro e evita os meus olhos.

– Deve ter batido com a cara nas grades durante a noite – diz o príncipe, e eu percebo imediatamente que foi ele quem lhe fez aquilo. Sinto uma pontada de culpa visceral, um sentimento que raramente senti ao longo dos anos.

– É desajeitada – acrescenta, agora com um tom mais rancoroso. – Parece um potro sem graça, acabado de nascer.

A última coisa que eu quero ou de que preciso é complicar a questão e envolver-me em quaisquer problemas conjugais que possam ter e, no entanto, uma parte de mim pensa que tenho de deixar a princesa sozinha durante um bocado. Preciso de investigar isto mais a fundo, porque se este príncipe dissimulado representar, seja de que forma for, um perigo para ela, vou perder um bem valioso.

– Vou abrir a porta – digo, pegando nas minhas chaves. – Se um de vocês tentar alguma coisa, é decapitado. Entendido?

Rodo a fechadura e abro a porta, estendendo rapidamente a mão para agarrar a princesa pelo braço. Quando a puxo para cima, o príncipe tenta ir para a porta, como eu sabia que ele faria. Num piscar de olhos, tenho a princesa bem apertada contra o meu corpo, de lado, e com a outra mão saco do punhal do coldre e empurro o príncipe para trás. Fixo-o contra as grades, com a ponta da lâmina pressionada contra o seu queixo.

– Eu disse que o decapitava – digo-lhe com rudeza, inclinando-me mais para ele, para que possa ver o meu olhar desvairado. – Posso cortar-lhe uns pedaços da cara primeiro. Com o sangue real, dava um bom petisco.

Ele rosna para mim, uma lamúria patética, e eu empurro-o antes de sair rapidamente da cela, puxando a princesa para fora dela e para o chão enquanto eu a tranco. O Aerik lança-se à porta, mas é tarde demais.

– Volto mais tarde – digo-lhe, puxando de novo a princesa para que

fique em pé. – Se se portar bem, pode ser que lhe traga um pouco de água. Talvez até limpa.

Levo-a para fora da divisão, mantendo a porta aberta. Se algum dos meus tripulantes quiser atormentar um pouco o príncipe, eu viro a cara para o lado.

– Para onde me leva? – pergunta a princesa, impaciente.

– Ah, ela voltou a falar – digo-lhe, puxando-a para as escadas. – Primeiro, vamos apanhar um pouco de ar fresco e vou perguntar à tripulação se tiveram alguma coisa que ver com esse olho negro.

Olho-a de relance e ela aperta os lábios, desviando o olhar, de modo que o cabelo cai sobre o seu olho.

– A não ser que – prossigo – queira contar-me que foi o seu marido.

Eu sei que ninguém da tripulação a trataria assim mal (a não ser o Sterling), mas quero ouvi-la admitir que foi o príncipe Aerik.

Continua sem dizer nada enquanto a puxo escadas acima, passando pelo convés principal, onde ouço alguns tripulantes a mexer-se nos respetivos aposentos, na proa, e o cheiro do café acabado de fazer emana da cozinha. A princesa faz um som agradável, quase como um gemido, que provoca um trejeito no meu sexo, e percebo que posso ser capaz de usar o café como potenciador com ela. Guardo essa informação para mais tarde e continuo a fazê-la subir até ao convés principal.

O sol brilha, embora haja uma névoa no ar, que corta a sua força. Apesar de termos passado anos neste navio e em muitos outros, o sol nunca deixa de ser uma irritação. Na minha pressa, hoje de manhã, esqueci-me do chapéu, de modo que semicerro os olhos para a luz enquanto levo a princesa até ao tombadilho e depois ao timoneiro.

– Princesa, posso apresentar-lhe Conner Benedict, nosso contramestre, embora talvez prefira tratá-lo por Olhos Doidos.

Olhos Doidos olha para ela e arregala os olhos, que ficam dominados pelo branco, justificando a sua alcunha.

– Prazer em conhecê-la, princesa.

Ela engole em seco.

– Como está? – diz ela a medo, mais uma saudação do que uma pergunta.

– É bonita – diz ele, olhando-a de cima a baixo e fixando-se no peito. Ainda tem o vestido húmido do mergulho da noite passada e o cabelo num desalinho, mas os seus atributos físicos não deixam de brilhar, mesmo à luz do dia. Tal como a nódoa negra no seu rosto, em que o Olhos Doidos repara. – Agrediu-a, capitão?

Abano a cabeça.

– Eu queria saber se sabes quem a agrediu.

– Não sei de ninguém que tivesse estado lá em baixo junto das celas.

– Nem sequer o Sterling?

Ele acena com o queixo para o castelo de proa.

– O Sterling esteve ali a noite toda, a murmurar e a queixar-se disto e daquilo. Não há dúvida de que o homem tem muitas queixas de si.

Rosno ao desviar o olhar para o Sterling, na proa do navio, com a cabeça calva a brilhar ao sol. Eu sei que o sol o incomoda, como a todos nós, mas julga-se mais homem por nunca cobrir a cabeça.

– Bem, ele pode reclamar tudo o que quiser, as coisas nunca vão mudar para aquele lambe-água-do-porão. – Aproximo-me mais a princesa, que fica com o rosto a poucos centímetros do meu. Ela olha-me de olhos arregalados. – Vai dizer-me quem lhe pôs as mãos em cima?

– O que importa? Sou sua prisioneira – diz, quase cuspidando as palavras.

– Mas é por isso que importa, 'mor. Não estou preocupado por bondade do coração, porque não há nada de bom no meu coração. Mas agora é uma mercadoria preciosa, valiosa como o ouro. Se foi o seu marido que lhe bateu, eu preciso de saber. Dois meses é muito tempo para ficar enjaulada com alguém assim.

Ela ergue as sobancelhas negras.

– Dois meses? Isso não é possível. Eu sei que são pelo menos quatro para atravessar o Pacífico em direção à Nova Espanha. O meu marido é próximo do príncipe Ferdinand. Está sempre a falar da travessia dos galeões espanhóis.

– Ah, o príncipe espanhol. Que desperdício de fôlego que esse rapaz é. Quem diria que o seu marido iria confraternizar com gente dessa.

– Não respondeu à minha pergunta – diz ela e o Olhos Doidos solta uma risadinha por ela ser tão ousada.

– Parece que não – digo, sorrindo com a sua imprudência. – E se eu lhe dissesse que há magia nestas velas. O que diria então?

Ela ergue os olhos para as velas enfunadas, depois olha à sua volta, focando-se nas ilhas por que passamos.

– Seguimos terrivelmente rápido para um navio. Quantos nós?

Fico vagamente impressionado com os seus conhecimentos náuticos, meio à espera de que ela fosse o tipo de mulher que ficaria abaixo do convés durante todas as viagens sem nunca aprender o jargão.

– Dez nós – digo-lhe.

Ela abana a cabeça.

– Nem o navio mais rápido da frota real consegue ir tão rápido.

– Mas nunca estive no *Nightwind*.

– Teria ouvido falar disso.

– São muito poucos os que embarcaram neste navio e viveram para falar da sua velocidade... ou de outras coisas. Mas acredite ou não, é a velocidade a que segue. Temos vento mesmo no meio do marasmo. Quando atravessamos o Pacífico, atravessamos em linha reta. Não há necessidade de navegar até ao Japão e atravessar para as colónias quando podemos ir diretamente para a Nova Espanha. Existe a possibilidade de chegarmos a Acapulco antes de recebermos notícias do seu sogro, mas não importa, 'mor. Sou um homem

muito paciente.

Ela continua cética, como deveria. Uma pessoa fala em magia a qualquer marinheiro de água doce e ele depressa descarta a ideia e lhe chama louco. Só a gente do mar tem a mente mais aberta quando se fala do estranho e místico.

Depois, algo mais cruza o seu rosto, a sua expressão faz-se ardilosa por um instante. Mas não o expressa com palavras, deixando-me a pensar.

– Ossos – diz o Cruz, pondo o pé no convés. – Conseguiste dormir?

– Quanto baste – digo e viro a princesa para ele. – Acho que ela não, a julgar pela aparência. Sabes de alguém da tripulação que a possa ter agredido?

O Cruz avalia-a enquanto põe o chapéu.

– Eu não. Provavelmente o marido, não?

– É isso que eu penso – digo, e levo a princesa para longe do leme, enquanto o Cruz substitui o contramestre no turno. – Talvez estivesse mais segura na jaula dos meus aposentos?

Ela pestaneja para mim.

– Porque é que tem uma jaula nos aposentos?

É uma boa pergunta.

– Digamos apenas que gosto de colecionar coisas bonitas. E você encaixa nisso, 'mor. Venha ver.

Levo-a para baixo, para o convés principal e para os meus aposentos, nas traseiras do navio. Naturalmente, como convém a um capitão, é o quarto mais espaçoso a bordo, com a minha cama encostada ao lado e o resto uma grande biblioteca, com prateleira sobre prateleira de livros e outras curiosidades que arranjei nas minhas viagens. Os vitrais percorrem todo o comprimento da cabine, com uma porta que dá para uma varanda, e há uma grande mesa no meio para reuniões da tripulação ou para quando me apetece beber sozinho.

E depois há a jaula ao canto, de tamanho humano.

– Tenho a certeza de que não são tão agradáveis como os seus aposentos no navio real – digo-lhe. – Mas servem-me bem.

Largo-lhe o braço e ela parece tão fascinada pelos livros e curiosidades que tenho nas prateleiras que ignora completamente a minha coleção de armas, que está de lado. Ou talvez seja isso que ela quer que eu pense.

– Nunca vi tantos livros – diz ela, sem fôlego enquanto olha em redor.

– Duvido. Certamente, o rei e a rainha têm bibliotecas e mais bibliotecas nos seus palácios.

Lança-me um olhar irónico.

– Esses livros não contam. São ilegíveis. – Caminha devagar, passando os dedos pelas lombadas de pano e de couro. – Estes são livros a sério. Que contam histórias, não só a entediante linhagem de alguém.

Cruzo os braços ao peito.

– Ainda bem que ficou impressionada.

Isto faz endurecer as suas feições. Em certo sentido, essa expressão fá-la ainda mais bela.

– Só estou impressionada por ser um pirata – diz ela.

– E acha que somos uns imbecis iletrados?

– Sim – diz ela.

– É justo. E isso pode ser verdade para a maior parte dos saqueadores criminosos que pode encontrar, mas nunca dará o justo crédito à tripulação do *Nightwind* em matéria de inteligência.

O ceticismo permanece no seu rosto.

– Se pensa que a inteligência é uma espécie de virtude para um homem que tem uma jaula no quarto, então você é mais insensato do que eu pensava.

Solto uma risadinha e dirijo-me às janelas, espreitando para fora.

– 'mor, vai descobrir que somos todos tresloucados neste navio. Não nos chamam às vezes de Irmandade do Diabo por...

Mas antes de poder terminar as minhas palavras, percebo o erro que cometi. Ouço a lâmina de uma espada a ser desembainhada e, sem dúvida, apontada na minha direção.

Capítulo 6

Maren

Tenho a espada de pirata apontada diretamente para o capitão Battista. Há uma mesa entre nós, mas, mesmo assim, sabe bem ter uma arma na mão. Posso não saber lutar bem com uma espada – só fui brindada com a esgrima em algumas ocasiões, e nem mais nem menos do que pelo meu sogro, o rei, que se animou bastante com o meu interesse pelo combate –, mas sinto que poderia causar danos, se chegasse a isso.

O capitão vira-se devagar e olha para a espada, dando nota dela com um erguer da sobranceira escura.

– Calculei que esses elogios todos à literatura fossem uma artimanha.

– Não foi uma artimanha – digo, rangendo os dentes enquanto agarro com mais força o cabo da espada de pirata. – Mas também não sou uma idiota.

Ele cruza os braços sobre o peito e encosta-se às janelas. Apesar do tamanho do quarto, ele é uma presença de comando. De calções e botas pretas, uma camisa branca lavada e um coldre de couro castanho-escuro, que cruza no peito e nas costas com muitas armas e fivelas, parece ser ali o seu lugar. Tem ar de ser do tipo que passaria a noite a abrir os tomos com as suas grandes mãos cheias de anéis de prata e a rebentar os miolos das pessoas com o rodar de uma pistola. Também tem ar de ser um homem com uma jaula para um ser humano nos aposentos, mas provavelmente oferecer-lhe-ia alguma comida e bebida de vez em quando. Talvez até lesse para ele.

E depois, há as outras coisas nos seus aposentos que eu acho intrigantes. Os cristais. Frascos de ervas e sal. Coleções de conchas e ossos. Velas negras. Artefactos que só uma bruxa teria. Porque os tem? Será que os usa? Será que também ele possui magia? Admitiu abertamente haver magia nas velas do *Nightwind* para explicar a rapidez com que segue. Como conseguiu essa magia? Será uma espécie de bruxa? Isso explicaria muita coisa.

– Então, o que planeia fazer, Vossa Alteza? – diz ele, com uma vénia fingida. Estremeço ante o movimento, a espada vibrando na minha mão, mas ele não faz menção de pegar em nenhuma das armas que tem sobre o corpo.

O meu plano é simples e fabricado ali mesmo.

– Quero que me deixe saltar borda fora. Atravesso a prancha, não quero saber, desde que me deixe ir embora.

Ele resfolega.

– Atravessar a prancha. – Dirige-me um olhar seco e inclina a cabeça. – Nós não *fazemos* isso aqui.

– Estou-me nas tintas para o que fazem aqui – digo, a ferver de raiva, encontrando coragem bem no fundo do meu ser. – Mas se não me deixar nadar até terra, acabo consigo.

O canto da sua boca dispara para cima e, se eu não quisesse atravessar-lhe o corpo com a espada, iria achá-lo quase belo.

Ele abre bem os braços, exibindo a largura do seu peito.

– Então acabe comigo, 'mor. Não vou lutar contra si.

– É um pirata muito irritante – digo asperamente, dando um passo em torno da mesa.

Ele nem se mexe, fica exatamente onde está.

– E você é uma princesa mais irritante ainda – diz ele. – Tanta conversa e nenhuma ação.

– Estou a avisar – digo-lhe.

– Se quer ir, vá.

Estreito os olhos para ele, tentando descortinar o seu jogo.

– Só lhe ofereço a minha proteção – acrescenta.

– De quem?

– Do seu marido.

– E de si?

– Nunca prometi proteção de mim.

– Eu calculei.

Não importava. Era melhor o diabo que eu conhecia. Por mais que eu odiasse a ideia de ser enjaulado com o Aerik, especialmente durante dois meses, pelo menos sabia como ele funcionava. Não conhecia este pirata, de todo. Até agora, tinha revelado ser totalmente imprevisível e eu não engulo este ato cavalheiresco nem por nada, quando é o mesmo homem que massacrou toda a minha tripulação e criados sem pensar duas vezes.

Começo a recuar, dirigindo-me para a porta. Se conseguir lá chegar a tempo, posso ir a correr para o convés superior e atirar-me ao mar. Ele tem razão quando diz que o navio segue muito mais depressa do que parece ser possível, mas, mesmo assim, vale a pena arriscar. Se eu sobreviver à queda, vou nadar até à costa.

– Eu sei que quer voltar à sua vida real o mais rapidamente possível... – diz ele.

Solto uma gargalhada ácida.

– É isso que pensa? Se calhar, eu preferia desaparecer na selva, nunca mais ser vista. Seria melhor do que ficar aqui com gente da sua laia e melhor do que qualquer coisa que o meu papel me possa trazer.

Mais um erguer de sobranceiras.

– Estou a ver. Bem, no caso de os seus desejos não serem viáveis, a minha oferta continua em cima da mesa.

Aceno com a cabeça na direção da jaula, mas não ousa desviar os olhos dele.

– Quer meter-me aí? Se realmente quiser separar-me do Aerik, ponha-me no porão com os outros. Pelo menos deixe-me estar com a Daphne.

Abana a cabeça com veemência, os olhos brilhando.

– Ah, receio que não fosse gostar disso, 'mor – diz ele roucamente.

Quero perguntar porquê, mas não me atrevo. Tenho medo de que, se mostrar mais preocupação com a minha aia, ele possa fazer-lhe mal de propósito. Em vez disso, recuo mais, agora quase até à porta.

– Deduzo então que isto seja uma despedida, princesa – diz ele, os olhos tempestuosos zombando de mim com falsa tristeza.

Tateio à procura da maçaneta, ainda com a espada apontada para ele, preparando-me para abrir a porta e esperando não tropeçar no meu vestido quando der uma corrida.

Miau.

Olho para baixo e vejo um gato tigrado dirigindo-se às minhas pernas, de cauda levantada e a abanar, sem uma única preocupação na vida.

Antes de eu conseguir sequer registar a minha surpresa, vejo o capitão saltar por cima da mesa. Move-se sem um som, sem sacudir sequer uma cadeira, e tão rápido que se eu pestanejasse teria perdido o seu movimento.

Atira-se a mim com a pujança de vinte cavalos, pressionando-me contra a porta, a sua mão fechada sobre a lâmina da espada de pirata, impedindo-me de lha enterrar no peito. Não desembainhou nenhuma arma, está apenas a usar a sua força bruta para me manter no meu lugar.

O seu rosto aproxima-se e quase sou engolida pelos seus olhos, que parecem mudar entre cinzento e azul.

– Não vamos lutar, está bem? – murmura, a sua voz grave e rouca e, por algum motivo, sinto um arrepio na espinha. A intensidade do seu olhar cai nos meus lábios e sinto-o arder aí. – Embora eu goste bastante.

Empurra as ancas contra as minhas e eu sinto o quanto ele gosta. O meu primeiro instinto é sentir repulsa pela sua aparente grande luxúria por mim, mas não sinto. Em vez disso, estou distraída com o som de algo a pingar e, quando olho para baixo, vejo sangue a escorrer pela ponta afiada do espada de pirata e a pingar no chão. O gato cor de laranja que me surpreendeu aproxima-se e começa a lamber o sangue de uma pequena poça que se formou.

É o capitão que está a sangrar, não eu, e, no entanto, não larga a lâmina.

Faço uma inspiração trémula, tentando engolir. Tenho medo de o olhar nos olhos, como se me fosse afogar neles.

– Pode largar a espada agora, 'mor – diz ele baixinho. Não lhe vai servir de nada. Não a vou deixar ir embora, por mais que implore. E acredite, *adorava* ouvi-la implorar.

A minha mão começa a tremer. Tenho medo, sim, mas mais do que isso, estou zangada. Detesto sentir-me assim impotente. Se eu ainda fosse sereia, estaria a despedaçar este homem com as minhas próprias mãos, as minhas garras a arrancar-lhe as entranhas, e iria comê-las e obrigá-lo a assistir, jazendo a morrer lentamente.

Mas agora sou uma mera mulher. Sem poder, fraca e tudo o que esta sociedade humana me obrigou a tornar-me. Sou tudo o que odeio.

Ele inclina a cabeça e franze a testa, estudando-me.

– Não desperdice as suas lágrimas comigo, princesa – diz ele, e é aí que eu percebo que estou a chorar em silêncio, com as faces molhadas. – Vamos levá-la de volta ao seu lugar.

Com um movimento suave e súbito, arranca a espada e atira-a pelo quarto, fazendo com que o gato se sobressalte com um grito, os pelos eriçados quando corre para um canto.

Então, o capitão agarra-me pelo bíceps, o sangue das suas mãos sujando-me o vestido, e abre a porta, puxando-me para o nível inferior.

Em momentos estou de volta ao espaço que contém a cela e, antes que eu me dê conta, a porta está destrancada e sou empurrada de volta para dentro dela com o Aerik.

– O que aconteceu? – pergunta o meu marido.

– Ela tentou fugir – diz o capitão, mostrando a mão ensanguentada. – Acredite ou não, eu estava a começar a ter pena. Tem um trabalho duro em mãos, camarada.

– É príncipe Aerik do reino da Dinamarca para si! – grita-lhe ele, e nunca pareceu tão lamentável. Mas que raio é que eu alguma vez vi nesta triste figura de homem?

– Na verdade, para mim, você é um palerma de meia haste com cara de botarra – diz o capitão, virando-se para a porta.

O Aerik solta um grito de indignação, depois a raiva ilumina-lhe os olhos quando se vira para mim.

– Então, ele é que está ferido e não tens uma única marca? O que és agora, uma prostituta? Espia deles?

Agora está furioso, não tem a cabeça no lugar e ergue o punho para me bater.

Mas acontece tudo tão depressa.

Ouve-se um estalido que parece cortar o ar e um chicote «gato de nove caudas» aparece do nada, as tiras de couro alcançam a barra e enrolam-se no antebraço de Aerik antes que ele tenha oportunidade de me tocar.

O capitão Battista puxa o chicote de volta e o braço de Aerik é puxado por entre as grades, com o rosto e o corpo esmagados contra a jaula.

O pirata faz estalar de novo o chicote, torcendo o braço de Aerik num

ângulo medonho. O Aerik grita e Battista torce-lhe ainda mais o braço ao aproximar-se dele em passo dengoso.

– Não toca nem com um dedo na princesa – diz ele com voz grave e firme, as palavras transbordando de ameaça. – Eu sei que acha ser um direito seu como marido, mas agora já não tem direito a nada e, especialmente, a ela. A princesa agora é propriedade minha, assim como você, e se o apanhar a deixar de novo uma marca na minha propriedade, como-lhe os tomates ao pequeno-almoço. Entendido?

O Aerik continua a guinchar de agonia, o suficiente para eu ter de falar.

– Pare – digo ao capitão. – Ele compreende.

O pirata lança-me um olhar furtivo.

– Tem a certeza? Porque, a uma palavra sua, faço muito pior do que isto.

Aceno com a cabeça. Não preciso de lhe dizer que, se alguma vez tiver oportunidade, sou capaz de lhe fazer o mesmo.

Ele acena devagar com a cabeça, uma mera sugestão de sorriso a curvar-lhe os lábios. Ele sabe.

– Muito bem, princesa – diz ele. Recua e, com um rápido movimento do pulso, desenrola o chicote, libertando o Aerik, que se estatela contra as grades. Cai no chão com um gemido lamentável e o capitão coloca o chicote de novo contra a parede. – Que seja à sua maneira.

E depois sai, fechando a porta atrás de si. O quarto não tem janelas e, sem a luz do resto do navio, eu e o Aerik somos de novo engolidos pela escuridão, as tábuas do navio tão herméticas que nem um ponto de luz entra.

– Porra – diz o Aerik, da sua posição aos meus pés. – E porra para ti, meretriz.

Estou tão tentada a dar-lhe um pontapé de lado, como ele me fez quando me atirou ao chão. Mas não o faço.

Em vez disso, ameaço-o.

– Podes chamar-me os nomes que quiseses – digo-lhe. – Mas, da próxima vez que me tocares, vou certificar-me de que ficas sem o pulso.

– Ah, vai à merda!

Não digo nada em resposta. Não preciso. A ameaça está lá.

Só detesto ter de agradecer ao capitão Ramsay «Ossos» Battista por isso.

* * *

O Aerik passa a manhã a choramingar com dores. Faço o que posso para me abstrair. Quanto mais o ouço, mais pena dele sinto e, neste momento, não é pessoa que mereça um pinga da minha compaixão.

A dado momento, um dos tripulantes, um rapaz jovem de ar doce com cerca de dez anos, vem dar-nos uma tigela de água, como se fôssemos dois cães, e dois ou três pedaços de biscoito para mordiscar, colocados suavemente do lado de fora das grades.

Se eu estivesse em melhor estado de espírito, tentaria falar com o rapaz para o convencer a libertar-nos. Tenho a certeza de que não serviria de muito,

sendo ele aprendiz de pirata, possivelmente coagido para o serviço, mas teria valido a pena.

Naquelas circunstâncias, eu estava muito cansada por causa das provações daquela manhã e não disse uma palavra. O Aerik, que normalmente também teria tentado dar ordens ao rapaz, manteve-se igualmente em silêncio.

O rapaz foi-se embora e nós mergulhámos mais uma vez na escuridão. Só então me servi de umas palmas cheias de água, a pingar, porque a tigela não cabia entre as grades, e um pedaço do biscoito, que tinha um sabor divinal, não tendo eu comido nada desde o pequeno-almoço da véspera.

De barriga meio-cheia, durmo um sono intermitente e só acordo quando o navio está repleto de gritos. Gritos vindos do porão abaixo de nós, gritos da nossa tripulação e dos nossos criados, que são mantidos lá em baixo. Um som tão pouco natural que é de pôr os cabelos em pé.

Um dos gritos pertence à Daphne.

Capítulo 7

Ramsay

– Que dizes tu, rapaz? – pergunto ao Henry quando ele sobe as escadas até ao convés, onde estou sentado num banco corrido, de óculo ao meu lado.

Henry estica a mão para a saca de sarapilheira e atira-me uma maçã, que apanho sem sequer olhar.

– Só? – pergunto, examinando a superfície da maçã, vermelha, mas salpicada de toques. – Já viu dias melhores.

Ele começa a procurar na mala, mas eu rapidamente faço um sinal de descarte com a mão.

– Não, não. A maçã é boa. Dá para passar o tempo até cruzarmos o estreito. O que eu quero dizer é: como estão os prisioneiros?

– Quais? Os que estão no porão estão aos gritos.

– Já era de esperar. E o casal na cela?

Ele encolhe os ombros.

– Parecem bem, acho eu.

– Falaram contigo?

Ele abana a cabeça.

– Não. Acho que o sujeito nem olhou para mim. A senhora sim, mas não disse nada, limitou-se a observar. É bonita.

Dou por mim a sorrir.

– É, não é? E não é só uma senhora, mas uma princesa.

– Se calhar, devia ter roupas melhores. E alguém para lhes mudar o balde. Está a começar a cheirar mal lá.

Franzo o nariz. Esqueci-me de como os prisioneiros podem feder. Os que estão no porão vão cheirar muitíssimo pior. No final, apenas quem tiver nariz de aço pode descer até lá. Somos diferentes de outros no negócio dos navios, pois a limpeza é um pilar da Irmandade e a nossa tripulação mantém elevados níveis de higiene, banhando-se regularmente na água da chuva dos

barris, que guardamos no convés e usando a cabeça no gurupé. Eu tenho a minha própria banheira e uma sanita no exterior dos meus aposentos, embora deixe também os oficiais superiores, como o Thane e o Cruz, usá-la quando solicitam privacidade. Ah, e a Sam, já que ela é uma mulher e isso tudo. Passa mais tempo lá do que fora, para nossa irritação. Às vezes acho que ela só quer fazer uma pausa de nós, e não lhe posso levar a mal por isso.

– Vou tomar nota, Henry, meu rapaz – digo-lhe. – Vamos arranjar alguém que lhes troque o balde, talvez se arranje um vestido novo para a senhora. Já revistámos as malas que saqueámos do navio deles?

– O Remi e o Horse estão a fazer isso neste momento.

– Ótimo. Diz-lhes que ponham as coisas da princesa nos meus aposentos. E depois diz-lhes que regressem aos seus postos. – Olho em volta, para a terra por onde estamos a passar. – Quero os nossos artilheiros a postos até chegarmos ao mar alto. Isso também se aplica ao Matisse e ao Sterling. Depois pede ao Lothar que troque o balde da realeza.

Henry anui e vira-se para sair.

– E mais – digo, e ele vira-se para me olhar, aguardando minha ordem. – Se puderes pedir ao Sedge que faça mais uma cafeteira de café e me traga uma caneca, isso seria ótimo.

– Com rum, senhor?

– Isso só à noite. – Bato com o dedo de lado na cabeça. – Preciso de estar astuto.

Ele dirige-me um sorriso endiabrado.

– Acha que eu posso finalmente tomar café? Com açúcar e leite?

– Se achas que mereces – digo. – Talvez faças uns exercícios de vocabulário hoje à noite e depois vemos.

Ele acena tão seriamente que quase me rio. Apressa-se a descer as escadas com um saltito adicional no seu passinho. Tenho a sensação de que o rapaz não vai gostar de café, a menos que Sedge, o nosso cozinheiro, o prepare de maneira a ser sobretudo leite quente. Tal como sucedia com a Hilla, o carinho do Henry pelos doces não tem limites.

Henry veio para bordo do *Nightwind* quando tinha apenas cinco anos. Era filho de uma pirata, Elizabeth, que se juntou à nossa tripulação quando estávamos escondidos na Vila do Porto Fragrante, na China. Tinha ouvido falar de nós e abandonou o navio inglês pertencente à Companhia das Índias Orientais em que estava. Acolhemo-los na nossa família, sempre felizes por aumentar a Irmandade do Sangue, e o Henry tornou-se o melhor amigo do Lucas, que é o rapaz do Thane e da Sam, apenas dois anos mais velho.

Depois aconteceu uma tragédia, como parece ser muitas vezes o caso no *Nightwind*. Talvez seja essa a natureza do jogo, desta vida que escolhemos, a forma como o nosso serviço ao diabo pode encurtar tanto as nossas vidas. Mas estávamos no processo de saque de um navio mercante quando um dos oficiais capturou Elizabeth e lhe cortou a cabeça. Foi um ato de violência feroz, mesmo aos nossos olhos, se bem que talvez a nossa reputação de

sermos difíceis de matar tenha levado o oficial a tomar medidas tão medonhas.

Funcionou. A Elizabeth morreu, a sua cabeça foi erguida como um prémio, depois todos nós cercámos o oficial e assegurámos que o mesmo lhe fosse feito. O Henry ficou aos cuidados do navio e eu ganhei afeto ao rapaz. Lembra-me a Hilla em tantos sentidos, é doce e pensativo, mas com uma qualidade travessa. Faz com que eu me mantenha alerta e a sua presença, juntamente com a do Lucas e dos outros pajens, os gémeos John e Bart, de dezoito anos, dão um impulso de juventude ao navio – que tanta falta faz, já que a Irmandade às vezes se cansa e fica presa aos seus hábitos.

Até comecei a ajudar o Henry e o Lucas nas competências de leitura e escrita, quando posso, e a minha biblioteca de livros transforma-se em sala de aulas duas ou três vezes por semana. A Sam e o Thane ensinam-lhes coisas como matemática e história o resto do tempo. Crescer num navio não é desculpa para não ter estudos.

Fala-se no diabo.

– Ramsay – chama o Thane, subindo as escadas para o meu convés.

Como de costume, o meu irmão está todo vestido de preto, desde a camisa de mangas arregaçadas até aos bíceps e desabotoada para mostrar as camadas de colares sobre o seu peito, até aos calções largos e pretos. Em qualquer outro homem, a roupa dar-lhe-ia a aparência de ser atarracado e cortado ao meio, mas eu e o meu irmão partilhamos os mesmos genes, que nos dão altura e largura aos ombros. Atrevo-me a dizer que o Thane pode ser capaz de conseguir qualquer coisa, especialmente com o cabelo cortado rente e bem sob o chapéu, ao contrário do meu, que é desgrehado e me cai sobre o ombro, muitas vezes puxado para trás com uma faixa preta.

Dou um toque ao meu chapéu para cima e mordo a maçã.

– Sim, intendente? – digo, a minha maneira de lhe recordar que não se dirigiu a mim como capitão.

Franze o sobrolho para mim enquanto como a maçã.

– Pareces extremamente cavalheiro, considerando tudo o que está em causa.

– É a maçã, irmão. Qualquer pessoa a comer uma maçã parece que não tem nada melhor para fazer. – Observo-o por um momento, a posição do maxilar e o olhar de falcão nos olhos. – Já pensaste em fazer uma incursão na frivolidade, de vez em quando? Pode levar-te a teres sentido de humor.

Ele responde com um som áspero.

– Se eu *fizesse uma incursão na frivolidade*, como sugeres, provavelmente encalhávamos. – Pigarreia. – Olha lá, podemos ter um problema em mãos.

– Quando é que não temos?

– Ramsay – diz ele com brusquidão. – Tive informação de que a marinha pode estar nestas águas.

Levanto-me e passeio-me até ao corrimão, arremesso a maçã comida

borda fora e contemplo o horizonte à procura de sinais de navios.

– Tiveste notícia, dizes tu? De quem? – pergunto, embora só haja uma maneira de as notícias viajarem quando se navega. Experimentámos pombos-mensageiros, mas o *Skip*, o gato do navio, comeu-os as mais das vezes.

– Tu sabes de quem – diz ele, com um toque de irritação na voz.

– Da tua bola de cristal? Sabes que, quanto mais depressa admitires que a magia existe, mais depressa podemos trazê-la à luz.

– Obviamente, sei... olha, não importa. Sim. Usei a bola.

– E?

– E perguntei se havia algum perigo à frente e foi quando vi o navio da marinha.

Penso nisso por um momento. A bola nem sempre está correta. Sim, pode mostrar o futuro, mas as imagens são muitas vezes nebulosas, sem ligação a tempo ou espaço. O Thane pode ter visto um navio da marinha, mas saber quando, no futuro, nos cruzamos com ele é mais difícil de determinar.

A bola de cristal, em si, foi um presente que a minha mulher, Venla, lhe deu quando se casou comigo e entrou para a família. Ela era bruxa e sabia que o meu irmão e os meus pais seriam difíceis de conquistar. Com efeito, precisei de muito tempo para eles concordarem sequer em conhecê-la. As bruxas não são as criaturas mais apreciadas na minha família, nem em lado nenhum, na verdade.

Então, a Venla deu ao Thane uma grande bola de cristal, um quartzo translúcido que se tornava de um tom opaco de roxo e rosa quando era usado com a energia da própria pessoa. A Venla disse ao Thane que ele podia usá-la para manifestar o que quisesse, ou que podia pedir-lhe que lhe mostrasse o futuro.

Tenho de admitir, fiquei com ciúmes quando ela lhe deu aquilo. Parece mesquinho, mas eu estava tão habituado a que o meu irmão mais velho recebesse tudo e incomodava-me que ele pudesse usar a bola e eu não. Mesmo que eu segurasse a bola e pedisse as mesmas coisas, nunca me mostraria nada.

A Venla ria-se quando eu me queixava e dizia que casar com uma bruxa me dava vantagem. E deu, em muitos aspetos, incluindo o vento nas velas, mas agora o Thane tem uma coisa da Venla e eu não. Há muito tempo que a Venla morreu e eu consegui aceitar a sua morte, mas não deixaria de ser bom ter uma parte dela. Eu tinha a Hilla, eu tinha o livro, mas a bruxa do mar tirou-me tudo.

– Ramsay? – diz o Thane, trazendo-me de novo para o presente.

– Sabes se algum dos navios que viste é do Smith? – pergunto, baixando a minha voz automaticamente ao dizer o seu nome. O mesmo que faz dilatar as narinas do meu irmão, e a sua postura endurece ainda mais do que antes.

Abana a cabeça.

– Se eu soubesse, ter-te-ia dito.

– Bem, então não temos alternativa a não ser estarmos preparados. Já disse aos pistoleiros para irem para os seus postos, o Matisse e o Sterling

também.

Ele acena e ajusta o chapéu, perscrutando a área. O céu ainda está um pouco nebuloso, a humidade cola-se-me à pele e o ar tem um cheiro telúrico e doce, a flores, quando passamos perto de terra. De ambos os lados do navio há ilhas, exuberantes com palmeiras que revestem as praias açucaradas de areia branca, o mar muda entre tons de azul e turquesa antes de encontrar a costa. É um paraíso tropical, a um milhão de quilómetros de distância das frias e húmidas terras altas escocesas em que eu e o Thane fomos criados. E, no entanto, pessoas do nosso passado, como o capitão Ed Smith, podem seguir-nos até aqui. Dizem que o mundo é grande e interminável e que não está mapeado, mas, na minha opinião, é muitíssimo pequeno.

– Ouvi dizer que andaste a perguntar se alguém tocou na princesa – diz o Thane.

– A quem ouviste isso?

Lança-me um olhar sabedor. O papel do intendente não é apenas ser o segundo no comando, à frente do imediato, mas ser aquele a quem a tripulação se dirige para tudo e mais alguma coisa.

Embora a personalidade rezingona do Thane pudesse fazer um crocodilo parecer encantador, a sua natureza estudiosa e atenciosa convida os outros a procurar o seu conselho.

– Foi a Sam que me disse.

A Sam e os outros todos, de certeza.

– Na verdade, eu não esperava que ninguém da tripulação tivesse tocado nela, exceto o Sterling, é claro. Estava só a fazer um jogo com ela.

– E que jogo era esse, exatamente? – pergunta-me, com a sobrancelha erguida.

Fico a remoer na pergunta, para fazer uma pausa.

– Para ser franco, não tenho a certeza, irmão. Ela mexe comigo.

Os meus olhos revistam as enseadas mais próximas ao passarmos, mas, mesmo assim, sinto o olhar do meu irmão focado em mim.

– A ideia de os tomares como reféns foi tua, companheiro. Daqui não vai sair nada de bom se essa mulher *mexe* contigo.

Abano a cabeça.

– Não, não é isso. Só que ela tem qualquer coisa de diferente. Não sei o que é. E o facto de estar com um idiota como o príncipe com cara de doninha...

O Thane resfolega, numa expressão de humor seco.

– Como se tu fosses um cavalheiro, em vez de um pirata sujo.

– Sujo? – digo, com desdém. Estendo a mão. – Estás a ver estas unhas? Nem uma pitada de sujidade debaixo delas. Somos o bando de piratas mais limpo que já se viu.

– Sim. Talvez conseguíssemos essa reputação se deixássemos as pessoas viverem o suficiente para espalhar a verdade. – Recosta-se na balaustrada e inclina a cabeça de lado. Surge uma expressão grave no seu rosto, que lhe

acentua as rugas em redor dos olhos. – Sabes, um dia destes vai haver um ajuste de contas. Pelo que nós fizemos. Pelo que somos. Não vai ser bonito.

Lanço-lhe um olhar acutilante.

– Um ajuste de contas? Não achas que já ajustaram contas comigo? Não achas que já paguei o preço quando a perdi? Eu era *bom* quando tinha uma filha.

– Tu nunca foste bom, Ramsay – diz ele, num resmungo. – Nem eu. Como poderíamos ser, com a origem que temos?

– Então, o ajuste de contas é pelos pecados do pai – digo, resmungando.
– Continuo a achar que paguei a minha quota-parte.

Pago-a todas as manhãs, quando acordo e me dou conta de que a Hilla não está comigo.

– Não podemos continuar a fazer isto para sempre.

– Podemos, sim – digo-lhe taxativamente, tentando escapar a esta sensação de me estar a afundar no meu íntimo, como se me estivessem a prender com tijolos. – *Podemos* fazer isto para sempre. Não existe outra vida para nós, Thane. Como poderia existir? É onde estamos mais seguros, juntos. Não pertencemos ao velho mundo nem ao novo, por isso temos de criar um para nós. Esta é a nossa casa.

Sacode a cabeça ao mesmo tempo que morde o lábio.

– Não é sítio para se criar uma criança.

– É o único sítio para se criar um filho teu. Foi por isso que o nosso pai o fez connosco.

– E fez de nós isto. Assassinos. Fez de nós...

– Fez de nós homens do destino, que fazem o que é preciso para sobreviver – interrompo-o. – Esta vida que escolhemos, este navio, esta tripulação, estamos a fazer o que podemos para viver mais um dia. Admito que talvez a matança sem sentido tenha ido longe demais e a minha sede de sangue leve a melhor sobre mim e talvez não tenha de ser assim. Talvez eu precise de ser refreado, antes que me torne um verdadeiro louco. Mas esta é a única vida, o único caminho, que nos permite ser quem realmente somos. Não vou desistir disto tudo por uma vida em terra, onde a sociedade nos destruiria, nem por nada.

Ele suspira pesadamente, passando a mão pelo rosto.

– É um discurso inflamado, mas já ouvi isso tudo antes. É hora de te lembrares de o usar com a tripulação. Já faz algum tempo que não têm um propósito. Tens de lhes dar um, Ramsay, ou terás um motim em mãos e eu acho que não sou suficientemente importante para eles pararem.

A palavra «motim» é um murro no estômago.

– Quem é que anda a falar em motim? O Sterling?

O Sterling anda sempre com *essa* palavra na boca, desde que foi despromovido de imediato para artilheiro, depois de eu ter assumido o controlo do *Nightwind*, quando o meu pai foi morto. Ele queria que o capitão fosse ele, não eu. Escusado será dizer que a sua tentativa de controlo não

correu bem. Não confio nele e, se este navio fosse outro qualquer e eu fosse outro pirata, ele teria ido embora. Mas o Sterling faz parte da irmandade e, por enquanto, fica.

– Que eu saiba, não. E não é ninguém em particular. É só uma sensação.

– Foi a tua bola que te mostrou isto?

Ele consegue sorrir.

– As minhas bolas mostram-me montes de coisas.

Rio-me com isto, quase a fazer notar que o seu sentido de humor pode ser imaturo, mas pelo menos está presente, quando, de repente, o Drakos grita do cesto da gávea, ao alto.

– Navio! Trezentos metros a bombordo!

Capítulo 8

Maren

Se eu fosse uma senhora como deve ser, provavelmente teria ficado insultada por eu e o Aerik estarmos a ser tratados como animais enjaulados, mas quando o pirata calado, de olhar sombrio e ameaçador e gestos calmos veio recolher o nosso balde e substituí-lo por um limpo, senti-me apenas grata. Estava a começar a cheirar pessimamente e qualquer sentido de recato desapareceu há muito tempo.

Mas o Aerik, apesar do braço deslocado, decidiu provocar o pirata, que reagiu rapidamente com uma faca na bochecha dele. Por sorte, só fez um arranhão, mas o pirata pareceu gostar excessivamente de o fazer.

– Filho da mãe – diz o Aerik entre dentes, enquanto limpa o sangue da bochecha, e o pirata vai-se embora. Desta vez, não fecha a porta, deixando-nos com um pouco luz para podermos ver.

Se calhar, se não estivesses tão cheio de orgulho tolo, não terias sido tão maltratado, penso no meu íntimo, mantendo o silêncio sobre o assunto. Eu sei que o capitão o ameaçou com mais estragos se me pusesse a mão em cima, mas, como parece que o Aerik não aprende com os erros, não arrisco.

Agora com a porta aberta, ouvimos o pirata que esteve há pouco connosco ir para outro sítio neste convés e começar a falar com outros piratas, que ele trata por artilheiros. Qualquer coisa sobre estarem a postos, caso surja a ocasião.

De repente, o navio irrompe em gritos vindos do convés superior, muito diferentes dos gritos que ouvimos, de forma intermitente, do porão. Estes tresandam a pânico e, por um momento, sinto-me esperançosa. Se estão em pânico, significa que foi avistado outro navio, um inimigo, e, com alguma sorte, será algum tipo de autoridade. Quer tenham sido enviados para nos resgatar ou para derrotar os piratas, a nossa liberdade pode estar a momentos de distância.

O Aerik olha-me de soslaio, de dedos pressionados na face.

– O que é que achas que aquilo é? – questiona. – Estamos sob ataque?

– Pode ser o nosso resgate.

Por um momento, a raiva desaparece dos seus olhos, que se enchem de esperança, e ele parece-se muito com o rapaz por quem me apaixonei há dez anos. Naquela época, ele era mais suave. Não deixava de ser um tolo, impetuoso e egoísta, mas eu amava-o sinceramente e sei que ele me amava. Só que Edonia nunca disse que o amor humano pode usar muitas roupagens e pode mudar ao longo dos anos, tornando-se azedo e corrompido como leite estragado.

BANG!

Ouçõ primeiro o fogo do canhão, ao longe e abafado, vindo do outro navio e agarro as grades, preparando-me para o impacto.

Ouve-se um estrondo forte e o navio balança; agarro-me com força enquanto o Aerik cai de joelhos, a comoção no piso de cima aumenta e ouço o capitão gritar:

– Estamos debaixo de uma surriada! Disparem fogo de canhão!

Os canhões disparam dentro do navio. Devemos estar no convés das armas, porque, pelo som, parece que está a acontecer ao nosso lado; sinto o navio estremecer quando os canhões recuam, o cheiro da pólvora e o fogo, seguidos pelo riso maníaco dos atiradores.

PUM!

Outro tiro alto, este aparentando estar mais perto e, quando atinge, desta vez parece que fez algum dano ao *Nightwind*; o navio tomba violentamente e sou atirada ao chão, ao lado do Aerik. Ouvem-se gritos em baixo, não muito diferentes dos que ouvimos antes, mas eu sei que é por termos sido atingidos. E se acertou perto da linha de água, onde fica o porão, existe a possibilidade de afundarmos.

Estou prestes a dar voz a estes pensamentos ao Aerik, quando ouço o grito da Daphne aproximar-se de nós, seguido de passos e dos gritos dos outros.

– Daphne! – grito, esperando-se que ela possa ouvir-me no caos.

– Princesa! – grita, em resposta, algures do convés.

– Os prisioneiros estão a fugir! – ouço um dos artilheiros gritar.

– Deixa-os – rosna outro. – Rapaz, limpa o cano e carrega!

De repente, a Daphne aparece à porta. Com a luz atrás dela, parece a mesma de sempre, a sua silhueta familiar.

Depois, tropeça para dentro e eu arquejo, horrorizada. Ela está coberta de sangue.

– Estás ferida! – grito, de coração partido ao ver a minha companheira mais antiga em tal desalinho. Tem o cabelo enfiado, os pulsos enfaixados como se tudo o que passou a tivesse levado a uma tentativa de suicídio.

– Monstros! – grita ela, com voz crua enquanto agarra as grades da cela, com os olhos manifestamente enlouquecidos. – Eles são monstros, todos eles.

Tem de abandonar este navio, princesa, tem de o fazer! Vão fazer-lhe o que fizeram ao resto de nós!

– Calma – diz-lhe o Aerik. – O que aconteceu? Estamos a afundar?

Ela pestaneja para o Aerik, como se não soubesse quem ele é.

– Este navio não é normal. Não é um navio normal. Não pode afundar, se foi construído nas entranhas do inferno!

O meu estômago fica às voltas, com terror, depois das palavras dela.

– Controla-te, mulher, e tira-nos daqui! – diz o Aerik bruscamente.

Ela abre a boca para dizer alguma coisa quando, de repente, se dá outra explosão, tão forte e ensurdecadora que parece vir de dentro do meu cérebro e rebentar-me os tímpanos. Com o som da madeira estilhaçada e da torção do metal, sou atirada para trás, contra a outra parte da cela, batendo com a parte de trás da cabeça contra as grades antes de cair no chão, num amontoado.

Fica tudo preto e sinto um zumbido nos ouvidos, o mundo além está abafado. Consigo ouvir o meu batimento cardíaco na cabeça, o que, pelo menos, me diz que estou viva. Obrigo-me a abrir os olhos, mas a minha visão está um pouco turva, parece que tenho a cabeça cheia de bolas de algodão.

O que aconteceu?

Tusso e ergo-me sobre os cotovelos, depois olho em redor. O Aerik está a gemer no chão ao meu lado, embora não pareça mais ferido do que antes. A bola de canhão entrou forte o suficiente para destruir o canto da cela, derrubando duas das grades, bem na frente de onde eu estava a falar com a Daphne e...

Oh, meu Deus! Não!

Daphne!

Ela jaz imóvel no chão, de cara para baixo, uma poça de sangue à sua volta.

– Daphne? – digo baixinho, com a voz trémula.

Ela está bem. Vai ficar bem.

Ela *tem* de estar bem.

– Daphne? – chamo, desta vez mais alto, com tanto terror de que possa não me responder.

Oh, por favor, meus deuses, não permitam que ela esteja morta. Por favor, por favor, por favor.

Arranjo maneira de rastejar sobre as lascas de madeira e metal que foram destruídos pelo tiro de canhão e estender o braço pelo espaço recém-aberto nas grades, arrastando-me por entre elas até junto da Daphne. Mal atravesso as grades, ponho as mãos nos ombros dela e faço-a rolar.

E grito.

Tem um grande pedaço de metal espetado no peito, com sangue a jorrar. Os seus olhos estão revirados, a boca aberta.

Não pode estar morta. Não pode ser esta a minha certeza.

– Daphne? – chamo, com voz fraca, um sussurro. Bato-lhe ao de leve na cara, de lado. – Por favor, acorda. Por favor.

Mas ela não se mexe.

Talvez se eu lhe tirasse aquele estilhaço...

Passo as mãos pelo seu peito, sobre o metal, mas não posso puxá-lo. Está preso com muita força e tenho as unhas partidas e curtas dos últimos dias. Se ao menos tivesse as garras que tinha quando era sereia, então seria capaz de o arrancar. Talvez eu possa usar o meu vestido para estancar o sangue?

– O que estás a fazer? – diz o Aerik e eu olho por cima do ombro e vejo-o fora da cela e em pé, erguendo-se junto a mim, com sangue a escorrer-lhe de lado da cabeça. – Ela está morta. Estamos livres.

Abano a cabeça, olhando de relance para ela. Já o rubor rosado que ela sempre teve nas suas faces róiças desvanece.

Ela desvanece.

Talvez já cá não estivesse mesmo antes de eu lhe ter tocado.

Acho que nunca tinha visto ninguém morrer. Mesmo quando a minha mãe trazia marinheiros para casa, para nós comermos, eles estavam mortos muito antes de chegarem às profundezas de Limonos.

Mas a Daphne... ela tem sido como uma mãe para mim, se não mesmo uma amiga. A única amiga que tive nestes últimos dez anos.

Não posso perdê-la. Se a perder, perco a única coisa boa que tive na minha vida à superfície e amaldiçoo-me por nunca lho ter dito. Amaldiçoo-me por nunca lhe ter contado a verdade sobre mim. Talvez ela tivesse acreditado que eu em tempos fui uma sereia, talvez não tivesse, mas teria sido bom ter alguém que conhecesse o meu segredo, alguém em quem eu confiava.

Agora, estou verdadeiramente sozinha.

– Não posso abandoná-la, Aerik – digo, com as lágrimas a começarem a queimar-me os olhos. – Não posso.

– Então estás por tua conta – diz ele e sai, a cambalear, em direção ao resto do navio.

Estou ciente de que está um caos em meu redor. Há gritos de cima e de baixo do convés, berros e mais tiros, agora de mosquete, e pistolas na parte de cima do navio, e os canhões neste nível disparam sem cessar. Há fumo e cheiro a queimado e alcatrão e, embora o navio tenha parado de tremer tão violentamente, continua a estremecer a cada explosão dos canhões.

E, no entanto, o meu mundo está reduzido a uma única coisa: a minha aia.

Morta.

O Aerik pode ter ido embora, mas parece-me tão errado deixá-la assim. Neste momento, não sei o que a morte significa. Não entendo como é que ela pode simplesmente deixar de existir.

Mas não se move. Não respira.

Cessou.

E se o Aerik acabar por escapar e eu não, vou arrepender-me para sempre. A Daphne haveria de querer que eu, pelo menos, tentasse.

Demoro algum tempo a fazer algo a respeito disso. Simplesmente, parece que não me consigo mexer. Os minutos alongam-se e sustenho a respiração à espera, a rezar, desejando que ela abra os olhos e volte à vida. E se eu me for embora e depois ela sair deste estado? E se eu a pudesse ter salvado, mas não salvei? Como posso deixá-la assim?

Mas ela não volta.

Então, baixo-me, fecho-lhe a boca e pressiono os meus lábios contra os dela, como é o costume em Limonos, e com as lágrimas a escorrerem pelo meu rosto, ponho-me em pé, instável. As sereias têm a capacidade de rejuvenescer as pessoas com o seu beijo e, embora nunca tenha sabido de ninguém que o tivesse feito, os mais velhos diziam que um beijo até podia trazer um marinheiro afogado de volta à vida.

Mas a Daphne continua morta.

E eu tenho de fugir. Eu diria que já desperdicei muito tempo, mas não se poderia chamar desperdício a nenhum destes últimos momentos com a Daphne.

Viro-me e abandono aquele espaço aos tropeções, mergulhando no fumo que obscurece os canhões. O convés das armas parece agora estar vazio, os canhões deixaram de disparar em todas as frentes. Vou a tatear até às escadas e depois subo até ao segundo nível, à procura de uma janela para o exterior, quando de repente sou abordada por alguém, e umas mãos agarram-me bruscamente os cotovelos.

– Onde julgas que vais, galdéria? – Um homem alto, careca, agarra-me. Tem a constituição de um urso e o seu hálito cheira a cerveja e a moedas. – Com que então, achavas que podias fugir durante uma lutazinha?

– Deixa-me! – digo com um rosnado, tentando libertar-me dele, mas é inútil. Tem as unhas afiadas e cravam-se com tanta força que me furam a pele. Ranjo os dentes.

– Não, não vou fazer isso. Vamos dar um passeio, sim?

– Sterling! – grita alguém de cima. – Não deixes o teu posto!

– O vento está de feição! – grita de volta o Sterling. – Não vês que não tarda o navio estará na nossa sombra?

Então, puxa-me escadas acima até ao convés superior e o sol é tão forte, depois de todo o tempo que passei lá em baixo, que mal consigo ver. Quando os meus olhos se habituam, estou à espera de ver sangue e caos no convés.

Em vez disso, a cena é completamente diferente.

O navio inimigo parece muito atrás da popa, tão longe que eu nem consigo dizer que bandeira ostenta. Não estão em retirada, mas a velocidade do *Nightwind* aumentou vários nós e estamos a deixá-los no nosso rasto, fazendo com que o meu coração fique ainda mais apertado do que já estava.

E toda a tripulação do *Nightwind* se imobilizou por completo.

Estão todos concentrados no Aerik, que tem o braço à volta do rapaz que nos trouxe água e pão, segurando um espigão de corda contra a sua têmpora. Tem a mão a tremer, sem dúvida devido ao fervor que disfarça o braço

aleijado, mas não deixa de dar a ideia de que pode matar o rapaz a qualquer momento.

– Deem-me o bote do navio – diz o Aerik com desprezo. – Ou enterro o espigão nos miolos do rapaz.

O meu olhar desvia-se para o capitão. Por uma vez na vida, ele parece totalmente preocupado, as sobrancelhas escuras franzidas, o maxilar tenso e uma leve sensação de angústia nos olhos. Será que é filho do capitão?

E embora eu nunca dê muito crédito ao Aerik – muitas vezes, é que cão que ladra e não morde, exceto quando está a lidar comigo – ele agora parece manifestamente tresloucado e imprevisível. Não me espantaria se avançasse com a sua ameaça.

– Eu disse: deem-me o bote do navio para me pôr em segurança ou esta criança morre. Entendido?

– Se a criança morrer, a tua mulher morre – rosna Sterling, com a respiração rouca e molhada no meu ouvido.

– Não planeava levá-la comigo, seja como for – diz bruscamente o Aerik. Olha para o capitão. – Negócio fechado?

Todos os olhos estão agora postos no capitão.

– Eu não faço negócios – diz o capitão, com os olhos voltados atentamente para o menino, como se lhe transmitisse uma mensagem. – E não vai deixar este navio, príncipe Aerik.

Os olhos do Aerik arregalam-se de surpresa, depois raiva e eu temo que ele esteja prestes a matar o rapaz. E depois disso, pode ser que o Sterling me mate. Para que sirvo eu sem o príncipe? A sua sobrevivência significa a minha sobrevivência.

Tenho os olhos presos na mão do Aerik, que aperta com mais força o espigão enferrujado e faz um movimento para esfaquear o rapaz e eu não posso deixar de gritar:

– Não! Aerik, para!

Mas as palavras mal saem da minha boca e já um homem pequeno salta de trás do Aerik como se fosse meio macaco e o ataca de cima. O Aerik é derrubado no chão e o rapaz consegue escapar do seu alcance, correndo para o lado do capitão, que o empurra para trás de si.

O Aerik engalfinha-se com o homem, ainda empunhando o espigão e, de alguma forma, consegue obter a vantagem por tempo suficiente para espetar o espigão de lado na cabeça do homem.

Arquejo enquanto o Sterling diz:

– Isso dói.

Ainda assim, nenhum membro da tripulação parece incomodado com o facto de o companheiro ter um espigão espetado na têmpora. Em vez disso, dois dos membros da tripulação começam a dirigir-se ao Aerik, que olha em choque para o que acabou de fazer.

Parece ainda mais em choque quando o homem que acabou de esfaquear estende de repente o braço e saca o espigão da cabeça, atirando-o depois para

o convés. Um fiozinho de sangue escorre-lhe da cabeça e põe-se em pé, cambaleante, fitando o Aerik.

– Se me queres matar, vais ter de te esforçar mais.

Capítulo 9

Ramsay

Drakos chuta o espigão para longe enquanto se dirige ao corrimão, com a palma da mão a pressionar a têmpora. Coitado, eu sei que ele deve estar com dores. Vou ter de lhe dar rações extra mais tarde, como forma de agradecimento. Embora toda a tripulação seja forte, ninguém tem a agilidade enérgica do Drakos, que salta de mastro em mastro, se equilibra numa corda fina, fazendo piruetas e cambalhotas como o raio de um acrobata. No combate corpo a corpo é um trunfo formidável e executa-o com um sorriso na cara.

Só que agora o grego não se está a rir. Aquela ferida pode demorar mais tempo do que o habitual a cicatrizar. O melhor é ele ficar fora de jogo até se curar um pouco.

– O que devemos fazer com ele, capitão? – pergunta o Horse, enquanto agarra o príncipe a estrebuchar, com o Matisse do outro lado. – Eu vi a cela, levou uma surra dos tiros.

Aceno para o Lothar.

– Vê se podes soldar a cela e se são preciso reforços no porão, se ainda está alguém vivo lá em baixo. E o navio pode precisar de alguns reparos no casco, por causa dos tiros. – Olho para o Horse e o Matisse. – Entretanto, acorrenta-o. Pelo menos assim vai ficar quieto.

– Acorrentar! – grita o príncipe e parece tão indignado que eu próprio me sinto a perder as estribeiras. Não consegue lidar com correntes, mas estava preparado para matar o Henry diante dos meus olhos?

Desloco-me como o vento e, num segundo, estou em cima do príncipe, a empurrá-lo contra a elevação do tombadilho, de pistola encostada ao seu queixo.

– Não sei quantas vezes tenho de te magoar, príncipe – digo, praticamente a rosnar para ele. – Mas isto está a começar a roubar-me tempo. Ainda assim, se alguma vez tornares a ameaçar o Henry, corto-te a pila e dou-

ta a comer à colher.

– Essa é boa, capitão – diz o Horse, com uma risadinha.

Retiro a pistola e volto a colocá-la no coldre; depois, faço-lhes sinal com a cabeça para levarem o príncipe choramingas. Assim o fazem, com o Matisse a torcer-lhe ainda mais o braço magoado, fazendo-o uivar todo o caminho pelo convés.

Ótimo. Mal tenho este príncipe há dois dias e já começa a dar mais problemas do que aquilo que vale. Se não acabarmos por receber o nosso peso em ouro para ele, o meu plano é torturar esse filho da mãe real durante muito tempo. Talvez acabe por fazê-lo, seja como for. Nem sempre tenho paciência.

Volto a concentrar-me na princesa. Ela está nas garras do Sterling e, ao ver essa imagem, fico de peito apertado, só um pouco. Não parece assustada, limita-se a observar a cena que se desenrola à sua frente, com os olhos azuis a interiorizarem tudo, mas com aquele símio de cérebro em pó com as mãos postas nela, sinto uma pontada nas costelas e não sei ao certo o que fazer.

– E você – digo, dirigindo-me devagar para ela. – Tenho de decidir o que lhe fazer, minha cara. Foi falta de providência da minha parte pensar que não iríamos precisar de dois conjuntos de correntes.

– Eu levo-a lá para baixo, para o porão – diz o Sterling, num resmungo. – Ponho-a com os outros. Se ela é inútil para o príncipe e ele não quer saber se ela vive ou morre, então ela que nos seja útil de outras maneiras.

Olho fixamente para o vazio de alma do Sterling. Sei exatamente o que ele quer dizer com ela nos ser *útil*.

– Não a levas para lado nenhum. Vais entregar-ma. – Ele assanha-se e eu inclino a cabeça de lado. – Estou a falar a sério, careca.

Ele abre os lábios e range os dentes para mim, como a porra de um animal. Eu sei que o resto da tripulação observa atentamente, para ver o que vou fazer. É agora que ele vai declarar o seu motim? Será que algum deles seguirá o seu exemplo?

– A primeira regra do navio é que o capitão fica com os melhores bens – continuo, e gesticulo para a princesa.

– Na verdade, a regra é que todos os tesouros são repartidos igualmente – ouço o Thane dizer atrás de mim e estava capaz de lhe dar um pontapé na porra das canelas.

– Depois de o capitão ter a primeira escolha – relembro-lhes. – E eu já a escolhi para ser minha. Contenta-te com os vermes no porão, Sterling. Esta tem o meu nome gravado.

O Sterling resfolega.

– Não vejo o teu nome nela.

Eu sei o que ele quer dizer. Não está a falar em sentido figurado e, agora, eu também não.

– Mas verás – digo-lhe. Olho para o Lothar. – Antes de começar a soldar, é melhor ires preparar o ferro. – Dirijo-me ao Cruz: – A corda, por favor.

Ele atira-me um carretel de corda, enquanto a princesa se faz mais rígida nas garras do Sterling.

– Ferro? – pergunta ela, acabando o medo por encontrá-la de novo.

O Sterling faz uma careta quando gesticulo, com impaciência, para que ma entregue.

– Fixa as minhas palavras – digo-lhe. – Vou *marcá-la*.

Rosna para mim, os olhinhos a brilhar de desdém e, depois de um certo diferimento, empurra-a na minha direção até ela me cair nos braços.

– Olá, 'mor – digo, num ronco, enquanto a olho de cima. – Torno a salvar-te.

Agarro-a com força e levo-a para as escadas e, depois, para o convés inferior.

– Como é que isto é salvar-me? – diz, praticamente a rosnar, estrebuchando nas minhas mãos.

– Acredita, minha cara, eu sou a melhor opção – digo-lhe. – E não há aqui mais ninguém para te salvar. O teu lindo príncipe é que não te salva de certeza.

– O navio que nos atacou veio por minha causa.

– A marinha? Talvez sim, talvez não. Não importa, agora que os deixámos tão para trás. O navio deles irá naufragar em breve e o nosso aguenta muito mais do que aquele fraco espetáculo que nos deram.

Estou a puxá-la para os meus aposentos quando espeta o pé entre os meus tornozelos e eu quase tropeço, afrouxando o meu aperto por um mero instante, o suficiente para ela escapar das minhas mãos.

Vê-la afastar-se à pressa desperta um instinto dentro de mim e não posso deixar de sorrir no meu íntimo, sempre adorando a perseguição.

Está ao fundo das escadas quando a alcanço. Cai nas escadas com um grito e eu viro-a, de modo que fica deitada de costas

– É um monstro! – diz ela, lutando comigo, mas eu puxo-lhe rapidamente os braços para cima da cabeça, prendendo-os com a corda que já amarrei à cintura. Agora não há cuidado que chegue.

– Um monstro? – repito, pressionando o meu corpo contra o dela até nem se conseguir mexer um centímetro. – Diz-me mais, minha cara. Gosto sempre de ouvir um elogio.

Os olhos dela fulminam de indignação, por um instante radiando um verde-azulado luminescente. Ela é hipnotizante de perto, a qualidade leitosa da sua pele, as sardas no nariz delicado, aqueles seus olhos radiantes, emoldurados por pestanas grossas pretas, os olhos que não reprimem nada. Eu juro que podia lê-la, como se fosse um livro, só de olhá-la nos olhos. E, neste momento, a única coisa que ela quer é matar-me.

Não sei o que há na mulher que me quer morto, mas eu juro que nada me dá mais tesão.

– Eu vi o que fez à Daphne! Ela está morta!

Por um momento, fica com os olhos marejados e eu quase sinto pena

dela.

– Eu não a matei – digo calmamente.

A sua angústia irradia para fora, envolvendo-nos.

– Ela disse que vocês eram monstros! Ela parecia gado à espera do abate.

– Continuo sem ter nada que ver com a morte dela.

– Mas teria tido, não teria?

Não digo nada em resposta a isto. Levanto-me, puxo-a para que se ponha em pé e arrasto-a para os meus aposentos, com as mãos agora amarradas à frente do seu corpo.

– Lamento muito que tenha perdido a sua aia, princesa. Eu não fazia ideia de que os laços entre a classe alta seriam tão fortes.

– Isso é porque não sabe nada!

– Sim, é o que o meu pai costumava dizer – admito, e levo-a para os meus aposentos, chutando a porta atrás de nós.

Elas olha descontroladamente em redor, à procura de uma fuga, o seu olhar dirige-se às janelas, depois às armas, mas, desta vez, não vai muito longe.

– Percebe que, mesmo que fuja, não há esperança para si – digo, enquanto a puxo em direção à jaula no canto. – Este navio segue num ápice para deixar os nossos assaltantes para trás. Em breve não verá terra. Não há para onde nadar, rapariga.

Ela assenta os calcanhares no chão, tentando ficar no lugar, mas não adianta. Estou a obrigá-la a entrar na jaula e depois, antes que possa tentar fazer alguma coisa, prendo-lhe as mãos e os pés às grades com mais corda.

– Está a amarrar-me *numa* jaula? – grita ela, puxando as restrições.

– Tem uma razão de ser – resmungo. – Vai querer ficar o mais parada possível.

Ela vira a cabeça para me encarar, de olhos desvairados. Respira com força, o peito erguendo-se contra as grades.

– Acha que desonrar-me é salvar-me? Só por ser você, em vez daquele outro homem?

Reprimo o meu sorriso e dou a volta até ficar atrás dela. Colo o meu corpo às costas dela até ela estar pressionada contra a jaula, já com a pila dura contra o seu traseiro, depois afasto ao de leve o seu cabelo negro emaranhado e inclino-me até ficar com a boca junto do seu ouvido.

– Diz *desonrar* como se fosse uma coisa má – sussurro, com a voz pastosa. – Parece que nunca foi desonrada como deve ser.

Depois, recuo.

– Infelizmente, precisa de um banho quente e de passar algum tempo com o sabonete antes de eu sequer pensar em desonrá-la. Cheira a uma coisa qualquer horrível, princesa.

O arquejo de choque que lhe sai da boca faz-me soltar uma risadinha. Nada insultará mais uma senhora do que dizer-lhe que cheira mal.

– Então o que está a fazer? – pergunta ela, e eu inclino-me e pego na bainha do seu vestido esfarrapado e sujo, que puxo até o tecido se acumular na cintura. Ela arqueja de novo, as pernas agora completamente expostas.

– A marcá-la como sendo minha – digo-lhe. Depois, grito para o Lothar. – Lothar, estou pronto!

– Não, não – começa ela a dizer.

– Já lhe disse que agora é propriedade minha. Acha que essa palavra não significa nada? Tenho de a reivindicar, se quiser ficar em segurança.

– Em segurança?! – grita ela.

– Sim, pode não entender muito bem o nosso mundo, mas quando algo é de uma pessoa, pertence-lhe apenas a ela. Tenho uma marca especial para ocasiões destas.

O Lothar aparece na sala segurando um atizador de ferro. Na ponta está a minha marca, não muito vermelho-quente, mas vai servir.

– Obrigado – digo-lhe. – Importas-te de vir aqui segurar o vestido dela?

– Não, por favor – pede a princesa, puxando de novo as correntes, em vão. Ela não compreende porque estou a fazer isto e, pela parte que me toca, tudo bem. Não é apenas uma questão de posse, é para o bem dela.

O rosto geralmente impassível do Lothar contorce-se num sorriso malévolos ao entrar na jaula para me entregar o atizador. Sinto-o quente na mão, a queimar-me a pele, mas gosto desta dor em particular. Talvez ela também venha a gostar.

Ele dirige-se para trás dela e segura-lhe o vestido, reunido à volta da cintura, e eu pego então no ferro e aponto para a zona carnuda na anca.

– Vai doer só um instante, 'morzinho – digo-lhe, e pressiono a marca na sua pele.

Ela uiva quando o ferro chia e eu retiro prontamente a marca para admirar o meu trabalho manual. A sua pele fica queimada, com um tom vermelho-vivo onde deixei a minha marca: uma caveira e ossos cruzados, com as minhas iniciais, RB. Bruto, mas elegante, na minha opinião.

A princesa continua a choramingar, por isso digo ao Lothar para me ir buscar uma garrafa de rum à cozinha, assim como algumas maçãs e biscoitos. Enquanto ele vai, dirijo-me ao baú que pertencia à princesa e vasculho-o à procura de um vestido. São todos sofisticados, compostos por muitas camadas que terão de ser presas e não lhe servirão de nada num navio. Escolho um azul-claro, aquele que tem menos frivolidade. Gostamos de nos vestir bem, mas temos de ser práticos no mar.

– Aqui tem – digo-lhe, trazendo-lho juntamente com um espartilho e uma combinação. Atiro-os para os seus pés. – Vai querer vestir alguma coisa lavada, imagino.

– Vá para o inferno – diz ela, sibilando.

– Já lá estive – digo, ao ver o Lucas atravessar o convés principal. – Lucas! – grito para as costas dele. – Sê um bom rapaz e traz-me um balde de água, sabão e um pano de banho.

Ele acena e parte a correr.

Volto-me de novo para a princesa.

– Pode beber a água. Mijar nela. Tomar banho. É consigo.

Ela faz-me uma careta, as feições contorcendo-se em algo temível e, por um momento, quase a vejo como outra pessoa. Não, outra pessoa não. Outra coisa.

Inumana.

Olho para ela, tentando manter-me firme e dissecar este sentimento curioso que faz soar um alarme nas minhas entranhas. Há qualquer coisa nela que não bate certo. Tem algo dentro de si que, por medo, mantém bem enterrado e eu começo a ver que, seja o que for que vive nela e lhe rói os ossos está a morrer de vontade de sair e brincar.

– O que foi? – diz ela bruscamente.

Tenho consciência de que continuo a fitá-la abertamente e não quero saber.

Inclino a cabeça.

– Que criatura curiosa, não é? Tanta raiva, para uma mulher tão pequena.

Ela franze o sobrolho. É baixa, mas de modo nenhum raquítica. Tem muita carne nos ossos, facto que eu aprecio de coração.

O Lucas entra no quarto, quebrando o meu olhar.

– Aqui tem, capitão – diz ele, e pousa o balde de água aos meus pés, estendendo um pano e uma barra de sabão.

– Obrigado, sobrinho – digo-lhe e aceno com a cabeça para que ele se vá a correr. É o que ele faz, passando pelo Lothar, que tem os alimentos da cozida reunidos num saco.

– Põe o saco na cela, para a senhora – digo-lhe.

O Lothar coloca-o lá dentro, lançando um olhar lascivo à princesa.

Ela bate os dentes para ele, surpreendendo-o, ele que é um tipo difícil de chocar.

O Lothar vira-se para mim e espeta o polegar para ela.

– Esta é capaz de ser desvairada.

– Não somos todos? – digo, ao despedir-me dele.

Quando ele sai, pego no balde, no sabão e no pano e coloco-os no canto da jaula, ao lado do saco. Depois saio e tranco a jaula atrás de mim com uma chave-mestra, que trago pendurada no cinto.

– Pronto – digo-lhe. – Tem tudo aquilo de que pode precisar. Agora é minha e está em segurança.

Os seus olhos ficam desvairados, em resposta. Um dia, ela compreenderá.

Dou a volta até ao lado em que as mãos e as pernas dela estão amarradas às grades. Saco da adaga e faço um serviço rápido cortando-lhe as amarras para a soltar das grades, deixando-a completamente livre.

– Se não quiser usar o balde, posso sempre escoltá-la até à casa de

banho. Talvez já esteja farta de humildade.

Viro-me para sair dos meus aposentos quando ouço um raspar e, quando me viro para ver de que se trata, deparo com um balde cheio de água mesmo na cara, deixando-me encharcado.

Fecho os olhos e deixo-a cair em cascata sobre mim, cuspendo uma parte. Depois, afasto o cabelo ensopado da cara e dirijo um olhar severo à princesa. Ela segura o balde vazio nas mãos, com os olhos desvairados e o peito erguendo-se cheio de fôlego.

– Se calhar também estava a precisar de me refrescar – digo-lhe, cuspendo mais um pouco de água. – Agradeço-lhe por isso.

Depois faço-lhe uma pequena vénia e caem do meu corpo gotículas de água ao fazê-lo, antes de dar meia-volta e sair dos meus aposentos, trancando a porta atrás de mim e deixando-a a matutar naquilo.

Capítulo 10

Maren

Acordo com alguma coisa a lamber-me a mão.

Levanto a cabeça, com o corpo já a enrijecer, à espera de ver um dos piratas no chão ao meu lado, prestes a fazer sabe-se lá o quê.

Mas o que vejo é o gato tigrado cor de laranja, do outro dia. Para de me lamber a mão quando repara que estou acordada e senta-se nas patas traseiras, fitando-me com olhar curioso. Os seus olhos são o verde suave do vidro marinho.

– Olá – digo-lhe.

– Miau – responde o gato.

– Acho que me devo levantar, não devo? – digo-lhe, e ele mia de novo.

Eu gemo e empurro o corpo, examinando a cena.

Estou deitada no chão da jaula, com o saco de comida ainda no canto. O chão para onde atirei a água, através das grades, e encharquei o capitão dos pés à cabeça, já secou. Devia estar arrependida, porque gostava de me ter lavado e de ter posto um vestido limpo, mas a cara dele valeu a pena. Seja como for, se ele considera o meu cheiro intolerável, então, vou regozijar nele por despeito.

Dito isto, nunca na vida me senti tão imunda e dou por mim a gravitar para o vestido lavado. Sento-me, com o cuidado para não colocar nenhuma pressão na zona onde ele me marcou.

Mal posso acreditar que ele tenha feito isto. Ou posso, só que o seu método de crueldade me apanhou de surpresa. Estou tão habituada a levar sovas e tarefas e a que me chamem nomes que ser marcada com um ferro quente foi algo que me apanhou de surpresa. Francamente, estava à espera de algo pior, especialmente por me ter humilhado levantando-me o vestido e desnudando o meu traseiro e as pernas para ele. No entanto, e embora eu tenha sentido uma vez mais a sua luxúria por mim, não agiu nesse sentido.

Deduzo que o meu atual estado de falta de limpeza o tenha dissuadido, salvando-me desse tipo de selvajaria.

Se bem que ele parece julgar que, ao marcar-me e manter-me numa jaula, é ele quem me salva. Não entendo. Ele é o capitão e é evidente que todos no navio, com exceção da besta do Sterling, o respeitam e ouvem. Certamente, o Sterling haveria de se manter afastado de mim se o capitão lhe dissesse. E, no entanto, parece que marcar-me foi a única maneira de me reivindicar.

Mas isso não importa. Os piratas fazem as coisas de maneira diferente de qualquer pessoa civilizada. Agem de acordo com o seu próprio código e parece haver diferenças culturais entre os irmãos. Talvez quando esta viagem terminar eu tenha aprendido uma ou outra coisa.

Este pensamento deprime-me. Puxo o vestido azul para mim e levo-o ao rosto, sentindo o tecido lavado, passado a ferro pelos criados antes de partirmos nas nossas viagens. O vestido cheira ao palácio do Ferdinand, a linho, a flores e ao incenso que os locais queimavam.

Daphne.

O cheiro traz à tona a imagem da Daphne como ela era, sempre agradável e sorridente e, por vezes, extremamente engraçada.

Então, o horror de vê-la morta atinge-me como um tijolo e, desta vez, pestanejo para conter as lágrimas, decidida a não chorar. O sal das lágrimas lembra-me tanto a minha casa e tudo o que perdi desde então.

Respiro fundo, mantendo o vestido contra a cara, e desejo que pudesse estar noutro lugar.

Mas para onde iria? O que existe lá para mim?

Casa. Mantém a cabeça em Limonos. Mantém o foco em atravessar o Pacífico viva. Deixa que Limonos seja a tua bússola.

– Miau?

Afasto o vestido da cara e vejo o gato a fitar-me.

– Achas? – digo, dirigindo ao gato um certo sorriso. Tempos houve em que eu era capaz de comunicar com todas as criaturas que viviam sob o mar.

O que leva a fazer uma pausa.

E se eu ainda fosse capaz?

– Miau – diz o gato, e parece acenar com a cabeça.

Definitivamente, estou a imaginar coisas.

– Entendes-me? – pergunto, com uma voz que mal passa de um sussurro. Embora esteja sozinha nos aposentos do capitão, não deixo de me sentir um bocadinho pateta por falar em voz alta com um gato.

O gato ergue a pata.

Continuo sem acreditar.

– Podes ir... – Olho em volta da sala, à procura de alguma coisa. – Derruba aquele cristal da estante.

O gato inclina a cabeça e olha para a mesa, onde o capitão tem uma fileira de cristais dispostos, como numa loja de cartomante. Depois olha-me

de novo, com uma expressão nada impressionada no rosto.

Sustenho a respiração e aguardo. Mesmo que o gato conseguisse compreender-me, não deixa de ser um gato e eles não ouvem ninguém. A rainha tinha um par de gatos siameses que governavam o palácio e aterrorizavam toda a gente. Não os via com frequência e nunca tive a impressão de que eles me entendessem. Se bem que nunca tentei falar com eles. Os seres humanos achariam isso uma loucura.

– Miau – diz o gato preguiçosamente, depois dá meia-volta e, com os seus pezinhos de lã, encaminha-se da prateleira, para onde salta. Dirige-se ao primeiro cristal que vê, uma torre de turmalina preta e, com um tap-tap-tap da sua pata, tira-o para fora.

O cristal retine no convés, mas não se parte nas tábuas de madeira.

O gato compreende-me!

Olho para a fileira de armas que o capitão tem. O gato segue o meu olhar. Não me poderia trazer uma pistola ou uma espada, mas talvez pudesse trazer uma pequena adaga na boca e...

O som da porta a destrancar interrompe o meu pensamento e o gato salta da prateleira e sai disparado para o canto, escondendo-se atrás de uma cadeira no preciso instante em que a porta se abre e o capitão entra.

Quero ignorá-lo. Quero desviar o olhar. Mas ele tem uma presença estranhamente apelativa e dominante e acho difícil manter o olhar desviado, mesmo estando cheia de ódio por ele.

Não ajuda que seja bonito. Não tem o refinado sangue azul de Aerik, que se vê na sua pele lisa e na postura rígida, mas o que o capitão tem é simultaneamente vigoroso e sombrio. Enigmático. Tem o maxilar proeminente sob sua barba, o queixo forte, o nariz distintivo, mas que não lhe domina o rosto. Lábios carnudos e expressivos. As sobrancelhas baixas e escuras conferem uma qualidade taciturna aos seus sombrios olhos azul-escuros, mas embora ele pareça perigoso – embora *seja* perigoso – há sempre neles um brilhozinho. Embora traduza mais a sua maldade do que a sua frivolidade.

O que ele tem de mais misterioso é a falta de cicatrizes no rosto. Não tem a cara desgastada do mar como os marinheiros, nem as marcas e manchas de alguém que sem dúvida esteve envolvido em muitas escaramuças. Aos piratas das histórias que ouvi falta um olho, que cobrem com uma pala, e têm cicatrizes na cara ou membros em falta. A sua tripulação parece muito intacta e bastante fresca.

Porque eles são monstros, ouço dizer a voz da Daphne na minha cabeça. *Todos eles.*

E, no entanto, também eu em tempos fui um monstro.

– E como nos sentimos esta manhã, sua senhoria? – pergunta o capitão, dirigindo-se a mim a passos largos.

– Esta manhã? – exclamo.

Encurva um canto da boca num sorriso torto.

– Quer dizer que não sabe quanto tempo dormiu?

Pestanejo. A última coisa de que me lembro é de estar de novo sentada no canto da jaula depois de lhe ter atirado água. Devo ter adormecido, mas não julguei que tivesse dormido tanto tempo.

– E nem tocou na comida – diz ele, mirando o saco. – Bem, se não se importa, se calhar vou ter de levar o rum. Pensei que iria ajudá-la com a dor, a emocional e, bem, qualquer outra... – Acena para mim com a cabeça, aludindo à marca – ... mas...

Agacha-se e estende o braço, por entre as grades, para o saco, remexendo à procura da garrafa e, mal dou por isso, invisto em frente, de dedo espetado, e cravo-lhe as unhas no antebraço, o suficiente para fazer sangue.

Ele gane e puxa o braço, que segura ao peito.

– Sim, está bem, princesa, pode ficar com o rum.

– Você merece isso e muito mais – digo-lhe.

A verdade é que agi segundo um instinto muito mais antigo. Foi como se tivesse novamente garras. Tenho as unhas curtas e quadradas e só provoquei um pequeno dano, mas não deixo de ficar surpreendida por ter conseguido rasgar a pele.

Quase peço desculpa.

Quase.

Em vez disso, engulo as palavras.

– Só estou a reclamar o que me pertence – acrescento.

Ele ergue as sobrancelhas, enrugando a testa.

– Eu? Ou o rum?

– O rum – digo friamente.

– É todo seu, então – diz ele, gesticulando. – As minhas desculpas por ter pensado o contrário.

Estreito os olhos para ele.

– Então, está a dizer que dormi a noite toda no canto desta jaula e você estava ali na sua cama?

Mais uma sugestão de sorriso.

– Sim – diz ele.

– E eu devo acreditar que ficou ali e não...

– Vim aqui importuná-la? Não. Estava estafada, princesa, mas não duvido que tivesse acordado e espetado as suas garras em mim se eu tivesse pensado sequer em tocá-la. O que não aconteceu.

Fico a matutar nisto por um momento. Acredito nele. Eu estava cansada, mas também estou num estado de nervos tal que os meus instintos me teriam acordado se ele se tivesse aproximado de mim. No mínimo, teria ouvido a jaula abrir.

Acho que passei por tanta coisa que dormi como os mortos.

E ele continua a olhar para mim, aquele olhar intenso sempre presente nos seus olhos.

- Precisa de escolta para a sanita?
- Não preciso de escolta – respondo.

Mas, no preciso momento em que ele faz referência à casa de banho, dou-me conta de que preciso mesmo de ir. Eu sei que a maior parte dos marinheiros usa a «cabeça» à frente do navio, o que não lhes dá privacidade nenhuma, mas no navio real, eu e o Aerik e alguns criados tínhamos casas de banho privadas. Espero que este navio não seja muito diferente.

Independentemente disso, não vou fazer o meu servicinho num balde à frente dele. Posso ter perdido muito orgulho, mas ainda me resta algum.

– Mas terá escolta, ainda assim – diz ele. – Vou ficar do lado de fora da porta, a segurá-la por uma trela. Só para o caso de decidir sair pela escotilha. Não se esqueça de que estamos muito longe de terra firme e eu já a vi na água. Não é grande nadadora.

Ele não faz ideia de como esta última frase me espicaça.

Dirige-se à mesa, no centro da sala, onde se encontra uma bobine de corda, e repara no cristal derrubado. Inclina-se para pegar nele e lança-me um olhar curioso. Eu não digo nada.

- O *Skip* – diz ele, a título de explicação. – Sempre a arranjar problemas.
- *Skip*?

– O gato – diz ele, e volta a colocar o cristal na prateleira.

– Chamou *Skip* ao gato? *Skip*, de *skipper*, «capitão do navio»? Não é o nome mais original para um gato num navio.

– Ouça, durante uns anos chamámo-lhe *Gato*. Nem sempre somos famosos pela nossa originalidade.

Ele avança e destranca a porta da jaula com a chave-mestra que traz presa às bermudas.

- Ora bem, é preciso amarrá-la ou vai...

Antes que possa terminar a pergunta, ergo-me e dou-lhe novamente um soco na cara. Pela segunda vez, a sensação dos nós dos dedos a esmurrar-lhe o nariz dispara uma emoção assassina pela minha espinha.

Ele solta um grito de dor e surpresa e, enquanto eu faço uma débil tentativa de passar por ele a correr, estende uma mão e segura-me com firmeza o cotovelo, enquanto a outra tapa o nariz.

- Achou mesmo que tinha hipótese de fugir?

– Nem por isso – admito. – Só queria dar-lhe outro soco.

– Sente-se melhor? – pergunta ele, a agitar a cara, com uma expressão de desconforto. Repara no sorrisinho que me aflora os lábios. – Creio que sente. Bem, princesa, se calhar já se pode considerar que estamos quites.

Dirijo-lhe um ar incrédulo.

- Então vai deixar que eu o marque no rabo?

Ele dirige-me um sorriso lascivo.

- Se é isso que lhe dita a fantasia.

Oh, raios! Ele provavelmente até iria gostar, não?

Retira a mão e limpa um pouco de sangue por baixo das narinas.

– Como está o meu nariz?

– Infelizmente, continua aí – digo entre dentes.

– Esse sono todo parece ter-lhe dado genica. É bom sinal, 'morzinho. Não tarda, será um de nós.

– Nunca serei um de vós – digo-lhe com tom gélido e um olhar a condizer.

– Mas porquê ser princesa, quando pode ser pirata? – Faz uma pausa, e puxa-me de maneira a eu ficar encostada ao seu peito. Afunda o queixo ao olhar-me, a voz agora rica e rouca. – Pensa nisso, 'morzinho. Sem uma sociedade à qual aderir, sem regras a que ficar agarrada. Seria uma mulher livre, podia fazer o que quisesse, quando quisesse. Agir como lhe aprouvesse. Por mais... negro ou depravado que fosse.

Sinto-me a cair para a frente nos seus olhos, como um remoinho no mar.

Tenho de fechá-los à força, cortando pela raiz qualquer que seja a estranha atração que ele exerce sobre mim.

– Já caí uma vez por causa de mentiras e ainda estou a pagar por isso – admito, mantendo os olhos fechados. – Não há liberdade para as mulheres, especialmente para uma mulher como eu.

– Uma mulher como você? A que me esmurrou duas vezes a cara, me passou uma rasteira e me cravou as unhas na carne com tanta força que fez sangue? Julgo que essa mulher é uma força a ter em consideração. Só precisa de alguém que a liberte.

– E não será você – sussurro, porque ele tem razão.

Ele tem toda a razão. Sinto o meu passado trepar, com as suas garras, por mim acima, querendo acima de tudo ser libertado. Quer ser livre para se tornar aquilo que em tempos fui. Posso não ser uma força a ser tida em conta, mas só porque não sabe o monstro que fui. Aquela sereia, é dela que ele está a falar. Só que ele não sabe da história nem pela metade.

– Bem – diz ele, pigarreando e afrouxando ligeiramente o aperto. – Seja quem for que a liberte, espero estar por perto para ver isso.

Não consigo evitar um sorriso ácido quando abro os olhos e o fito.

– Se estiver, vou assegurar-me de que, primeiro, o mato.

Ele quase sorri, como se eu lhe tivesse feito o maior elogio. Faz dançar os seus olhos.

– Ainda antes do seu marido? Eh lá, considero isso um enorme elogio. Agora vá lá, antes que a Sam decida que também precisa de usar a casa de banho.

Arrasta-me consigo, embora não rudemente como antes, talvez porque não estou a ser tão obstinada como de costume. Tenho mesmo de usar as instalações, agora desesperadamente.

Leva-me para fora dos seus aposentos, até uma divisão logo à saída. Está embutida na lateral do navio e consiste num assento com um furo. Há uma fileira de vigias estreitas que estão abertas, a brisa do mar fluindo para o interior, e estou a tentar calcular se consigo fugir por elas. Acredito quando

ele diz que não há terra por perto para onde nadar, mas pode valer a pena o risco.

Mas as vidraças individuais são muito pequenas para eu caber nelas, especialmente com o meu peito e traseiro amplos, e cerradas com grades de metal que eu não tenho força suficiente para partir.

O capitão fecha a porta atrás de mim e deixa-me a fazer o meu serviço, e bem que eu gostaria de poder ficar aqui dentro o dia todo, escondida e em ponderação, mas sei que o capitão me espera do lado de fora, dando-me o mínimo de privacidade possível por me bater à porta de poucos em poucos minutos.

Quando finalmente saio, dirige-me um olhar de impaciência exagerada e agarra-me o braço, quando alguém corre a meio da escada e grita:

– Ossos! É melhor vires ver isto!

Olha para a porta dos seus aposentos, provavelmente calculando quanto tempo vai demorar para me prender ali, depois decide que não e leva-me até às escadas e por elas acima até onde o Cruz, o seu imediato, se encontra.

– O que foi? – pergunta o capitão enquanto me leva ao convés e o Cruz lhe entrega um óculo.

– Avistámo-los – diz ele.

– Avistámos quem? – pergunto, mas ninguém me presta atenção. Em vez disso, a maior parte da tripulação está amontoada no convés dianteiro a passar entre si outro óculo.

O capitão leva-me para lá e a tripulação abre caminho para ele. Todos me dirigem um olhar passageiro enquanto deslizamos, não indelicado, apenas curioso. De repente, estou muito consciente de como a minha aparência deve ser horrível, suja e fedorenta e de como, por contraste, eles se mostram limpos e bem-apessoados.

– Onde estão? – pergunta o capitão ao homem, já a olhar pelo óculo.

Larga-me e pousa os cotovelos no corrimão, ao lado do homem, levando o seu próprio óculo ao olho.

– Mesmo em frente – diz o outro pirata.

Olho à volta deles, perscrutando o horizonte e tentando ver um navio, mas não deteto nada. O horizonte é uma linha inflexível, o mar está calmo e tão azul como o céu, ao alto, só que mais profundo.

– Estou a ver – diz o capitão.

– Vê o quê? – pergunto. Aposto que tenho melhor visão do que qualquer outra pessoa na tripulação, mas nenhum óculo pode fazer aparecer um navio onde ele não existe.

– A princesa faz demasiadas perguntas – diz um dos membros das tripulações, o que faz rir outro.

O capitão baixa o óculo, olha para o homem ao seu lado. Só agora me dou conta de como são parecidos. Podiam ser irmãos. Com efeito, ele chamou sobrinho àquele menino de antes.

– Devemos conseguir capturá-los nas ilhas, conquanto façam uma

paragem – diz o capitão.

– Sabes bem que eles têm de parar lá – diz o homem, rezingão. – A bruxa do mar tem-nos sempre com rédea curta.

– Bruxa do mar? – digo, com o coração quase a parar no meu peito.

Finalmente, o capitão olha para mim.

– Vai parar?

Ergo o sobrolho.

– Agora que pronunciou as palavras «bruxa do mar», não, acho que não. Que bruxa do mar? Qual é o nome dela?

O capitão para bruscamente, olhando para mim.

– O nome dela? Que pergunta estranha.

– É Nerissa – diz a mulher pirata. – A ilha é a sua casa. É assim que controla a tripulação-esqueleto.

Viro-me para ela, grata.

– Obrigada – digo-lhe, com empatia. – Ainda bem que estamos na mesma onda.

Ela encolhe os ombros.

– Já estive no teu lugar, rapariga – diz ela. – Este bando de cabeças de suíno adora ignorar as mulheres, mesmo quando andam enfiados nelas. Ou especialmente nesse caso.

Tanto o capitão como o outro se voltam para a fitar, perplexos.

– O quê?! – exclama a mulher com um pesado suspiro. – É verdade. Exceto tu, 'morzinho. – Bate suavemente com a bota na barriga da perna do outro pirata. Ele revira os olhos em resposta.

– Não parece muito espantada com as bruxas do mar – comenta o capitão. – Nem com a tripulação-esqueleto, a bem dizer.

– Já ouvi falar das bruxas do mar – digo, cautelosamente. – Mas admito que não sei o que querem dizer com tripulação-esqueleto.

– É uma longa história – diz ele. – E uma história em que pessoas como você nunca acreditariam.

– Devia pôr-me à prova – digo.

– Agrada-me a boca que ela tem – diz a mulher pirata, com uma admiração óbvia até para mim, e olho de relance para o seu bonito rosto. – Escuta, rapariga. Há muita coisa em que não vais acreditar enquanto estiveres neste navio; as bruxas e os esqueletos são o menos. Não são, nem de longe, as coisas mais fantásticas de que hás de ouvir falar. Há uma coisa que eles têm em sua posse e que esta tripulação quer mais do que tudo.

– E o que é? – pergunto.

– Uma sereia.

Capítulo 11

Maren

– Uma sereia? – pergunto, atordoada. Se o meu coração parou perante a ideia de bruxas do mar, sinto que vou cair redonda ao ouvir a palavra «sereia».

– Tal como eu disse, rapariga – diz a mulher –, é tudo fantástico. Mas o tempo haverá de te provar quanta magia realmente existe aqui no mar, a partir do momento em que saibas como procurá-la.

Uma sereia.

Uma *sereia*.

– O que é... porque é que querem uma sereia?

O silêncio enche o ar. Só se ouve o som da proa a rasgar a água e o batimento constante do vento nas velas.

Finalmente, o capitão limpa a garganta e vira-se para mim, parecendo relaxado ao apoiar-se com um braço no corrimão.

– As sereias são valiosas, minha cara. Muito valiosas.

– Ao mundo em geral ou só para si?

Ele solta uma gargalhada, que mais parece um latido.

– Que astuta. O mundo não acredita em sereias, não sabe disso?

– Mas vocês sim.

– Sim, nós sim. Não se trata de crença, em breve verá. Elas existem. Mas não me vou pôr a discutir questões de natureza consigo – diz ele, descartando-me com um aceno de mão.

– Eu acredito – digo rapidamente, e ele ergue o queixo quando me olha.
– Conte-me mais.

Ele troca olhares com o outro.

– O que dizes, intendente? Conto-lhe mais?

Então, o outro homem é o intendente.

O intendente encolhe os ombros.

– Não vale a pena perguntar-me, quando é evidente que vais contar, de

qualquer maneira.

O capitão estreita o olhar para ele e torna a olhar para mim, agarrando-me o braço e entregando o óculo à mulher.

– Diz-me quando estivermos perto das ilhas. Estarei nos meus aposentos.

Arrasta-me consigo e desejo que as minhas pernas não estivessem tão bambas, em geral. Neste momento, mal funcionam, a minha marcha é desigual. Ele olha para mim com um rápido olhar de preocupação.

– Aleijou-se na perna?

Abano a cabeça. Definitivamente, agora não lhe vou explicar.

– Então, fale-me mais das bruxas e das sereias – digo, enquanto ele me conduz pelas escadas até ao convés principal.

– Para fazer pouco de mim? – pergunta ele.

– Não. Porque quero saber mais.

– E que tal discutirmos o assunto durante o jantar? – pergunta ele, a voz mergulhando num tom grave e sério. Fico com os pelos da nuca em pé. Ele puxa-me para si à porta dos seus aposentos. – Nada de maçãs e biscoitos. Estou a falar de um jantar a sério. Comida quente. Vinho.

Eu quero manter-me forte e dizer não, mas já estou com água na boca, só de pensar nisso, e o meu estômago belisca com a fome, sobrepondo-se a qualquer coisa que eu queira dizer por despeito.

– Que tipo de comida? – não consigo evitar perguntar.

– Javali – diz ele. – Um javali gordo, estaladiço, com os sucos todos. E qualquer peixe que possa desejar. Grelhado, cozido, você decide. Podíamos terminar com uma boa chávena de café.

Solto um pequeno gemido, imaginando o gosto, a sensação de barriga cheia.

– Não deixe que o orgulho a prive disto, princesa – diz-me ele. Depois, leva-me para o interior e para a jaula. – Vou buscar outro balde para se lavar. Terá toda a privacidade do mundo e, se mo quiser atirar de novo, esteja à vontade. Gostei bastante. Imagino que tenha sido... uma espécie de libertação para si.

Não preciso de ler nas entrelinhas para perceber o que ele quer dizer. Acho que nunca preciso de fazer isso. O que ele quer dizer é sempre claro no seu rosto, o calor nos seus olhos, a abertura dos lábios.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, quando ele me torna a pôr na jaula. A ideia de tomar banho e vestir o vestido lavado ganha.

Uma vez trancada lá dentro, ele volta com um balde cheio de água e coloca-o na jaula, ao pé de mim.

– Vou voltar esta noite – diz ele, com uma piscadela de olho, e vai-se embora.

* * *

A água nunca soube tão bem.

Não se tratava apenas de me limpar do pó, do sangue e da sujidade – embora o sabonete, que era feito de azeite, cinzas e uma pitada de ervas funcionasse divinamente –, é que o meu corpo se sente fisicamente mais fraco sem água. É como se, apesar de já não ser sereia, o sangue no meu corpo se lembrasse de que, em tempos, vivi debaixo do mar e tive sempre a água na pele.

Quando finalmente fiquei limpa e a cheirar aos óleos e ervas frescas que perfumavam o sabonete, enfiei o vestido. Tinha as fitas sujas, portanto lavei-as com a água que sobrou. Assegurei-me de que mantinha o colar com o colmilho de tubarão do Nill por perto, colocando-o num bolso interno do corpete do vestido. O tecido lavado na pele fez com que a minha cabeça se sentisse mais limpa, como se, pela primeira vez, eu fosse capaz de pensar.

E tenho muito em que pensar.

Há uma bruxa do mar. Não a Edonia, mas uma chamada Nerissa. Vive numa ilha e controla uma tripulação-esqueleto, seja lá o que isso for. E ela, ou a tripulação, tem uma sereia, que é, de alguma forma, valiosa para a tripulação do *Nightwind*.

Mas valiosa de que maneira, eu não sei. A única coisa que sei é que a querem. Ou ele a quer. Quando usam o termo sereia, estão sempre a falar de mulheres, mas nós, sereias, existimos em ambos os sexos, assim como num terceiro, que é uma combinação de ambos.

Embora eu esteja absolutamente faminta por carne e comida como deve ser, aquilo por que mais anseio neste jantar é o facto de que terei o capitão a sós comigo (esperemos), numa base de igualdade, por algum tempo. Tempo suficiente para obter respostas a todas as minhas perguntas.

O capitão mantém a expectativa e eu começo a pensar que é de propósito. Só quando tenho mesmo o estômago a devorar-se a si próprio e começo a ficar um pouco desesperada é que ele entra nos aposentos.

Para em frente da jaula e olha-me de cima a baixo.

– Bem, bem, bem. Aqui está a princesa, com um ar encantador. Sente-se melhor?

– Vou sentir-me melhor quando tiver algo para comer – digo-lhe.

Ele olha para as maçãs e o biscoito duro no chão.

– A cavalo dado não se olha o dente, creio, se bem que agora não está a pedir nada. Gostei bastante quando pediu. Agora, se me dá licença, vou vestir uma camisa lavada. Uma gaivota cagou nesta.

Começo a rir, mas depois ele puxa a camisa pela cabeça e a gargalhada fica presa na minha garganta. Embora eu já tivesse reparado na forma e estrutura do corpo do capitão, anotada distraidamente no fundo da minha mente, vê-lo de tronco nu à minha frente leva o meu foco inteiramente para a sua forma. Embora eu tivesse apenas dezasseis anos quando deixei de ser sereia e os meus impulsos femininos estivessem apenas a desabrochar, toda a nossa espécie gira em torno da caça aos homens – para comida e para fins mais lascivos. Posso não conhecer muito deste mundo, mas no mundo

subaquático, nenhuma espécie pode igualar a nossa no que toca ao apetite sexual. Pela maneira como as minhas irmãs mexericavam, de faces rosadas, em tons abafados, ou como certos anciãos descreviam com pormenores impudicos, não se tratava de caçarmos os homens apenas pelo coração e outros órgãos – usávamo-los para os nossos próprios ganhos sexuais antes de os matarmos. Nós seduzíamos-los, íamos com eles para a cama, comíamos-los. A nossa luxúria só tinha par na nossa fome.

De modo que ver o capitão sem camisa faz o meu sangue ferver e forma-se um aperto ao fundo do meu ser que não estava lá antes. Os meus olhos não conseguem deixar de dançar ao longo da sua forma, bebendo-o como se se tratasse de uma cerveja forte. Os seus músculos são esguios e fibrosos; detêm, contudo, uma densidade sugestiva da sua verdadeira pujança, pujança esta que já senti, quando ele me manuseava. Os seus ombros têm uma largura considerável, músculos arredondados e firmes que levam a bíceps grossos e peito forte e largo, fazendo com que o seu abdómen musculoso e delineado se estreite até às ancas como um triângulo invertido.

A minha admiração pelo seu corpo apanha-me de surpresa e fico simultaneamente zangada comigo mesma e envergonhada por reparar, por até o achar atraente. Desvio os olhos.

– Nunca viu um homem vestido como veio ao mundo? – pergunta ele.

– Não está propriamente como veio ao mundo – digo, olhando para a bainha do meu vestido.

– A uma palavra sua, posso ficar...

Levanto rapidamente os olhos para ele, a tempo de ver um sorriso malvado atravessar-lhe os lábios antes de me virar costas.

Mais uma vez, confrontada com um plano tão expansivo de músculo e pele nua, o meu instinto é fitar. Não, é mais do que só fitar. Os meus dedos anseiam por lhe tocar, percorrer com eles as suas costas.

Ó Deuses! repreendo-me, fechando os olhos com força. Este homem marcou o maldito nome na minha pele. Achá-lo atraente é a pior ideia que já tive. Quase tão má como trocar as barbatanas pelo amor do raio de um príncipe.

Sinto uma determinação fria, de aço, correr nas minhas veias. Ser sereia, mesmo numa forma «ex», leva a que, embora o nosso apetite faminto nos possa desencaminhar, também tenhamos um desprendimento inabalável quando precisamos.

E eu preciso.

Não é difícil lembrar que os homens não passam de diabos e que, neste momento, ele só serve para informações.

Depois de o capitão ter enfiado outra camisa, esta preta e meio desabotoada, recupero a compostura. Olho-o, impassível, à espera de ser solta da jaula como um pássaro paciente.

Caminha para mim, com os movimentos lânguidos e firmes. Sempre reparei que se move com imensa graça, o que é surpreendente para um

homem do seu tamanho e estatura, como se deslizesse sem tocar no chão, embora as botas produzam um eco forte a cada passo. Pega nas chaves e destranca a jaula, abrindo-a com um floreio do braço.

– A sua sala de jantar esta noite – anuncia, embora a mesa esteja vazia. – Vejo a sua decepção. As minhas desculpas por não ter na mesa todos os utensílios adequados. Embora me considere um cavalheiro, os nossos padrões de pompa e circunstância afundaram desde que nos fizemos patifes.

Os meus olhos desviam-se novamente para as armas, mas ele limita-se a fazer um som gutural desagradável.

– E não me venha dizer que está de novo a pensar em atacar-me com uma das minhas próprias espadas. Não vai ganhar este jogo, princesa.

Ele tem razão. Se as minhas pernas não fossem tão instáveis, talvez eu conseguisse lá chegar antes dele, mas o capitão é extremamente rápido e forte e não pensa duas vezes em agarrar lâminas afiadas com as próprias mãos. Já aprendi a lição.

Se bem que, talvez, se eu me aproximasse dele quando menos espera, com uma garrafa de rum ou vinho ao alcance da mão, lhe pudesse dar com ela na cabeça.

E depois? Então, deixo-o inconsciente? Não tenho para onde ir. No final, independentemente do cenário que puxe da minha cabeça, estou encurralada.

– Sente-se – diz ele, puxando uma cadeira ao lado da cabeceira da mesa.

Dirijo-lhe um olhar sagaz. Insiste mesmo na charada, não é assim? Como se tivesse realmente maneiras.

– Se não se importa – acrescenta. Eu sento-me, relutante, ajeitando o meu vestido, e ele toma o seu lugar ao meu lado, na cabeceira da mesa.

A porta dos seus aposentos abre-se e entra um homem muito alto, de cabelo louro comprido penteado numa trança e com uma doçura no olhar que parece faltar aos outros piratas, maculado apenas por uma cicatriz comprida que lhe percorre uma face. Leva um javali assado no prato, ou pelo menos a metade inferior de um.

O homem coloca-o ao centro da mesa, enquanto o rapaz de antes, o sobrinho do capitão, chega a correr com tigelas, garfos e panos da louça, que coloca ao lado do javali para depois sair novamente a correr da divisão.

– Peço desculpa por não ser a cabeça do javali – diz-me o capitão. – É a parte preferida do Drakos e, pela maneira como ontem desalojou o seu marido, bem merece. – Faz um aceno de cabeça ao homem. – Sedge, certifique-se de que também ficas com a tua quota-parte justa. Hoje à noite não há racionamento. Precisamos de manter as forças para o que está para vir.

O Sedge anui e mexe as mãos rapidamente.

O capitão olha para as mãos e diz:

– Sim, uma ou duas garrafas de vinho da Madeira, obrigado.

– Ele não fala? – pergunto quando o Sedge sai.

O capitão estende os braços e dá-me um prato e um garfo.

– Não. Nunca falou. Sabe escrever um pouco e falar por gestos. Só um

pouco... Eu não diria que é retardado, ele é bastante esperto, mas sortudo.

– Sortudo? – repito, com a língua revestida de amargura ao recordar como era não ter voz.

– Sim – diz ele, espetando um pedaço de carne com o garfo e colocando-o no meu prato. – Talvez não por ser mudo, mas a maneira como ele olha para o mundo lembra-me da minha... bem... – pigarreia e cala-se, colocando agora colheradas de fruta tropical cozida no meu prato, uma espécie de molho.

Lembra-o da sua...? Quero perguntar. Pela escuridão repentina nos seus olhos, percebo que se trata de alguma coisa de que ele não quer falar.

O Sedge regressa com uma garrafa de vinho poeirenta e duas taças, que pousa à frente do capitão. Olha-o com uma expressão expectante e, embora o Sedge não pareça, de modo nenhum, infantil, tem aquela suavidade nos olhos que vi antes e um mínimo indício de sorriso sobre o queixo redondo.

– É tudo, Sedge – diz ele e o Sedge anui, saindo pela porta e fechando-a atrás de si.

– Como é que acabou a fazer parte da tripulação? – pergunto, pegando cautelosamente no garfo como se não pegasse num há anos.

– Eu matei-lhe a família – diz o capitão, com tanta naturalidade que, por um momento, acho que não ouvi bem.

– Oh! – exclamo, e torno a pousar o garfo.

Ele dirige-me um sorriso rápido.

– Está desiludida comigo, 'morzinho. Mas não devia.

– Porque é pirata.

– Porque, às vezes, fazemos o que temos de fazer para sobreviver.

– Não têm de matar pessoas... – Mas mal digo estas palavras, penso no que sou. Uma assassina como ele. Talvez nunca tenha tirado uma vida quando era sereia, mas teria acabado por fazê-lo. Fui criada para matar.

– Mas às vezes é preciso – diz ele. – E, seja como for, matei-os e arrependi-me quando o descobri, ainda vivo e escondido de mim. Por isso, fiquei com ele. Foi o primeiro a ter a minha marca.

O meu garfo bate no prato.

– Ficou com ele e *marcou-o*?

Ele encolhe os ombros.

– Tornou-se minha propriedade.

– Ele é humano – imploro-lhe.

– Sim. É humano. E o mundo está a mudar, princesa. Se eu não tivesse ficado com o Sedge, ele teria morrido. Não haveria ninguém para cuidar dele. A sociedade põe de parte os que são diferentes. Recusa-lhes quaisquer cuidados. Portanto, levei-o para o navio. Não tínhamos necessidade de um cozinheiro, mas acontece que ele era bastante bom, algo que sempre teve autorização para fazer na sua vida de antes. Afeiçoou-se bastante a isso e a nós. Talvez porque o tratámos como um ser humano normal e não como uma criança.

– Mas, mesmo assim, marcou-o como se fosse gado. – Não consigo

apagar a repugnância da minha voz.

– Eu disse-lhe que não ia entender. Mas foi também pela sua própria segurança.

Os meus olhos abriram-se de espanto.

– Tem homens a desonrar-se uns aos outros?

– A desonrar-se? – Solta uma grande gargalhada, como um latido. – Ah! Bem. Sim. Também há disso. Mas atenção, com o consentimento de ambas as partes. Nós aqui não pensamos muito profundamente em coisas dessas.

Homens na cama com homens. Embora tivéssemos disso em Limonos, eu sabia como era tabu falar sequer do pecado da sodomia neste mundo humano.

Mas, claramente, isto era um navio de pecado.

– Agora coma – diz ele, batendo com o garfo no meu prato. – Se não, nada de vinho.

A conversa tirou-me o apetite, mas não tardou muito a regressar, especialmente quando ele tira a rolha ao vinho e o serve nas taças. Como garfada atrás de garfada da carne de porco crocante, succulenta no interior, sendo o molho de fruta um complemento maravilhoso. Parece que o Sedge é tão bom ou melhor do que os cozinheiros que o palácio real empregava.

Por um instante, penso em Aerik. Ele não está a comer assim esta noite.

– Onde está o Aerik? – pergunto, e a minha voz muda quando engulo.

O capitão faz uma pausa, com um garfo de carne a meio caminho da boca.

– Voltou para a cela – diz ele, com um trejeito seco nos lábios. – O homem nunca parou de reclamar das correntes. Felizmente, o Lothar é rápido com a soldadura. – Olha para mim, estudando-me. – Se isso lhe agrada, posso certificar-se de que o seu príncipe tenha uma boa refeição esta noite.

– Não me agradaria – digo devagar. – Mas provavelmente é a coisa acertada.

– Acertada por quem? Esse homem merece tudo o que lhe está a acontecer, sabe isso, não sabe? – A sua voz cai para um murmúrio baixo e fico surpreendida ao ver a raiva cintilando nos seus olhos.

– Ele cuidou de mim quando eu precisei – digo. Lanço-lhe um olhar de aviso para que deixe as coisas ficarem por aqui e pego na minha taça de vinho, de repente querendo embebedar-me.

O vinho é tão bom como a comida, seco e doce ao mesmo tempo, descendo facilmente pela minha garganta. Bebo e continuo a beber, as minhas papilas gustativas ganham vida, a minha sede é insaciável, até me lembrar quem me acompanha.

O capitão está a olhar para mim com uma expressão que é tensa e ansiosa, como se estivesse à espera de algo... mais.

– Peço desculpa – digo, esquecendo por um momento quem sou, e pouso o copo, usando o guardanapo para limpar os lábios.

– Não peça – diz ele. – Acho que, por um momento, se esqueceu de que

eu estava aqui. Gosto desse seu lado desinibido.

O meu estômago ronca, por querer mais, mas eu agora tenho mais perguntas, a juntar às de antes.

Respiro fundo, tentando ocultar qualquer sentido de interesse pessoal relacionado com a questão.

– Fale-me da sereia.

Capítulo 12

Ramsay

Sereia.

Basta dizer esta palavra e a maior parte das pessoas ri-se, associando a ideia a unicórnios e grifos. Se a palavra for dita a um marinheiro, essa gargalhada irá adquirir um tom nervoso. A maior parte dos marinheiros, quer sejam piratas, da marinha, mercadores, ou velhos a arrastar redes de caranguejo às portas de alguma vila de pescadores, só atura tais disparates depois de uns copos. Até ao dia em que eles seguem, no escuro, por águas desconhecidas e ouvem o canto da sereia, até encalharem num baixio e sentirem-se observados das profundezas. Então, podem contar uma história diferente. Podem dizer que as sereias existem. Podem dizer que são demónios, em nada diferentes dos Kraken. Verdadeiros monstros das profundezas.

E, no entanto, aqui está a princesa, os lábios tingidos de vermelho do vinho, a olhar para mim com uma curiosidade desesperada nos olhos. Ou quer acreditar nelas... Ou já acredita.

O que viu ela durante as suas viagens no mar? As sereias eram mais comumente encontradas no Pacífico, não no Atlântico, a acreditar nas histórias, e eu acredito. Mas embora, às vezes, o mundo pareça pequeno, com cada canto inexplorado lentamente a ser colonizado, o oceano é para sempre um mistério. A superfície nem sequer insinua o que se encontra sob ela. É muito como a pessoa que me faz companhia.

Acabo de mastigar e pouso o garfo, depois engulo um gole do belo vinho fino antes de lhe servir outro copo. É melhor o Sedge voltar depressa com outra garrafa.

Olho-a nos olhos, aquele azul de luminosidade impossível a brilhar sob as pestanas escuras. Lembram-me algo, o resplendor que a água tem em certas zonas a determinadas horas da noite, a brilhar com partículas luminescentes. São tão cativantes que sustêm o meu foco, em detrimento do volume farto dos

seios naquele vestido. Ainda tem o cabelo molhado por ter sido lavado, em canudos grossos à volta dos ombros, a brilhar como tinta, e se eu não soubesse que isso é impossível, diria que ela saiu do próprio mar.

Mas isso é ridículo. As sereias não têm pernas, elas não andam por terra. É outra coisa qualquer, tenho a certeza, só não sei o quê. Aquilo que sei é que, quando chegarmos a Acapulco, já a terei desvendado, de todas as maneiras possíveis.

– O que quer saber? – pergunto-lhe, ajustando o assento enquanto tento acabar com a minha ereção usando a força mental. O raio da pila pronuncia-se sempre que ela está por perto e, esta noite, ela está particularmente deslumbrante.

– Disse que as sereias são valiosas. Como? Vão parar a tanques de peixe?

– De certa forma, sim. Têm guelras para respirar, como os peixes, mas também têm pulmões, como nós, permitindo-lhes que fiquem acima da água por longos períodos. Mas descobrimos que, quando são tiradas da água, precisam de continuar molhadas, caso contrário, secam e morrem. Uma cena muito macabra.

Tem os olhos esbugalhados e ficou tão imóvel que temo que tenha tido uma trombose.

– Princesa? – tento.

Ela engole com força. Uma estranha expressão de indignação aflora-lhe as feições.

– Já apanhou alguma antes?

– Julguei que fosse evidente. É isso que fazemos.

– Vocês são piratas!

– Somos a Irmandade do Sangue e pilhamos o mar alto. Tiramos o que conseguimos e usamos as coisas ou as trocamos. Não é diferente de qualquer outro pirata.

– Mas para que é que precisa de uma sereia? – grita ela.

– Acho que se devia acalmar, sua senhoria – digo-lhe. – Não estamos a caçar gatinhos e cachorros. As sereias não são as mulheres delicadas de que se fala. São predadores. Comem o coração dos homens. Seduzem-nos, fornicam com eles e despedaçam-nos. Vi-o com os meus próprios olhos. Encontrar-se-ia mais misericórdia num leão.

As narinas dela dilatam quando respira pesadamente.

– Viu? – pergunta, num tom de voz tenso. – Viu-as matar?

Aceno com a cabeça, sem vontade particular de falar disso.

– Só uma vez, mas chegou. Um camarada meu escorregou para o mar enquanto puxávamos uma para bordo. As sereias que tinham estado a tentar libertá-la atacaram-no. Numa questão de segundos, ficou mais esfarrapado do que esta carne. – Bato com o garfo na carne de porco, no prato.

Ela não parece nada enojada. Pelo contrário, continua a revelar paixão no rosto bonito.

- Porque é que as caçam? Isso é... bárbaro.
- Elas é que são bárbaras, se quer saber a minha opinião.
- Parece que matam para poder sobreviver!

Abano a cabeça.

– Não. Eu sei a diferença entre matar para sobreviver e matar por diversão, acredite. Há muitos peixes no mar, como se costuma dizer. Há coisas para elas comerem. Pelo contrário, eu acho que elas caçam os homens por desporto, da mesma maneira que os homens caçam a raposa com os seus cães.

- Então, levam-nas por vingança.
- Levamo-las porque são valiosas.
- Mas *porquê*?

Não sei qual é a melhor forma de responder a isto. Acho que a verdade é muitas vezes a mais fácil.

– O sangue de sereia é potente. É mágico. Dá magia, por falta de melhor palavra.

- Bebe o sangue delas?

Rasgo um sorriso para ela.

- Será que isso lhe desagrada?

Ela torce o nariz, com ar enojado, depois esse nojo assenta em medo. Curiosamente, não quero que ela pense em mim de maneira diferente, mas é inevitável quando se diz a um humano que se bebe sangue de sereia.

O Sedge quebra a tensão ao entrar na cabine com outra garrafa de vinho, muito necessária, por sinal.

Ele sai e eu saco a rolha à nova garrafa, servindo um copo a ambos. Empurro o dela para si.

- Tome. Beba.

Ela olha-me com uma expressão soturna, em resposta.

– Pode ser que me odeie menos se estiver embriagada – acrescento.

– Não podia odiá-lo mais – diz ela com rigidez.

– É bom saber que há um limite – digo. Bebo metade do conteúdo do meu copo antes de voltar a atenção de novo para o javali. Não preciso de comer mais, nem sequer estava com fome, mas o sabor é bom demais para me abster.

- Portanto, dá-lhe magia – diz ela por fim. – Como uma bruxa.

- Algo assim – digo-lhe.

– Então e essa tal Nerissa? A bruxa do mar. O que me pode dizer sobre ela? E a tripulação-esqueleto?

Fico grato por ela abandonar o assunto das sereias, uma vez que a incomodava tanto.

– As bruxas do mar vagueiam pelos mares como as sereias. Creio que as bruxas do mar são o único inimigo conhecido delas. Julgo que se poderia dizer que também são nossas inimigas. São muito mais traiçoeiras e monstruosas do que as bruxas normais que se encontra em terra.

Ela inclina a cabeça, curiosa.

– E você lida com os dois tipos de bruxas?

Anuo.

– Sim. – Passo a língua pelos lábios, para limpar o vinho, e debato mentalmente se devo contar-lhe mais. Até zangada ela exerce um poder sobre mim. Talvez até mais. – Fui casado com uma bruxa.

As mãos dela tremem e quase entornam o vinho.

– Foi casado com uma bruxa?

– Foi há muito tempo.

Ela baixa a taça.

– O que aconteceu?

Inspiro fortemente pelo nariz, fazendo-me rígido para responder.

– Ela morreu durante o parto. Às vezes nem as bruxas se conseguem salvar. Afinal, são humanas.

Ela leva os dedos à boca, pressionando os lábios, e arqueja suavemente.

– Sinto muito.

– Sim. Também eu. E toda a gente. A Venla era apreciada, apesar daquilo que era. Era uma bruxa boa. E deu uma pirata destemida.

– E a criança? – pergunta ela baixinho.

Sinto um aperto no peito e tento sorrir por cima da dor.

– Sobreviveu. A Hilla. Era uma menina linda.

– Ah! – Os seus olhos passam a um azul suave, um azul triste, sem dúvida apercebendo-se de que a frase está no pretérito imperfeito.

– Sim – digo, limpando o nó da garganta. – Morreu quando tinha oito anos. Fui eu que a criei, bem, com a ajuda da tripulação, como fizemos com o Henry e o Lucas. Fiz o melhor que pude por ela e foi uma criança tão feliz aqui, apesar de nunca ter conhecido a mãe. Mas, olhando para trás, eu sei que não devia tê-la criado neste navio, sendo o mundo como é.

– Foi a marinha ou...?

– Uma bruxa do mar – digo-lhe, e o meu tom de voz adquire um tom afiado. – Uma bruxa do mar que controla uma grande besta.

Os olhos dela crescem um pouco.

– Que besta?

– Um Kraken.

Ela arqueja em resposta.

– Antes que me pergunte, sim, eles também são reais – digo-lhe. – São horripilantemente reais. E mataram a minha menina diante dos meus olhos. Agora só quero a minha vingança.

– Dessa Nerissa? – pergunta ela, erguendo a voz. – Ou do Kraken?

– Tanto quanto sei, a Nerissa não teve nada que ver com a morte da Hilla e não pode controlar os Kraken. O que ela controla é uma maldição que inflige aos marinheiros que navegam muito perto das suas ilhas. A tripulação-esqueleto é vítima da sua maldição infeliz. Seres humanos transformados em esqueletos para a eternidade. A única maneira de se mostrarem novamente

humanos é descobrindo uma magia própria...

– Sangue de sereia.

– Exatamente. – Bebo mais um gole de vinho. – Então, eles também as caçam, embora a magia não dure muito tempo para eles. São um bando de loucos, sabe. Você também seria, se tivesse sido reduzida a cadáver ambulante para o resto da vida.

Ela pensa nisto durante um momento, depois pergunta em voz baixa:

– Então, qual é a bruxa que controla o Kraken?

– Chama-se Edonia.

Os olhos da princesa dilatam assustadoramente, depois voltam depressa ao normal, com o rosto a ficar inexpressivo.

– Conhece-a – deduzo.

Abana a cabeça.

– Não. Não conheço nenhuma bruxa.

– Então, porque é que a sua pele empalideceu como se tivesse visto um fantasma?

– Talvez todas essas suas histórias me estejam a assustar.

Ela está a mentir. Já estive na sua companhia o suficiente para saber que nada parece assustá-la. Tudo bem. Pode guardar os seus segredos. Vou descobri-los mais cedo do que tarde.

– Então, qual é o seu plano? – pergunta ela, endireitando-se no assento e assumindo um ar de falsa dignidade, os olhos focados no prato.

– Avistámos ontem o navio deles por um breve momento. Estão a ser puxados de novo para as ilhas. – Ela franze o sobrolho, confusa, e eu prossigo. – A Nerissa tem rédea curta neles, deixando-os afastar-se apenas quando se sente generosa. Acaba por puxá-los de volta para as ilhas, como uma corda mágica. O navio deles desloca-se com a mesma rapidez do *Nightwind* quando ela o controla e a tripulação se encontra à sua mercê. É mesmo um navio-fantasma.

– Mas se formos para as ilhas, onde está esta bruxa do mar que amaldiçoa seres humanos, ela não nos vai fazer o mesmo?

Abano a cabeça.

– Não. Não vai. Ela não nos pode tocar.

– Porque não?

Passo a língua pelos dentes.

– Magia.

– Da última vez que matou uma sereia e lhe bebeu o sangue?

– Da minha mulher, se tem mesmo de saber.

– Ela deu-lhe magia.

– No tempo do era uma vez. Até me escreveu um livro de magia. Há quem diga que o escrevemos juntos. Mas foi feito para mim e para a minha tripulação. Ela sabia que estes mares são verdadeiramente perigosos. – Faço uma pausa, a sugar por um momento o lábio. – Ela sabia até que ponto a irmã era rancorosa.

– Irmã?

– Meia-irmã. A Edonia é meia-irmã da Venla. E oh!... se ela odiou que o seu sangue se misturasse com um homem como eu.

– Então... – A frase morre-lhe na boca e os cantos dos lábios descaem.

– Então, matar a Hilla foi a vingança dela, presumo – digo. – A Edonia levou a minha menina. E o meu livro. Aquele que a Venla fez para mim.

A boca da princesa abre-se, depois fecha-se. Comprime os lábios por um segundo antes de dizer:

– Lamento.

Eu não quero que tenha pena de mim, embora sinta a sua empatia. Emanada dela como um abraço caloroso. É uma sensação agradável.

– Sim. Bem... Escusado será dizer que agora também quero vingança. Da Edonia. E, apenas com farrapos de magia do livro deixados para trás, precisamos de sangue de sereia para derrotarmos realmente a bruxa do mar e sobreviver ao Kraken. Agora entende, não é?

– Sim – diz solenemente.

– E embora tenhamos tido sorte no passado com a caça às sereias, há muito que não vemos uma. É como se a espécie comesse a rarear. Não sei ao certo porque será, elas não têm predadores.

– Exceto a bruxa do mar.

– Sim.

– E vocês.

– Sim. E nós, mas não há muito tempo. Daí irmos atrás da tripulação-esqueleto. Se eles tiverem uma sereia a bordo, será uma presa fácil para nós.

O olhar dela ensombrece.

– Como sabe que a sereia ainda está viva?

– Não sei. Mas só o sangue fresco serve. Não funciona se estiverem mortas.

– Então vai atacar a tripulação-esqueleto e roubar a sereia deles para a trazer para bordo do *Nightwind*.

– Precisamente.

– Uma presa fácil, disse você.

– De certa forma. Eu sei que já se chamou ao *Nightwind* navio dos mortos-vivos, mas na verdade é o *Norfinn*, que é como se chama o navio, que merece a alcunha. Se já estão mortos, é impossível matá-los. Pode vir a ser perigoso. Mas estará segura, na sua jaula.

– Eu sei lutar.

Rio-me.

– Lá aguerrida é, concordo. Mas se não me derrota, certamente não derrotará os mortos-vivos.

– Treinei com espada.

Ergo uma sobranceira, reprimindo a troça.

– Onde? Quando?

– O rei gostava de me fazer a vontade. Aprendi aqui e ali.

– Já a vi manusear uma espada e, lamento informar, não é lá muito boa.

– Consigo manter-me firme.

– E, no entanto, deixa que o Aerik a trate como trata.

Os olhos dela fulminam.

– Eu não o *deixei* fazer as coisas que ele fez! – diz bruscamente. – Não faz ideia do que tem sido. E ele não é diferente de si, com o seu ferro quente.

É justo. Não posso fingir que sei como tem sido para ela.

– As minhas desculpas – digo. – Não quis ser tão rude.

– Você não é nada a não ser rude.

Encolho os ombros, como que a dizer: *pirata*.

– Mas talvez me possa ensinar – continua ela.

Rasgo um sorriso.

– Ensiná-la a empunhar uma espada em combate? Porquê, para me poder apunhalar à primeira oportunidade?

– Acho que apunhalá-lo não vai servir de nada – diz ela entre dentes.

– Tem razão. Ser esfaqueado é extremamente irritante.

Ela solta uma risadinha, um som leve e melódico e dou-me conta de que pode ser a primeira vez que a ouço rir. De repente, a única coisa que quero é fazê-la rir outra vez.

Mas depois recompõe-se, como se se lembrasse de que me odeia, e o seu rosto fica novamente soturno. Temperamental, mas, mesmo assim, bonito. Deus Todo-Poderoso, eu tomá-la-ia fosse com que temperamento fosse, e encantado da vida.

– Quando acha que os alcançamos? – pergunta ela, desviando os olhos, talvez por eu estar a olhar tão descaradamente para ela.

– Amanhã à noite – digo-lhe. – Vamos recuar um pouco mais perto da ilha. Deixá-los instalarem-se. Depois planeamos uma emboscada.

Ela termina o seu copo de vinho e roda o pé do copo entre os dedos.

– Posso perguntar-lhe uma coisa?

– Tudo, 'morzinho.

– Alguma vez matou uma sereia sabendo que ela era mãe?

Que pergunta mais peculiar. Esta mulher tem lá dentro um coração a sangrar.

– Que eu saiba não – digo. – É difícil imaginar uma dessas criaturas malvadas como mães, mas creio que as sereias têm de vir de algum lugar. Julguei que viessem do próprio Diabo.

Surge no seu olhar uma expressão que ausculta borrascas capazes de engolir um navio inteiro.

– Talvez viessem – diz ela sem rodeios, e eu juro que vejo uma sugestão de sorriso.

Parte 2

As Ilhas

Capítulo 13

Ramsay

– Como está a princesa? – pergunta o Cruz.

O Sol começa a pôr-se no Ocidente, uma exibição brilhante de corais e roxos que dançam com as estrelas a despontar. Sinto uma pontada de culpa ao ouvir a menção a ela, pelo facto de estar presa na jaula quando podia estar aqui em cima, a apreciar esta maravilha da natureza, o pôr do Sol e a brisa fresca do mar, que tem um leve aroma floral, sugerindo proximidade das ilhas.

– Em modo de sobrevivência – digo-lhe. O vento nas velas é um tambor constante acima de nós.

– E quanto tempo planeias mantê-la na jaula? – pergunta ele, com leveza na voz. – Quando soube que jantaram juntos ontem à noite, presumi que ela já faria parte da tripulação.

– Não confio que não faça mal a si mesma – admito. – Ela é imprudente e precipitada. Saltaria para o mar à mínima oportunidade. Em relação às ilhas, vai nadar até elas.

– Estou a ver. E não queres que esteja com o marido, porque a queres toda para ti.

– O marido *bate-lhe* – digo, dirigindo-lhe um olhar acutilante.

– E não queres que esteja com o marido porque a queres toda para ti – repete o Cruz com um sorriso.

– Estou a manter as nossas posses em segurança – resmungo, encostando-me ao corrimão.

O Cruz dá uma risadinha e bebe um gole de rum antes de me passar o cantil de pele de cabra.

– As tuas posses, queres tu dizer, já que a reivindicaste como tua.

Considerarei por um instante beber o rum, depois descartei a ideia, por precisar de ter a cabeça desanuviada para o ataque dessa noite.

– Sim. As minhas posses.

– Continuas a planear trocá-la por um resgate, não continuas? – pergunta ele, escrutinando a minha expressão.

Não deixo transparecer nada.

– Continuo.

– É que, quando trouxeste o querido Sedge para bordo deste barco, nunca tiveste intenções de o deixar ir, isto depois de o teres marcado.

– Tu sabias porque é que não podíamos deixá-lo ir.

– Ele não fala, Ossos – diz o Cruz. – Ninguém saberia o que se passa aqui e, de qualquer maneira, não teriam acreditado nele.

– Todo o cuidado é pouco. Seja como for, o Sedge provou ser valioso. O mesmo acontecerá com a princesa. Mas o verdadeiro criador de dinheiro é o príncipe. Infelizmente, gostava mesmo de o matar.

– Tenho a certeza de que matarás, a dada altura – diz o Cruz com uma gargalhada, dando-me uma palmadinha nas costas. – Eu conheço o teu feitio.

– Sim, é quase tão mau como o teu.

Ele limita-se a rasgar um sorriso para mim e inclina o cantil para trás, despejando mais rum para a boca. A maior parte da tripulação bebe rum antes de entrarmos em batalhas e escaramuças, porque ajuda a ter coragem e, segundo palavras suas, torna as coisas mais divertidas. Mas apesar de já termos lutado contra a tripulação-esqueleto, nem sempre é fácil. É verdade que a nossa tripulação é abençoada por meios não humanos, mas não somos os mortos-vivos. *Podemos* ser mortos, mas eles não. A nossa única sorte nesta situação é o facto de que, mesmo que sejamos feitos prisioneiros, não seremos condenados à sua sorte. A maldição não nos pode tocar.

Bem, à maior parte de nós.

O Cruz vira-se e examina a tripulação. É a acalmia que precede a tempestade. Em situações normais, o Cruz começaria a tocar violino: é um músico talentoso por direito próprio e a música deixa sempre a tripulação pronta e animada para a batalha. Mas esta noite precisamos de pezinhos de lã e sossego se quisermos uma emboscada a sério.

– Intendente! – grito, ao avistar o Thane no convés inferior, a conversar com a Sam e o Lucas, provavelmente a lembrar ao Lucas que fique lá em baixo, longe de sarilhos, e à mulher que faça o mesmo, apesar de saber que ela vai fazer orelhas moucas.

Sobe as escadas para se vir juntar a nós, no convés.

– Qual é a mensagem? – pergunta, mais rabugento do que o habitual.

– Estava só a pensar no nosso plano de ataque. O que se passa contigo, irmão?

Ele faz um ruído intenso de resmungo.

– Não gosto disto.

Franzo o sobrolho.

– Como assim? Viste alguma coisa na bola?

– Não. Mas, depois do ataque no navio da marinha, sinto que as coisas estão um bocadinho precárias neste momento. Se quiseres trocar os

prisioneiros por dinheiro do rei, eu sou a favor, mas desviar para estas ilhas malditas, não. – Sacode a cabeça de modo austero. – Sinto que está a ficar muito complicado. Temos de nos cingir a uma tarefa de cada vez.

– O ataque da marinha não foi nada – diz o Cruz. – O Lothar tratou de toda a carpintaria e das reparações num dia. O *Nightwind* nunca esteve em perigo, como sabes.

– Mas o nosso abastecimento de comida sofreu danos durante o ataque.

– É por isso que o sangue de sereia é a resposta.

– O sangue de sereia só é resposta porque queres vingança, não porque queiras que sobrevivamos todos.

Fulmino-o com o olhar.

– Sabes muito bem que faço qualquer coisa por esta tripulação. A minha vingança é a vingança de todos. Tu eras tio da Hilla.

Ele desvia o olhar, um mero indício de vergonha na cara.

– Não é só a Hilla. É o livro. Tens de te libertar disso, Ramsay. Estás muito agarrado ao passado. A Venla, ela...

– Estou em paz com a situação da minha mulher – digo, rosnando para ele, e dou um passo ameaçador na sua direção. – Já me libertei do passado. Mas aquele livro tem magia, e nós precisamos dela se quisermos sobreviver neste mundo. Tu próprio o disseste, durante quanto tempo podemos continuar a fazer isto? Quanto tempo aguentamos? Precisamos disso para sobreviver. Todos nós. Agora, se conseguirmos a sereia, se conseguirmos o sangue, podemos destruir aquela cabra do mar de uma vez por todas e obter toda a magia que a Venla criou para nós. E, no final, se acabarmos por conseguir um preço elevado pelos prisioneiros, será a cereja no topo do bolo.

Ele levanta o queixo, olhando para mim com olhos cor de âmbar.

– Acho que compreendes, *mano* – diz ele. – São os reclusos que estão a revelar-se uma complicação. Até agora, o príncipe deixou o Drakos incapacitado e a princesa, bem, passas tempo na companhia dela e não devias. Só espero estar enganado em relação a isto tudo. – Enfatiza estas palavras com uma carranca.

– Olha só para ti, com uma cara que só uma mãe poderia amar – diz-lhe o Cruz jovialmente, sempre pronto a desanuviar a tensão entre nós. Dá uma palmadinha no peito do Thane. – Agora que já acabaste de desancar o capitão, talvez possamos voltar a nossa atenção para o plano de ataque, para que não haja complicações.

Cruz saca de um mapa enrolado do bolso de trás e desenrola-o para o lermos.

– Bem, já estivemos em Los Pintados – diz ele, entrando sem dificuldade no seu papel de navegador. Aponta com o cantil para o gráfico grosseiramente desenhado. – O mais provável é eles ancorarem aqui na baía, onde estão protegidos. Se chegarmos ao outro lado da ilha, onde a ruína da Cidade do Recife se encontra com o mar, teremos a cobertura de toda a ilha. Podemos atravessar por terra.

Aceno com a cabeça.

– E, em seguida, deslizar para a água do outro lado, nadar para o navio, trepar pelos lados e pela âncora. Apanhar o capitão e desfazermos dele.

– Eles vão estar à coca de quem se aproxime por mar, não por terra – acrescenta o Cruz.

– Então é a bruxa do mar, a Nerissa? – pergunta o Thane. – Se ela não estiver debaixo de água? Ela vive perto dessas ruínas, não vive? Não nos vai deixar passar.

– Porque não? Ela não tem nada a tratar connosco e nem nós com ela.

– Mas vamos roubar uma sereia à sua tripulação maldita – assinala o Thane.

– Sim, mas essa sereia confere magia à sua tripulação maldita. Acredita em mim, ela haveria de querer que a sereia desaparecesse.

– Na verdade, a sereia já pode ter desaparecido – diz o Cruz, baixinho. – Se a Nerissa a encontrar a bordo antes de lá chegarmos...

– Mais uma razão para termos de fazer isto o mais depressa possível – digo-lhes. – Intendente, informa a tripulação dos planos. Vamos precisar de pelo menos mais cinco pessoas para virem comigo para assegurar o navio. O resto trará o *Nightwind* à volta, para podermos levar a sereia para bordo.

– Falas como se isto fosse fácil – resmunga o Thane.

– É esse o meu trabalho, não é? – disparo. – Eu falo como se fosse fácil, tu falas como se fosse impossível.

Passa a mão pelo maxilar e o arranhar da barba por fazer é audível.

– Muito bem. Vou contar à tripulação e reunir as equipas.

Dirige-se para o resto do navio.

– Vamos lá buscar a sereia? – pergunta-nos do leme o Olhos Doidos.

Viro-me e dirijo-me a ele.

– Vamos. Precisamos que dês a volta com o navio mal nos deixes no ponto de partida.

O Cruz aparece com o mapa, mostrando o plano ao contramestre.

– Qual é o plano para a sereia? – pergunta com um agitar das sobrancelhas fartas, depois de olhar de relance para o mapa. – Vais deixar que seja de todos ou vai ser só tua, como a princesa?

– Será distribuída uniformemente pela tripulação – garanto-lhe.

– Mal posso esperar – diz ele, excitado. – Ouvi dizer que têm os buracos mais apertadinhos que se possa imaginar.

Lanço-lhe um olhar de desdém.

– Contramestre. Sabes que ela não é para esse fim.

– *Bah*, o que é que achas que a tripulação-esqueleto tem feito com ela?

– Conner – diz-lhe o Cruz, tentando não sorrir. – Eles são esqueletos.

Não têm pila!

– Mas tenho eu – grita ele.

Já era de esperar que o seu pensamento fosse para esses lados. Ainda só deixámos o porto na semana passada e já ele está a pensar com a pila. É

verdade que eu também, mas isso é só porque tenho uma criatura deliciosa enjaulada no meu quarto.

Por falar nisso.

Saio do convés e desço as escadas até aos meus aposentos, onde deparo com o *Skip* a correr pela divisão e a esconder-se debaixo da mesa, enquanto a princesa está na sua jaula, com um ar de anjinho.

– O gato está a incomodá-la? – pergunto.

– Está só a travar amizade – diz ela. – Pode não acreditar, mas começa a ser muito maçador estar aqui.

– Posso pô-la de novo ao pé do seu marido, se quer emoção.

Os olhos dela estreitam, gélidos.

– Não se atrevera.

– Na verdade, sou um sujeito muito ousado – digo-lhe. Dirijo-me, a passo largo, para o roupeiro e começo a despir a roupa.

– Importa-se? – pergunta ela, tapando os olhos.

– Não me importo. Mas posso virar-me de costas, se lhe aprouver.

– Sim, por favor.

– Interessante, eu podia ter jurado que gostou de me ver sem camisa no outro dia. – Rasgo um sorriso para ela, sacudindo a cabeça, depois liberto-me das bermudas e da camisa, que pouso nas costas de uma cadeira, e visto um conjunto de roupa mais escura de secagem rápida, perfeito para poder nadar furtivamente. Preciso da menor quantidade possível de restrições e acessórios, apenas uma adaga e uma espada de pirata e já chega. A pederneira não funciona se estiver molhada.

Viro-me assim que estou vestido e, enquanto abotoo a camisa, ela olha-me por entre os dedos.

– Posso perguntar como vai derrotar a tripulação, se já está amaldiçoada e morta? – pergunta ela.

– Vou decapitá-los. Desmembrá-los. Isso não vai matá-los, mas se não conseguirem acesso aos seus ossos, não podem ser montados outra vez.

– Fascinante – diz ela entre dentes, embora pareça sincera. – Mas vão ver a sua chegada, não é?

– Não se primeiro eu entrar sorrateiramente com alguns camaradas no navio. Vamos ser deixados na costa, depois o *Nightwind* contorna a ilha para nos apanhar. Entretanto, teremos desmembrado o capitão. Se tirarmos o capitão, tiramos a tripulação.

– Vou ter isso em mente – diz ela.

– Fique aqui, 'morzinho – digo-lhe. – Não tarda, está feito.

Deixo-a, trancando a porta dos meus aposentos atrás de mim. Só quando estou no bote do navio, a ser descido para a água, juntamente com a minha tripulação, constituída pelo Cruz, o Matisse, o Lothar, o Remi, o Horse e o pajem, o John, me lembro que deixei as chaves da jaula da princesa para trás, nas outras calças. Afasto isto da minha cabeça. Ela não pode sair da jaula e mais ninguém pode entrar nos meus aposentos. Ela está em segurança.

Direciono o meu foco para o nosso plano e aquilo que me rodeia. Um nevoeiro pesado instalou-se sobre a água e as ilhas, revestindo-as com uma névoa misteriosa. Remamos em silêncio até à costa na cobertura escura da noite, interiorizando a reverência daquela zona. Nan Madol é uma cidade de ruínas semissubmersas à beira da água. Erguem-se ao longo dos canais construídos nas colunas de rocha basáltica, que dá ao local abandonado o nome de «Veneza do Pacífico».

Eu já estive em Veneza e apelidar assim este lugar é um exagero, mas, ainda assim, trata-se de um sítio impressionante, com os residentes, que eram os membros de elite das tribos, a viver aqui até há cem anos. Nesse tempo, desde que a cidade foi abandonada, a vegetação dominou tudo, com as trepadeiras alongando-se sobre as ruínas e a areia e a água engolindo o resto.

O nosso barco desliza em silêncio ao longo dos muros de pedra dos canais construídos nos recifes de coral e que se erguem na névoa. Se fosse dia e o sol estivesse a brilhar, dava para ver na água límpida as pedras antigas que tinham caído até ao fundo, mas no nevoeiro e sob um céu sem lua parece que estamos a rasgar tinta. Ao alto, as estátuas olham-nos, com os grandes olhos esbugalhados a darem os seus pareceres mudos. É o tipo de lugar onde uma pessoa nem quer respirar, com medo de chatear algum deus em quem não se acredita.

Acabamos por chegar à costa e saímos rapidamente enquanto o John vira o barco e começa a remar de volta para o *Nightwind*, e o navio tem agora um ar fantasmagórico, ali na bruma, mal se vendo.

Vou à frente e o Cruz na cauda, e conduzo a minha tripulação pela selva densa, passando pelas ruínas. Está ainda mais escuro aqui, a névoa atravessando as árvores como dedos, e tenho de usar a espada de pirata como catana para abrir caminho pela vegetação. Criaturas estranhas emitem grunhidos no breu e somos observados das copas das árvores por olhinhos brilhantes. De vez em quando ia jurar que ouço uma rapariga a chorar, mas sei que é um truque. Afinal, este lugar era completamente normal até a Nerissa decidir tomá-lo. Agora pulsa com a sua feitiçaria.

– Capitão, tenho a certeza de que alguma coisa nos segue – diz Remi, com a voz trémula.

Remi é o mais novo dos irmãos de pleno direito e não está acostumado a ser retirado do seu posto nos canhões.

– Sou só eu – diz o Cruz. – E... outra coisa. Mas quanto mais se fala nisso, mais nos segue. Vamos continuar de boca fechada.

Remi geme e o amante, Horse, diz-lhe umas palavras reconfortantes, e nós continuamos, com a respiração pesada e rápida e o som da minha catana ecoando vezes sem conta na escuridão.

Acabo por ver um pouco de luz através das árvores e levanto a mão para abrandarmos e fazermos silêncio. Deito-me de barriga para baixo e todos atrás de mim fazem o mesmo, depois rastejamos pela selva até a terra se transformar em areia e darmos por nós na praia. O nevoeiro espesso desanuvia

apenas o suficiente para vermos, diante de nós, na água, o navio fantasma.

Capítulo 14

Maren

– *Skip*? – chamo baixinho, olhando em redor à procura do felino laranja.

Antes, quando o capitão entrou na divisão, o gato correu para debaixo da mesa. Tenho a impressão de que o gato não tem medo do capitão, mas sim de ser considerado cúmplice. Nesse sentido, interrogo-me se o capitão também será capaz de comunicar com ele. É verdade que não é uma sereia, mas não me espantaria.

Mas não há sinal do gato. Talvez tenha fugido dali mais cedo, sem que eu tenha visto.

Suspiro e recosto-me nas grades da jaula, depois deslizo até ficar no chão, com a cabeça às voltas com tudo o que foi dito na véspera, ao jantar.

Os piratas caçavam sereias pelo seu sangue mágico.

A Edonia matou a filha do capitão e roubou um livro de magia.

O capitão foi, em tempos, casado com uma bruxa.

Pode ou não ter sido o capitão a roubar a minha mãe das profundezas de Limonos. Era a minha mãe que os caçava ou eram eles que caçavam a minha mãe? Ou terão sido outros marinheiros ou piratas a arrastá-la para fora de água, para nunca mais ser vista? Não preciso de mais nenhuma razão para odiar o capitão, portanto gostava de fingir que ele nunca esteve envolvido na morte dela.

Tenho tentado dar um sentido a tudo isto, mas acabo sempre a voltar a dois pontos-chave:

O sangue de sereia é mágico e eles matam por isso. Mais, parecem ver as sereias como monstros, o que não está errado. Mas acho que se alguma vez descobrissem o que eu realmente sou, a reação deles seria imprevisível. Aposto que o capitão não hesitaria em drenar-me o sangue, na esperança de que isso pudesse conferir-lhe magia. E talvez conferisse, ou talvez a minha magia tenha sido drenada quando a Edonia acabou o que tinha a fazer comigo,

mas ele haveria de tentar.

A razão pela qual ele precisa do sangue de sereia é para o ajudar a derrotar a Edonia. O que significa que, quando tiver a magia, ele irá atrás dela e, possivelmente, antes disso livra-se de mim. Se ele fizer isso, quer dizer que *estou* um passo mais perto da Edonia. Ele vai tentar recuperar o seu livro, mas se eu arranjar maneira de o conseguir primeiro, podia usá-lo para negociar com a Edonia e reaver as minhas barbatanas.

Então, agora parece que tudo tem um propósito e seria possível engendrar um plano. Só tenho de fazer duas coisas: manter a minha identidade de sereia em segredo e continuar nas boas graças do capitão durante o máximo de tempo que conseguir. Esta última será mais difícil do que a primeira, já que há algo no rosto daquele homem que me faz querer bater-lhe com os punhos e as unhas. Mas se eu conseguir, se eu conseguir ajudá-lo a recuperar o seu livro, depois passar-lhe à frente e roubar o livro e usá-lo para regressar a Limonos e à minha vida de sereia, isso resolverá tudo.

Pela primeira vez nos últimos dez anos, consigo ver tudo o que quero à luz do dia.

A minha liberdade.

O regresso ao meu verdadeiro ser.

Vou para casa.

Obriga-me a uma pausa. Calculo que se quiser ficar nas boas graças do capitão, isso implica eu ter de ficar no seu navio. Implica que preciso de obedecer.

E, no entanto, vejo as bermudas dele nas costas da cadeira, as chaves da jaula penduradas nelas. Se eu pudesse encontrar o gato e convencê-lo a dar-me as chaves...

E achas que é isso que te vai pôr nas boas graças dele?, penso.

Suspiro e recosto-me na jaula. O navio recomeçou a deslocar-se, o que significa que o bote deve ter voltado de deixar os homens na ilha. O movimento de balanço e o cheiro pesado e inebriante do ar da noite nos trópicos embala-me e adormeço, porque quando acordo ouço um estrépito terrível lá em cima.

O som de estarmos a ser atacados.

Mas não há fogo de canhão, nem pelouros a bater contra os navios. Em vez disso, há gritos e berros a acompanhar o tilintar de espadas, chocalhos que só podem ser descritos como esqueletos a serem desmembrados e algum tiro esporádico de mosquete.

E tudo parece vir da parte de cima do nosso barco.

Se alguém da tripulação-esqueleto vier aqui abaixo, pode fazer explodir a fechadura do capitão com um bacamarte. Posso ser uma presa fácil.

– *Skip!* – chamo de novo. – É hora de vires soltar-me, por favor!

De repente, o gato aparece, desta vez saindo de perto da cama do capitão, e para exatamente à minha frente, sem pressa nenhuma.

– Graças aos deuses – digo, ajoelhando-me no chão ao seu lado. – Por

favor, se entendes o que eu digo, preciso da tua ajuda. Estamos a ser atacados. O teu capitão haveria de gostar que me libertasses para que me possa defender.

Skip inclina a cabeça como se me interrogasse.

– Eu juro, *Skip*. E prometo que se me libertares vou à procura do Sedge e do resto do javali de ontem à noite. Ou do peixe, nós mal tocámos no peixe, de tão cheios que estávamos. Dou-te a comida toda que quiseres. – Estou a começar a sentir-me ridícula, a implorar a um gato, mas continuo: – Se essas pessoas-esqueletos entrarem aqui, vão atacar-me e eu sei que o capitão ficaria muito zangado contigo se deixasses isso acontecer.

O gato tigrado abre a boca num grande bocejo, revelador dos caninos, depois dá meia-volta e mostra-me o traseiro, atravessando a divisão com pezinhos de lã até à cadeira onde estão as bermudas dele. Nem foi preciso eu dizer-lhe, ele já está a saltar para a cadeira e a pescar as chaves. Ouço metal a ser desprendido, depois o chocalhar das chaves e, quando dou por mim, o *Skip* está a pular da cadeira e dirige-se a mim a trote com a argola de chaves na boca.

Observo, com espanto, o gato deixar cair as chaves mesmo à beira das grades da jaula.

– Miau – diz ele simplesmente.

Estendo o braço e pego nas chaves.

– Obrigada, obrigada. Que lindo gatinho.

Depois ponho-me em pé e mexo desajeitadamente na fechadura. Como é do lado de fora, torna-se difícil enfiar a chave, mas acabo por conseguir. Faço-o ao mesmo tempo que a luta no piso de cima parece escalar, com mais mosquetes e pistolas a disparar e um cheiro a pó no ar.

Abro rapidamente a porta e saio da jaula para a divisão, depois vou para a porta dos aposentos. Naturalmente, está trancada do lado de fora, portanto não consigo sair e parece que nenhuma das chaves que tenho no chaveiro funciona.

Raios partam, praguejo. Mas depois penso no significado de raios a partir algo.

Olho para a fileira de armas e vejo o mosquete de pederneira. O rei deixou-me manusear um mosquete uma vez, durante uma sessão de tiro ao alvo no exterior. Compreendi o fascínio pelas armas de fogo, mas, para mim, eram demasiado impessoais. Se eu tivesse de matar alguma coisa, queria fazê-lo cara a cara e com as minhas próprias mãos.

Mas lembro-me de como funciona e se usa. Tiro-o da parede e olho-o, sem ter a certeza se está carregado de pólvora ou não. Bato com a ponta no chão por precaução, de modo que, se houver pólvora, voltará para o ouvido da arma, de forma a receber a fálscia da pederneira.

Só há uma maneira de o testar. Olho para o *Skip*, que me oferece um «miau» forte e depois aponto para a fechadura da porta, suficientemente perto para não dever falhar.

Primo o gatilho e a pederneira é acionada.

A bala é disparada, o som da explosão enche a sala e é seguido pelo da fechadura da porta a rebentar e cair no chão em pedaços.

Não tenho tempo para recarregar a arma e, fosse como fosse, nem saberia fazê-lo, portanto, volto a correr para as armas, pego numa faca e depois regresso para a porta, abrindo-a para o caos do outro lado.

Só que, neste momento, parece que todas as escaramuças têm lugar no convés superior. Olho para trás, para o *Skip*, gesticulando com a cabeça para que me siga, mas ele limita-se a ir para debaixo da mesa. Provavelmente, uma jogada inteligente.

Pela parte que me toca, sinto que devo estar na ofensiva.

Saio, olhando para as escadas e vejo um esqueleto passar, com a pele meio apodrecida a cair-lhe do rosto horrível, a brandir uma espada, que o Thane lhe arranca da mão com a sua espada de pirata.

– Parece que a bela princesa saiu da jaula – diz uma voz grave atrás de mim. Este som dá-me a volta ao estômago.

Viro-me e vejo o Sterling, que me olha lascivamente.

– Devia estar lá em cima a lutar – digo-lhe, com falsa coragem.

– Acho que prefiro lutar contigo – diz ele, a sorrir, mostrando dentes estranhamente perfeitos. Estende a mão e agarra-me o braço, tentando puxar-me para as profundezas escuras do navio, mas eu fico de pedra e cal.

– Não me pode tocar – digo-lhe, tentando soltar o meu braço, mas em vão. – Eu pertenço-lhe. Marcou-me. Reivindicou-me em seu nome.

O Sterling franze o sobrolho.

– Não marcou nada.

– Quer ver? – pergunto e baixo-me para reunir o vestido, que depois puxo para cima de forma a mostrar a anca.

A expressão dele passa de luxúria desenfreada a pura descrença, depois a ódio.

Afasta-se efetivamente de mim.

– O filho da mãe reivindicou-te para ele – diz ele com um rosnado húmido. – Nunca pensei que tivesse lata para isso.

– Mas teve – digo-lhe, sentindo-me agora encorajada. – Pertença ao capitão Ramsay Battista e a mais ninguém. Eis o nome dele na minha pele. Sou propriedade sua.

Ele morde o ar como se fosse um cão sarnento.

– Então, é o teu funeral, boneca. Nem sabes no que te meteste. – Empurra-me para o lado com uma mão carnuda e eu vou disparada bater no corrimão das escadas. Não posso acreditar que o Ramsay estava a falar verdade quando disse que a sua marca me iria manter em segurança. – Tenho de ir ajudar a trazer uma sereia.

Sereia? A minha atenção volta-se para isso. *Será que a têm? Estará viva?*

Pondero se me devo esconder algures no navio ou ir lá para cima, mas a

curiosidade leva a melhor. Eu preciso de ver a sereia antes que eles a matem ou a torturem ou o que quer que seja que vão fazer. Oxalá pudesse salvá-la, mas agora que sei que chegar à Edonia depende de o capitão e da tripulação conseguirem o seu sangue de sereia, acho que não consigo.

O facto de eu estar a escolher-me em detrimento da vida de outra sereia destrói-me um pouco. Mas já estão a ser feitos sacrifícios.

Subo devagar as escadas para o convés, espetando a cabeça mesmo a tempo de ver desenrolar-se uma cena absurdamente caótica.

Parece que a maior parte da tripulação do *Nightwind* está aqui agora, cada membro a lutar com um ou dois esqueletos apodrecidos, vestidos com roupas folgadas, armados com espadins e espadas largas. O *Nightwind* parece estar a ganhar, apesar da desvantagem, embora eu olhe mesmo a tempo de ver um dos esqueletos espetar o espadim em cheio no estômago do pirata que cortou a bochecha do Aerik.

Mas, embora o pirata se dobre de dor, ainda consegue cortar as pernas do esqueleto pelas canelas, baixando de seguida a lateral da espada sobre o crânio, esmagando-o em fragmentos.

– Eis uma bela donzela.

Dou meia-volta e vejo um esqueleto escancarado a poucas dezenas de centímetros de mim, prestes a trespassar-me com a espada.

– Eis um filho da mãe decapitado – diz a Sam, a mulher pirata, surgindo do nada.

Grito quando ela brande a espada e corta a cabeça com um golpe certeiro. A caveira vai saltando ao longo do convés, a boca ainda aberta num grito.

Fito a mulher, chocada por ela me ter salvado.

– Obrigada – digo, sem fôlego.

– De nada – diz ela. – Achei que o Ossos ficaria com a minha cabeça se eu deixasse que alguma coisa te acontecesse. – Ela olha para a faca nas minhas mãos. – Eu diria que devias estar lá em baixo, onde é seguro, mas pareces-me ser uma mulher que não dá ouvidos à maior parte das pessoas.

– Nisso tens razão – digo, dirigindo o olhar para o resto da batalha que se desenrola ao nosso redor. – Nós estamos a ganhar?

– Nós? – diz ela com um sorriso rasgado. – Fico feliz por saber de que lado estás. Sim, eu digo que estamos a ganhar. Custa bastante mandar abaixo estes homens malditos, mas quando se manda... – Espeta o queixo para o homem que decapitou. O corpo rasteja lentamente para a cabeça. Ela vai ter com ele e baixa-se, agarra um braço de osso arranca-o, volteando-o para que saia disparado do convés para a água. – Consegue-se que fiquem assim algum tempo.

Ela olha para o resto da cena, os esqueletos a lutar e a névoa estranhamente espessa que desce sobre o navio, e franze a testa.

– Estou com um mau pressentimento em relação a isto – diz ela ao regressar, a espada de pirata ao lado do corpo, pulsando com a necessidade de

esfaquear alguma coisa.

– O quê?

Ela tem o olhar fixo no outro barco, que está esmagado contra o *Nightwind*. Alguns tripulantes do *Nightwind*, incluindo o Sterling, estão a trazer para bordo uma espécie de caixa comprida. Lembra-me um caixão, só que está tapada com um lençol de musselina.

– É a sereia que ali está.

Fico de queixo caído e emito um arquejo forte.

– Eles têm-na?

– Ou o que resta dela – diz a Sam, com desilusão na voz. – Vês como os homens malditos são mais ou menos esqueletos? O sangue de sereia ter-lhes-ia dado uma aparência humana por um curto período. O facto de a humanidade e a pele deles se ter esfarrapado significa que a sereia não está a dar sangue suficiente. Ou isso ou já está morta.

– Aaaaaaah! – grita um esqueleto, e começa a correr para nós com a espada larga em riste.

A Sam vira-se depressa para lutar contra ele, o seu jogo de espada está ao nível do dele e, embora eu queira ficar e talvez ajudá-la, ela parece não precisar de ajuda de pessoas como eu. Em vez disso, quero seguir o Sterling e a sereia para onde quer que eles vão.

Saio do caminho, escondendo-me atrás de um barril de alcatrão, depois fico a vê-los levarem a caixa comprida escadas abaixo até ao convés inferior. Espero um pouco e depois desço atrás deles. Não estão no convés principal, não estão perto dos aposentos do capitão ou dos oficiais, portanto desço sorrateiramente o lanço de escadas seguinte, até ao convés de bateria.

Eles saem da divisão onde se encontra a cela do Aerik e eu baixo-me atrás de um poste, ficando a vê-los subir as escadas a correr para se irem juntar à luta contra a tripulação maldita, cantando juntos uma canção do mar.

Deixaram a porta da divisão aberta, felizmente, e eu vou a correr para ela. Tinham acendido uma candeia, que colocaram no canto da sala, iluminando a caixa coberta e o Aerik, que está a olhar para ela da sua cela de prisão, num estado de confusão e cansaço.

Olha para mim e pestaneja. Está mesmo com péssimo aspeto. Tem a cara com hematomas e sangue seco e já está só pele e osso. Quase tenho pena dele.

– Ainda estás viva – comenta, com a sua voz crua e rouca.

– Lamento a desilusão – digo, enquanto dou um passo para a caixa do tamanho de um caixão.

– O que é isso? – pergunta.

– Isto? – digo, alcançando o pano que o cobre. A minha mão começa a tremer, tenho os nervos em franja. – Isto é uma sereia.

– Uma sereia? – diz o Aerik, incrédulo e desdenhoso.

Eu aceno e inspiro, trémula.

Seguro o pano e puxo-o da caixa.

E grito.

Capítulo 15

Maren

Os meus gritos ecoam pela divisão, ensurdecedores até aos meus ouvidos.

Isto não pode ser real. Não pode ser uma certeza.

O caixão é, na verdade, um tanque de vidro, meio cheio de água turva e ensanguentada, e dentro do vidro está uma sereia. Não consigo dizer, pelo seu aspeto emaciado, pelo modo como está parcialmente submersa, de olhos fechados e mão no peito, o cabelo cinzento a flutuar à sua volta, se está viva ou morta.

Mas o que eu sei é que não se trata de uma sereia qualquer.

Esta é a minha irmã mais velha.

É a Asherah.

Há dez anos que não a vejo. Mas, nessa altura, ela tinha cabelo negro arroxado, não grisalho, com uma pele morena e reluzente, não esta palidez de morte. Na altura, as suas escamas cintilantes eram rosa e prateadas, não este cinza mortiço e lascado, com todo o comprimento da cauda coberto por uma película de algas. Ela era linda e agora esmoreceu e é quase nada, como se tivesse envelhecido trezentos anos no decurso de uma década.

– Deus Todo-Poderoso, Jesus! – pragueja o Aerik. – Isso é uma sereia.

Ignoro-o e faço pressão com as mãos no vidro.

– Asherah. Sou eu. É a Maren.

– Asherah? – repete o Aerik atrás de mim. – Maren, eu acho que passaste tempo demais com estes piratas.

Mas a minha irmã mexe-se. O tanque é curto demais para ela esticar a cauda completamente, por isso tem-na enrolada ao lado do corpo e as pontas das barbatanas transparentes, em decomposição, contraem-se.

Bato rapidamente no vidro, a esperança a subir-me pela garganta.

– Asherah! – grito.

Depois lembro-me de que, debaixo de água, não falávamos assim.

Vou para o interior da minha cabeça e falo lá, pois só ela será capaz de me ouvir.

– *Asherah. É a Maren. Por favor, acorda* – suplico.

Ela mexe-se de novo e, desta vez, abre os olhos. Aqueles olhos outrora violeta, da mesma cor dos da nossa irmã, esmoreceram e são agora de um rosa-pálido. Mas é ela. É ela, na mesma.

– *M-Maren?* – pergunta ela no interior da minha cabeça. – *Como é isto possível?*

Não posso deixar de sorrir, com as lágrimas a escorrerem-me pelas faces.

– *Não sei, mas é. É possível. E eu tenho de te tirar daqui.*

– *Onde estou?* – pergunta ela. Tenta olhar em redor, mas mal se mexe um centímetro os músculos ficam trêmulos de fraqueza. – *O que é que aconteceu? Porque é que estás a aqui?*

– *Não sei porquê* – digo-lhe. Preciso de lhe dar na mão, de a deixar sentir-me. Empurro o vidro que está por cima do tanque, mas é muito pesado. É preciso empurrar com todas as minhas forças para que ele deslize e caia com estrondo no convés, ao nosso lado.

Ela arqueja, necessitando do ar tanto para os pulmões como para as guelras. Vejo as guelras que lhe percorrem o pescoço abrir e fechar, tentando absorver a água suja.

– *Eu vou tirar-te daqui* – digo-lhe. Ponho a mão na água e agarro a dela. Os seus ossos parecem frágeis e as garras estão partidas. A membrana que as une está esfarrapada como uma bandeira desgastada.

– *Maren* – diz ela baixinho. – *Não faças nada que te ponha em perigo. És tu a razão por que estou aqui.*

Pestanejo, apertando-a com mais força, com a surpresa.

– *Como assim?*

Os olhos dela ardem, a maior energia que já lhe vi até agora, e fixa-me no seu olhar.

– *Não sabes o que aconteceu? Quando o Nill voltou e nos contou o que a Edonia te fez, o pai mandou o reino todo à tua procura.*

Não posso acreditar.

– *Fez o quê?* – Ele faria isso por mim? É isso que quero dizer. – *Mas ele sabia que eu estava acima da superfície da água, não abaixo.*

Ela consegue fazer um aceno fraco.

– *Nós também estávamos à procura da Edonia, para a fazer trazer-te de volta e reverter o feitiço. O Nill contou-nos como ela te enganou. Tinhas só dezasseis anos, não estavas com a cabeça no sítio e ela sabia. Mas fôssemos onde fôssemos, não havia sinal de ti. Nenhuma sereia a sul ou a norte de Limonos te tinha visto quando observavam a costa e os navios que passavam, e também nenhuma tinha encontrado a Edonia.*

Respira fundo pelas guelras e pelo nariz. Depois, prossegue, com os olhos a fecharem-se.

– *Por isso, decidi vir por aqui. Nunca tínhamos explorado o que ficava para oeste de nós. Este grande oceano. A Larimar veio comigo, mas fomos separadas quando me apanharam. Não a apanharam, ela tentou salvar-me, mas não conseguiu. Ela está bem, não te preocupes. Ela ainda anda por aí.*

Engulo o nó que tenho na garganta.

– *E o pai? Está de novo em Limonos? Está... está bem?*

Asherah abre os olhos, cheios de tristeza, e então sei. Sei, no meu íntimo, que já não está entre nós, como a mãe.

– Não – digo em voz alta, suavemente. – Por favor, ele não.

– O que estás a fazer, mulher? – geme o Aerik. – A falar com um peixe?

– Cala-te ou faço-te eu calar! – digo bruscamente, com maldade, antes de me virar novamente para a minha irmã.

– *Por favor, diz-me que o pai está bem, eu não aguento* – suplico.

Ela faz o mais ténue gesto de sacudir a cabeça.

– *Morreu. Houve quem dissesse que de coração partido. Depois de perder a nossa mãe, não aguentou a ideia de te perder também e ficou sem vontade de viver.*

Oh, deuses! Não!

As lágrimas rolam pelas minhas faces, como um rio.

– *Tantas sereias já cá não estão* – continua ela, apertando-me a mão ao de leve. – *Somos uma raça moribunda, Maren. Já o somos há algum tempo. Estremeço ao pensar quantos restam. Em breve serão menos um.*

– Não! – grito, segurando a mão dela junto ao rosto, sentindo a sua pele pegajosa e fria. As minhas lágrimas caem sobre ela. – *Tu não vais morrer. Vou proteger-te deles. Vou pegar em ti e levar-te para a água e serás livre.*

– *Mas até que ponto posso ser livre sem a minha querida irmã?* – diz ela tristemente, dirigindo-me um sorriso suave. – *Eras tão imprudente, egoísta e corajosa e tive tantas saudades tuas.*

– Eu também tive saudades tuas – digo com um soluço, ignorando a troça do Aerik, atrás de mim. – *Mas eu vou libertar-te, prometo. Vais viver.*

– *Estou a morrer, Maren. Capturaram-me há muitas luas. Têm bebido lentamente o meu sangue desde então.* – Dirige o olhar para o seu pulso e eu afasto-o da cara e vejo uma ferida profunda que parece ter sido marcada repetidamente.

– *Monstros* – rosno. – *Vou matá-los a todos.*

– *Eles já estão mortos* – diz ela. – *Eu só os ajudei a sentirem-se vivos, mas é algo que eles nunca serão. É verdade que estou a sofrer, mas vou morrer e o meu sofrimento terminará. O sofrimento deles nunca terá fim.*

– *Eu quero lá saber deles, eu quero saber é de ti!*

– *E eu de ti, tanto* – diz ela. – *Eu sei que tens uma vida nova aqui, mas pelo aspeto da coisa* – olha brevemente para Aerik – *talvez não seja tudo aquilo que te foi prometido. Estou tão feliz por saber que estás viva e espero, pelos deuses, que eles não descubram o que realmente és.*

Praticamente rosno.

– Ah sim? É porque agora quero que descubram. Agora gostava de ter o teu poder para arrancar a cabeça de todos. Eles que tentem tirar-me o sangue.

Ela consegue fazer um sorriso, mostrando apenas uma sugestão dos dentes pontiagudos e transparentes.

– És mesmo a minha irmã. A minha Maren. Tanta raiva e ira para uma criatura tão pequena. É esta a sereia que eu tanto amo.

Ela estende a mão para cima, colando-a à minha bochecha e eu inclino-me para o interior, pressionando por breves instantes a boca fechada contra a dela. Mas, em vez de sentir os seus lábios secos, uma leve vibração de eletricidade passa da boca dela para a minha e eu recuo para a olhar.

– Talvez o beijo de sereia funcione mesmo quando ela está a morrer – diz ela.

Fico imóvel. Será que o meu beijo lhe deu o poder de rejuvenescer, como os mais velhos contavam que fazia reviver marinheiros afogados?

Mas ela não parece mais forte.

Quando muito, eu sinto-me mais forte. Tenho o coração acelerado e sinto o sangue começar a ferver, branco escaldante, uma sensação que não é desagradável, feitas as contas.

– A tua raiva te libertará, minha querida irmã – diz-me ela levemente.

Estou a contemplar o que ela disse quando, de repente, sinto outra presença na divisão.

– Mas que raio se passa aqui?

Viro-me e vejo o Ramsay especado à porta, olhando-me com perplexidade. Devo ter um ar muito estranho, ajoelhada junto de uma sereia num tanque, de mão dada com ela.

– Para trás! – digo-lhe, enquanto me ponho em pé. – Não posso deixar que lhe faça mal! Não vou deixar!

Ele abana a cabeça, completamente confuso.

– Não acabei de lhe contar que elas são uns monstros perversos?

– Monstros perversos ou não, ela está a morrer, não vê? Até que ponto quer ser cruel? Quer beber o sangue dela e torturá-la ainda mais?

Ele une as sobranceiras escuras e dirige-se a mim, fitando a minha irmã no tanque.

– Ela está a morrer – concorda ele baixinho, e as suas palavras são pouco mais do que um ruído na garganta.

– Não lhe vai servir de nada – digo-lhe. – Ela não pode dar-lhe o que quer neste estado, não há mais nada dentro dela. A coisa certa a fazer seria deixá-la ir embora.

Ele anui devagar, passando a mão pelo maxilar, enquanto os seus olhos se desviam rapidamente para o vulto da sereia.

– Tem razão, princesa.

O meu coração incha de esperança e torno a olhar para a minha irmã, com uma expressão adoradora.

– *Vais ficar bem* – garanto-lhe. – *Ele é o capitão deste navio e talvez seja um homem bom no seu íntimo.*

O canto da boca dela contrai fracamente.

– *Não existem homens bons, irmã. Mas também não há sereias boas. Estamos todos apenas a tentar sobreviver.*

O olhar dela dirige-se agora para o capitão, encontrando os olhos dele. Faz-lhe o mais leve dos acenos com a cabeça e eu não sei o que significa.

Até o ver sacar da faca.

– O que está a fazer!? – grito, tentando agarrar os seus braços.

Mas ele move-se para o outro lado do tanque e diz:

– Vou libertá-la.

Antes que eu consiga detê-lo, pega na faca e enterra-a mesmo no coração da minha irmã.

Pela segunda vez, o espaço enche-se com o rugido ensurdecedor do meu grito, o som tão alto e horrível que aparecem rachas no tanque de vidro e o Aerik e o capitão têm de tapar os ouvidos.

– *Adoro-te* – diz a Asherah quando os seus olhos se fecham e sufoca no seu último sopro. – *Sê livre.*

– Porquê?! – grito com um soluço de pranto, olhando para o capitão com um horror que me cega. – Porque fez isso!?

Estendo o braço para o tanque e tento estancar a hemorragia, mas quase não sai sangue da ferida. Baixo o braço para as mãos dela, segurando com força, na esperança de que não seja o fim. Mas, assim como foi com a Daphne, não resta nada nela para retribuir o aperto.

– Ela estava às portas da morte – diz o Ramsay, endireitando-se. Através das minhas lágrimas turvas, vejo-o limpar a faca na camisa e enfiá-la de novo na bainha. – Acabei com o seu sofrimento.

– Disse que a ia libertar! Podia tê-la deixado ir para casa, para o mar!

– Sinceramente, acha que ela teria ido embora a nadar e pronto? Mal se conseguia mexer, mal respirava. Tiraram-lhe o sangue quase todo.

– Não sabe isso! Podia ter tentado.

– Para ela ser apanhada por um tubarão? Eu sei que temos opiniões diferentes relativamente à definição de crueldade, mas, para mim, isso é crueldade.

– Capitão! – grita alguém do navio.

– Já vou! – rosna ele. Olha para a minha irmã, depois para mim e finalmente para o Aerik. – Eu já volto. Não faça nenhuma estupidez.

Não sei com quem está a falar, mas não importa.

Fico a vê-lo ir-se embora e depois tento subir pelo tanque, tentando levar o meu vestido e o meu corpo para junto da Asherah, até estar na água, a envolvê-la nos meus braços.

– Mas que diabo se passa contigo? – pergunta o Aerik insultuosamente da cela. – Enlouqueceste. Enlouqueceste completamente.

Ignoro-o, com as lágrimas ainda a correr, os soluços disparando pelos

meus pulmões até sentir que estes podem estilhaçar-se. Beijo o topo da cabeça da Asherah, cheirando aquele aroma doce que ela tem desde que éramos pequenas, como os jardins de corais onde brincávamos, onde ela me ensinava os nomes dos animais que viviam nas proximidades e sinto que posso morrer aqui mesmo, assim. Tudo o que eu queria era estar outra vez com a minha família e reencontrei a minha irmã, mas ela foi-me levada tão brutalmente.

E ela estava aqui por *minha* causa. Veio procurar-me no Pacífico. A culpa é minha de ela ter sido capturada e torturada, a culpa é minha por ela estar morta nos meus braços. É culpa minha o meu pai ter morrido. Destruí tudo e todos.

– Lamento tanto – grito, a água a agitar-se por eu tremer tanto enquanto a abraço com força. – Lamento tanto ter escolhido esta vida quando devia ter escolhido o que era certo. Nunca quis magoar ninguém. Amo-te. Amo-te e gostava que não me amasse, porque se não me amasses nunca terias vindo aqui. Eu nunca te teria perdido.

Continuo a chorar, deixando sair tudo cá para fora, a tristeza e o luto misturando-se com a vingança e a raiva, como um turbilhão que se forma dentro da minha alma e se torna mais profundo, amplo e destrutivo a cada segundo que passa.

– Achas mesmo que conheces esta *sereia*? Achas que és uma? – desdenha o Aerik, com as mãos nas barras e a cara feia pressionada entre elas. – Inventaste isto tudo na tua cabeça para compensar os teus defeitos? O facto de que não teres uma família, de não teres ninguém que te ame, de a única coisa que tens a teu favor ser uma cara laroca, um bom par de mamas e uma cona apertadinha que tenho a certeza andas a oferecer ao capitão sempre que ele quer. – Faz uma pausa. – E agora finges ter sentimentos por este pedaço de salmão crescido e podre.

A minha raiva é branca de tão quente. Cega-me. Domina-me.

«A tua raiva há de libertar-te», disse a minha irmã.

O Ramsay também me disse algo do género.

E agora, bem, agora estou a dar-lhe asas.

Seja qual for a energia que a Asherah passou através dos seus lábios para os meus, sinto-a perpassar-me, mudando a minha estrutura, tornando-me fúria primordial.

Sinto os dentes afiarem-se-me na boca, olho para baixo e vejo as unhas alongarem-se e encurvarem, crescendo até serem garras duras, sinto a força acumular-se na medula dos meus ossos, conferindo-me um poder que eu não tinha desde os dezasseis anos.

O Aerik faz um som de horror e surpresa e o meu olhar dispara para ele, prendendo-o no seu lugar. Rosno para ele, arreganhando os dentes e mal me dou conta do que estou a fazer quando salto para fora do tanque e pouso mesmo à frente da cela.

– De agora em diante, nunca mais terei de te ouvir – debito mecanicamente, a minha voz menos humana, mais monstruosa.

Mais sereia.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu interrompo-o. Para sempre.

O meu braço dispara por entre as grades com as garras estendidas e perfuro-lhe a pele com elas, chegando ao músculo, à gordura e ao osso até sentir o seu coração a bater na palma da minha mão. Rosno e fecho a mão em torno do seu coração arrancando-lho do peito e através das grades.

Enquanto ele ainda está a olhar para mim, enquanto ainda está vivo por uns meros segundos, pego no seu coração, ainda a bater, e enfio parte dele na boca, mordendo com dentes afiados como agulhas enquanto a fome voraz e monstruosa me domina.

Certifico-me de que é a última coisa que ele vê.

Capítulo 16

Ramsay

Preciso de um momento para compreender aquilo que estou a ver. A princípio, julguei que a princesa estivesse a oferecer algum tipo de carne ao príncipe do lado de fora da cela.

Depois, percebi que ela segurava, não carne, mas um coração pulsante.

Vi então que não se tratava de um coração qualquer, mas o do próprio Aerik, e eu fiquei a ver a princesa levar o coração à boca e começar a comê-lo alegremente.

O cadáver do Aerik balança em pé por um momento, sem dúvida a visão de Maren a comer-lhe o coração será a última coisa que ele verá na vida e depois cai para a frente, com a cabeça a bater nas grades enquanto cai no chão. Morto.

Fico aqui boquiaberto porque continuo sem conseguir perceber o que se passa.

A princesa Maren acabou de tirar o coração do marido do peito dele e está neste momento a comer o dito coração como se nunca tivesse comido nada. Está a comer o coração com mais gosto do que comeu o javali assado na outra noite.

Ela está louca. Esta mulher é pura loucura. Precisa de ser fechada nalgum sítio. Ela é perigosa, selvagem e nada segura.

E, no entanto, como é que eu nunca estive tão encantado assim?

– Tens uma alminha monstruosa, não tens, minha cara? – sussurro.

Ela dispara a cabeça na minha direção e vê-me especado à porta. Foi literalmente apanhada com a mão na massa, a boca suja de sangue que também lhe escorre pelos braços e mãos até ao vestido, que está em parte molhado e não estava antes.

O que é que eu faço contigo?, fico a matutar.

Ela limita-se a olhar para mim e acaba de comer o coração. Não faço

menção de me dirigir a ela, pelo menos até ter um plano. Está claramente tresloucada e, mais do que isso, claramente não é humana. É de certeza uma bruxa ou está, de alguma forma, sob o efeito da magia. Talvez seja um demónio. Isso explicaria muita coisa.

Ou talvez seja só como eu e tenha de se adaptar a esta vida... diferente.

Engole o resto do coração, limpando os lábios com as costas das mãos e reparo nas suas garras, como encolhem lentamente à frente dos meus olhos, até serem apenas dedos e unhas de novo.

– És uma bruxa do mar? – pergunto com cuidado. – Foste enviada pela Edonia?

Ela limita-se a fazer-me uma careta.

– Sabes bem que te disse para não fazeres nenhuma estupidez.

– Eu não fiz nenhuma estupidez – diz ela com brusquidão. – Só fiz o que estava morta por fazer há dez anos.

– Sim, bem, mataste o meu refém.

– Continuas a ter-me a mim.

– Continuo? Princesa, neste momento já não sei o que tenho. O que és tu, em nome de Deus?

– Um monstro – diz ela, a sorrir. Os dentes afiados desvanecem lentamente até aos dentes do costume. Parece normal outra vez, se bem que agora me pergunto até que ponto será normal. Terá usado uma máscara durante este tempo todo? Será que esta criatura sempre esteve sob a sua pele? Toquei-lhe, brevemente, mas a única coisa em que reparei foi que era macia e suave.

Mas eu preciso de aceitar a palavra dela. Ela é realmente um monstro e se tem força para, de repente, arrancar o coração do marido, então tem força para mo fazer a mim e trata-se de algo a que eu não sobreviveria. Ninguém com coração sobreviveria.

Esta mulher é agora minha igual.

E, portanto, não se pode confiar que não me mate.

Aproximo-me dela como me aproximaria de um predador. Se eu estivesse a nadar e visse um tubarão, como reagiria? Em circunstâncias normais, exibiria força bruta, na esperança de que o tubarão nadasse para longe, sem querer lutar, mas a princesa parece tirar prazer demais no seu lado selvagem. Felizmente para mim, o meu lado selvagem gosta de vir ao de cima brincar e eu não recuo até ganhar.

– Se me pudesses ajudar a compreender o que acabou de acontecer – digo, dirigindo-me a ela devagar, a exibir as palmas das mãos em sinal de paz.

– Fartei-me – diz ela, com voz sibilada, olhando para o Aerik com uma expressão zangada, como se esperasse que ele lhe desse uma resposta. Em vez disso, ele olha fixamente para o teto, com o sangue a jorrar do buraco no seu peito.

– E a sereia? – Gesticulo para a criatura morta no tanque.

– A sua falta de compaixão espicçou-me. – Os olhos dela encontram os

meus e estreitam-se. Apesar de terem sido sempre de um tom brilhante de azul em constante mudança, agora brilham positivamente como se houvesse uma luz por trás deles.

Que tipo de feitiçaria possui esta mulher? A Venla era uma bruxa, e poderosa por direito próprio, mas não irradiava poder e alteridade como esta criatura. A Venla tinha mau feitio, mas não arrancava o coração dos homens do peito para os comer como se fossem bife. A Venla mantinha-me em estado de alerta, mas não era tão completamente imprevisível e precipitada que eu não desse por ela.

– És um abismo impressionante como criatura – digo-lhe. – Eu podia passar séculos a nadar em ti sem nunca chegar ao fundo.

Ela franze o sobrolho.

– Não sou assim tão complicada.

– És um mistério, Maren – digo-lhe eu. – Já te posso tratar por tu, não? Sem o teu marido, deixaste de ser princesa.

Ela abre a boca para dizer alguma coisa, depois aperta os lábios ainda ensanguentados.

– Sempre me chamaste o que raio te apeteceu.

Faço um trejeito com a boca.

– Isso é verdade.

Os seus ombros relaxam durante uma fração de centímetro, impercetível para a maior parte das pessoas, mas não para mim. É quanto basta para me fazer mexer.

Estou em cima dela num segundo, movendo-me como um relâmpago e agarrando-lhe pulsos, puxando-os atrás dela, a minha mão na sua garganta, segurando firme. Eu não sou tolo a ponto de tentar colocar a minha mão a tapar-lhe a boca, com aqueles dentes de agulha que podem reaparecer a qualquer momento.

Ela contorce-se e está mais forte do que antes, mas eu continuo a ter mais força. Seja lá ela o que for, continuo a ser capaz de dominá-la, além de que também sou mais rápido.

– Gostava que isto te custasse o menos possível – digo, com a boca na orelha dela. – Mas pela maneira como te vi comportares-te, eu...

Perco o fio de voz. Deus do céu, o cheiro dela é avassalador, da maneira mais danosa que é possível. Ela é doce e almiscarada e, para mim, é como um grito de sexo, que domina os meus sentidos e que me faz querer fodê-la com ferocidade, mais do que o normal.

Tenho de tirar isto da cabeça. Não é isso que estou aqui a fazer.

– O que é que tem o meu comportamento? – pergunta ela, com a garganta a mover-se na minha mão enquanto fala. A vibração entranha-se-me na pele, enrijecendo mais do que nunca a minha pila. O que é que ela me está a fazer? Isto faz parte do seu feitio?

– Não posso confiar que não me mates ou à minha tripulação – lá consigo dizer-lhe, com voz espessa. – Portanto, não tenho escolha a não ser

prender-te.

– Voltar a pôr o pássaro na gaiola – comenta ela amargamente.

– Ah, não vais para a gaiola. Vais ser acorrentada.

– Acorrentada! – grita ela e tenta lutar.

Seguro-a com firmeza.

– Calada. Pareces o teu marido insuportável. – Faço uma pausa. – Ou devo antes dizer, o teu falecido marido. Sabes, vou ter de dar muitas explicações, agora que a sereia está morta e o refém também.

– Foste tu que mataste a sereia – diz ela, cuspidando as palavras.

– Golpe de misericórdia – recordo-lhe. – Agora, agradeço que me acompanhes.

Com o meu aperto fortíssimo, levo-a para fora do espaço com os cadáveres e pelas escadas abaixo até ao porão. Numa das extremidades fica o lugar onde mantemos os prisioneiros e os animais vivos, se trazemos algum para bordo, o resto é armazenamento para provisões secas, pólvora e munições, água e provisões em barris, além de um porão para quaisquer tesouros que saqueemos. No lado oposto do porão dos prisioneiros há uma pequena divisão onde guardamos um conjunto de correntes para certos eventos. É para aqui que trago a Maren.

Está escuro como breu aqui, mas sou capaz de fazer isto de olhos fechados. Coloco rapidamente as mãos dela acima da cabeça, com as correntes a passarem de uma viga no teto até às algemas que lhe cingem os pulsos, depois faço o mesmo aos pés dela no chão, mantendo-lhe as pernas afastadas o suficiente para a impedir de se tentar mexer, mas não tanto que não consiga ficar de pé.

– Filho da mãe! – grita ela, mexendo-se e contorcendo-se. – Não me podes fazer isto!

Solto uma risadinha e tateio por perto à procura de fósforos, riscando depois um na parede, para acender uma candeia ali à mão. Pouso a candeia de lado, fora do caminho, e olho para ela, em cujas feições bailam as chamas, iluminando a sala com luz e sombras.

Olha-me com desdém, o rosto contorcendo-se numa expressão de ódio mas, tal como antes, quanto mais ela me odeia, mais parece que a desejo.

– Vamos lá ver o que és realmente, 'morzinho – digo-lhe.

Avanço até ficar mesmo à frente dela e coloco as mãos no seu peito, com os dedos a agarrar as pontas do seu corpete, o tecido ainda molhado com o sangue do coração do Aerik. Com um puxão desafiador, aparto o vestido, rasgando-o ao meio.

Ela grita e eu fico a olhar o seu corpo despido como se tivesse acabado de ser esbofeteado por Deus.

Tem a figura de uma deusa, uma criação do divino. Os seios são cheios, grandes, pesados, os mamilos agora pequenos picos rosa expostos ao ar, a pele de um branco macio onde surge uma erupção de pele de galinha diante dos meus olhos. O seu estômago é macio e roliço e implora para ser tocado, as

coxas amplas, a barriga das pernas bastante magras em comparação, e curtas. A princípio julgo ver aquilo que procuro, uma espécie de indício da criatura que ela é. Se ela fosse um tipo de sereia que pudesse trocar as barbatanas por pernas, teria escamas? Mas não há sinal de escamas, apenas as linhas naturais de branco e rosa que lhe percorrem as coxas e o estômago carnudos, tudo perfeitamente normal numa mulher.

Dou a volta até às costas dela e faço aí o mesmo ao vestido, rasgando-o ao meio de modo que cai para os lados, preso apenas pelos braços. Eu esperava ver porventura uma espinha parecida com a dos peixes ou talvez uma tatuagem de adivinhação que a associasse à feitiçaria, mas, em vez disso, não há nada além de pele suave e um traseiro firme, macio e...

As costas. Estreito os olhos e vejo várias linhas e cicatrizes pelas costas abaixo. Mas não são de picos de crescimento nem têm origem sobrenatural. São de chicotadas!

Um rugido baixo surge no meu peito, como um aviso.

– Preciso de perguntar quem te fez isto? – consigo dizer.

– Já tratei do assunto – diz friamente, e não há mais nada a dizer. O príncipe com quem se casou, o príncipe que a ridicularizou e a espancou durante todo o casamento, está morto e às suas mãos. Literalmente.

Dou a volta de novo para a frente dela.

– Encontrei o que procuravas? – pergunta ela. A sua voz é agora um grau mais baixa, como seda. Há algo no seu tom que me deixa de sobreaviso.

– Achei que era justo, dado teres-me visto nu, que fosse hora de te ver a ti – digo-lhe. Estou perto, muito perto, mas quanto mais olho para os lábios dela, para o sangue seco, mais quero beijá-la e sei que é o que ela quer. Preciso de manter a distância. Não há como saber quando aqueles dentes podem voltar.

Recuo um centímetro para onde ela não me pode arrancar a cara. Mesmo assim, sou incapaz de me desprender do olhar dela. Não quero desprender-me. Preciso de manter o foco nela em todos os momentos. Os seus olhos são absolutamente hipnóticos.

– Pareço-te aceitável? – pergunta ela, e o sedutor ângulo oblíquo dos seus olhos suaviza ao de leve, um toque de vulnerabilidade surge na sua voz.

– Referes-te ao teu corpo? – pergunto estupidamente.

Ela anui e essa doce sinceridade, uma tal justaposição a como ela se mostrou antes, faz a minha pila desconfortavelmente tensa contra os botões da braguilha.

– Querida, o teu corpo poria qualquer homem de joelhos, onde estaria na posição certa para te adorar. É um corpo esculpido por Deus, mas destinado ao pecado e haveria de se tornar a salvação de qualquer um.

– Então, porque não estás de joelhos? – pergunta ela, com as pálpebras começando novamente a ficar pesadas.

Deus Todo-poderoso, ela é a Lua e eu, as marés. Sinto a minha determinação começar a esvaír à medida que os seus olhos puxam por mim.

– Porque não confio que não me dês uma joelhada na cara – admito. – Não quero acabar como o teu marido.

– Então, o capitão grande e mauzão finalmente tem medo de alguma coisa.

– Eu tenho medo de muitas coisas, 'morzinho. E, desde o início, sempre tive medo de ti.

Ela mordia o lábio por um momento e a minha pila estremece de novo, quente, inchada e implorando para ser libertada.

– Toca-me – sussurra ela.

Engulo com força. Não tenho a certeza se vou sobreviver a isto.

– Toco-te onde? – pergunto, com a voz rouca de puro desejo escarlate.

– Em toda a parte – diz ela suavemente. Fecham-se os seus olhos. – Por favor.

Isto é uma armadilha e tu sabes, racionaliza a minha mente. Deixa-a onde ela está e vai cuidar da tua tripulação. Dá-lhes as más notícias sobre o príncipe e a sereia mortos.

Mas embora a minha mente tenha razão, não sou capaz.

Sonhei tanto em fazer isto e a minha pila manda sempre.

Estendo os braços e seguro-lhe suavemente os seios com as mãos em concha.

Ela solta imediatamente um gemido baixo que me deixa os malditos joelhos bambos.

Os seus seios são pesados e afundam-se nas palmas das minhas mãos, a sua pele é de uma suavidade e quentura pecaminosa e eu quero tanto pressionar o meu corpo contra o seu, pegar na pila e encontrar o calor dentro dela. Mas embora eu esteja a ser solícito para com os desejos dela, não posso cair nas suas mãos. Afinal de contas, isto é um jogo, e sempre foi.

Em vez disso, passo lentamente os polegares pelos mamilos dela, sentindo-os endurecer mais até serem uns seixos redondos e o arquejo dela faz-me gemer em resposta. Baixa a cabeça para trás, o cabelo preto comprido desenrolando-se pelas costas abaixo, o pescoço exposto enquanto ela se contorce sob o meu toque.

Sinto o cheiro do sangue dela sob a pele, o quão viciante ela seria. Não quero mais nada a não ser possuí-la, mordê-la, envolver-me com ela à bruta e com força. Sempre fui um homem de contenção quando é preciso, uma lição importante a aprender quando se está no mar, mas, mesmo assim, todos os meus esforços são necessários para eu não me soltar.

Fixo de novo os olhos nas suas belas tetas, sopesadas nas minhas mãos, que se movimentam nos seus mamilos vezes sem conta, até ela começar a dar pinotes contra as correntes.

Mantenho os olhos colados a ela, à coca de qualquer movimento súbito, baixo a cabeça até pressionar a língua na sua pele e sorver em redor da curva profunda dos seus seios.

– Ramsay – diz ela por entre um arquejo quebrado e não deixo de

reparar que é a primeira vez que se dirige a mim pelo meu nome. Tem uma expressão reverente quando vem dos seus lábios.

Com o olhar fixo na sua expressão desenfreada, sugo o mamilo e a minha língua gira em torno dos bicos tensos, o pulso dela batendo sob a pele. O sabor dela é celestial, sabe a pecado, e eu sei que ela tem o poder de me puxar para as profundezas e me afundar. No entanto, é um risco que estou disposto a correr para que ela diga outra vez o meu nome daquela maneira.

Com os seus gemidos a aumentar, uma mão solta-lhe o peito e desce pelo estômago, atravessa os caracóis e o ponto onde se juntam as coxas, que as algemas já apartam para mim.

Faço deslizar o dedo entre as suas pernas e encontro-a encharcada de desejo por mim; fico com a respiração presa no peito por ela ser tão sedosa.

– Credo, mulher – praguejo com voz áspera. – Podes afogar um homem.

Ela solta outro gemido ofegante, este mais profundo e tão desesperado que me atinge diretamente a pila. Não sei quanto mais seremos capazes de aguentar. Ela quer que eu vá para a cama com ela, percebo isso, mas isso seria um passo em falso para mim. Enquanto eu estiver aqui a tocar-lhe, estou no comando. Mas sei que, a partir do momento em que enfie a pila dentro dela, baixo a guarda e isso não pode acontecer.

Mas, Deus me ajude, eu quero que aconteça.

Em vez disso, deslizo o dedo na humidade dela, circulando o seu clítoris com um ritmo descontraindo até ela tremer nas algemas. Pelo som das correntes, sei que deve ter os pulsos mordidos pelas algemas, o bastante para me sentir tentado a parar e ver se ela está bem, mas quando eu recuo apenas por um segundo, ela solta esse grito voraz que pertence a um animal no cio, de modo que enfio dois dedos dentro dela.

– Deuses! – grita ela, e o som ecoa pela sala enquanto as paredes do seu sexo me espremem os dedos.

Não aguento mais isto.

Enquanto uso o dedo de uma mão, levo a outra à braguilha e tiro a pila. Já está tão grossa, quente e pesada na palma da minha mão que sei que não vou aguentar muito. Felizmente, neste caso não preciso de aguentar.

Com o meu olhar fixo no seu rosto expressivo, acaricio-me da base à ponta, toda a extensão pulsando, quente, sob o meu punho, enquanto a minha outra mão a fode, o som da sua viscosidade forte e lascivo na divisão, misturando-se com o gemido das correntes.

Já estive com muitas mulheres na minha vida, mas nunca assim. Não, nunca assim e nunca com uma mulher como ela. Não sei o que foi que deu o clique dentro dela, se terá sido libertar-se do marido para sempre ou acolher o seu lado monstruoso, mas seja o que for, agora estou sob o seu feitiço. Durante todo este tempo, ela apenas fez insinuações sobre a vivaz criatura debaixo da superfície, alguém que eu quis libertar, e agora que ela está solta e é selvagem e perigosa, não sei como poderei sair do lado dela.

Mas vais ter de acabar por sair, lembra-me a minha mente.

Seja como for, esta noite vimo-nos juntos.

– Caramba – grito, com a mão agora a sacudir mais rápido, e sinto que o meu alívio está para breve, quase lá, quase lá, porra.

– Vem-te dentro de mim – insta ela, ofegante, as suas ancas agitando-se, os olhos fechados, a cabeça arqueando para trás. – Quero-te dentro de mim.

São as palavras que eu estive à espera de ouvir, as que me fazem ultrapassar os limites, embora saiba que não lhes vou obedecer. Mas ouvir a necessidade que sente de mim, o facto de me querer se sobrepõe ao seu *ódio* por mim, não há nada mais perverso.

Venho-me com um rugido e a minha semente dispara em cordas grossas que aterram na sua barriga, nos seios e até na clavícula. Ela arqueja, olhando a porcaria que deixei nela, um outro modo físico de reclamá-la como minha, e acelero o pulso para a levar ao alívio, os meus dedos enterram-se profundamente, o polegar desliza sobre o seu calor intumescido e húmido.

– Ramsay! – diz com um ganido, as ancas aos pinotes violentos contra a minha mão, como um cavalo selvagem. O seu corpo treme violentamente, as paredes do seu sexo apertam-me a mão com a força de uma piton e, caramba, se eu gostava que fosse a minha pila a ser agora punida desta maneira.

Com a respiração ainda irregular e o ritmo cardíaco a voltar ao normal, enfio a pila estafada na braguilha e retiro os dedos. Ela levanta a cabeça para me fitar com os olhos saciados e eu sustenho o seu olhar enquanto faço deslizar os dedos pelos meus lábios, saboreando a sua doçura, deixando-a revestir a minha língua.

Depois baixo a cabeça e lambo a semente que derramei sobre o seu corpo antes que pingue para o chão e os dois sabores misturam-se, o sabor do que seria a nossa união. Pode-se ficar viciado nele.

– Capitão!

Sobressalto-me, assustado com a interrupção e dou meia-volta para ver quem se intrometeu neste momento íntimo entre um captor e a sua cativa, um capitão e o seu monstro.

O pajem John está de pé à porta, a olhar para mim com preocupação, mas quando finalmente repara na Maren, pendurada nua de correntes, o corpo a brilhar à luz da lanterna devido aos movimentos molhados da minha língua, os olhos dele quase lhe saltam das órbitas.

– O que é? – digo com brusquidão. – Estou um bocado ocupado.

– É o Sedge, Capitão – diz ele, desviando de novo os olhos para mim. – Está desaparecido.

Isto é novidade para mim. Uma novidade má. Sinto um aperto nas entranhas.

– Desaparecido? Como podes ter a certeza?

– Procuraram-no em todos os lugares, capitão.

– Não podem ter procurado, uma vez que és a primeira pessoa que vemos aqui em baixo.

– Foi visto pela última vez no convés.

– No convés!? – exclamo. Trata-se do último lugar onde o Sedge devia estar.

– Sim, senhor. Ele queria ajudar a lutar contra a tripulação-esqueleto. Isto não está bem. Nada bem.

Olho de relance para a Maren e há nos seus olhos uma suavidade, uma preocupação pelo Sedge; no entanto, eu sei que não posso confiar nela.

– John, meu rapaz – digo dirigindo-me a ele e pousando a mão no seu ombro, inclinando-me para encará-lo olhos nos olhos. Ele é jovem, tem apenas dezoito anos e está muito longe de se tornar um membro pleno da Irmandade, mas confio nele, mesmo assim. – Vou ver o que se passa, mas não posso deixá-la sozinha. Ela é perigosa, percebes? Não é quem julgas que ela é.

– Certo, senhor – diz ele, duvidoso.

Aperto-lhe o ombro com força.

– Preciso que a vigies. Não precisas de fazer mais nada, só ficar à porta a vigiá-la. Nem sequer sonhes em aproximar-te dela. Estás a compreender-me, rapaz?

Ele anui, rodando os ombros para trás.

– Sim. Sim, senhor.

Torno a olhar para a Maren.

– Porta-te bem – aviso-a. – As meninas bem-comportadas são recompensadas.

Depois dou uma palmada nas costas do John e saio da divisão para descobrir o que aconteceu ao meu querido Sedge.

Capítulo 17

Ramsay

– Como assim, o Sedge está desaparecido? – grito ao pisar o convés superior.

O Thane dirige-se a mim, intempestivo, as mãos atrás das costas.

– A última vez que foi visto estava lá em cima. Disse que queria ajudar o Drakos, porque sabia que ele ainda estava ferido.

– Que patetinha – praguejo. – Alguém o viu ser levado? Morto?

Olho em redor para a tripulação, que abana a cabeça. Todo o convés é uma confusão de ossos, a maior parte dos quais rasteja por ali. Vejo uma mão estrebuchar junto da minha bota e piso-a com força, estilhaçando os dedos.

Um ruído de frustração soa no meu peito e dirijo-me ao corrimão para olhar para trás, para o rasto que deixamos, o céu e o mar negros como ónix, a névoa assente ao longe como um manto. Quando conseguimos o que queríamos e a sereia foi trazida para bordo, afastámo-nos do *Norfinn*. Nem toda a tripulação-esqueleto foi derrotada e nunca vi sequer o capitão, mas como lhes roubámos algo tivemos de fazer um trabalho rápido de fuga, caso contrário, a batalha ter-se-ia arrastado por dias, como muitas vezes acontece quando se luta contra os mortos-vivos.

Acaso poderia a tripulação maldita ter levado o Sedge? A paga por lhe roubarmos a sereia, por mais inútil que ela fosse? Tento ao máximo não pensar nisso. O Sedge faz parte da minha tripulação, mas não da Irmandade. A maldição que se abate sobre eles recairia sobre ele caso se tornasse parte deles. Poderíamos perdê-lo para sempre.

– Porra – rosno, agarrando o corrimão com força.

A culpa é minha. Estava tão distraído com a Maren que nem contei as cabeças para ter a certeza de que todos estavam aqui antes de partirmos. Parti cegamente do princípio de que o Sedge teria ficado na cantina, como sempre, da mesma maneira que o Henry e o Lucas têm ordens para se manterem afastados durante as batalhas, por serem os três mais vulneráveis no navio. Os

pajens John e Bart também são vulneráveis, mas pelo menos sabem lutar.

Ao pensar no John, faço uma oração em silêncio, a seja quem for que esteja a ouvir lá em cima ou lá em baixo, para que tenha juízo. A última coisa de que este navio precisa é de um monstro como a Maren à solta. Duvido que pudesse causar algum dano à Irmandade, mas a Irmandade poderia fazer-lhe muito mal e sem hesitar. Não quero perdê-la.

E também não quero perder o Sedge. Pertence-me, tal como ela, e eu fiz um juramento de protegê-lo, tal como fiz de a proteger.

– Amarrar! Virar o navio! – berro.

– O quê? – dispara o Thane.

Dou meia-volta para enfrentar o meu irmão.

– Vamos voltar à tripulação-esqueleto. Se o Sedge estiver com eles, vamos lá buscá-lo.

– Mas se estiver com eles, faz parte da tripulação – argumenta o Thane, com um brilho nos olhos dourados. – E não haverá esperança para ele se estiver amaldiçoado.

– Não deixamos nenhum membro da nossa tripulação para trás, tu sabes disso, são os nossos princípios.

– Mas será como se estivesse morto e vais levar-nos de novo para a batalha! Então e a tripulação que agora tens?

– Intendente, achas que somos um bando de meninas? – pergunta o Cruz com uma gargalhada. Olha para o resto da tripulação. – Estamos aqui para lutar! – Dá ênfase às suas palavras erguendo a espada de pirata no ar. – Ou não?

A Sam resmunga em resposta, menina por direito próprio, ao passo que todos os outros irrompem em aplausos.

Lanço um olhar de triunfo ao meu irmão.

– Vamos dar a volta, intendente. Vamos resgatar o nosso Sedge. Meu Deus, de todos os que poderíamos ser levados, ele é vulnerável como o teu próprio filho e, sem dúvida que faríamos o mesmo por ele.

O Thane respira com força pelo nariz, pressionando os lábios numa linha firme. Depois anui.

– Sim, capitão.

– Contramestre, faz-nos dar a volta! Pelo caminho que viemos! – grito.

– Sim, capitão – diz o Olhos Doidos, e o Cruz corre até à popa para o ajudar a rodar o leme.

Entretanto, o Thane começa a berrar ordens à tripulação, para que ajuste as velas. À medida que o barco gira, com o casco a ranger, o vento aparece agora por trás, empurrando as velas que batem.

Obrigado, Venla, penso. A maior dívida que me deu foi a Hilla. Em segundo lugar, foi o vento.

Dirijo-me ao castelo de proa e agarro um óculo pelo caminho. Embora seja noite, vou ser capaz de detetar o navio quando nos aproximarmos, desde que o nevoeiro desanuvie um pouco.

Inclino-me sobre o corrimão e olho para lá do gurupés, para o horizonte negro como tinta. O navio-fantasma não terá luzes, o que torna as coisas mais complicadas, mas as ilhas em redor da Cidade do Recife são habitadas por nativos. As fogueiras dos seus acampamentos serão as primeiras coisas a aparecer.

– Agiste bem – diz a Sam baixinho, vindo para junto de mim.

Olho-a.

– Pões-te do meu lado, em vez do do teu querido marido? Nunca pensei que este dia chegasse.

Ela dirige-me um sorriso débil.

– Não te acostumes, Ossos. – Dá-me um murro ao de leve no braço. – Mas voltar para ir buscar o Sedge é fazer o que se deve. Eu sei que ele não é verdadeiramente um de nós, mas, mesmo assim, considero-o parte da Irmandade. Estás a fazer o que faria um capitão bom e justo.

– E estás a dizer que o intendente não é nenhuma dessas coisas?

Ela suspira e enfia atrás das orelhas as madeixas de cabelo ruivo, sopradas pelo vento.

– Sabes muito bem como é o Thane. Teimoso como o fez o diabo. Não tenho dúvidas de que voltaria atrás por qualquer um da Irmandade, mas sabes como ele às vezes é desconfiado. Mesmo de alguém inofensivo e solícito como o Sedge, uma pessoa que faz verdadeiramente parte da tripulação. Não podes culpá-lo, nem a nenhum de nós, por possivelmente se sentir assim. Neste mundo, não é possível.

Eu sei o que ela quer dizer.

– Há seres humanos simpáticos.

Ela solta uma risadinha ao ouvir estas palavras, e dirige-me um sorriso irónico.

– Há seres humanos simpáticos? São palavras *do* Capitão Ramsay Ossos Battista, que primeiro decapita, depois faz as perguntas?

Encolho os ombros.

– Todos nós temos capacidade de fazer coisas monstruosas.

Penso na Maren. Pode não ser «humana» nesse sentido, ou talvez seja, mas, mesmo assim, é um bom exemplo.

A Sam deve dar-se conta de alguma expressão no meu rosto, porque diz:

– Sabes, a princesa dava uma boa pirata.

– Sim – concordo com um aceno da cabeça. – Embora já não seja princesa – acrescento baixinho.

Ela franze a testa.

– Como assim?

Não consigo evitar estremecer ao contar-lhe a verdade.

– O príncipe está morto. A sereia também.

– A sereia e o refém estão mortos!? – grita, de repente, o Sterling atrás de mim.

Porra. Porque é que ele tem de ouvir tudo?

Solto um suspiro forte e viro-me, deparando com o Sterling especado atrás de mim. O resto da tripulação está paralisada nos respetivos lugares, fitando-me, horrorizada.

Passo a mão pela cara, desejando não ter de dizer nada disto.

Com outra expiração carregada, dirijo-me à minha tripulação, ignorando completamente o Sterling.

– Infelizmente, a sereia estava a morrer. – Todos arquejam. – Não tinha pinga de sangue no corpo para dar e, mesmo que tivesse, não teria funcionado, no estado em que ela se encontrava. Era um peixe em decomposição num tanque, só isso. Portanto, matei-a por misericórdia.

– Podias, ao menos, ter-nos deixado experimentar! – rezinga o Sterling. – Ainda nos podíamos ter alimentado dela! Tinha um buraco que podíamos ter fodido.

Fulmino-o com o olhar.

– Foi o melhor a fazer.

– E também mataste o príncipe? – acrescenta o Sterling, cuspiendo enquanto fala.

Hesito. Não quero atirar a Maren aos lobos, mas também não quero mentir.

– A princesa matou-o. Estava farta dos abusos dele – digo.

– Então, a princesa deve ser morta! – berra o Sterling.

– Maren, a princesa, ainda me pertence. Se não a alma, o corpo. Sabes como são as coisas, Sterling. Reivindiquei-a e esse vínculo não se rompe para nenhum membro da Irmandade.

Aproxima-se pesadamente de mim, tentando mostrar-se intimidante. Lembra-me um rinoceronte.

– Uma marca não significa que ela seja tua – dispara.

– Então é o orgasmo dela? – digo, passando os dedos sob o nariz dele, sabendo que o cheiro do desejo dela ainda ali persiste.

O Sterling franze o nariz, ficando com a cara muito vermelha.

– As nossas fontes de alimento são inexistentes! – grita ele, sacudindo a cabeça. – Mataste a única coisa que nos teria ajudado e deixaste a princesa matar a nossa fonte de rendimento. Para que é que estamos todos a fazer isto, se não é por essas coisas? Estás a conduzir-nos à pobreza e à fome. Não tens arcoíboço para ser capitão!

Recuso-me a recuar e pressiono o peito contra o dele, olhando os seus olhos brilhantes.

– Estás a declarar um motim? – desafio. – Vamos lá, então.

– Capitão! – grita um membro da tripulação e o tom de aviso na sua voz faz com que tanto eu como o Sterling olhemos. O Remi está a apontar para a proa com terror nos olhos.

Viro-me bruscamente e vejo uma tromba d'água formar-se na superfície escura do mar, a coluna de água erguendo-se cada vez mais alto no céu. Não sei o que pensar, a sua criação não parece natural.

Então, algo sai do topo da tromba d'água e, pela maneira como as asas se abrem, julgo tratar-se de uma grande gaivota ou de um albatroz, mas depois dou-me conta de que as asas não têm penas, são lisas, com uma textura de borracha, e pertencem a uma raia gigante.

A raia está a cair para o convés e está prestes a bater quando, de repente, começa a mudar de forma no ar. As asas dobram-se e tornam-se braços humanos, a cauda alonga-se e alarga-se formando pernas e a boca da encolhe tornando-se lábios.

De pé, diante de nós, com os pés tocando ao de leve no convés, está uma bruxa do mar.

– Nerissa – diz a Sam baixinho, do meu lado.

Nerissa fixa o olhar na Sam e dirige-lhe um sorriso endiabrado.

– Ainda aqui estás, Samantha Battista. Julguei que já tivesses morrido. – O seu foco muda então para mim. – E aqui está o homem que eu queria ver.

Engulo em seco, invocando nervos de aço. A Nerissa, como a maior parte das bruxas do mar, é uma mulher deslumbrante, um ser humano montado com magia perigosa. É tão alta como eu, o seu corpo exuberante com curvas que são acentuadas pelo vestido fino de gaze, feito de concha de ostra perolada, que se move em torno dela como líquido. O seu cabelo é comprido e de um verde-escuro perpetuamente húmido, que se transforma em alga reluzente perto das pontas. A sua pele é morena, com um brilho rosa metálico que muda sob a luz, e os olhos de um cobre muito brilhante.

Todos no navio estão fascinados com ela. Oxalá a Maren a pudesse ver, uma vez que estava tão interessada em bruxas do mar. Se bem que agora eu me pergunte porquê.

Empurro esse pensamento da minha cabeça e aclaro a garganta.

– Boa noite, Nerissa. O que a traz ao *Nightwind*?

Ela solta uma risada suave, girando um pedaço de cabelo de alga à volta do dedo.

– Adoro a formalidade, Ossos – diz-me ela. – Não tens tempo para conversa de circunstância, não é? – O seu olhar faz-se mais acutilante. – Estou aqui porque a tua tripulação roubou uma coisa à minha.

– Não roubámos, levámos emprestado – digo-lhe. – E a sereia está sob o convés, caso a queiras de volta.

– Ela está morta – diz o Sterling, cuspidando as palavras.

Lanço-lhe um olhar duro.

– Obrigado. Muito útil.

– Morta, é? – pergunta a Nerissa, com uma voz grave, rica e melódica. – Bem, eu não devia estar surpreendida, ela estava a morrer há algum tempo. No final, o sangue dela já nem ajudava a minha tripulação, mas são um bando de teimosos, como sabes. Tão apegados à ideia de se tornarem algo que nunca serão.

– Sim, bem, agora é a tua tripulação que tem algo nosso – digo-lhe. – O Sedge, o nosso cozinheiro. Ele é inútil no teu navio. Eles não comem.

- Nem vocês – diz ela.
- Claro que comemos – zombo.

A Nerissa ergue o queixo.

– Certo – diz ela. – Às vezes esqueço-me. – Faz uma cara de nojo. – Independentemente de quem tem o quê e quão importante isso é, a minha tripulação não te devolve o cozinheiro, a menos que nos dê algo em troca.

– Bem, podes ficar com a bela sereia – digo-lhe. – À vontade.

– Viva. Queremos alguma coisa *viva*.

– O que te importa o que a tripulação tem ou não tem? Foste tu que os amaldiçoaste.

A Nerissa dilata as narinas num gesto de desdém.

– Tenho a certeza de que consegues compreender, Capitão, que independentemente do que fizeste à tripulação ou ela a ti, não deixa de ser responsabilidade tua. Posso tê-los amaldiçoado e ao seu navio, mas preocupo-me com o seu bem-estar. Nunca tiveste um animal de estimação em pequeno? Talvez enguias ou uma barracuda?

Franzo a testa.

– Não...

– Então dá-lhe a princesa – diz o Sterling. – Ficamos quites.

– Sim, dá-lhe a princesa – diz o Thane e... bem que eu podia matar o meu irmão neste momento; as minhas mãos cerram-se em punhos.

Os olhos atentos da Nerissa reparam.

– Princesa? Conta-me.

– Ele anda a enfiar a pila na princesa – diz asperamente o Sterling. – Foi capturada para resgate, mas agora o marido, o príncipe, está morto e ela não serve de nada para nenhum de nós, exceto para o Capitão.

– Eu não ando... – começo, depois fecho os olhos e sacudo a cabeça. Quando os abro, lanço à Nerissa um olhar implorante. – Tu não queres a princesa. Já nem sequer é princesa. Não vale dinheiro nenhum e seria um péssimo membro de qualquer tripulação. A única coisa que ela sabe fazer é responder à letra e pôr-se bonita.

– Ela é humana? – pergunta a bruxa do mar.

– Possivelmente – respondo, com um encolher de ombros.

– *Possivelmente?* – repete a Sam entredentes.

– Hmmm – diz a Nerissa, de lábios comprimidos. – Acho que isto pode dar um acordo justo. Embora eu esteja um pouco confusa com a possibilidade de ela não ser humana.

Ergo um ombro.

– Às vezes é difícil de perceber.

– Sim. Bem, deixem-me pôr a vista em cima dela – diz, assumindo um ar de comando. – Leva-me a essa princesa.

Oh, raios!

Tenho a cabeça a andar à roda e estou a tentar pensar o que fazer. Preciso de ter o Sedge de volta, mas também não posso deixá-la levar a

Maren. Não posso deixá-la levar ninguém da nossa tripulação.

– O capitão está seriamente a considerar não trocar uma cona inútil por um membro da sua própria tripulação? – desafia o Sterling, percebendo a minha hesitação.

Fulmino-o com o olhar.

– De modo nenhum. Vamos a isso.

Conduzo-os ao tombadilho e às escadas abaixo, com a cabeça a tentar desesperadamente arranjar uma maneira de fazer isto. Será que me posso oferecer à bruxa? A Nerissa provavelmente iria gostar, embora a sua maldição nunca funcionasse em mim.

Passamos pelo Thane, que me olha com uma expressão acutilante, talvez sem acreditar no que eu disse que faria.

A Nerissa faz uma breve pausa junto dele, passando-lhe o dedo pelo queixo.

– Tu e eu temos destino juntos – ronrona para ele e continua a seguir-me.

Levo-a, e ao resto da tripulação, até ao porão e ao quarto onde a Maren está trancada.

Tudo isto para deparar com o John inconsciente no chão, seminu, e as correntes vazias.

A Maren desapareceu.

Capítulo 18

Maren

Pouco me importa que me tenha feito ver estrelas e que tenha jorrado a sua semente sobre a minha barriga, eu não confio que o capitão não me mate. Ele está um passo mais perto de descobrir o que eu sou e não vou deixar que me sugue o sangue para o alimentar e à sua tripulação, mesmo que isso me aproxime da Edonia. Não vou permitir que me aconteça o que aconteceu à minha irmã.

Podias ter pensado nisso antes de os teus desejos terem levado a melhor sobre ti, diz a voz da razão. Antes de aquele pirata ter enfiado os dedos habilidosos dentro de ti e te ter feito gemer como nunca.

Ignoro esta voz. Eu tinha um plano e não se desenrolou exatamente como o esperado. Em parte pensei que talvez pudesse seduzir o capitão para ele me deixar partir. A outra parte de mim *queria* seduzir o capitão, mas para meu próprio prazer. Quando senti a energia de sereia fluir dentro de mim, soube que o meu sangue estava a mudar, quando comi o coração do Aerik, os impulsos que tive eram inevitáveis.

Mas agora só tenho uma coisa a fazer, que é fugir. Talvez eu não seja capaz de controlar as minhas características monstruosas à vontade, o que, até agora, se tem revelado muito infeliz, mas continuo a ser capaz de seduzir um homem, especialmente um que não seja o capitão. Com um rapaz jovem e robusto como aquele pajem John, foi mais fácil do que eu pensava. Quando ele admitiu que era virgem e lhe prometi que o levaria ao céu, libertou-me das minhas correntes o mais depressa possível.

O raio do palerma não me viu chegar quando o deixei sem sentidos com o cabo da sua própria espada. Depois, agi rapidamente, despi-lhe a camisa e vesti-a, fiz o mesmo ao seu coldre, que amarrei à volta da cintura, a camisa comprida o suficiente para me tapar as coxas e o traseiro. Antes que eu pudesse sair, fui ao meu vestido rasgado e tirei de lá o colar com o colmilho

do Nill, que voltei a pôr ao pescoço. Com o Aerik morto, eu era livre para vestir e fazer o que quisesse.

E o que eu agora queria era fugir.

Fugi da divisão com as correntes, deixando o John, inconsciente, para trás e comecei à procura de uma saída. Não posso subir ao convés e, pela maneira como o barco está a virar de repente, fazendo-me perder o equilíbrio, tenho a sensação de que estamos a dar a volta, não seguindo já na direção em que deveríamos estar a ir.

Mas é a direção de regresso às ilhas. Há uma boa possibilidade, se eu agora saltasse para o mar, de conseguir recuperar a minha capacidade de nadar bem. Talvez as minhas pernas se metamorfoseassem em cauda no instante em que eu entrasse na água. Seja como for, tenho finalmente a oportunidade de nadar e vou agarrá-la.

A minha irmã queria que eu fosse livre.

Corro para a outra ponta do navio, um lugar que nunca explorei, na esperança de encontrar uma espécie qualquer de arma, mas não há nada. Nada, exceto alguns gemidos fracos vindos do porão.

Os prisioneiros! Bendito Deus, ainda havia criados e tripulantes do *Elephanten* vivos?

Encaminho-me aos sons, de coração na garganta, e antes de conseguir sequer chegar à porta sou esmagada por um cheiro revoltante, simultaneamente azedo e doce e podre. Com uma mão no nariz e outra na maçaneta, abro-a. À luz ténue da candeia do convés, vejo uma fileira de cadáveres assentes no chão, acorrentados a uma viga ao alto. Excrementos e sangue enchem a área e eu começo a tossir violentamente, debatendo-me contra a vontade de vomitar.

– Princesa – ouço dizer uma voz fraca.

Não. Não, não pode haver ninguém ainda vivo.

Mas ouvi um gemido e agora ouço o meu título e quando avanço entre os corpos, reconhecendo os rostos pálidos e macilentos, os corpos aparentemente drenados de sangue, vejo o Hodges. Hodges, criado do Aerik e o homem que me levou do mar todos aqueles anos atrás. Calha bem que o veja antes de voltar às suas profundezas.

– Hodges? – digo baixinho, tentando não chorar. Se ele não estivesse a falar, eu teria julgado que estava morto.

Ele abre os olhos, completamente raiados de sangue.

– Matai-me, Vossa Alteza. Fazei-o breve e rápido.

Abano a cabeça, dominada pelo pânico.

– Não, não posso fazer isso. Diz-me o que te estão aqui a fazer? Porque vos mantêm vivos?

– Um dos tripulantes chamou-lhes... – passa a língua pelos lábios, mas não lhe resta saliva – *Mandurugo*.

– O que significa?

Ele limita-se a fitar-me.

– Por favor, não me obrigueis a implorar pelo meu fim. Por favor...

O Hodges deixa escapar um sopro fraco e áspero e mira a faca que trago no coldre à cintura.

Não posso matá-lo de facto, posso? Matei o Aerkik, sim, e fá-lo-ia de novo. Mas embora o Hodges nunca tenha sido muito simpático para mim, foi leal e nunca cruel.

– Não posso sofrer mais – consegue acrescentar. – Deixai-me ir para junto de Deus.

Dou por mim a pegar na faca e a puxá-la para fora, a lâmina a tremer na minha mão. Para onde foi toda a fanfarra? Antes, não tive problemas a matar o Aerkik, comi-lhe o coração e pedi ao capitão que me tocasse. Agora dou por mim indisposta e fraca com a ideia de matar um inocente. O que aconteceu à sereia que existe dentro de mim?

Talvez a minha humanidade tenha decidido manter-se por cá.

– Vou ter a minha vingança por ti – digo-lhe, segurando a faca acima do coração.

– Esquecei a vingança – diz ele. – Precisaís apenas de fugir. Tende misericórdiosa, princesa Maren. Deixai-me ir. Deus haverá de nos perdoar a ambos.

Inspiro fundo, esperando que sejam quais forem os deuses que existem, me perdoem de facto por isto, e enterro a faca no seu coração.

Afunda-se até ao cabo matando-o imediatamente e sinto o ar calmo com a sua morte.

Mas não tenho tempo para lamentar os horrores que aconteceram neste porão. Eu tenho de me salvar.

Saio do porão, corro para as escadas e subo até aos canhões no convés das armas. Agarro um e passo a perna por cima dele, montando-o. O metal frio na parte interna das coxas e não é completamente desagradável.

Ignoro a maneira que os meus impulsos femininos têm de surgir em momentos inadequados e desloco-me ao longo do canhão até abrir a portinhola de armas na ponta, e o ar fresco do mar vem ao encontro do meu rosto. Estou prestes a deslizar para o mar, que se move rapidamente lá em baixo, quando ouço a tripulação começar a descer as escadas e a voz desconhecida de uma mulher.

Não quero ficar por aqui e descobrir a quem pertence.

Inspiro fundo e solto-me da extremidade do canhão.

O vento passa por mim quando caio em queda livre, tentando afastar o corpo da borda do navio gigantesco para não ser apanhada sob a quilha, o que é muito mais fácil de fazer quando não se está a usar um vestido pesado.

Entro na água de pés, abalada pelo impacto, e começo imediatamente a nadar para longe do navio o mais depressa possível. A água é fria no início, mas logo parece uma segunda pele e eu nado de pernas juntas, esperando, desesperada, que se fundam numa cauda.

Mas antes que isso possa acontecer, e enquanto me desloco pela água

escura, dou-me conta de que estou realmente a respirá-la. Não me atravessa o nariz nem a boca, mas sim as *guelras*. Levo a mão ao pescoço, de lado, e as cicatrizes ténues que eu ali tinha para as simbolizar são agora *guelras* em funcionamento.

Solto um grito de prazer e torno a olhar para as minhas pernas. Embora a minha visão no escuro agora seja excelente, continuo a não ser capaz de discernir todos os pormenores. Aquilo que eu vejo é que as minhas pernas não passam disso: pernas. Podem ter um tom perolado que não estava lá antes, uma leve impressão de escamas, mas fora isso não se transformaram em cauda.

Não importa. Consigo nadar depressa com elas juntas, como se fossem uma só, e com *guelras* a funcionar, posso ficar debaixo de água o tempo que quiser.

Ainda assim, por agora preciso de nadar para terra antes de decidir o que vou fazer a seguir. Inclino a cabeça para cima e para trás para ver o navio, cujas candeias vão ficando cada vez mais fracas. Embora sigamos ambos na mesma direção, o *Nightwind* é mais rápido do que eu. Só tenho de me certificar de que não acabo no lugar para onde eles se dirigem.

Sinto uma certa pontada no coração ao pensar nisso, um aperto no peito.

E se eu não voltar a ver o Ramsay? Com este plano, provavelmente não voltarei. Afinal, não voltar a vê-lo *era* o plano. Odeio admitir, mas acho que desenvolvi uma espécie de apego a ele. Aquele homem é um mistério. Um monstro, talvez, mas isso só faz dele um par ainda melhor para mim. Nunca na vida tive alguém que mostrasse um tal nível de posse e proteção em relação a mim, como se eu fosse um tesouro a ser guardado.

Ele matou a tua irmã. Teria matado a Daphne. E, tanto quanto sabes, também matou a tua mãe, lembra-me uma voz. Prometeste vingança, e nada mais.

Engulo o nó que tenho na garganta e redobro a minha determinação antes de dar meia-volta e continuar a nadar. Ponho a cabeça à tona da água de quando em quando, para me certificar de que me dirijo para terra e agora que raia a aurora é mais fácil de ver.

Finalmente, vejo a silhueta brumosa de uma ilha iluminada atrás de um nascer do Sol violeta e sou inundada de alívio. Torno a mergulhar debaixo das ondas, sem ir muito fundo, quando vejo o que parecem ser luzes cintilantes fracas vindas das profundezas escuras abaixo de mim.

O que é aquilo?, penso, abrاندando à medida que as luzes ficam cada vez mais brilhantes.

Dou-me conta de que aquilo que vejo é dois tambores erguendo-se para mim, com uma bola iluminada a pender da saliência à frente da cabeça. Embora os seus olhos sejam brancos fantasmagóricos e os dentes formidáveis, sei que não são tão rápidos e que certamente são muito mais pequenos do que eu.

Depois reparo que não estão sozinhos.

Atrás deles, emergindo da escuridão das profundezas estão dois esqueletos.

Não. Não é bem assim.

Dois esqueletos de *sereia*.

Arquejo, a água inundando a minha boca.

As sereias rasgam um sorriso para mim com os dentes afiados, as órbitas vazias, e o cabelo de algas transparentes a fluir do crânio, os braços esticados tentando alcançar-me.

Dou meia-volta e começo a nadar o mais depressa que consigo. Não sei se estas sereias são restos da maldição ou o quê, mas não vou ficar de braços cruzados à espera de descobrir o que querem de mim.

Mas, embora não passem de osso, têm cauda e movem-se assustadoramente depressa. Soltam um grito agudo e agarram-me os braços, uma de cada lado.

Eu grito, tentando esbracejar, mas nada posso contra a força delas quando começam a nadar velozmente, puxando-me através da água.

– *O que são vocês?* – pergunto. – *Para onde me estão a levar?*

Elas não respondem, mas não demoro muito a descobrir.

Estão a levar-me de volta ao navio.

A questão é: qual navio?

Capítulo 19

Maren

Depressa descubro qual é o navio.

As sereias mortas arrastam-me de volta para o *Nightwind*, esse mesmo navio do qual acabei de tentar escapar. Rasgamos a superfície e eu ergo os olhos para o barco, deparando com uma mulher que olha por cima do corrimão, com o cabelo de alga verde. Reconheço imediatamente a sua aura: é uma bruxa do mar.

Deve ser a infame Nerissa.

– É esta princesa de que estavas a falar? – pergunta Nerissa, com a voz baixa e hipnótica. Ao lado dela aparece a cabeça do Ramsay, que me olha do alto.

Os meus olhos encontram os dele. *Deixa-me ir, por favor. Por favor, não me leves outra vez para bordo. Deixa-me ser livre*, digo no meu íntimo, na esperança de que ele possa de alguma forma ouvir e entender.

Os cantos dos seus olhos suavizam e dirige-me um olhar *blasé*, como que a dizer: *Desculpa?*

A Nerissa gesticula então com as mãos, erguendo-as, e as sereias-esqueleto começam a escalar o navio de lado, içando-me com elas. As suas garras de osso cravam-se na madeira e vejo o Ramsay estremecer face aos danos que estão a fazer ao navio. Naturalmente, não parece assim tão preocupado comigo.

Por fim, chegam lá acima e atiram-me para o convés, após o que se viram e mergulham de novo no mar. Encolho-me sobre as mãos e os joelhos.

A Nerissa dirige-se a mim até os seus pés pararem mesmo à frente do meu rosto, as unhas dos pés prateadas e com perolazinhas afixadas.

– Princesa Maren – diz a Nerissa e, por um momento, estou apavorada que ela saiba quem eu sou, que nós, as sereias, mesmo que já não o sejamos, mantenhamos um certo ar ou um certo cheiro. – De pé.

Sei muito bem que não devo desobedecer a uma bruxa do mar. Faço cuidadosamente pressão para me erguer até ficar em pé, a arranjar artisticamente o cabelo sobre os ombros. Estou ciente de que a água fez com que a camisa do John se tornasse semitransparente, por isso deixo cair os canudos de cabelo sobre os seios como se estivesse a ser modesta, quando, na verdade, estou a tapar as guelras que devem ser visíveis de lado no pescoço.

– Sabes quem eu sou? – pergunta a Nerissa, com um sorriso tímido nos lábios. Tem as maçãs do rosto redondas e altas ao sorrir, brilhando num rosa iridescente à luz da madrugada. Os seus olhos reluzem como cobre polido quando me interioriza, sob as grossas pestanas.

– Uma bruxa do mar – digo-lhe. – Ouvi falar muito de si.

– Só coisas boas, espero – diz ela com recato.

– Menos se perguntar à tripulação-esqueleto.

Ela ri.

– Isso é bem verdade, minha menina. Bom, sabes porque te trouxe de volta para bordo depois de teres tentado fugir?

Olho de relance para o Ramsay, mas os seus olhos nada revelam, o rosto irritantemente inexpressivo.

Olho para trás e abano a cabeça. A única razão que me ocorre é que ela tenha ouvido, de alguma forma, talvez da boca do Ramsay, que eu tinha tendências de sereia ou parecidas com as de bruxa e que isso foi o suficiente para me ir buscar.

– Porque aqui a tripulação decidiu entregar-te a mim em troca de um dos seus.

– O Sedge – sussurro, a pensar no que o John disse quando se cruzou comigo e com o Ramsay, que ele tinha desaparecido.

– Sim. O querido Sedge. Ele é muitíssimo amado pela tripulação do *Nightwind*, apesar de não ser um dos Irmãos. E tu, que também não fazes parte da Irmandade, não és.

– Escuta só – diz o Ramsay, pigarreando. – Podemos chegar a algum acordo.

A Nerissa dirige-lhe um sorriso maldoso.

– Ah sim? E que acordo é esse?

Ele abre a boca e eu interrompo-o. A verdade é que talvez eu fique melhor com ela. Especialmente se fizer o que eu lhe pedir.

– Eu vou consigo – digo rapidamente. – Mas só se me ajudar com uma coisa.

Ela cruza os braços em frente ao peito.

– E que coisa é essa? – pergunta, de sobrancelha erguida.

– Quero que me leve à Edonia.

A Nerissa levanta a outra sobrancelha, com surpresa.

– À Edonia? – pergunta.

– Porquê à Edonia? – diz Ramsay, avançando para mim. Agarra-me o cotovelo. – Maren, o que estás a fazer?

Dirijo-lhe um olhar mortal e encolho os ombros, libertando-me dele.

– Afasta-te até o acordo estar feito – ordena-lhe a Nerissa, o ar parecendo chiar com a eletricidade da sua própria autoria. Ele faz um som baixo e, com relutância, afasta-se de mim. – Então, Maren, como sabes da existência da Edonia e porque queres vê-la?

– Ouvi dizer que é a bruxa do mar mais poderosa que existe.

A Nerissa revira os olhos.

– Ora, creio que ouviste mal. Pois sou uma bruxa de valor igual ou superior ao da Edonia. Seja qual for o motivo que te leva até ela, podes vir até mim. Diz-me então, minha filha de cabelos de tinta, o que procuras tu?

Esfrego os lábios um no outro, provando o sal. Tenho de pensar depressa, mas com cuidado. Se eu puser as cartas na mesa e lhe contar o que aconteceu com a Edonia, então já não tenho nada a esconder – nem uma máscara que possa continuar a usar. A tripulação vai saber que sou uma sereia e irão querer-me pelo meu sangue. Vou acabar novamente acorrentada, numa sangria a pedido. Vou acabar como a Asherah e não posso confiar que o Ramsay me dê o golpe de misericórdia. Afinal, parece que é ele quem mais precisa do meu sangue.

Além disso, se a Nerissa for como a Edonia, também pode ter problemas com o facto de eu ser uma sereia. As bruxas do mar são as nossas únicas inimigas a sério, além do homem, e pode não lhe apetecer negociar comigo ou conceder-me favores. Pode querer matar-me e eu ficaria completamente indefesa.

– Quero ser uma sereia – digo-lhe.

Ela ri de surpresa, como fazem alguns membros da tripulação.

– Uma sereia? – diz ela, pressionando a mão no peito. As suas unhas lembram-me o dente do Nill, que felizmente ainda está à volta do meu pescoço. – O que te levaria a querer ser uma?

Tento não mostrar ofensa perante o tom dela.

– Vi a que eles trouxeram para bordo. Era tão mágica e especial e eu adoro o mar. Adorava se me pudesse transformar numa. – Faço a minha voz mais leve e ofegante, como se fosse uma criança idiota que quer acreditar em contos de fadas.

– Que jogo é esse, ‘morzinho?’ – ouço o Ramsay dizer entre dentes.

Mantenho o foco na Nerissa, sorrindo com uma esperança sobrecarregada. Se ela acha que as sereias são assim tão horríveis, pode até querer conceder-me o desejo para me ensinar uma lição sobre conseguir-se aquilo que se quer. Uma lição que eu sem dúvida já aprendi.

Ela solta outra gargalhada destituída de alegria.

– És muito ingénua para princesa. Embora eu imagine que a maior parte dos nascidos na realeza o sejam. Sereia é algo que nenhuma mulher deve querer ser. Criaturas selvagens das profundezas, é o que são. Não, infelizmente, a menos que me deem um acordo melhor, vens comigo para o *Norfinn*. E devolvarei o Sedge a esta tripulação.

– E o capitão? – O Sterling fala num tom bélico. – Seja como for, eu estava prestes a declarar um motim contra ele. Penso que este navio está há demasiado tempo a ser mal comandado. Já não se trata de uma democracia, mas de uma ditadura! A nossa comida acabou, o nosso dinheiro acabou e agora ele está a pensar em ficar com uma cona burra qualquer em vez de a trocar por um dos nossos!

Sugo o ar, à espera de que a tripulação fique do lado do Sterling e exija a substituição do Ramsay, mas há apenas silêncio.

– Então? – diz a Nerissa ao Ramsay. – Estás disposto a tomar o lugar dela?

– Eles terão o Sedge de volta? – pergunta, e eu não posso acreditar que ele está a considerar essa hipótese.

Ela anui.

– Então sim, estou.

O meu coração afunda-se no meu peito.

Agora ergue-se um clamor sobre todos.

Mas que raio é que o Ramsay está a fazer?

– Estão a ver! – grita o Sterling. – Ele está disposto a abandonar a tripulação por ela! *Ela!* Que espécie de capitão é esse!? – Vem em direção do Ramsay e eu saio do caminho mesmo a tempo. – Pronto, eu ajudo-os a livrarem-se dele – dispara.

Ataca o Ramsay pela cintura, empurrando-o até ele ficar pressionado contra o corrimão e o Ramsay lhe bater na testa com a sua e, depois, lhe dar uma joelhada na virilha, que faz com que o Sterling se dobre o suficiente para que o Ramsay consiga escapulir do corpo enorme do Sterling.

O Ramsay ergue os braços num gesto de paz e começa a cambalear em direção à Nerissa.

– Vou de minha vontade, eu...

De repente, o Sterling endireita-se, pega num mosquete que está atrás de si e ergue-o acima da cabeça do Ramsay.

– Ramsay! – grito, tentando avisá-lo, mas quando o Ramsay se vira bruscamente, o Sterling balança a arma, que entra em contacto com a têmpora do Ramsay com um *pof!*

O Ramsay gira o corpo, revirando os olhos, e cai redondo no convés. Não se mexe.

– Sterling! – ordena o Thane, abrindo caminho pela multidão até ele. – Para já de uma vez ou vais para o porão!

Mas o Sterling limita-se a olhar com desdém para o intendente e a apanhar o Ramsay, levando-o diretamente para o corrimão, antes de atirar o capitão inconsciente ao mar.

– Não! – grito, a correr para o corrimão enquanto o sigo com o olhar e vejo o Ramsay cair ao mar com um pesado chapinhar. O Thane e a Sam correm para mim, cada um de um lado, e olham para a água.

– Ele sabe nadar, não sabe? – pergunta a Nerissa, curiosa, atrás de mim.

– Inconsciente, não! – responde o Thane com brusquidão.

Mal dou por mim, estou a trepar pelo corrimão.

– Princesa! – grita a Sam, tentando agarrar-me a perna, mas já eu estou a descolar e a fazer um mergulho de cisne a partir do corrimão. De todos os que estão no convés, com exceção da Nerissa, sou a única a conseguir respirar debaixo de água, a única que pode salvá-lo.

Bato na água com mais graciosidade do que quando saltei do canhão, talvez tendo a confiança de que consigo nadar quase tão bem como dantes, que já não sou meramente humana.

Mergulho fundo, descendo mais e mais, a água uma tonalidade turquesa transparente como o cristal, graças ao sol que se ergue no céu. A profundidade não é grande, agora que estamos mais perto dos recifes e da costa, mas não deixam de ser trinta metros e a luz afasta-se cada vez mais, à medida que desço. Por fim, vejo o Ramsay no fundo do mar, o seu vulto negro uma mancha no fundo arenoso branco, o azul-escuro estendendo-se para o vazio insondável atrás dele.

Nado mais depressa, sabendo que o tempo é fundamental. Há quanto tempo está debaixo de água? Já deve estar a afogar-se.

Pode já estar morto.

Sou dominada pelo pânico, que me aperta o peito, e avanço, com o coração a bater mais depressa agora, com o medo de não conseguir chegar a ele a tempo. Não posso ver mais outra pessoa morrer, não posso.

Estou perto, tão perto, quando o tamboril e as sereias-esqueleto aparecem novamente, vindas diretamente do azul-escuro profundo, o grito estridente das da minha espécie a criar ondas na água. Nadam depressa até mim, as garras estendidas, e agora que julgo estarem de alguma forma amaldiçoados, como a tripulação, sei exatamente o que fazer.

Por uma vez na vida, estou grata por ter pernas, e não barbatanas.

Enquanto se aproximam, puxo os joelhos ao peito e depois empurro a perna, como se estivesse a dar um pontapé. Mesmo debaixo de água, consigo executar este movimento com rapidez; o meu corpo tem mais graça e equilíbrio aqui em baixo do que em terra.

O meu pé estabelece contacto com o crânio de uma das sereias e esmaga-o completamente antes de o separar das vértebras. Por um momento, fico a vê-lo afastar-se na água, deixando a sereia inutilizada; depois, ponho-me rapidamente em posição e faço o mesmo à outra.

Crunch.

A cabeça da outra sereia é arrancada com um chuto e também ela começa a afundar, enquanto o resto da criatura feita de ossos se agita na água, sem saber para onde ir.

Não tenho tempo para ver o que acontece. Em vez disso, começo outra vez a nadar para baixo, seguindo as cabeças que se afundam, para baixo, para baixo, para baixo, esperando e rezando para chegar ao Ramsay a tempo.

Finalmente, alcanço-o. Com a camisa preta e o cabelo escuro fluindo à

sua volta, parece um anjo caído, um anjo que pertence ao Diabo, uma imagem tornada ainda mais significativa pela visão dos crânios decapitados das sereias a ressaltar no fundo ao seu lado.

Por favor, que estejas vivo. Por favor, que estejas bem.

Pressiono os dedos na cara dele, debatendo se devo beijá-lo ou não. O meu beijo não trouxe de volta a Asherah, mas exerceu algum efeito sobre mim. Será que agora tenho esse poder? Ou será que o capitão já está bem para lá?

Porque ele tem de estar morto. Afogou-se. Ninguém conseguiria sobreviver tanto tempo debaixo de água.

Continuo a segurar-lhe o maxilar com os dedos, desejando poder dizer-lhe uma última coisa, mas nem sequer sei o que seria.

Acho que se não fosse ele, eu nunca teria escapado ao Aerik.

Nunca teria sido libertada.

E embora eu já não seja bem uma sereia, sou mais do que fui durante tanto tempo e acho que ele viu isso em mim desde o início.

Apesar de tudo o que ele fez, apesar de tudo por que o odeio, no final, acho que me viu de facto como sou.

E mais, *gostou* do que viu.

Engulo o nó que tenho na garganta e decido tentar.

Inclino-me para o beijar, mas antes que os meus lábios se consigam aproximar dos dele, prega-me um susto tamanho.

Abre os olhos.

O Ramsay abre os olhos, cujo azul combina com o azul da água parda, e fita-me diretamente.

– Ramsay? – pergunto, o som abafado quando as bolhas sobem da minha boca.

Ele franze o sobrolho e, lentamente, inclina a cabeça para me olhar, depois olha para cima, para a superfície que está tão longe. Quando torna a olhar para mim, surge um sorrisinho de satisfação nos cantos da sua boca.

– Vieste buscar-me – diz ele, agora com bolhas a saírem-lhe da boca.

Aceno com a cabeça, superfeliz por ele estar vivo, mas antes que lhe possa perguntar como é que ainda está vivo e parece não precisar de respirar debaixo de água, ele inclina-se, segura-me o rosto...

E beija-me.

Capítulo 20

Ramsay

A Sam sempre disse que sou um homem que primeiro ataca e depois faz as perguntas, e isso é certamente verdade no que toca ao sexo oposto (ou ao mesmo sexo, dependendo da década). Eu tinha muitas perguntas para fazer à Maren depois de o Sterling me ter dado uma marretada na cabeça e eu ter dado por mim no fundo do mar, sendo uma delas por que razão parecia que ela vinha atrás de mim – deduzo que para me salvar (a menos que tenha mergulhado para se certificar de que eu estava morto, o que não me espantaria).

E depois, que ela tinha nadado para me apanhar. Olhando para a superfície, parecia tratar-se de um longo do caminho e ela parecia não ter problema nenhum a sustentar a respiração, o cabelo escuro fluindo ao seu redor de tal forma que era difícil não a imaginar como uma sereia.

Seja como for, essas perguntas são rapidamente empurradas para o fundo da minha mente quando vejo o seu rosto tão perto do meu, os seus dedos pressionando suavemente o meu rosto de lado, os olhos focados nos meus lábios. Não importa que estejamos no fundo do mar, tudo o que eu quero, tudo o que eu preciso, é beijá-la de uma vez por todas.

Agarro-lhe o rosto à pressa, as pontas dos dedos mergulhando na sua pele, e a minha boca encontra a dela, reivindicando-a com intenção. Ela entreabre os lábios de surpresa e solta um gemido com o contacto, que parece ecoar através da água. Os seus lábios são macios como o mel e igualmente doces e a minha língua toma a sua boca de saque, da mesma maneira bruta com que fodo. Provo-a, saboreio-a, quero afundar-me mais nestas profundezas até ela ser a minha única obsessão.

Quero beijá-la assim desde o momento em que ela me deu um soco na cara.

Os meus dedos vão para o seu cabelo, puxando-o para trás e, de repente,

ela para e retira as mãos, puxando o cabelo para a frente sobre os ombros, com uma expressão de medo no olhar.

Depois começa a nadar para a superfície, com as pernas juntas e movendo-se como uma por um segundo, antes de deixar isso e começar a mover os braços e a abrir caminho até cima.

Fico a vê-la erguer-se acima de mim por um momento, a pensar no que ela disse à Nerissa. Queria que a bruxa do mar a transformasse em sereia. Porque queria uma coisa dessas? Estará a viver alguma fantasia aqui, no fundo do mar? E como raios é que consegue sustentar a respiração durante tanto tempo?

Ainda com a sensação dos seus lábios nos meus, o sexo em riste, vou atrás dela, nadando sempre a subir, com fortes chutos das pernas até os raios de sol que atravessam a água irem ficando cada vez mais brilhantes, o azul profundo desaparecer e então rasgo a superfície.

Inspiro uma lufada de ar fresco e vejo a Maren percorrer a água ao meu lado, os seus olhos cautelosamente focados nos meus, com gotículas nas pestanas escuras.

– O que és tu? – pergunto.

– O que és *tu*? – riposta.

Pressiono os lábios. Hmmm. Parece que estamos numa encruzilhada.

Dou meia-volta, à procura do *Nightwind*, e o meu coração cai-me aos pés.

Não está em lado nenhum. A única coisa que eu vejo é o navio da tripulação-fantasma de volta à enseada entre ilhas. O *Nightwind* desapareceu.

– Raios! – grito, esmurrando a água com o punho. – Levaram-no.

– Esse navio significa muito para ti, não é? – diz Maren baixinho.

– Sim – respondo bruscamente, como se isso não fosse óbvio. – Significa, e a tripulação também. Não posso perder nenhum deles.

– São a tua família – comenta ela, com expressão bastante melancólica.

Franzo a testa.

– São, de facto. – Olho para a terra mais próxima, que obviamente é a arruinada Cidade do Recife. Quem diria que regressaríamos tão depressa ao território da Nerissa. – Vamos lá, temos de chegar à costa e pensar num plano.

Ela não responde. Não precisa de o fazer, praticamente consigo ouvir os seus pensamentos, o que por vezes é possível entre os irmãos. Está a pensar que não quer ter nada que ver com o plano que eu engendrar, seja ele qual for.

Começamos a nadar para a margem. Estamos a uma grande distância e, embora eu esteja no pico da forma física, e ela demonstre o mesmo, quando finalmente encontramos o nosso pé nos recifes e colunas afundadas de basalto da cidade, estamos ambos exaustos e sem fôlego.

– Não te ponhas em pé no recife – ralha ela. O seu tom presunçoso irrita-me, como se ela estivesse novamente a comportar-se como uma princesa.

– Ora e diz lá, porque não?

– Porque estás a danificá-los.

Baixo os olhos para as botas, através da água cristalina.

– Quem?

– Os corais são seres vivos. Estás a fazer-lhes mal.

Quero perguntar-lhe como é que ela sabe, porque esta é a primeira vez que ouço tal coisa, mas sei que a sua resposta será irritantemente vaga e terei de atribuir isso a ela ser da realeza e ter uma educação melhor do que eu.

– Muito bem – resmungo e saio do recife, nadando mais alguns metros até chegar a cambalear à praia. Afasto-me da água até encontrar um pedaço de vegetação curta e grossa e deixo-me cair sobre ela. Pouso os cotovelos nas coxas e deixo cair a cabeça, tentando pôr novamente o meu cérebro em ordem.

Ouçõ a Maren seguir-me, sentar-se ao meu lado, perto, mas ainda assim distante o suficiente. Respira com dificuldade e, quando a miro de lado, os meus olhos dirigem-se logo para o seu peito, que sobe e desce a cada respiração pesada. Se não fosse o cabelo a tapar-lhe os mamilos, pareceria nua, de tão transparente que é a camisa. Um jato de desejo ardente corre nas minhas veias, sabendo que é linda como veio ao mundo.

– Roubaste essa camisa ao pajem John, não foi? – pergunto e a minha mente volta atrás, a como a senti quando se veio nos meus dedos, os sons que ela fazia. Credo.

Ela não olha para mim, apenas fixa as ruínas da cidade e o recife, mais além.

– Eu não o matei – afirma.

– Nunca disse que o mataste, mas deixaste-o inconsciente. Pobre coitado, eu devia saber que ele seria impotente contra alguém como tu.

A Maren ergue as sobranceiras e olha-me.

– O que é que tem, alguém como eu?

Gesticulo com a mão.

– Os teus truques femininos. Ninguém lhes resiste.

– Tu resististe.

A minha boca entreabre-se por um instante. Esta mulher leva-me à loucura.

– Ai, sim? Resististi?

– Tomaste-me com as mãos, não com o bordão – diz ela.

– Terias querido a minha pila dentro de ti enquanto estavas presas por correntes?

A expressão fervorosa que lhe aflora o olhar, semelhante à que tinha enquanto eu a fazia vir-se, diz que ela o teria aceitado prontamente.

E agora, sem surpresa, o meu sexo rouba-me os pensamentos da cabeça, com a pele a ficar mais tensa e quente de necessidade. Por mais que eu queira tomá-la aqui e agora, o meu navio continua desaparecido e estou cercado por um mistério.

Decido tentar obter algumas respostas.

– Porque é que és tão boa a sustentar a respiração? – pergunto, acenando

com a cabeça para o mar.

– E tu?

– Responder à pergunta com uma pergunta não é responder à pergunta.

– Isso é porque não tenho quaisquer intenções de responder à pergunta. –

Faz uma pausa. – A Nerissa mandou mesmo as suas queridas... sereias mortas atrás de mim por tu querer fazer uma troca?

Suspiro, afastando o cabelo molhado da cara. Já sinto a pele arranhada do sal seco.

– *Eles* queriam trocar-te pelo Sedge.

– E tu ias deixar.

– Não, não ia.

– Ias. Eu sei.

– Está bem, talvez a princípio – admito.

Ela fulmina-me com o olhar.

– Eu sabia.

– Mas caso não tenhas reparado, ofereci-me para tomar o teu lugar. Eu.

O capitão Battista, do belo navio *Nightwind*, ofereceu-se para ser trocado para a bruxa do mar e a sua tripulação-esqueleto. Se isso é um sacrifício nobre, não sei o que será.

– Oh, mas que honradez da tua parte – diz ela, a pingar sarcasmo. – Mas foste tu que me disste que é impossível a maldição exercer efeito sobre ti. Sabias que saírias ileso.

– Ileso? Tu não entendes as bruxas do mar. Não deixam de ser bruxas e são o nosso inimigo natural. Posso ter tido sorte com uma no passado, mas as bruxas arranjam sempre maneira de tornar a vida de uma pessoa um inferno.

Os olhos dela dispararam para o meu rosto, tentando interpretar-me. Esbugalho os olhos para ela. Não sei se consigo ser mais sincero.

– Então, porque fizeste isto? Porquê ofereceres-te em meu lugar?

Arre, que às vezes é burra.

– Por causa daquela marca na tua anca, ‘morzinho. Porque me pertences. És propriedade minha.

Ela estremece perante estas palavras.

– Não gosto que me chamem propriedade de ninguém.

– Antes eras propriedade da coroa.

– E odiava – diz ela, a ferver de raiva.

– Sim, bom, tens tendência a odiar muita coisa – digo entre dentes.

– Com razão! – grita ela. – Há muitas coisas para odiar.

– Especialmente eu.

– Especialmente *tu*.

– E calculo que vá ouvir todas as razões pelas quais odeias o capitão, não é? Muito bem, vamos lá. – Gesticulo com a mão para que ela desenvolva.

– És bruto – diz ela, rastejando para mim, os seios balançando sob o decote fundo da camisa e eu preciso de todos os meus esforços para subir os meus olhos até aos seus. Brilham, ferozes, um azul de fogo. – És bárbaro. És

um assassino.

Dirijo-lhe um olhar ácido.

– Também tu, querida.

– Um monstro – diz, cuspidando as palavras, rastejando ainda mais para perto. Talvez demasiado perto para ser confortável, considerando o monstro que ela pode ser.

– Se te serve a carapuça. Serve-nos aos dois.

– Herege – diz ela, os olhos agora nos meus lábios.

– Ser santo é maçador como a porra.

– Torturas pessoas.

– Mas não por diversão – digo, se bem que é um bocado mentira. – A não ser que mereçam – esclareço.

Os olhos dela brilham.

– Eu vi o porão. Vi onde mantinhas a tripulação e os meus criados. O que lhes fizeste.

Raios. Não queria que ela visse aquilo.

– Nós não os torturamos por diversão – tento explicar. – Não é isso que fazemos... Não é disso que se trata. A Irmandade tem um código moral rigoroso.

Ela solta uma gargalhada amarga.

– Ah, já me contaram tudo sobre o vosso código de piratas.

– Não. Não é um código de piratas. É o código da Irmandade. Sucedem que somos piratas, mas nem todos os piratas fazem parte da Irmandade. Todos os que fazem encontram-se no *Nightwind*.

– Então, são uma espécie de culto de adoração ao Diabo.

– Isso faz-nos parecer organizados. Nós só fazemos...

– O que é preciso para sobreviverem – termina ela. – Sim, já ouvi essa história.

– Então, por esta altura já deves saber que é verdade. – Calo-me por um instante, à espera para ver se devo provocá-la ou não. Eu sei que ela às vezes é perigosa, mas ao mesmo tempo quero que seja. Quero uma zanga em que ela ponha as garras para fora. – Mas pelo menos temos um código. Tu não. Apanhei-te a comer o coração do teu marido como se fosses um cão vadio.

Ela rosna e avança para mim como uma leoa, as garras a afiarem, os dentes transformando-se em lascas afiadas.

– Maldito sejas! – diz, rosnando e já está em cima de mim; as minhas mãos mantêm-na afastada, apertando-lhe com força os pulsos, a sua boca morde o ar, os dedos tentam agarrar o vazio.

– A minha monstrelha saiu de novo para brincar – digo, rasgando um sorriso para ela. – Não sabes que a única coisa que isto faz é excitar-me?

As suas narinas dilatam quando parece interiorizar a visão das suas garras, a maneira como elas se alongam dos dedos como garras de águia. Depois, a expressão espantada do seu olhar transforma-se em orgulho e satisfação. Olha-me.

– Podia comer-te aqui mesmo.
– Também eu – contraponho. – Só que eu faria com que valesse a pena.
– Já me beijaste. – Os seus olhos cintilam. – Não fiquei assim tão impressionada.

Resfolego.

– As minhas desculpas. Julguei que conseguias lidar com a situação.
– E consigo.
– Então, provavelmente, voltarei a fazê-lo. Não me consigo conter quando estou ao pé de ti.

– Porque és tresloucado, por ficar em pé por uma criatura como eu.
– Uma criatura linda – corrijo-a. – E perigosa. Sou doido por mulheres fortes, livres, que vivem segundo as suas próprias regras, que fazem o que querem e não se importam com o que o mundo diz. Não achas que encaixas na descrição?

Ela para de se contorcer por um momento e eu baixo-a um centímetro até mim, ficando com as pontas do cabelo grosso molhado a fazerem-me cócegas na cara. Respira com esforço e os seus olhos desviam-se do meu rosto por um momento, como se pensasse sobre o que eu disse.

– Oh, pega-me na pila e pronto, para eu poder despachar isto – digo.

Ela empalidece, com olhos venenosos a disparar de novo para os meus.

– Despachar isto?

– Sim. Para te levar ao céu antes de tornares a odiar-me.

– Talvez eu preferisse foder-te e odiar-te ao mesmo tempo.

– Já alguém te disse como a tua boca é imoral?

– Nunca. Acho que estive a guardá-la para ti.

Dirijo-lhe um sorriso torto.

– Acho que arriscava ter esses dentes na minha pila pela mera promessa do que os teus lábios e a língua podem fazer, mas a verdade honesta é que preferia usar a minha boca em *ti*.

– Gostava de te ver tentar fazer isso.

Dirijo-lhe uma expressão que diz: *a sério?*

Com um resmungo, viro-a, atirando-lhe as costas contra a relva e ela emite um ganido.

– Vais lutar ou foder? – pergunto-lhe, com um resmungo, prendendo as suas mãos acima da cabeça e montando-lhe as ancas. – Avisa-me, para podermos estabelecer umas regras.

Ela arreganha-se em resposta, mostrando os dentes, mas não é sinal de querer um jogo limpo. Se eu não tiver cuidado, vou sair desta sem a ponta do nariz.

Ou pior.

– Muito bem – digo. – Acho que vou ter de arriscar.

Com uma mão ainda presa aos pulsos dela, baixo a outra até às suas coxas, abrindo-as à bruta. Deslizo a mão para o seu sexo e não me espanta encontrá-lo despido e molhado.

Um arquejo fica preso na sua garganta e, por um momento, cede, os olhos trémulos, a boca entreabrindo-se, depois ergue o pescoço e a sua cabeça avança bruscamente para mim.

– Não te esqueças do que eu disse – digo, e afasta rapidamente a cabeça para trás, mesmo a tempo. Então, os meus dedos deslizam ao longo do seu clítoris e em direção à rata. – As meninas bem-comportadas são recompensadas.

– E o que é que acontece às meninas más? – pergunta ela, com um grunhido.

Rasgo um sorriso para ela.

– As meninas más são completamente castigadas. Creio que mereces as duas coisas.

– Então vá – diz ela.

– Sim, princesa – digo, com reverência fingida, enquanto introduzo três dedos dentro dela.

– Céus! – grita ela, ofegante enquanto aperta acolhedoramente os meus dedos.

– Preciso de saber se és capaz de me receber até ao fim – murmuro, os meus dedos dobrando-se dentro das paredes do seu sexo, até ela dar pinotes com as ancas, pedindo mais. – Tenho uma pila grossa e tu tens uma ratinha apertada, ‘morzinho.

Vejo um tom rosado desabrochar nas suas faces. Fiz corar a senhora.

– Vamos fazer assim – digo, aproximando a cara da dela, o suficiente para ser capaz de lhe contar as sardas –, manténs a dose de mordidas e arranhões no mínimo e eu a seguir fodo-te com a língua. Está bem?

– Sim, capitão – geme ela.

Solto uma expiração pesada. Diabo Todo-Poderoso. A palavra «capitão» nunca me pareceu tão doce.

Levo a palavra dela à letra e solto-lhe as mãos; o meu coração é um tambor a bater nas costelas. Parte de mim pergunta-se se ela me vai mutilar, a outra quer ser mutilada. Mas, acima de tudo, só quero lambê-la até ela perder os sentidos.

Capítulo 21

Maren

Deito-me na relva, com dificuldade em render-me completamente a ele. O meu corpo é uma tempestade de sentimentos, o calor lambe-me a pele e faz-me arder por ele. Quero lutar contra ele, quero discutir, mas também o quero, como nunca na vida quis ninguém. É como se todos aqueles impulsos femininos e ímpios que foram mantidos à distância depois de eu me ter tornado humana agora saíssem com força total e assumissem o controlo do meu corpo.

Por isso, decido entregar-me.

Solto um grito agudo ao esfregar-me nos seus dedos, querendo mais dele, todo ele e sei que ele sorri para mim com aquele seu sorrisinho que diz que está todo contente consigo próprio. Não quero saber. Ela que sorria, se é isso que quer. Creio que merece, por me fazer entregar assim, afastando facilmente as pernas para ele.

– És uma monstrixinha ávida, não és, rapariga? – murmura ele. – Há muito privada de uma boa pila.

Torno a corar, as palavras dele são uma constante surpresa. Pode haver quem diga que fala diretamente do Diabo, mas estou a descobrir que gosto do que o Diabo tem a dizer.

Ele começa a descer para o centro de mim e estou ciente de como o seu corpo é grande e duro quando paira meros centímetros acima do meu. Sinto o calor que dele emana, as suas mãos trazem chamas às minhas coxas enquanto me puxa a camisa mais para cima até ela se amontoar em torno da minha cintura.

Sinto o coração bem alto, na garganta, quando a sua cara se baixa entre a pele macia das minhas coxas e depois, depois...

Meu Deus! Solto um grito entre dentes ao sentir os seus lábios pressionarem a carne delicada, ao que se segue a passagem molhada da

língua.

Fico de cabeça perdida.

Nunca tive um homem ali em baixo. O Aerik não me tocava de forma sexual há anos, mas mesmo quando as coisas eram frequentes e físicas entre nós, ele era rápido e nunca se preocupava se eu terminava, seguramente nunca terá pensado em pôr assim a boca em mim. Teria dito que era imoral.

Mas o Ramsay... lambe-me como se adorasse o sabor do pecado, o corpo da língua é firme e liso, as sensações tornam-se excessivas para lidar com elas.

E, no entanto, tenho de estar atenta. Levanto a cabeça para o ver entre as minhas pernas e, Deus do céu, agora está a olhar para mim, aqueles olhos intempestivos olham-me bem na alma, enquanto a sua língua prova e me saboreia, vezes sem conta.

Esta ligação que agora ferve entre nós é tão chocantemente íntima, a minha submissão à sua boca, às suas mãos e a qualquer outra coisa que ele queira usar para me levar ao limite.

– Gostas, ‘morzinho? – pergunta, fazendo uma pausa para soprar a minha pele molhada.

Fico a ganir, a cabeça de volta à relva enquanto os meus membros estrebucham com a sensação. Ele solta uma risada grave e rica, como se estivesse a gostar tanto como eu.

– Queres que continue a devorar-te, sobremesa que és?

– Sim – sussurro bruscamente.

– Sim, *por favor*, princesa – diz ele. – Ou já te esqueceste das boas maneiras?

– Sim, por favor – digo, agora ofegante.

– Pedi-me, Vossa Alteza.

Levanto a cabeça para lhe dirigir um olhar incrédulo. Mas ele não está a brincar.

– Devora-me – digo. – Por favor.

Os seus lábios cheios, reluzentes do meu desejo, curvam num sorriso e depois ataca-me selvaticamente com a língua, rodando e sugando a minha pessoa na sua boca.

– Céus! – Não posso evitar gemer.

Tenho as ancas aos pinotes, as minhas mãos agarram a relva e solto um gemido agudo quando a boca dele desce mais, a língua penetrando-me, e sinto-me como que a despedaçar-me. O meu corpo começa a tremer, tenho a cabeça dormente e solto outro gemido ao estender as mãos e agarrar o cabelo dele.

– Ramsay, eu... eu... eu vou...

– Liberta-te para mim – murmura ele junto à minha pele e sou abalada por sensações.

As minhas ancas começam a mover-se por vontade própria, empurrando o meu sexo para a boca dele e a sua língua mergulha mais fundo em mim até

ser a única coisa que eu sinto.

Céus, é demais. Vou abrir-me ao meio.

As suas mãos grandes e fortes seguram as minhas coxas, mantendo-as afastadas, e eu expludo, arqueando o pescoço para trás.

Sinto uma explosão de cores atrás dos olhos, o meu corpo fica rígido e eu sinto como se projetasse luz das pontas dos dedos ao perder-me. Ele está a consumir-se inteira.

Os meus gritos são fortes e crus, a minha garganta arde como fogo e tenho a certeza de que todos os bichos que estavam na área circundante fugiram para longe, mas não me importo. Sinto-me primordial, uma criatura em pleno cio. Tenho a cabeça a andar à roda, a boca seca e os membros completamente inúteis.

Mas, no rescaldo, há um contentamento que nunca senti antes. Sinto-me poderosa mas saciada, ao mesmo tempo. Há um fio de vulnerabilidade que quer apertar à minha volta, recordar-me que estou aqui deitada, despida da cintura para baixo, nua para ele ver, tocar e saborear, mas, ainda assim, esta sensação de felicidade sobrepõe-se a isso.

– Isso foi... – lá consigo dizer, passando a língua pelos lábios. – Foi...

– Aquilo que foi ainda não acabou – diz, com a voz rouca, e levanto a cabeça para o ver arrancar as bermudas. Pega na pila e, embora eu a tivesse visto quando estava pendurada das correntes na outra noite, agora está mais perto e é muito mais impressionante à luz da manhã. Grossa, comprida e muito dura, faz com que as suas mãos grandes pareçam pequenas em comparação.

Engulo em seco, de medo. Acho que não vai caber dentro de mim. Dirijo-lhe um olhar apreensivo, a pensar o que aquilo vai doer.

Ele interpreta a minha expressão.

– Podes comigo, não podes, ‘morzinho? Talvez a tua ratinha de princesa se acobardasse, mas és um monstro no teu íntimo. Aguentas tudo o que eu te der.

O meu rosto enrubesce com as suas palavras e uma chama é atijada dentro de mim. Ele sabe que gosto de desafios.

– Porque é que, em vez de falares, não me mostras? – digo-lhe.

Ele ri, sacudindo a cabeça antes que um olhar derretido endureça os seus olhos.

– Não me importo de o fazer – diz ele, com a voz rouca de desejo. Move-se sobre mim, os braços rígidos, cada um de um lado da minha cabeça, e eu também me preparo.

Sinto o sexo dele pressionar a entrada do meu corpo. Estou tão molhada dos seus cuidados que o meu corpo aperta instintivamente.

– Relaxa, ‘morzinho – diz ele, com uma mão a dirigir-se ao meu cabelo, afastando-me uma madeixa da cara, num gesto surpreendentemente delicado que está em desacordo com a forma como a sua pila me quer tratar.

– Relaxa, ‘morzinho – diz ele novamente, desta vez mais firme, e eu faço

um débil aceno de cabeça.

Ele inspira fundo pelo nariz, os olhos azuis intempestivos e intensos a perscrutar o meu rosto. Depois aproxima-se de mim, os lábios a poucos centímetros dos meus, e empurra lentamente.

Tento sustentar a respiração. A corpulência dele está a esticar-me e o meu corpo é um furacão de sensações, e agarro a relva com mais força enquanto tento abrir espaço para ele.

– Segura-te a mim – sussurra, passando a ponta do seu nariz pela ponta do meu. – Estás em segurança.

Anuo de novo e estendo o braço, sentindo os músculos duros, em flexão, o longo das suas costas, as minhas unhas cravando-se na sua camisa enquanto ele vai mais fundo, empurrando centímetro a centímetro até estar completamente dentro de mim.

Arquejo por ar, completamente sem fôlego. Não sei onde ele acaba e começo eu. Sinto-me completamente fundida com ele, ancas com ancas, pele com pele.

Ele não se move logo. Tem uma mão no meu cabelo e a outra a segurar a sua posição junto da minha cabeça, o rosto pairando centímetros acima do meu, enquanto o seu olhar divaga pelas minhas feições, estudando-me.

– Como te sentes, ‘morzinho?’ – pergunta baixinho.

Tento mexer as ancas, experimentar aquela sensação.

– Cheia – consigo dizer.

– Ótimo – diz ele, com os olhos escuros de necessidade.

Sinto-me cheia, sim, mas de uma maneira boa. Trata-se de uma plenitude que traz consigo um calor que me atravessa as veias até aos ossos.

Uma espécie de plenitude que me faz perceber como eu estava vazia antes.

Os seus braços começam a tremer de ambos os lados do meu corpo e percebo que ele se debate para não se mexer, a respiração em breves explosões pelo nariz, os olhos turvos de luxúria. O meu corpo está em chamas, aperta-se em torno dele e, quanto mais ele me estica assim, mais fico faminta dele.

– Que bela criaturazinha – murmura, inclinando-se para me chupar a mandíbula. – Já me fazes ver o céu.

Começa a mexer as ancas, tão devagar que é quase como uma tortura. Sinto cada centímetro da sua pila penetrar-me; a minha humidade facilita o caminho, mas o meu corpo esforça-se para não ser tomado. Os seus lábios quase tocam os meus e abro a boca, precisando de ar, mas ele não vai rápido o suficiente. Não consigo respirar.

– Mais – arquejo, as minhas mãos dirigindo-se ao seu peito, precisando de algo para quebrar o calor sufocante que se acumula dentro de mim.

Ele apanha a deixa e recua, mal deixando a pila dentro de mim antes de me penetrar de novo, difundido um choque de dor pelas minhas ancas.

A dor arranca-me o fôlego e eu estremeço, à procura de ar; os meus

olhos apertam-se e fecham e o meu corpo cinge-se em torno dele.

– Relaxa – diz ele novamente e, desta vez, a sua voz é um rugido. – Tu consegues receber-me todo.

Mexe-se de novo; desta vez, o seu sexo recua completamente tornando depois a mergulhar em mim. Desta vez, não arquejo. Desta vez gemo e as minhas ancas pinoteiam contra o seu corpo por vontade própria.

É lento e agonizante, e eu quero mais.

– Gostas, hã? – diz com voz áspera, com o tom cada vez mais forte, de prazer.

Aceno com a cabeça, agarrando desesperadamente a camisa dele quando começa a ganhar ritmo, as suas ancas batendo no meu corpo, fazendo da dor uma memória distante.

Estou cheia dele, a sua pila estica-me, o seu corpo é tão pesado em cima de mim que mal consigo funcionar. Os seus lábios encontram os meus e beijame ferozmente, a língua forçando a minha boca a abrir e dançando com a minha, os dentes mordiscando-me a boca e os seus grunhidos enviam vibrações através de mim.

Como é que isto está sequer a acontecer?, penso para comigo, ao sentir um nó formar-se dentro de mim. Isto era inevitável entre nós desde o início? Será que é o destino ou outro dos meus erros de que me vou arrepender?

Mas os meus pensamentos dissolvem-se rapidamente enquanto o ritmo das ancas continua, empalando-me no chão. O sexo dele bate dentro de mim e estou completamente encantada com ele, com este encontro entre os nossos corpos. Ele é um pirata, tem sido o meu captor e, no entanto, desejo-o como se fosse muito mais do que isso.

Será possível que o homem que me manteve enjaulada seja o mesmo que me liberta?

– Olha para mim – diz o Ramsay, trazendo o meu foco de volta ao seu rosto, à feroz determinação do seu olhar. – Fica a olhar para mim enquanto te fodo. Não quero que fiques a imaginar outra pessoa qualquer além de mim.

– Não seria capaz, mesmo que tentasse – admito, através de um gemido entre dentes.

A sua boca curva-se, ele inclina-se e toma o meu lábio inferior entre os dentes, dando-lhe um puxão enquanto bate as ancas profundamente, a sua adaga na bainha.

Solto um gemido rouco quando a sensação me cega, depois rodo as ancas sob ele, puxando-o ainda mais fundo.

– Porra – diz, com um grunhido. Tem uma ardência no olhar, a boca abre-se e ele atira a cabeça para trás por um instante, tentando recuperar a compostura. Eu vejo que ela se lhe escapa; quero que se solte dentro de mim.

– Vou encher-te com a minha semente, ‘morzinho – diz ele com a voz grave e baixa quando leva os lábios de volta ao meu pescoço. – Não aquele príncipe patético, mas eu. Vou reclamar-te para mim de todas as maneiras possíveis, a minha essência tão profundamente dentro de ti que vou fazer

parte do teu sangue e dos teus ossos.

Ele penetra fundo e com força agora e eu sou impotente contra isso, a minha respiração jorra de mim em sopros breves, enquanto me esforço por manter os olhos abertos, por continuar a olhá-lo diretamente. Uniu as sobrancelhas, o seu rosto está mais vermelho e tenso, da força física das suas ações e move-se em mim como se morresse se não o fizesse. Nunca me olharam assim, nunca fui assim o foco absoluto de alguém, como se eu fosse a única coisa que existe no mundo do Ramsay.

Faz-me perceber o que eu tenho estado a perder, todo este tempo.

O prazer dentro de mim começa agora a desvendar-se e sinto que vou explodir, como se me fosse estilhaçar em mil e um pedaços espalhados pelas ondas.

– Aí está, ‘morzinho – diz, com voz pastosa e rouca. – Aí mesmo.

A sua mão dirige-se ao meu cabelo, fazendo um punho, e ele beija-me de novo, forte e feroz, e eu sinto a tensão desmoronar-se e os meus dedos cravarem-se nas suas ancas quando me venho. Estou inundada de êxtase, estremeço e a minha mão vai até o ombro dele, resistindo para vagar a onda que bate contra mim repetidamente.

O orgasmo conduz-me à ressaca, o meu corpo afasta-se dele e os meus músculos contraem-se, palpitando em torno daquela pila pesada que me serviu tão bem.

Depois ele é levado à beira do precipício com outro ímpeto forte. Solta um rosnado selvagem, o pescoço e os ombros esforçam-se enquanto a pila pulsa fortemente dentro de mim, o seu corpo completamente descontrolado, a disparar o que parece ser um fluxo interminável da sua semente para dentro de mim.

Os seus quadris gaguejam contra os meus, desafiando-me contra ele. Em seguida, movimentos lentos, cavalgando até o fim, o corpo tremendo contra mim, com a sua respiração áspera e esfarrapada.

Ele baixa a cabeça repousando a testa molhada contra a minha, o peito a subir e a descer a cada respiração, e os seus lábios roçam os meus ternamente. Olha-me com os olhos semicerrados, calorosos e satisfeitos.

Uma gosta de suor escorre-lhe pela face e eu estendo o braço para lhe limpar. Ele sorri perante o meu gesto, de rosto ainda ruborizado e as veias dos antebraços salientes quando, lentamente, se afasta de mim. Sinto a tensão abandonar-me o corpo até eu estar oca por dentro, sem ele lá.

Engulo em seco, com força, tentando fazer com que a minha cabeça pense novamente com clareza. Pode ter acabado de me dar prazer de inúmeras maneiras com o seu corpo, mas continua a ser meu inimigo, um homem que não me faria bem nenhum se eu sentisse outra coisa além de ódio por ele.

Torna a enfiar a pila dentro das bermudas e a sentar-se na relva ao meu lado, com o peito a subir e a descer.

– Estás a ver – diz ele, mirando a expressão no meu rosto. – Agora já não tens motivos para continuar a lutar comigo.

Todos os sentimentos maravilhosos e felizes que tive momentos antes desaparecem abruptamente.

– Tenho sim – digo, com voz dura.

– Ainda? – pergunta ele, com os olhos esbugalhados, indignado. –

Porquê?

Faço uma pausa, sentindo novamente veneno nas veias.

– Mataste a minha irmã.

Capítulo 22

Ramsay

Fito o seu belo rosto, completamente estupefacto.

– Como assim, matei a tua irmã? – pergunto, percorrendo mentalmente todas as pessoas que matei ao longo dos anos. São tantas que eu nem saberia por onde começar, mas, por via da nossa atividade, costumamos trazer mercadores e marinheiros navais para bordo do *Nightwind*, não mulheres.

Ela olha-me furiosamente por entre as pestanas, puxando de novo a camisa para baixo sobre o corpo.

– A sereia.

– Aquela sereia era tua *irmã*? – Pestanejo. Ela está a brincar, não está?

Então, ela levanta o cabelo dos ombros, recolhendo-o num carrapito atrás das costas e vira a cabeça, para que o pescoço fique exposto. Aponta para as três linhas ténues de lado, em que só recentemente reparei.

– Cicatrizes? – pergunto. – O que é que têm?

Ela lança-me um olhar acutilante, como se eu devesse descortinar isto. Penso nas guelras no pescoço da sereia e...

– És uma sereia – digo, devagar.

– Sim, uma sereia – assume, levantando o queixo.

Sacudo a cabeça. Embora faça sentido, continua a ser incrível.

– Mas não tens cauda. Eu saberia, acabei de estar entre as tuas pernas.

Ela desvia os olhos, olhando para o horizonte.

– É uma longa história.

– Bem, sorte a tua, temos muito tempo.

– Não temos, não – diz ela. Tu próprio disseste que tens de fazer planos.

– Tenho tempo para ti, ‘morzinho – digo-lhe. – Tenho tempo para isto.

Ora esta, uma sereia. Ela tem noção de como é valiosa, não tem?

Pensa no que podes fazer com o sangue dela, sibila o Diabo sobre o meu ombro.

Estou a tentar não o fazer.

– Conta a tua história, Maren – incentivo, antes que a minha cabeça se entusiasme e eu faça alguma coisa que não devia.

Ela solta uma respiração fraca e fecha os olhos por breves instantes.

– Quando eu tinha dezasseis anos... – começa ela, mas a sua voz faz-se um fio. Fico em silêncio e dou-lhe espaço para encontrar as suas palavras. – Saí de casa. Do reino de Limonos. Estava farta de ser negligenciada e subvalorizada. Realmente, sentia-me ignorada. Quando olho para trás, acho que não era nenhuma dessas coisas, mas eu era jovem e tinha dentro de mim grandes sentimentos que não sabia explorar, que não sabia libertar. A minha mãe desapareceu quando eu era muito nova e eu não podia recorrer ao meu pai ou às minhas irmãs para nada. Achei que a melhor maneira de lidar com isso seria sair de casa e começar de novo noutro lugar onde fosse apreciada, onde as pessoas me vissem como realmente sou. Não apenas uma sereia, mas o que eu sou aqui. – Pressiona a mão contra o peito.

Depois, respira fundo, ainda à procura das ondas, como se a ajudassem a recordar.

– Viajei para longe tendo apenas o meu tubarão, Nill, para me proteger. – Desvio os olhos para o colar de colmilho de tubarão que já tinha reparado que ela usava. – E um dia olhei acima da superfície da água e encontrei-me na baía de uma terra estranha. Estava lá um homem extraordinário e algo me possuiu naquele momento. A necessidade de torná-lo meu. Eu queria-o, algo a que chamar meu, e queria-o tão loucamente que nadei até os desfiladeiros no mar e chamei a bruxa do mar para me atender.

– Edonia – sussurro, apercebendo-me de tudo.

A Maren acena, chupando o lábio inferior.

– Sim. Era a Edonia. Fomos ensinados a temer as bruxas do mar, mas eu sabia que ela podia conceder-me o meu desejo. Eu queria ser capaz de estar em terra, como ser humano, e fazer com que aquele homem, o príncipe, se apaixonasse por mim. Queria uma vida que parecia ser inalcançável em Limonos.

Abro muito os olhos. Então foi assim que ela conheceu aquele príncipe patético.

– Ela concedeu-me o meu desejo, mas não antes de eu ter de pagar o preço. Cortou-me a língua, porque acreditava que isso ajudaria com o seu livro de magia.

O meu coração para. Não só porque a bruxa lhe cortou a língua, um ato grotesco de violência até para mim, mas porque foi para o livro dela. Para o *meu* livro, aquele que a Venla escreveu para mim, aquele que a Edonia roubou logo depois de matar a minha filha.

– Ela também me disse que eu nunca mais poderia voltar ao mar e que estaria destinado a ser humana para sempre – continuou a Maren. – E tudo me soou tão bem, porque ela me enganou. Disse-me que as mulheres eram veneradas em terra, que tínhamos o poder todo, que eu jamais me encontraria

sob o poder de um homem. Mentiu-me e foi essa mentira que selou o acordo, porque era tudo o que eu queria. Eu não fazia ideia de que o que me esperava em terra era o que me condenaria ao inferno durante os dez anos seguintes.

Pigarreia, com os olhos rasos de lágrimas, e prossegue.

– O Hodges, criado do Aerik, encontrou-me... nua, sem língua, incapaz de falar, mal conseguindo andar. Levou-me ao Aerik e o príncipe apaixonou-se por mim. Ou devo dizer, sentiu luxúria. Claro que sim. Porque eu era muda e bonita e fraca. Ele amava todas essas coisas, mas nunca me amou. Não preciso de te dizer isso.

– Então, foi assim que te tornaste princesa – digo, pensativo.

– Eu era a princesa Limonos – diz ela erguendo o queixo, um tom de voz defensivo. – O meu pai era o rei. Mas troquei essa coroa por uma a que eu não tinha direito, num mundo a que não pertencia.

Eu devia ter imaginado. Há algo na postura da Maren e no seu andar que sugere um passado real, mesmo quando o seu lado monstruoso se manifesta.

– E como conseguiste recuperar a língua? Sei em primeira mão que tens uma, pela maneira como beijas.

Ela encolhe os ombros, dirigindo-me um sorriso rápido e tímido.

– Voltou a crescer. Sabes, quando a nossa cauda é cortada por algum tubarão curioso ou a perdemos em batalha contra um reino vizinho, torna a crescer. Aconteceu a mesma coisa com a minha língua. Mas, fora isso, nunca ninguém acreditaria no que eu era. Na verdade, não havia nenhum sinal disso, exceto as linhas no meu pescoço. Não recuperei nada do meu antigo ser, até ver a Asherah no *Nightwind*, e só então senti um parcial retorno à minha condição de sereia, ou seja o que for que agora sou.

Baixa os olhos para as unhas outra vez normais.

– O Aerik nunca soube a verdade sobre mim, nem a Daphne. Todos acreditaram na minha história sobre ter sido raptada de uma terra longínqua por piratas.

– Piratas? – Solto uma risadinha. – Isso devia ser uma honra para mim.

– Bem, tu raptaste-me, capitão Battista – relembra-me. O seu olhar ensombrece. – E se não me engano, creio que continuo tua refém.

Engulo em seco.

– Sim. Continuas.

– Podias... deixar-me ir – diz ela, com o tom de voz ligeiramente suplicante e os olhos dóceis. – Podias encontrar o caminho de volta para o *Nightwind* e deixar-me simplesmente aqui.

– Na ilha da Nerissa? Não creio.

– Então podias levar-me para o porto seguro mais perto, e eu poderia, finalmente, ser livre.

– Tu és livre, minha cara. Mas também me pertences.

– Isso não é liberdade.

– É, se me quiseres.

– Mas eu não te quero – diz ela bruscamente.

Sofri uma ou outra rejeição, mas esta é a primeira vez que me magoa de facto, como uma faca entre as costelas, encontrando o meu ponto fraco.

– Quer queiras quer não, reclamei-te para mim – digo-lhe com firmeza.

– Mas o que é que isso quer dizer? E então, marcaste o teu nome em mim. Não é magia. – Os olhos dela arregalam-se lentamente. – É?

– Há quem diga que sim – respondo com cuidado. – Seja como for, o meu nome na tua pessoa significa que me pertences. Não é apenas de maneira espiritual, anímica ou sexual. Trata-se de te manter em segurança dos outros. É um código da Irmandade.

– Queres tu dizer que, se não me tivesses marcado com uma caveira e as tuas iniciais, eu teria sido passada de mão em mão e violada por toda a tripulação? Mostras tanto orgulho neles e, no entanto, são um bando de loucos e violadores.

Sacudo a cabeça, sabendo por que razão ela está confusa.

– Alguns podem ser loucos e alguns podem ter sido violadores. Não fico de olho neles todas as horas do dia e não julgo o que fizeram antes de se juntarem à minha tripulação. Mas existem outras formas de te fazer mal, ‘morzinho, e nem todas implicam coisas de cariz sexual. Há outras naturezas mais mortais em jogo.

– Tais como?

– A natureza da sobrevivência.

Ela lança as mãos ao alto, num gesto de frustração.

– Tu e a tua desculpa incessante de sobrevivência. E, afinal, que raio é que isso quer dizer?

– Se eu não te protegesse, a tripulação ia tentar *comer-te*.

– Deixo a verdade pairar no ar, enquanto as sobranceiras de Maren se unem.

– Comer-me? – repete. – P... porquê?

– Porque comeste o coração do teu marido?

O seu sobrolho carregado intensifica-se.

– Porque eu... porque foi a minha vingança. Eu queria vingança pela forma como ele me tratou durante tanto tempo. Queria mostrar-lhe o que eu realmente era.

– Podias ter-lhe arrancado o coração. Não precisavas de o comer.

Ela engole, pouco à vontade, um vislumbre de vergonha perpassa-lhe o rosto, antes de se tornar indiferença.

– Comi-o porque é isso que fazemos. Somos monstros depravados, tu próprio o disseste. Nós comemos o coração dos homens, não apenas porque sabem bem (acredita: foi a melhor coisa que já provei), mas porque está na nossa natureza. Sustenta-nos, mais do que os rins ou o coração dos homens, ou miolos ou coração de qualquer peixe.

Ela diz tudo isso com um tom de desafio, como se me desafiasse a ter nojo dela.

Naturalmente, não tenho o mínimo nojo. Só lhes chamei monstros

depravados porque o são e, a meu ver, é o maior elogio que se pode dar a uma mulher.

– E se eu te dissesse que eu e os meus Irmãos somos o mesmo? – arrisco. – E se eu te dissesse que o teu sangue nos fornece as mesmas coisas.

– Sangue? – diz ela, eriçada. – Referes-te a sangue de sereia? Sim, eu sei, dá-vos magia.

– Não, ‘morzinho. Refiro-me a sangue de qualquer criatura viva. O de ser humano é o preferido.

– O quê, como uma lampreia? – pergunta ela, o pensamento a desviar-se para o nosso equivalente subaquático.

Dirijo-lhe um sorriso mudo.

– Lampreias. Morcegos. Mosquitos. Todas as vilas de todos os cantos do mundo têm uma história sobre criaturas como nós, criaturas que têm de beber sangue para sobreviver, tal como têm histórias sobre criaturas como tu. A questão é que ambos somos descartados com tanta facilidade por um mundo que não quer acreditar no sobrenatural e na magia, e mesmo assim existimos. Nós existimos efetivamente.

– O que te chamam?

– Quem, os humanos? – pergunto, apreciando a alteridade dela. – Chamam-nos muitas coisas, dependendo de onde se está. Por estas bandas, chamam-nos *mandurugo*. Na nossa terra, chamavam-nos *dearg-diulai*. Mas chamamos a nós próprios Irmandade do Sangue.

– Mas eu vi-vos comer comida.

– Podemos comer comida – digo-lhe. – E alguns de nós gostam. E de rum e vinho, é claro, não poderíamos prescindir disso. Só não precisamos de comida para sobreviver. Se bem que não me parece ser exatamente verdade, já que não podemos morrer.

– Vocês não podem morrer? – Parece horrorizada.

Passo a língua pelos lábios. Certamente não quero contar-lhe como me matar, contudo, não é meu desejo mentir. Não quando ela tem sido tão honesta comigo. – Como já reparaste, não precisamos de respirar assim muito. Ficamos fracos sem sangue e seria pura tortura para os nossos corpos, mas a privação não nos mata. A única maneira de nos matar é arrancarem-nos a cabeça ou o coração, deitarem-nos fogo ou estilhaçarem-nos. Mas tirando isso – estalo a língua nos dentes e sorrio para ela –, somos imortais.

Ela ergue as sobrancelhas, com os olhos arregalados como luas azuis.

– Queres dizer que vais viver para sempre?

Ergo um ombro.

– É o que dizem.

A boca dela forma cuidadosamente a próxima pergunta antes de proferi-la.

– Quantos anos tens? Quando nasceste?

– Não foi neste século. – Espero um instante. – Nem no anterior.

– Então nascente no século dezasseis?

– À justa. Mil quinhentos e noventa e seis – digo.

Ela assobia.

– Isso é impressionante, capitão Battista. Nós, as sereias, vivemos cerca de trezentos anos.

– E quantos anos tens?

– Vinte e seis.

– Quase demasiado jovem para mim.

Ela dirige-me um sorriso inseguro, que rapidamente desvanece, e toca no fio.

– A tua filha. Ela não era... uma de vocês?

Eu sabia que esta pergunta viria.

– Sim. Era. Desde que um dos pais seja, fazem parte da Irmandade. Mas o problema está em como nos tornamos um. O sexo feminino só se transforma aos vinte e um anos. O sexo masculino, aos trinta e cinco. Depois disso, ficamos imortais e congelados no tempo. Mas, antes, somos humanos e desgastados e, tragicamente, também podemos morrer como eles.

– Então, todos os que estão no navio são criaturas iguais a ti? Os rapazes?

– Todos os pajens o são, mas são vulneráveis. Nem sequer deixamos o pajem John ou o Bart lutarem até terem trinta e cinco anos. Não vale a pena correr o risco de morrer se não tiverem de o fazer. Eles certamente querem lutar, e têm as competências para o fazer, mas eu não acho que seja necessário.

– E o Sedge...

– Já te tinha dito que o Sedge é humano. Estava a falar a sério. E como é humano, será uma vítima da maldição da Nerissa. É por isso que temos de voltar ao navio deles para o salvar. Depois disso, vamos tomar o navio e levá-lo atrás do *Nightwind*.

– Nunca vais apanhar o *Nightwind*, tu mesmo o disseste.

– Ah! – exclamo, exibindo os meus dedos fletidos e movendo-os à roda no ar. – Mas a magia que a Venla me concedeu não está associada ao *Nightwind*. Está associada a mim. Quem controla sou eu. Eles podem estar sob o controlo da Nerissa neste momento, mas eu consigo pôr vento nas velas de qualquer navio.

Ela engole em seco, a garganta agitando-se, e olha para baixo, para a relva.

– Deves tê-la amado mesmo.

A afirmação dela surpreende-me.

– À minha mulher? Claro que sim.

– Parece ser difícil ter outra pessoa, depois dela. Mas calculo que tenhas até ao fim dos tempos para encontrar outra.

– Não tendo andado à procura, para dizer a verdade – admito lentamente, perguntando-me se as palavras da Maren são uma indireta.

– Passaram-se trinta anos e houve mulheres e homens aqui e ali desde

que ela morreu, mas não encontrei ninguém com quem partilhar o meu coração. E sim, antes que perguntes, eu tenho coração.

Desvia o olhar para mim.

– Achas que alguma vez vais encontrar alguém?

– Não tenho a certeza – pondero. – É difícil encontrar alguém que não me odeie.

Estas palavras arrancam-lhe um sorriso, seguido de uma gargalhada suave e, por um momento, apetece-me ir ter com ela e puxá-la para mim, beijar-lhe os lábios macios e dizer-lhe que talvez um dia, num outro mundo, num outro século, ela poderia aprender a amar-me, em vez de me odiar.

Mas depois penso naquilo que ela é e no que eu ainda tenho de fazer e sei que eu só vou acabar por fazê-la odiar-me mais, no final. O nosso destino é digno de monstros.

Ela sente a mudança nos meus pensamentos porque o seu sorriso vacila e a sua postura torna-se mais rígida. O meu sobrenatural sentido de olfato é sempre forte, às vezes demasiado, daí eu gerir um navio tão limpo, e sinto o cheiro metálico que o sangue adquire quando a presa apanha o vento de um predador.

– Eu consigo ajudar-te a trazer o Sedge de volta ao *Nightwind* – diz ela baixinho. – Se me prometeres que, depois, me deixas partir.

Abano a cabeça, dirigindo-lhe um sorriso triste.

– Lamento, ‘morzinho. Mas não posso deixar-te partir.

– Reclamaste-me como tua em frente da tua tripulação, disseste que agora não me tocam. Disseste que estou em segurança.

– Sim. Em segurança relativamente a eles. Mas não a mim.

A sua mão começa a tremer e ela larga o fio, perscrutando com o olhar a selva atrás de mim, à procura de um caminho de fuga.

– Porque não?

– Tu sabes porquê, Maren. O teu sangue. O teu sangue de sereia. Não consigo derrotar a Edonia sem ele. Tu, minha querida, és a resposta a todas as minhas preces. És a chave para a minha vingança.

– Então é isso? – pergunta ela, com queixo contorcido e as feições endurecidas. – Vais para a cama comigo e usas-me para me sangrar e me matar?

– Eu prometo que não te mato – asseguro-lhe. – Mantenho-te viva. Eu tenho de te manter viva.

– Viva lá em baixo, no porão onde manténs os outros? Onde vou ser deixada a apodrecer enquanto me sugas o sangue e o bebes e acabo como a minha irmã? Para eu te poder implorar que me poupes a vida? – As suas palavras aumentam de tom.

– Não tem de ser assim – asseguro-lhe, embora ache que não vai acreditar em mim. – Podes voltar para a minha jaula. Só eu é que beberei de ti, não vou deixar mais ninguém, eu...

Quase não a vejo chegar. De repente, ela voa, disparada, para mim, as

garras de fora, apontado diretamente para o meu coração.

Eu sabia que não lhe devia ter contado como me matar.

Levanto o braço e consigo desviar-me dela, embora as suas garras cortem o músculo e a gordura do meu antebraço, mesmo até ao osso.

– Porra! – digo num rugido, o sangue fluindo do meu braço quando ela se põe em pé e começa a correr pela vegetação. Seguro o braço esfarrapado junto ao corpo, tentando estancar o sangue, mesmo sabendo que é inútil, depois ponho-me em pé a cambalear. Até amanhã o meu braço estará completamente curado e eu vou estar bem, mas, até lá, vai ser uma grande chatice lidar com isto.

Solto um rugido baixo, saído bem do fundo do meu peito.

E depois começo a perseguição.

Capítulo 23

Maren

Corro como se estivesse a fugir do inferno. Talvez o pensamento seja muito despropositado.

Quando o Ramsay finalmente admitiu o que era, que não era um vulgar ser humano, que nem sequer era humano e, pelo contrário, era um monstro como eu, de repente eu soube o que estava a enfrentar. Embora desconfiasse há muito de que ele não era normal, nem humano, não sabia que tipo de criatura era. Deduzi que ele e toda a tripulação fossem difíceis de matar, que tivessem força e reflexos sobre-humanos e que gostassem de torturar pessoas. Não sabia que, com efeito, bebiam o sangue das pessoas.

Penso na Daphne, em como ela disse que eram monstros. Penso no Hodges e no resto da tripulação e criados, que ficaram sem pinga de sangue. Penso na frequência com que a tripulação falava vagamente de rações e provisões, quantas vezes se referiu ao Sedge ou a mim como «humano», em todas as correntes, jaulas e celas. Transportar reféns pelo Pacífico não era uma coisa normal para eles. O que era normal era atacar navios, pilhar os seus tesouros e depois capturar alguma tripulação, para poderem alimentar-se deles durante longas viagens por mar. Criavam humanos como os humanos criam gado, mantendo-os vivos para os comer.

A ideia de que o *Nightwind* tem uma tripulação de sanguessugas, tal como as lampreias que se prendem a pobres peixes desavisados, enche o meu estômago de terror. Mas por mais que eu tentasse, não consigo sentir repugnância, pois não sou diferente deles, em muitos aspetos. Talvez não beba o sangue de um homem como um mosquito, mas devoro-lhe os órgãos e creio que há quem possa argumentar que ainda é pior. Sei que o Aerik o faria.

Mas, independentemente de eu sentir, em igual medida, afinidade e admiração por Ramsay e os seus Irmãos, também sinto medo. Porque percebi que, embora eu seja uma sereia, continuo a estar em terra, em cima de duas

pernas, e não sou o superpredador deste mundo. Não, os Irmãos é que são. Eles têm a seu favor o cérebro, a força, o apetite e o facto de serem imortais. Até eu recuperar as minhas barbatanas, até lutar contra qualquer um deles debaixo de água, não tenho grandes hipóteses contra eles aqui. As sereias podem ter vidas longas, mas somos facilmente mortas.

Claro que tentei retaliar. Tentei matar o Ramsay. Parte de mim pergunta-se se eu teria cravado as garras em torno do seu coração para lho arrancar, como fiz ao Aerik, ou se o teria apenas mutilado, deixando-o incapacitado. Eu não quero matar o capitão, isto se tiver escolha, no entanto, os meus instintos de sereia iam exatamente nesse sentido.

Talvez ele devesse ter tanto medo de mim como eu dele. Não vou, contudo, ficar aqui para descobrir.

Atravesso a selva a correr, as minhas pernas mais fortes do que nunca, mas continuam sem ter a mesma força dos braços e do resto do meu corpo. Tenho de ter cuidado quando salto por cima de troncos caídos e tentar desviar-me de trepadeiras e árvores. A luz sob o manto de folhagem é fraca, apesar do sol brilhante da manhã mais além e tenho de manter o foco, se não tropeço. Não ajuda que, a cada esquina, eu continue a pensar que vejo um par de olhos brilhantes observar-me.

Acaso poderia ser a Nerissa? Um animal selvagem?

Mas antes que eu tenha oportunidade de contemplá-lo ainda mais, de repente o meu mundo fica de pernas para o ar. Fico sem chão e estou a cair, presa por cordas grossas que pressionam grosseiramente a minha face, e depois estou a ser içada no ar.

Uma rede de pesca! Sou apanhada por uma rede de pesca em terra! Isto é exatamente o que julgamos ter acontecido à minha mãe, o que os mais velhos dizem ter acontecido a outras sereias noutros mares.

Eu grito, debatendo-me com a corda. Começo a tentar esfarrapá-la com as garras, até estar quase livre.

Alguém dá um berro lá me baixo.

– Ela está a fugir!

Olho para baixo, através da rede, e vejo a tripulação-esqueleto no chão, fitando-me através de seus crânios vazios. Oh, raios!

Trabalho agora mais depressa, até a corda começar a esticar e rasgar e eu deslizar pelo buraco que criei, aterrando diretamente em cima dos esqueletos, esmagando-lhes os ossos.

Ponho-me em pé, novamente preparada para correr pela vida, mas só avanço umas dezenas de centímetros e dois esqueletos intactos estendem o braço e agarram-me.

Mordo o ar para eles, na esperança de os assustar, mas eles são feitos exclusivamente de osso e nunca morrerão, por mais força com que eu morda. Felizmente, parece que nenhum sabe que sou uma sereia, ou seria colocada no tanque como a minha irmã.

– Olha o que temos aqui – diz um dos esqueletos. – O capitão Mahoney

vai adorar isto.

– Finalmente, uma senhora para se juntar a nós, na nossa maldição, para toda a eternidade – diz o outro. – Embora seja uma senhora de aspeto muito estranho, não é?

– Tem uns dentes tão pontiagudos. E as unhas também. Se calhar é francesa – brinca um deles, com o seu sotaque britânico.

Começam os dois a rir.

Dou uma cotovelada a um deles nas costelas, estilhaçando o osso.

– Puta do caralho – rosna o esqueleto, apertando mais o meu braço. – És uma mulher morta.

Arrastam-me pela floresta com mais da sua tripulação-esqueleto a vir buscar-me. A tripulação do *Nightwind* é pequena e acostumei-me a ela, por isso esqueci-me de como é grande a tripulação de um navio normal. Embora o *Nightwind* tenha vencido a batalha contra a tripulação maldita, imagino que, ao final, muitos ossos se tenham voltado a juntar.

Finalmente, o manto abre-se e chegamos a uma praia branca e o navio deles está logo ao largo da costa. Levam-me para o bote, na areia açucarada, e empurram-me para o seu interior. Eu caio com força, os meus reflexos não são rápidos como eu esperava, embora isso não me impeça de me pôr atabalhoadamente de pé e tentar mergulhar.

Mas há dez membros da tripulação agora à minha volta e as suas mãos ósseas agarram-me os tornozelos e as barrigas das pernas, puxando-me de volta para o barco, os meus dentes a baterem com tanta força que um deles cai.

Um esqueleto ri-se e apanha o dente pontiagudo.

– Arranjei uma lembrança para a minha pessoa. Qu' é que tu és, meia tubarão?

Arreganho os dentes, esperando que o dente volte, como aconteceria se eu ainda fosse uma sereia. Ainda não tenho a certeza de como meu corpo está a funcionar, parece que as minhas garras e os meus dentes só saem quando estou enfurecida e pronta para lutar, e que as minhas guelras só se desprendem do pescoço quando estou debaixo de água. Ainda assim, a minha vaidade espera que eu não tenha perdido um dente humano real para sempre. É engraçado como nos preocupamos com essas coisas frívolas quando a vida está em jogo.

A única coisa que sei é que não posso acabar como aquelas sereias-esqueleto. É a Nerissa que me passa a maldição, ou é a própria tripulação? É o navio?

As perguntas deixam-me em pânico e a tentar lutar para abrir caminho, a cada dois segundos, por entre a tripulação no barco, até que um grupo deles tem de se sentar em cima de mim para me manter no lugar e um deles amarra cordas à volta dos meus pulsos e tornozelos, prendendo-me da mesma maneira que o Ramsay fez em tempos.

Felizmente, agora tenho uma coisa que não tinha antes: dentes afiados.

Começo a roer as cordas, fazendo progressos até estar quase livre quando sou içada no convés do navio como um tubarão recém-capturado.

Até que um deles percebe no que estou a fazer e começam a correr de um lado para o outro, tentando encontrar uma solução, que vem na forma de uma corrente enferrujada atirada para entre os meus dentes e apertada atrás da minha cabeça, como uma mordaca.

Grito, o som é gargarejado devido à corrente, mas alto o suficiente para os fazer tapar os ouvidos. A ferrugem descama na minha língua, fazendo toda a minha boca salivar com o gosto metálico e começo a tossir com força.

Não. Isto não pode ser o meu destino, depois de tudo por que passei.

Recuso-me a submeter-me a isto.

Com um berro que arranco dos pulmões, começo a lutar contra eles o melhor que eu posso, esperneando, esmagando-lhes os corpos com o meu até os seus ossos se quebrarem. Tenho muita carne nos ossos e eles não têm nenhuma.

Isto é tudo culpa do Ramsay, decido. Ele podia ter-me deixado partir, em vez de me obrigar a correr.

Mas se esse pensamento é verdadeiro ou não, é o último que tenho antes de alguma coisa me bater na cabeça e o mundo ficar escuro.

* * *

Acordo com alguém a abanar-me o ombro.

Abro os olhos devagar, a pestanejar para a luz brilhante que entra por uma janela. O sangue lateja ruidosamente na minha cabeça, parece que o meu cérebro é demasiado grande para o crânio e dói-me a boca por causa da abertura forçada com a corrente enferrujada.

Gemo e tento mexer a cabeça para ver quem me abana, soltando um arquejo agudo de dor perante a sensação de ter a cabeça estilhaçada.

Uma cara simpática sorri para mim.

Sedge!

Só que quando olho para lá dos olhos suaves e do queixo arredondado, percebo que ele já foi infligido pela maldição. Tem partes da cara a descascar, revelando o maxilar e os dentes por baixo e a pele que lhe resta está muito esticada por todo o rosto.

– Oh, Sedge! – digo-lhe, levantando as mãos amarradas para lhe tocar no ombro, demasiado receosa de lhe causar mais danos no rosto. – Já te atingiram? – É claro que ele não consegue entender bem o que eu estou a dizer, com esta corrente na boca, mas parece hábil a ler pessoas.

Dirige-me um sorriso empático e levanta as mãos. Vejo que também estão amarradas, com a pele a escamar nos pulsos por causa das cordas. Pode ser apenas humano, mas é um homem grande e não tenho dúvidas de que tentou causar danos reais à tripulação.

Onde estamos?, penso, olhando cuidadosamente em volta, para que a minha cabeça não expluda de dor. Há uma pequena janela de vigia, e é tudo.

O quarto é estreito e está vazio, para além de nós os dois.

Consigo pôr-me de pé e dar um salto até à porta fechada, com as cordas bem apertadas em torno dos tornozelos. Experimento a maçaneta, mas, naturalmente, a porta está trancada. Sem dúvida, o Sedge teria tentado parti-la antes de decidir que não adiantava.

Quando olho para trás, ele está a abanar a cabeça, para me dizer que não vale a pena. Há nele uma expressão que eu odeio, que parece resignada ao seu destino agora.

Não consigo pensar assim.

– Escuta – digo-lhe, tentando falar o mais claramente possível, mesmo com o metal na boca e a garganta seca. – Vamos arranjar maneira de sair daqui. Eu sei que queres desistir, mas não deves. Eu aguentei muito, durante tanto tempo, para agora agitar a bandeira branca e me render. Não vamos parar até nós os dois estarmos livres, está bem?

Receio que ele não tenha entendido uma palavra do meu discurso empastado, mas uma expressão aflora o seu rosto cansado. Já vi esse olhar antes. O Ramsay olha-me assim às vezes, como se estivesse simultaneamente divertido e fascinado.

– Eu sei que sou teimosa – acrescento. – Mas a luta não acabou.

Ele anui, embora eu veja que ele não partilha o meu otimismo.

E não é que eu seja obtusamente otimista. Estou ciente do que está aqui em jogo. Entendo o destino que me é traçado pelos deuses. Sei que as hipóteses de sairmos daqui vivos são pequenas, quanto mais de não nos fazerem mais mal, mas não tenho alternativa. Se me sentar e me render, morro a odiar-me. Já passei tanto tempo a odiar-me pelos erros e escolhas que fiz no passado, a massacrar-me repetidamente por causa dos mesmos momentos. É hora de eu perdoar a menina que fui e aceitar o caminho que a minha vida tomou, por mais difícil que tenha sido. Não podemos voltar atrás e corrigir o que já passou, mas podemos usá-lo para garantir que esses erros não voltem a acontecer.

E eu nunca esconderei quem sou, nem trairei o meu verdadeiro espírito.

Agirei até morrer.

Faço um rosnado de determinação e salto para a vigia, para ver o nosso paradeiro. Para minha surpresa, estou a olhar para uma selva de aspeto familiar e uma praia que ainda tem marcas na areia de onde o barco do navio foi lançado. Nós não saímos da baía. Será que o magnetismo da Nerissa mantém agora o navio no sítio, independentemente do que aconteça?

Ponho as mãos em concha no vidro salpicado de sal para ver melhor, quando, de repente, um par de olhos aparece na minha visão.

Grito e tropeço para trás, em choque, caindo de traseiro no chão.

Ali à janela está o Ramsay.

– Como é que é possível? – tento dizer e ele franze o sobrolho para mim, talvez reparando que fui amordaçada com uma corrente enferrujada. Depois, a sua atenção volta-se para o Sedge e o Ramsay rasga um sorriso para ele,

fazendo um pequeno aceno de mão.

O Sedge retribui o gesto, feliz por ver o seu capitão.

No entanto, quando volto a olhar para a janela, o capitão desapareceu.

– Hã? – Olho novamente para a vigia e não vejo nada lá fora.

Em seguida, ouço o som abafado de vidros a partir noutro lugar do navio, o som de passos e, depois, uma batida suave à nossa porta.

Tenho o coração aos saltos na garganta e troco um olhar preocupado com o Sedge. Não quero propriamente que seja o Ramsay, mas definitivamente não quero que seja a tripulação-esqueleto.

Estou prestes a dizer a quem quer que seja que entre, ou algo ridículo desse género, quando de repente ouço a porta destrancar.

Sugo o fôlego e espero.

A porta abre-se e o Ramsay entra, e a sua presença descomunal enche o espaço diminuto. Embora eu continue a odiar o monstro, sinto-me, em parte, completamente aliviada por ele estar aqui. Há conforto no meu desdém por ele.

– Aqui estás – diz ele baixinho.

– Como chegaste aqui? – digo, num grito abafado.

– É útil ter uma chave capaz de abrir qualquer porta. – Apresenta uma chave que volta a guardar no bolso, depois franze o sobrolho ao metal que tenho na boca. – A tripulação pode não ter cérebro no crânio, mas admito que é uma maneira inteligente de te calar.

– Desaparece – praguejo, na esperança de que ele compreenda isso também.

– É o que vou fazer – diz ele. – Mas primeiro estou aqui para resgatar o meu querido Sedge. – O seu olhar dirige-se ao Sedge e vejo a expressão superficial do capitão desmoronar em tempo real. – Julguei ver isto pela janela, mas não queria que os meus olhos me estivessem a dizer a verdade.

Dirige-se ao Sedge e ajoelha-se ao seu lado, colocando a mão em cima dos cabelos loiros dele, baixando a cabeça para fitar intensamente os olhos do companheiro.

– Vou pôr-te bom. Prometo.

O Sedge anui, acreditando.

Sinceramente, eu também acredito. O olhar de devoção e determinação no rosto do Ramsay faria qualquer multidão se reunir atrás dele.

Sim, ele faz isto pelo Sedge. Mas por ti? Vai drenar-te o sangue.

Eu sei que essa voz tem razão. Mas, ao mesmo tempo, o meu coração parece um pouco grande demais para o peito, como se eu, em parte, quisesse imaginar que ele faria o mesmo por mim. Que eu *quero* que ele faça o mesmo por mim.

Engulo o sapo e recordo o que disse a mim mesma.

Agirei até morrer.

O Ramsay desvia agora o olhar para mim.

– Fizeram-te mal? – pergunta, com a mandíbula a ficar tensa.

Sacudo a cabeça e mostro-lhe as amarras, tentando dizer: *fizeram isto*.

Ele inclina a cabeça enquanto considera a minha pessoa; as suas feições relaxam, o raio daquele brilho irritante regressa aos seus olhos.

– Não posso dizer que os culpo. E tu, ‘morzinho’?

Depois, endireita-se e olha para nós os dois.

– Não se preocupem. Eu tenho um plano. – Começa a dirigir-se para a porta.

– Ei! – grito, tentando alcançá-lo. Ele para e eu gesticulo para a corrente.

– Tira-me isto da boca! – Mas é claro que as minhas palavras são distorcidas e eu soo exatamente como eu quando não tinha língua.

O Ramsay estuda o meu rosto por um momento e eu sei que compreendeu o que eu disse. Depois, limita-se a dizer:

– Não. – E vai-se embora.

– Filho da mãe! – grito atrás dele. – Filho da mãe enganador e arrogante, com cérebro de pila!

Ele dá uma gargalhada e olha-me por cima do ombro.

– Também entendi isso. Não te enganas por muito. Agora, se me deres licença, há um certo capitão que eu preciso de descartar.

Sai da divisão e eu ponho-me atabalhoadamente em pé, correndo aos saltos até à porta, querendo escapar, mas ele fecha a porta na minha cara e tranca-a.

Dou um grito de frustração e bato com o ombro contra a porta, mas ela nem se mexe. Não nos resta alternativa senão ver que destino tem para nós.

Parte 3

A Travessia

Capítulo 24

Maren

Lembro-me do dia em que descobri a verdadeira natureza do Aerik. Não apenas uma desconfiança de que era capaz de ser cruel, mas de o sentir em primeira mão. Ainda não tínhamos casado, mas ele tinha-me pedido em casamento duas semanas antes, durante a longa viagem para a Dinamarca. Eu disse «sim» e foi a primeira palavra que consegui dizer claramente.

O Aerik ficou surpreso. Não que eu concordasse em casar com ele, mas que eu fosse capaz de falar. Lembro-me de pensar que a sua alegria não parecia genuína, que o seu sorriso não lhe chegava aos olhos. Na altura, pensei que talvez ele não quisesse que eu dissesse sim, mas acabou por ser um pouco mais complicado do que isso: ele nunca quis que eu falasse.

Quando nos aproximávamos do porto, depois de termos atravessado o canal da Mancha, lembro-me de ter dito uma piada. Estávamos sentados a jantar com um casal de oficiais da marinha amigos do Aerik, que subiram a bordo no sul da Inglaterra. Iam fazer connosco a última parte da viagem até casa.

Até àquele momento, eu só tinha dito umas palavras recatadas àqueles homens, já que ainda não me sentia muito confortável a falar. Mas uma coisa a que eu era boa era a ouvir e a interpretar as pessoas e lembrei-me de uma piada que o Hodges tinha dito à Daphne. Era uma piada sobre os homens da marinha e aqueles portos todos e as mulheres que eles frequentavam.

Lembro-me de que, na época, me pareceu de muito mau gosto, certamente uma piada que os homens contavam uns aos outros, e então, por algum motivo, senti-me encorajada a repeti-la. Achei que talvez estes homens me pudessem achar engraçada ou interessante. Eu nunca na vida tinha sido considerada engraçada ou interessante e, embora o Aerik definitivamente me tivesse enchido de atenções naqueles primeiros meses, na costa da Nova Espanha, quando eu era uma pequena criatura estranha, parecia estar a perder

o interesse em mim. Eu tinha esperança de que, se outros me achassem interessante, ele também voltasse a achar.

Então, ao jantar, abri a boca e disse a piada.

Os homens da marinha acharam hilariante. Ficaram chocados com o que saiu da minha boca, mas riram-se na mesma. Apesar do contexto militar, tinham uma descontração com a qual eu me sentia à vontade e achei que foi um grande sucesso.

Mas mais tarde, naquela noite, de volta à nossa cabina, o Aerik gritou comigo até ficar com a cara vermelha e praticamente a espumar da boca. Disse-me que o deixei mal. Que eles achavam que tinha uma mulher inculta e licenciosa que nunca seria digna do trono. Não importava que o Aerik fosse o terceiro na linha de sucessão e provavelmente nunca viesse a ser rei e nunca tenha querido ser rei: ele sentiu que eu o humilhei à frente dos amigos.

Quando tentei argumentar e dizer-lhe que eles gostaram porque se riam, disse-me que eles *tinham* de rir por ele ser quem era, que eu não tinha graça nenhuma, e depois bateu-me na cara com tanta força que saí disparada da cama, a ver manchas. Foi a primeira violência que senti desde que a minha língua tinha sido cortada, e nunca pensei que a sentiria à mão dele.

É fácil olhar para trás e dizer que não vi os sinais de alerta. Mas eu era muito jovem para saber realmente o que eles significavam, pois não tinha ideia das relações entre um homem e uma mulher, exceto pelos meus próprios pais, que eram muito ternos e gentis um com o outro (a maior parte do tempo). Mesmo assim, sabia o que era o perigo e sabia quando algo não estava bem.

Vi os sinais e fiquei na mesma, porque alguma parte de mim acreditava realmente que eu seria uma exceção e que o amor resolveria todos os meus problemas. Costumava ser uma sereia que caçava homens. Aos meus olhos, o monstro era eu. Nunca imaginei que os homens fossem monstros por direito próprio, mesmo depois do desaparecimento da minha mãe.

À medida que o tempo passava, eu ia-me sentindo cada vez mais presa numa armadilha. Quanto mais ele me batia, insultava, cuspiam para cima de mim ou abusava de mim, mais eu me sentia a fazer com que o nosso amor funcionasse. Eu tinha sacrificado tanto para estar com ele, não podia simplesmente ir-me embora e fazer com que tudo tivesse sido em vão. Enchi a cabeça com todo o tipo de cenários com o porquê de não poder, incluindo que ficaria sozinha e indigente.

As razões eram válidas. Estar sozinha não parece ser uma sentença de morte, mas facilmente poderia ter sido. Ficar com o Aerik também parecia, por vezes, uma sentença de morte. No final, fui apanhada entre o mal que conhecia e o desconhecido.

E agora... agora sinto que estou presa entre dois males e não conheço nenhum deles. Há o Ramsay, que me marcou, reclamando-me para si, prometeu proteger-me de todos, menos dele. E há a minha vida por conta própria. O mundo não está mais gentil para as mulheres, não ficou mais fácil.

Mesmo que eu decidisse voltar para o palácio real, não seria princesa. Eles não seriam a minha família. Eu seria banida sem nada. O mundo da monarquia e da política não tem espaço para sentimento. É sangue ou nada.

É por isso que, às vezes, sinto inveja da Irmandade. Estão todos juntos, de todas as esferas da vida, unidos pelo sangue, mas não da mesma maneira que importa aos seres humanos. Criaram a sua própria família e deixaram cada qual ser quem precisa de ser. O Ramsay, até decidir tomar o meu lugar junto da Nerissa, tinha sido a cola que os mantinha a todos juntos.

Sento-me ao lado do Sedge. As minhas pernas bambas estão demasiado instáveis para ficarem em pé por muito tempo, e suspiro profundamente quando inclino a cabeça para trás, contra a parede.

Qual é o plano do Ramsay? É apenas ele, contra toda a tripulação dos mortos-vivos. Eu sei que ele é uma criatura sobrenatural, que faz parte desta Irmandade do Sangue, e que sabe tratar de si, mas eu não estou a ver como pode tratar de todos, especialmente quando é impossível matá-los.

E depois? O que acontece depois disso? Se o Ramsay for bem-sucedido e vier buscar-nos? Eu continuo amarrada e amordaçada. Ficarei à sua mercê.

Detesto que bem fundo, dentro de mim, sinto uma excitação nervosa ao pensar nisso. A verdade é que me vou preocupar mais se ele *não* conseguir.

PUM!

De repente, uma explosão, vinda de cima, abala o barco e começa a cair pó do teto. Tanto eu como o Sedge erguemos os olhos justamente quando outra explosão acontece mais à frente na embarcação.

Irrompem gritos e gritos, um estrépito de passos correndo de um lado para o outro no convés acima e depois um ganido que parece ficar mais alto. Olho para a vigia mesmo a tempo de ver um esqueleto passar a voar, tendo sido atirado borda fora.

Ponho-me em pé e salto para a vigia, espreitando o melhor que consigo. É difícil dizer, a partir do ângulo do navio, mas não vejo ninguém partir a nadar.

Depois disso, tudo se aquieta e, em seguida, o barco enche-se com o chiado do metal e o som estridente da âncora a ser içada.

Isto ou é um péssimo sinal, ou um ótimo sinal, penso, tentando transmitir a mensagem com os meus olhos ao Sedge.

Ele anui, parecendo inseguro.

Esperamos.

Chega até nós, vindo do lado de fora da porta, um som abafado, depois a tranca começa a rodar. Congelamos os dois.

Quatro membros da tripulação-esqueleto entram, com ar relativamente ileso.

– Agora vamos levá-los a ver o capitão – diz um deles, com o maxilar particularmente solto enquanto fala.

Dirijo ao Sedge um olhar ardente. *É o nosso fim? O que é que o capitão quer? O que aconteceu ao Ramsay?*

O Sedge retribui com um aceno paciente, a sua maneira de me dizer que vai correr tudo bem.

Mas como?

Os esqueletos põem-nos em pé com um impulso e, embora esteja na minha natureza espernear um pouco e causar alguns danos, não tenho escolha a não ser ir com eles, com passo vacilante, enquanto nos dirigimos para fora do espaço e para o convés superior, mas as escadas são um desafio para os meus pés amarrados.

Uma vez no convés, recebo a brisa que me escova os cabelos para trás e bate nas velas, e reparo que começamos a afastar-nos da baía. Muita da tripulação de esqueletos está aqui em cima, todos reunidos no convés da popa, que é para onde somos rapidamente levados.

Vejo um chapéu de capitão por entre os esqueletos, um tricórnio muito usado e surrado, com um emblema de caveira e ossos cosido à frente e o meu coração bate com força contra o peito. Será que o capitão me vai profanar com os seus ossos? Passar para mim a sua maldição, como fez com o Sedge? Submeter-me a uma flagelação pública?

Ou pior, descobrir o que eu realmente sou e beber o meu sangue até eu ser uma das sereias-esqueleto das profundezas?

Uma imagem da tripulação de repente à minha volta, como um enxame, a morder-me com os esqueletos de maxilar dá-me um arrepio pela espinha abaixo e o meu estômago enche-se de um terror frio. A tripulação que está a manusear-me crava os dedos na minha pele e sou empurrada em frente, através da multidão, ossos batendo uns nos outros enquanto eles se separam.

E quando a multidão abre alas, revela o capitão.

O capitão Ramsay «Ossos» Battista.

– Olá, meu adorável *tubarão* – diz-me ele, o sotaque irlandês agora mais cerrado. – Que belo anzol tens na boca. – Em seguida, acena com a cabeça para o Sedge. – Sedge, meu bom homem.

Uma sensação de alívio inunda o meu corpo e eu expiro.

– O que aconteceu? – pergunto por entre as correntes, com a minha garganta mais seca do que nunca.

– Eu agora sou o capitão – diz ele, de sorriso rasgado. – Soltei umas granadas até encontrar o capitão deles, que tremia como um cobarde, arranquei-lhe a cabeça, preendi-lhe os membros à força no ferro e atirei-o borda fora. Vai ficar ocupado no fundo do mar por muito tempo. – Empurra o chapéu da cabeça. – Peguei no chapéu dele e disse à tripulação que sou o seu novo capitão. Não é assim, rapazes?

– Simmmm! – eleva-se um clamor entre a multidão.

Como raios é que os conquistou tão depressa?

Faz-me um sorriso malicioso, sabe o que estou a pensar.

– Disse-lhes que também estamos no negócio de caça às sereias. Se encontrarmos uma, será dividida igualmente entre nós.

Raios! Faça-lhe uma careta. Eu sabia que tinha de haver um senão. E

também sabia que seria eu.

Depois, ele pisca-me o olho, como que a dizer-me que o meu segredo está seguro com ele, mas neste momento já não sei o que pensar ou em quem confiar. Vou continuar a confiar em mim mesma.

– Então e agora? – pergunto, desajeitadamente. Viro bruscamente a cabeça para o Sedge. – Não te esqueças de que prometeste que o ias pôr bom.

– Que pouca fé tens – diz ele, com os olhos a brilhar. – Vamos ter o *Nightwind* de volta. Acontece que a Nerissa abandonou aqui a sua tripulação, em troca pela minha, e agora o Sterling assumiu o controlo como capitão. O meu objetivo é recuperar o meu navio e a minha tripulação e trazer a bruxa destes rapazes de volta para eles.

– Nunca vais apanhá-los.

– Mas lembra-te que o dom do vento é para mim – diz ele, e acena com a cabeça para as velas. – E está a encher as velas com tudo o que tem. Pode demorar alguns dias, mas vamos apanhar o *Nightwind*, escreve o que eu te digo.

– Com o Sterling no leme, podem até já nem ir para Acapulco – tento dizer.

Ele franze o sobrolho e põe a mão em concha junto à orelha.

– O que disseste? Desculpa, é difícil entender-te com essa coisa na boca.

– Aaaah! – digo com um rugido, tentando atirar-me a ele, mas umas mãos ósseas disparam para mim e mantêm-me no lugar.

– E é precisamente por isso que te vou manter como estás – observa o Ramsay. Acena para a tripulação. – Levem-na de volta para onde a encontraram. O Sedge fica aqui em cima comigo. – Rasga um sorriso para o Sedge. – Agora vais ser o meu imediato, está bem para ti?

Apesar do seu aspeto cansado e horrível, o Sedge anui, parecendo satisfeito.

Eu, no entanto, sou levada para baixo, amaldiçoando o Ramsay até à sua campa.

* * *

O som das ondas a bater na proa do navio acorda-me de um sono agitado, e sinto o corpo dormente e com dores onde foi mordido pelas cordas.

Sento-me lentamente e olho para a janela, para onde o sol se começa a pôr, o céu em tons de roxo e rosa. Depois de a tripulação me ter trazido de novo aqui para baixo, passei uma boa hora a bater com o ombro contra a porta, procurando uma saída, ou a tentar partir o vidro da vigia para fugir, embora eu saiba que não há hipótese de o meu amplo traseiro caber nesse espaço estreito.

Depois adormeci, exausta e incrédula relativamente aos acontecimentos do dia e da noite anteriores. Embora eu só tivesse o Sedge por companheiro neste porão estreito durante umas horas, já sentia a falta dele. Fico contente por ele ser o imediato do Ramsay nesta viagem, mas, em parte, desejava poder

ser mais do que mera carga e provisões futuras.

Partilhei o meu corpo com aquele homem. Abri-me para ele de maneiras que nunca tinha feito com o Aerik. Ele derramou a sua semente dentro de mim, enquanto eu o levava aos píncaros do prazer e eu vi de facto o céu que ele me tinha prometido.

Isto teve significado para mim, e tenho vergonha de o admitir. Mostrou-me como duas pessoas podem unir-se verdadeiramente de maneira física, o bastante para quase parecer algo espiritual. É verdade que logo percebi que não é um homem em quem eu possa confiar, e que continua a ser meu inimigo. Mas pôr isso tudo de lado por alguns momentos e experimentar uma ligação divina fez-me perceber por que razão as sereias procuravam homens para satisfação própria.

Também me fez perceber porque matam os homens quando acabam de os usar. É mais ou menos o que eu tentei fazer.

Se lhe tivesses feito isso, nunca mais poderias experimentar o prazer do seu sexo, lembra-me uma voz. Odeio que a voz esteja certa. Existe até a possibilidade de eu sentir falta da companhia do Ramsay, da mesma maneira que uma pessoa pode sentir falta de um mosquito junto do ouvido.

Mas, quando a porta se abre e o Ramsay aparece com um prato de comida nas mãos, ambos com um ar delicioso como sempre, tenho de dizer a essa voz que se cale.

– Princesa – cumprimenta-me, enquanto fecha a porta atrás de si. – Devo dizer que, embora fosses uma princesa no teu reino submarino, não tenho a certeza se o termo continua a combinar contigo. Quando uma pessoa pensa numa princesa, pensa em alguém enfadonha e formal, alguém que nos olha de cima. Não pareces ser assim. Exceto, talvez, essa última parte.

– O que queres? – digo por entre a corrente, mas as minhas palavras não são só incoerentes, como quase inaudíveis.

Ele avança lentamente, com as botas a fazerem eco, e para mesmo à minha frente antes de se agachar. Olho de relance para o prato que traz na mão. É uma cabeça de peixe cru e eu sei que não seria uma coisa apetecível para muitos, mas faz a minha barriga roncar, esfomeada.

– Quero que sejas uma menina bem-comportada – diz ele.

Fulmino-o com o olhar e tento tirar-lhe o prato, mas ele segura-o afastado de mim.

– Isso não é ser uma menina bem-comportada, ‘morzinho. – Coloca o prato atrás de si e depois estende a mão, agarrando-me o queixo entre o polegar e o indicador e sou obrigada a encontrar os seus olhos.

– Sabias que um dos truques que temos na Irmandade é coagir os humanos? – diz ele, com voz baixa e suave. – Alguns de nós conseguem que façam quase tudo, no mínimo conseguimos que baixem as defesas. Facilita imenso a caça. Mas tu, meu ‘morzinho, eu nunca exerci esse efeito sobre ti. Eu tentei, claro, mas nunca funcionou. Tu não cedias. Uma das muitas coisas de que gosto em ti, embora, ao mesmo tempo, me enfureça.

Resmungo para ele, embora sinta uma explosão de orgulho no peito por nunca ter sucumbido às suas manipulações sobrenaturais.

Ele segura-me com mão firme.

– É por seres um monstro como eu, não uma criatura da noite, mas uma criatura do mar, e os seres humanos de todo o mundo haveriam de ter medo de nós se soubessem exatamente do que nós os dois éramos capazes. Então não achas que o nosso lugar é juntos? Poderíamos governar os mares como líderes de um novo império – um império negro. O teu destino nunca foi ser princesa, Maren. Foi ser rainha. Talvez a minha rainha.

Não confio em palavra nenhuma que saia da boca dele.

Belo discurso, penso, ainda a olhá-lo ferozmente.

– *Pfff!* – exclama ele, com um sorriso torto enquanto passa os olhos pelas minhas feições. – Imagino que precisas de tempo para pensar no assunto. Temos uma longa viagem pela frente, portanto há muito tempo para isso. E, para que estejas a par, eu sei que o Sterling mantém o curso para Acapulco. Mesmo sem te ter para negociar, vão querer manter a nossa rota habitual por causa dos galeões. Os velhos hábitos custam a morrer, como se costuma dizer. Não demorará muito até eu voltar ao meu navio e à minha tripulação. O que me leva à minha próxima pergunta...

Larga a minha cara e inclina-se mais, até eu só lhe ver os olhos da cor de mares intempestivos. Eu sei que ele disse que não tem o poder de me coagir, mas eu quero afogar-me no seu olhar, mesmo assim.

– Vais ser uma menina bem-comportada? – murmura.

Arreganho os dentes em resposta.

– É porque se fores uma menina bem-comportada – continua ele, com voz sedosa, e deixa o olhar cair sobre os meus lábios, onde os sinto a queimar –, posso libertar-te o suficiente para comeres. E depois podemos discutir a minha propostazinha para ti.

A tua proposta que se dane, penso. Mas a verdade é que estou cheia de sede e de fome e só quero esta corrente fora da minha boca. Respiro fundo pelo nariz e tento suavizar as feições, relaxando os ombros. Tento subordinar-me.

– Eu sei que isso deve ser difícil para ti – diz ele, levando as mãos atrás da minha cabeça, até onde a corrente está presa. – Entregares-te de bom grado a mim e seres doce, quando és um monstrinho cruel. Tens tanta raiva e ira e eu sei que queres atirá-la para cima de mim. – Inclina-se mais e os meus olhos fecham-se, agora que a intensidade do seu olhar é demais. – Também não posso dizer que te culpe por isso. Mas prometo-te que se fores boazinha, deixo que te desfores em mim. Se fores simpática e justa, depois de comeres, podes fazer-me mal. Se fores boazinha. Vais ser?

Aceno com a cabeça justamente quando ele me desprende as correntes e o metal é retirado da minha boca.

Choramingo. O meu maxilar doi quando tento fechá-lo. Tenho a boca seca como pergaminho, a língua dorida, os dentes parecem quebradiços.

– Começa com isto – diz ele, levando a mão ao bolso do casaco, que parece pequeno demais para ele e que deduzo ter pertencido ao ex-capitão. Saca de um cantil de madeira com uma sereia gravada em osso de baleia.

– Não tenho a certeza se é seguro beber a água do navio, mas encontrei uma garrafa de rum no cacifo do capitão.

Aceito qualquer coisa para a minha boca arrasada, por isso pego-lhe com as mãos amarradas e inclino-a na minha língua, fluindo o rum para baixo.

Começo logo a tossir, o álcool a queimar-me os lábios e a garganta, mas sinto um alívio imediato, além de que me entorpece de dentro para fora. Bebo mais, achando-o inebriante e saciante, até esvaziar o cantil.

– Impressionante – observa ele e eu atiro com o cantil, agora com o foco na comida atrás dele.

– Peixe – digo, com tanta fome que mal consigo falar. – Agora. – O rum já me está a bater forte, fazendo o espaço balouçar mais do que o normal.

O Ramsay observa-me cuidadosamente, sem nunca tirar os olhos de mim, enquanto leva a mão às costas e me entrega o prato.

Atiro-me imediatamente a ele, pegando na cabeça do peixe com as mãos e arrancando um pedaço com uma dentada. Sabe a mar, sabe a casa e eu mal engulo e já estou a devorar o resto, miolos, espinhas, olhos, tudo.

Quando me dou conta, a cabeça de peixe já se foi, eu estou toda suja e pouco saciada. Quero mais do que isto. Quero muito mais.

– Isso não me deveria ter dado tesão, mas... – comenta o Ramsay, com a maça de Adão a mexer quando ele engole em seco.

Se ele está excitado, então, talvez os seus reflexos não sejam os melhores.

Aproveito a oportunidade para atacar, mas antes mesmo de poder mover um músculo e me atirar a ele com a boca, os meus dentes afiando-se num instante, ele estende a mão e segura-me pela garganta, sufocando-me.

– Boazinha – avisa, pressionando-me contra a parede com a mão forte e bruta.

Consigo mover a garganta o suficiente para lhe cuspir na cara.

O cuspo aterra-lhe na testa, com uma lasca de espinha de peixe.

Ele resmunga e leva a outra mão à cara, limpando-o.

– Faz isso outra vez – sussurra, os olhos a dançar sombriamente. – Desta vez, na minha boca, por favor. Abre a boca, mostrando-me a língua, querendo aquilo.

Raios partam. Tudo o que é rude e repulsivo em mim, de alguma forma ele adora.

Fecha a boca e rasga um sorriso.

– Muito bem. Mas fica a saber que, um dia, vou retribuir o favor.

Depois, estende o braço para o chão e pega na corrente.

– Não! – grito, mas ele aperta-me a garganta ainda com mais força, tanto que mal consigo respirar. – Por favor, não.

– Fizeste isto a ti própria – diz ele, entre o som metálico da corrente na

sua mão. – Não posso confiar em ti para não me arrancares a cara com os dentes.

– Não cresce outra vez? – lá consigo dizer, com a cara a aquecer. – O teu braço está bem. – Dirijo o olhar para o seu braço, que, mais cedo, reparei que parecia quase curado, mesmo depois de ter sentido as minhas garras cortá-lo até o osso.

Sacode bruscamente a cabeça.

– Não posso arriscar a que a minha cara não cresça da mesma maneira. Eu não sou nada sem este meu aspeto.

Arreganho os dentes, como se não o achasse arrasadoramente lindo nos momentos mais inadequados.

– Agora, 'morzinho, a tua desobediência fez com que eu reconsiderasse a minha proposta. Talvez eu já não esteja aberto ao teu contributo e simplesmente te obrigue. Eu sei que não gostas, estás farta que te digam o que fazer, como agir, o que dizer, não é?

Imobilizo-me, apenas o suficiente para que ele afrouxe a mão no meu pescoço.

– Estou a ouvir – digo, cautelosa.

Ele faz-me um sorriso rígido, embora a sua outra mão continue a agarrar a corrente.

– Precisamos um do outro, 'morzinho, quer queiramos quer não. Tenho a sensação de que gosto mais de precisar de ti do que tu de precisares de mim.

– Não preciso de ti para nada.

Fixa-me com um olhar calmo.

– Precisas de mim para proteção, no mínimo. Proteção desta tripulação maldita, que de bom grado fará de ti sua irmã, proteção da Irmandade, que de bom grado te porá no convés junto dos cadáveres dos teus antigos criados e proteção da Nerissa, que é uma bruxa do mar em quem não se pode confiar, especialmente se ela descobrir o que realmente és. A única coisa que te impede de ser dilacerada é uma palavra de verdade: *sereia*.

Estas palavras eriçam-me.

– Tu nunca me atirarias a eles.

O seu olhar torna-se frio, um banho de gelo que sinto na espinha.

– Não me venhas dizer o que eu faria ou deixaria de fazer – diz ele, com voz ácida. – Não fazes ideia do que eu sou capaz quando se trata de vingança. Terei todo o prazer em sacrificar-te para conseguir o que quero.

– E eu farei o mesmo a ti – retruco, e o meu tom de aço iguala o seu.

– Pareces crer que estás numa posição de poder. Não estás.

Rosno para o ar e calo-me frustrada.

– Agora, o que eu preciso de ti, acho que já sabes o que é – continua, com um suspiro fraco. – Preciso do teu sangue. Eu disse-te que não te mataria por ele e falava a sério.

– Mas de bom grado me sacrificas – atiro-lhe à cara, imitando a sua voz profunda.

Faz um trejeito com a boca, divertido.

– Matar-te e sacrificar-te são duas coisas diferentes. Mas não estou aqui para discutir semântica. Não te vou matar, mal te vou magoar. Até pode ser que gostes. Há quem goste. Mas vou alimentar-me de ti, apenas um pouco todos os dias, para construir as minhas reservas.

– Não me parece – resmungo.

– Em troca – acrescenta, levantando a voz –, mantenho-te, e ao teu segredo, em segurança.

– Disseste que ninguém me poderia fazer mal se me reclamasses como tua – observo, desejando que ele me largasse o pescoço.

– Posso facilmente remover a minha marca – diz ele friamente. – É coisa dolorosa de aguentar. Não o desejaria a ninguém.

A ideia de tê-lo a raspar a minha carne cicatrizada naquela zona macia indis põe-me.

– E que tal pensares no assunto – sugere. Depois, antes que eu perceba o que está a acontecer, torna a enfiar a corrente na minha boca.

Grito e esperneio, mas em vão. Ele amarra-a à volta da minha cabeça e põe-se em pé.

– Voltarei amanhã para ter a tua resposta. Talvez então te portes melhor.

Capítulo 25

Ramsay

Estou novamente a ter o pesadelo. Está a acontecer como se eu estivesse acordado e de mente sã.

O mar está completamente calmo. Não há uma nuvem no céu, nem uma sugestão de brisa. O tempo está sufocante e quente e nada parece bem. Estou prestes a dizer isso à Sam quando ouço aquele primeiro baque.

O *Nightwind* é sacudido. A tripulação é atirada de um lado para o outro.

O meu olhar dirige-se para o lado do convés onde sei que a Hilla vai estar de pé com a cara suja de chocolate.

Mas ela não está lá.

Em vez dela, está a Maren.

Encontra-se de pé, de costas para mim, com um vestido azul e uma coroa na cabeça, o cabelo preto enfunado pela brisa. Tem o vestido molhado e formam-se poças de água por baixo dele, que correm pelo convés.

– M-Maren! – tento gritar-lhe, para a avisar, porque está no meu sonho e não sabe o que acontece a seguir, mas o seu nome fica preso na minha garganta. Também não me consigo mexer, estou imobilizado no lugar, obrigado a ver o que sei que vai acontecer.

Outro baque abana o navio, levando as pessoas a gritar e, em seguida, a Maren começa lentamente a virar-se para me enfrentar.

Arquejo e o meu coração afunda-se.

Embora tenha os olhos brilhantes e belos como sempre, o seu rosto apodreceu e mal tem carne a cobrir-lhe o osso. Sucumbiu à maldição e desfaz-se diante dos meus olhos.

Depois, o meu olhar desce para a bainha do vestido, onde a água que corria está agora a ficar vermelha, tingida de sangue e, por baixo do vestido, sai a ponta da cauda de sereia. A cauda transforma-se lentamente em ossos.

– Maren! – grito de novo, desta vez encontrando a minha voz. – Vem

para aqui. Eu mantenho-te em segurança. Escolhe-me!

Mas ela não se mexe. Os seus olhos fitam-me, vazios.

E atrás dela, o grande tentáculo do Kraken sobe bem alto no ar, refletindo um brilho roxo ao sol, e depois cai em direção a ela.

Eu grito e começo a correr para ela, mas a ponta do tentáculo força a entrada na sua boca e puxa para trás como um anzol, dando-lhe uma chicotada para fora do convés, para o mar.

Acordo a arquejar, com o suor a empastar-me o cabelo no pescoço. Quase bato com a cabeça no beliche de cima, lembrando-me de onde estou mesmo a tempo.

Não estou no *Nightwind*. Não, este barco é revoltante no fedor e na imundície. Em tempos terá sido belo, mas a tripulação-esqueleto tem prioridades diferentes das minhas e mantê-lo limpo não é uma delas. Na verdade, o único lugar que achei aceitável dormir foi nos aposentos de um oficial, o único com uma escotilha a funcionar, para receber aqui uma lufada de ar.

Olho pela vigia para o céu noturno. A lua está ali, um mero crescente, banhando a água em fragmentos de prata, enquanto as gavinhas de nevoeiro pairam acima da superfície. As vagas de antes desapareceram, mas o sonho não me larga. Odeio ter medo do oceano, mas é isso que fazem esses sonhos. Lembram-me de que, sob a quilha deste navio há um mundo de que eu nada sei, um mundo cheio de monstros como o Kraken.

Monstros como a Maren. Acho que é por isso que ela me fascina tanto. Somos ambos monstros, criaturas à parte dos humanos, contudo, vimos de dois mundos diferentes. Durante todo o tempo em que caçámos sereias, nunca pensei que fossem algo com que eu me pudesse identificar. Separam-nos mundos inteiros, no entanto, somos iguais. Há tanto a aprender com ela, se ao menos ela me permitisse.

Eu sei que vai ser uma batalha dura de vencer. Tem sido desde o início. Serei o primeiro a admitir que as minhas táticas são brutas e, às vezes, cruéis e não são as de um cavalheiro normal tentando fazer a corte a uma senhora normal.

Mas ela também tem tido pouca sorte. Bem vejo a desvantagem em que vive há uma década e sei também que vive com arrependimentos. Se eu pudesse ao menos fazê-la confiar em mim, ajudá-la-ia a ver o seu verdadeiro potencial. Neste momento, é um animal selvagem capturado, sempre no ataque, mas se ela pudesse refrear e concentrar essa raiva feminina, seria imparável.

Nós seríamos imparáveis.

Rei e rainha do alto mar.

O meu coração muda de ritmo por um momento, tornando-se um objeto estranho no meu peito. Há muito tempo que não sentia isto por ninguém e a ideia de a Maren vir para o meu lado dá-me uma tola sensação de esperança. De que isto tudo, esta vida inteira ao longo dos séculos, com toda a dor e

todas as perdas, não é em vão. De que serve para alguma coisa.

Para alguém.

Embora tenha dito que iria visitá-la pela manhã, eu sei que a deixei à espera por tempo suficiente. Mas se preciso de a convencer a deixar-me alimentar dela, tenho pelo menos de tentar conquistá-la novamente.

Subo para o convés. O vento está constante nas velas e o navio rasga suavemente o mar, a noite escura estendendo-se além e misturando-se com vestígios de névoa. Deduzo que, por esta altura, estejamos a aproximar-nos das ilhas Kiri, de onde nos dirigiremos para o norte. Olho para os esqueletos de pé no leme, o contramestre e quem julgo ser agora o intendente.

Não tinha a certeza de como esta tripulação se sentiria comigo por lhes tirar o capitão e assumir o navio, mas quando lhes disse que podíamos procurar mais sereias e de que seria a primeira vez que iriam atrás da Nerissa em vez do contrário, ficaram todos entusiasmados. De qualquer forma, não creio que lhes tenha sido permitido cruzar o Pacífico até tão longe, por isso parecem animados e de bom humor.

Embora ainda no outro dia tenha lutado com eles, cortado os seus membros e esmagado os seus crânios (já para não falar nos anos anteriores), agora sinto-me responsável por eles, por mantê-los felizes e em segurança. Ser capitão de um navio não é só ter controlo, tem que ver com responsabilidade e isso é algo de que me orgulho.

Só espero que a tripulação do *Nightwind* continue a sentir-se assim. Eu sei a consideração que a maior parte dos Irmãos me tem, especialmente a minha família imediata, mas não sei o que o Sterling lhes tem andado a dizer. Esse homem não tem carisma nenhum e um cérebro de mosquito, mas isso não significa que não haja quem se identifique com as suas palavras. É impossível ficar na minha posição durante tanto tempo sem adquirir algum ressentimento.

Mas vou preocupar-me com isso mais tarde. Confio que o Thane e o Cruz mantenham todos o mais seguros possível e espero que a Nerissa não esteja a causar muitos problemas. Quando a tripulação maldita me disse que ela tinha trocado o navio pelo *Nightwind*, fiquei surpreendido, mas a verdade é que as bruxas do mar podem ser imprevisíveis e propensas a seguir vaipes de fantasia.

Direciono outra vez a mente para a Maren. Eu sei exatamente o que ela precisa e quer, mesmo que ela não o admita. Dirijo-me ao banco onde coloquei alguns dos peixes que pesquei antes para garantir que sobram alguns, depois de eu e o Sedge termos feito o jantar. Agora que sei que ela vai comer um cru, será fácil mantê-la alimentada (embora eu não devesse ficar espantado, tendo em conta o seu apetite).

Em seguida, vou a um dos barris vazios que tinham estado a acumular água da chuva, cheio até à borda, e pego nele com um grunhido, arrastando-o para as escadas e descendo até ao convés. Uma vez lá, reviro tudo à procura de alguma coisa limpa e, finalmente, encontro uns lençóis de linho velhos,

mas aceitáveis, e uma barra mirrada de sabonete de banha e soda cáustica. No *Nightwind*, temos barras de sabonete de Castile perfumado, e que tenho a certeza de que a princesa está habituada, mas isso vai ter de servir.

Bato à porta por cortesia e destranco-a com o barril da chuva à frente do corpo, para o caso de lhe apetecer atacar-me. Seria fútil para ela, mas irritante para mim.

Mas a Maren está ajoelhada junto à vigia a olhar pela janela para a lua e para o mar e... Porra, tira-me o fôlego. É a única coisa que ela realmente quer. Ir para casa. Ela não quer estar comigo. Só quer regressar ao mar.

Então, vou ajudar-te a ir para casa, penso para ela. Mal me ajudes.

Ela vira lentamente a cabeça e olha para mim. As lágrimas humedeceram-lhe os olhos e ela pestaneja para as limpar, a sua postura faz-se rígida, torna-se novamente real e composta.

– Pensei que podias gostar de tomar um banho – digo, e pouse o barril, mais os lençóis e o sabonete. – Se tudo correr bem, tenho o jantar à tua espera lá em cima. Um peixe inteiro, todo para ti.

Agora os seus olhos iluminam-se. Eu sabia que o caminho para o coração dela era pelo estômago.

– O que dizes? – pergunto. – E que tal deixares-me dar-te banho enquanto me dizes o que achas da minha proposta?

O brilho no seu olhar endurece.

– E que tal se me libertares? – pergunta ela. A corrente distorce as suas palavras, mas compreendo-a, mesmo assim, percebendo o seu tom.

– Seria um disparate da minha parte fazer isso, quando a primeira coisa que farás é atacar-me. Talvez eu não seja tão esperto como os que acompanhaste nas esferas da realeza, mas sei quando uma cena está condenada a repetir-se.

Ela não diz nada, porque sabe que se dissesse, seria mentira. Mas parece ceder um pouco. Faz-me um leve aceno.

Vou ter com ela e pego-lhe, pondo-a em pé. Está instável, com as pernas amarradas e penso que, pelo menos, lhas poderia soltar. Baixo-me para a desamarrar, mantendo o foco no seu rosto, embora os seios estejam, em grande medida, no caminho, até ficar com as pernas libertas.

– Se tentares correr, não vais muito longe – aviso. – Eu sei que fizeste isso antes, mas a única razão pela qual não te apanhei foi o esqueleto ter-te apanhado primeiro. Acredites ou não, eu assisti a tudo, a maneira como ficaste pendurada naquela rede. Nunca estiveste realmente em perigo, Maren, eu estive sempre lá.

Ela dirige-me um olhar de incredulidade. Não espero que acredite em mim, mas logo que vi que estava presa, escondi-me nos arbustos e segui-os o tempo todo até ao navio, a planear como seria quando subisse a bordo para a resgatar e ao Sedge. Embora não seja grande salvador, creio, se continuo a mantê-la refém.

Agacho-me rapidamente, aninho-a nos meus braços e ela solta um

arquejo de surpresa. Levo-a ao colo até ao barril e, em seguida, com as mãos segurando-lhe com firmeza a cintura macia, baixo-a para a banheira.

Ela estremece ligeiramente quando a saia enfuna à volta do corpo, a água espirrando das laterais do barril até mal lhe cobrir os seios.

– Eu sei que é fria, mas pelo menos está limpa – digo-lhe. – E é água. Deduzi que seria algo de que sentes falta. Levanta os braços.

A Maren olha-me por um momento com olhos redondos e inseguros e eu gesticulo para que ela o faça. Ela hesita, depois ergue os braços acima da cabeça e eu estendo o braço para a bainha da sua camisa, que lhe puxo pelo peito, ombros e cabeça, até ficar toda em volta dos pulsos. Eu podia despi-lha completamente, mas isso implicaria desamarrar-lhe os pulsos e, embora as mãos e as unhas pareçam normais neste momento, não confio nessas garras perto do meu coração.

Tem de haver uma metáfora qualquer nisso.

Naturalmente, ela está agora toda nua e a minha atenção vai para seus seios lindos, os mamilos rosados e duros, espetados da superfície da pele. Ergo os olhos para encontrar os dela e, mesmo com a corrente na boca, percebo que me faz um sorrisinho sarcástico. Ou gosta que eu lhe esteja a admirar o corpo, ou acha que isto é típico de mim. Talvez as duas coisas.

Pigarreio e ajusto a pila nas bermudas, tesa como ferro e a implorar para ser libertada, depois pego no sabonete. Molho-o na água, esfregando sensualmente o polegar na barra várias vezes, criando espuma, e ela observa-me com fogo nos olhos. Sei que isto lhe lembra o que as minhas mãos são capazes de fazer nas suas partes mais delicadas. Mesmo submersa na água, consigo sentir o cheiro da sua excitação.

Com o olhar preso nos olhos dela, levo o sabonete entre os seus seios, depois faço-o deslizar na clavícula e nos ombros, demorando tempo a molhar-lhe a pele e a lavá-la, centímetro a centímetro. As suas pálpebras fecham-se suavemente.

– Já tiveste tempo para pensar na minha proposta? – pergunto-lhe, com a voz pastosa.

Ela sustém a respiração quando lhe passo o sabonete pelos seios, provocando os mamilos, mas não diz nada.

– Podia fazê-lo aqui – digo-lhe, e só de pensar em enterrar os dentes no pescoço dela sinto relâmpagos nas veias. – Vou ser tão suave como estou a ser agora. Nem vais reparar.

Mergulho o sabonete na água, alisando-o na pele dela, para baixo, para baixo, entre as pernas, o meu braço completamente submerso. Esfrego o sabonete nela com o mesmo movimento rítmico que usei antes e as pernas dela começam a tremer, a respiração a acelerar.

Um gemido baixinho solta-se-lhe da garganta e eu afasto o sabonete, usando-o como potenciador.

A Maren dirige-me um olhar zangado, ao qual sorrio.

– Responde à pergunta e eu continuo.

Ela reflete por um momento, unindo as sobrancelhas. Depois, abana a cabeça.

– Não – diz.

Já era de esperar.

– Não, não queres que me alimente de ti?

O olhar dela fica mais tenso. Sim, é exatamente isso que ela está a dizer.

– Tudo bem – digo, com um suspiro. – Se é assim que queres que seja. Ou eu me alimento de ti, ou todos o fazem.

Ela recusa-se, salpicando água.

– És cruel – consegue dizer, zangada.

– Estou a dar-te escolha, Maren. Escolhe-me a *mim* – imploro. – Porque é que não podes confiar em mim?

Ela faz a expressão mais incrédula. Acho que mereço.

– Escuta – digo-lhe, e dou a volta para ficar nas costas dela, pousando o queixo no seu ombro. – É assim que as coisas são e não há como dar a volta. Eu preciso de ti. Eu preciso mesmo de ti. Como nunca precisei de ninguém. E sim, trata-se de uma necessidade física, em certo sentido, mas tu levas-me ao desespero, ‘morzinho. Fazes-me perder a razão. E não vou desistir de te entregares a mim. Preciso tanto da tua submissão que sinto a dor nos meus ossos.

A Maren relaxa ligeiramente, recostando-se à parte de trás do barril.

– Isto também é para ti, minha querida – digo-lhe, baixando a voz quando passo a ponta do nariz pelo seu ombro nu. – Com o teu sangue, posso derrotar a Nerissa e a Edonia. A tua vingança é a minha vingança. Nós dois queremos a mesma coisa, não vês isso?

Baixo novamente a mão, desta vez deixando o sabonete que flutua na água, e os meus dedos encontram a carne macia entre as suas coxas. Sei exatamente o que fazer com o seu corpo para que, pelo menos, ela se submeta a mim desta forma.

Abre as pernas o máximo que consegue no espaço estreito e arqueja quando lhe esfrego a extensão do sexo, penetrando-lhe a cona.

– Não deixei de te odiar – sibila com um arquejo.

– Podes odiar-me o que quiseses com esse teu cérebro. Mas o teu corpo não odeia. Não, o teu corpo ama-me muito.

– Só a tua pila – diz ela.

Solto uma risadinha.

– Bem, acontece que a minha pila é o melhor de mim.

Com os dedos de uma mão a fodê-la na água, levanto-lhe o cabelo pesado do pescoço. Ela fica tensa. Sabe o que estou prestes a fazer. Sinto o sabor metálico do seu sangue, que vibra sob a pele, com todos os sentidos dela a ganharem verdadeiramente vida quando transpõe a fronteira entre predador e presa.

Os cordeiros sabem sempre quando o lobo está prestes a atacar. Sabem-no no fundo do seu ser.

Os meus caninos aguçam e eu sei que existe o risco de eu perder o controlo com ela. Quando me alimentei de humanos que nunca quis magoar, na maior parte das vezes deixei-me levar e acabei por matá-los, ou por lhes tirar demasiado sangue ou por rasgá-los. É a luxúria do sangue e passei séculos a tentar controlá-la.

Não quero perder o controlo com a Maren; não quero fazer-lhe nenhum mal. Só espero que, se fizer, ela seja capaz de se defender, de alguma forma. Se bem que, estando assim amarrada, estará inofensiva como um cordeiro.

Engulo a minha ansiedade e espero e rezo para que conseguia manter a serenidade.

Levo a boca ao seu pescoço quando as veias estão no auge da atração para mim. Ela treme, surge pele de galinha sob a minha respiração quente e encosto os lábios à sua pele. A Maren sobressalta-se e o seu coração bate mais alto e mais forte, e eu nunca na vida estive tão duro e faminto.

E então mordo-a.

Enterro os dentes na sua carne, perfurando profundamente o pescoço e chegando à veia. Ela solta um grito e eu cerro a mandíbula no seu pescoço enquanto o sangue começa a fluir para a minha boca.

O efeito é imediato. Há algum tempo que eu não me alimentava de um humano, pois estávamos a tentar racionar os cativos a bordo, além de que podemos passar algum tempo sem nos alimentarmos. Mas o sangue dela, este sangue de sereia, vai direto para o meu coração. É como se estivesse a reabastecer cada veia do meu corpo, como se estivesse a renascer como algo mais inteligente, mais rápido, mais forte. Já lhes bebi o sangue antes e nunca foi tão rápido como com este. Desta vez, tudo parece ir diretamente para o meu sexo, ao mesmo tempo uma curiosa necessidade de beber e de foder.

Solto um grunhido junto do seu pescoço e ela começa a relaxar na água; tenho em mente continuar a dar-lhe prazer com os meus dedos. Se me concentrar nisso, não vou me perder na luxúria do sangue.

E, no entanto, sinto que a luxúria do sangue me domina.

A minha visão fica vermelha.

Capítulo 26

Maren

Nunca tinha sentido uma dor tão sofisticada. É a única maneira que tenho de a descrever. No instante em que os dentes do Ramsay me perfuraram o pescoço e derramaram o meu sangue, foi uma agonia excruciante que senti agudamente, na medula do meu ser. Porém, quando ele começou a chupar e a beber, o meu corpo começou a libertar-me da dor.

Comecei a ficar excitada.

E agora ele está novamente a tocar-me, os seus dedos deslizando na minha feminilidade, e eu sentada neste barril de água e sabão. As minhas ancas dão pinotes contra a mão dele, tentando obter mais aderência, querendo-o mais fundo, mais bruto, em toda a parte. A minha mente quer, em parte, que eu me lembre de que o meu sangue está a ser drenado por uma criatura que bebe sangue e mata para sobreviver, no entanto, nada disso importa muito, agora que o meu corpo domina.

Quero alívio. Quero-o dentro de mim de todas as maneiras possíveis. Quero a sua pila enfiada em mim com força enquanto os seus dentes penetram o meu pescoço, quero simultaneamente que ele me preencha e arranque de mim.

A partir destes pensamentos, dos seus dedos fortes e compridos, sou levada ao orgasmo. Grito um gemido selvagem quando sou rasgada pelo orgasmo, tornando-me obsoleta ao fundir-se na minha pele de duas maneiras distintas. A água respinga na borda da banheira e no chão e eu não consigo controlar o meu corpo, não consigo parar de me contorcer enquanto ele dá e tira, dá e tira.

O meu mundo continua a girar, o meu coração é um cavalo de corrida e, embora a mão dele se tenha afastado, continua com a boca presa ao meu pescoço. Agora que a clareza está a voltar um pouco, pergunto-me por quanto tempo se vai alimentar de mim. Será que sabe quando parar? Pela respiração

quente e ofegante e os grunhidos que emite, é difícil dizer o que é normal e o que é ele estar a deixar-se levar.

Prometeu-me que não me magoava, mas eu nunca fui de acreditar em homens.

– Ramsay – tento dizer, tentando desviar-me da sua mordida. – Ramsay, para.

Mas ele não para. Ele nem sequer parece ouvir-me.

– Eu disse para! – grito, agora mais alto. Puxo o pescoço, mas a única coisa que isso faz é criar uma dor tão aguda que solto um grito e fica tudo escuro na minha visão.

– Para! – berro, com o pânico a subir pelo meu corpo e a sufocar-me. – Para!

O meu lado predador liberta-se. Não consigo mexer os braços nem um pouco, com a corda e a camisa à volta dos meus pulsos, mas tenho mais força do que o normal e sou pesada. Com um rugido, uso toda a minha pujança para lançar o corpo para cima e para fora da banheira.

Só consigo chegar a meio, mas é o suficiente para a banheira tombar, entornando a água no chão, e para o Ramsay perder a ligação ao meu pescoço.

Mal bato no chão e caio da banheira, começo a rolar, pronta para me defender como puder.

Mas o Ramsay fica atrás do barril, com os dedos a deixar marcas na madeira. Respira com força, tem sangue a escorrer-lhe do queixo. O meu sangue. Os seus olhos estão escuros, as pupilas largas e vermelhas, como uma lua cheia carmesim.

O seu aspeto é ameaçador, monstruoso e belo.

Meu Deus, como é belo!

Engole em seco e o vermelho das pupilas desvanece. Vejo as suas presas desaparecerem e ficar novamente com dentes normais, tal como acontece comigo.

– Desculpa – sussurra, com voz rouca. – Eu não... tentei não sucumbir a isto.

– A quê? – pergunto, cautelosa, contente por ele manter a distância.

– À luxúria do sangue – diz ele, enquanto limpa a boca e os olhos, ficando com a mão suja. – Podemos perder o controlo quando estamos a alimentar-nos.

Faço-lhe um olhar como que a dizer: *não me digas*.

– Tenho de admitir, foi mais difícil contigo do que o normal – continua ele. O teu sangue é diferente de todos os que já bebi. O teu sangue é... surpreendente...

Embora o conceito de luxúria do sangue me incomode, não me importo que se chame surpreendente ao meu sangue. Acho que vou encará-lo como um elogio.

– Nunca me senti tão pujante – prossegue, saindo de trás do barril. – Isto é imbatível. Imparável. Sinto que podia rasgar este navio ao meio e evocar um

turbilhão para devorar o resto. Não sei o que me fizeste, Maren.

Ele vem até mim, movimentando-se graciosamente como sempre, mas fazendo-me lembrar uma raposa prestes a atacar, tudo tão medido, controlado e mortal. O meu pulso acelera de novo e dou um passo atrás, afastando-me dele, sabendo que não tenho para onde ir.

– Eu não sei o que me fizeste – repete, abanando levemente a cabeça, com deslumbre no olhar. – És mais do que a resposta às minhas preces. És a resposta às preces que eu nunca soube que tinha. És um encantamento, um tesouro, uma maldição poderosa por direito próprio e eu estou cem por cento sob o teu feitiço.

Ramsay passa a língua pelos lábios, saboreando neles o meu sangue, e depois faz-me um sorriso malandro.

– Nunca te desejei mais.

E depois, num ápice, está em cima de mim, tendo-se movido num borrão de velocidade não humana e eu solto um grito abafado, preparada para lutar, mas depois ele empurra-me para o chão. Caio de costas e tento virar-me, numa tentativa de defender o meu pescoço, mas ele desliza sobre o meu estômago, afasta-me as pernas e enterra a cabeça entre as minhas coxas.

Arquejo perante a intrusão da sua língua, a maneira como a sua boca se fixa em mim, sugando-me entre os lábios, e fico tensa de medo que me possa morder lá. Não que eu me opusesse a tudo que seja bruto, mas não quero que torne a deixar-se levar.

Mas os dentes dele permanecem retraídos e todo ele é língua molhada e lábios macios enquanto me acaricia com a boca, chupando e lambendo e arrebatando-me.

Levo as mãos à cabeça dele para lhe agarrar o cabelo comprido e macio, a camisa bater ao vento nas suas costas, e então sou levada novamente ao orgasmo, tão depressa que sou apanhada de surpresa.

Quando os meus gemidos enchem o ar e tenho os membros a tremer, o meu corpo em convulsão de dentro para fora, já ele arranca a camisa e desabotoa a aba das bermudas e eu olho a tempo de ver o seu sexo gloriosamente grosso na palma da sua mão, pronto para se desenfrear em mim.

Estou à espera de que me lance novamente um dos seus arrogantes sorrisos, aquele que me diz que estou metida em grandes sarilhos e ele prestes a apreciá-lo, mas há seriedade no seu rosto. Os seus olhos estão escuros e crepitam de intensidade, como uma tempestade de verão, a boca entreaberta, o maxilar tenso. Parece que tanto podia ir para a cama comigo... como matar-me.

Em vez disso, agarra-me pelos ombros e cintura e vira-me, ficando eu de gatas. *Tão imoral e pecaminoso*, não posso deixar de pensar.

Também não posso deixar de gostar.

Ele move-se com brusquidão e urgência: uma mão grande e morna pressionada entre as minhas omoplatas até me empurrar para o chão, as suas

ancas aproximando-se do meu traseiro, os dedos a trilharem caminho no meu cabelo, reunindo-o num punho.

Uma mão dirige-se à carne macia do meu traseiro e percorre as suas curvas, em gestos amplos e vagarosos.

PA!

Sobressalto-me quando a palma da sua mão me bate no rabo, provocando uma dor doce e célere.

– Acabaste de me espancar? – tento dizer através da corrente, a minha pele a picar.

Ele solta uma risadinha, simplesmente.

PA!

E fá-lo novamente.

– Devias ver o teu rabo, ‘morzinho – diz ele. – A minha palma vai ficar marcada durante dias.

E depois sinto o seu sexo entre as coxas e ele puxa-me o cabelo para trás, enquanto a sua ponta desliza onde ainda estou molhada de antes. Um arquejo fica preso na minha garganta e todo o meu corpo fica tenso, depois ele empurra cuidadosamente para dentro de mim, a sua respiração entrecortada.

Arqueio as costas e sinto-me perder o fôlego. A minha visão desfoca-se enquanto ele me penetra com o sexo, o peito pressionando contra as minhas costas.

Acabo por relaxar o suficiente e ele penetra-me mais fundo, deslizando na minha viscosidade.

– Linda menina – murmura-me ao ouvido. – A tua rata apertadinha acolhe tão bem esta pila.

Sinto as bochechas a arder e não posso deixar de empurrá-lo. Ele beija-me a parte de trás do pescoço, afundando-se lentamente em mim, e eu sinto os dois tornarmo-nos parte um do outro. É um sentimento intenso, quase indescritível. Há dor, mas também prazer e eu quero afogar-me nele. Quero ser consumida, mas só por ele.

A sua respiração é pesada junto do meu ouvido e não tarda ele acelera o ritmo, entrando e saindo de mim com golpes duros das ancas, e o som da nossa pele a bater impregna o espaço. O peso do seu corpo prende-me enquanto se movimenta contra o meu traseiro, as mãos puxam-me o cabelo, sinto que fico no lugar para ele, para seu prazer.

Só que não se trata apenas dele e da sua luxúria. Enquanto empurra o bacamarte, arrancando-me o fôlego, dá a volta com o braço e encontra-me, onde estou intumescida e viscosa.

– É isto que queres? – pergunta, com voz áspera e espessa. – Queres que os meus dedos brinquem contigo enquanto levas uma tarefa do meu grande pau?

Tento responder, mas estou demasiado distraída com o prazer e só consigo emitir um som selvático.

Ele toca-me e acaricia-me, esfregando no mesmo padrão agonizante de

antes, forçando-me ao orgasmo. De repente, sinto as pernas dormentes, as ancas a tremer quando ultrapasso o limite e o meu corpo aperta o sexo dele, os meus músculos espasmódicos quando sou levada ao pico do prazer.

Fico sem fôlego, uma tempestade elétrica arqueia a minha espinha, afastando-me as pernas.

Quando ele me sente a apertá-lo, penetra-me com mais força, puxando-me o cabelo até as minhas costas arquearem. Depois sobe rudemente a mão até agarrar a parte de trás da corrente, puxando-me a cabeça como se eu fosse um maldito cavalo com o freio nos beijos.

Solto um grunhido, empurrando o traseiro contra ele, num gesto de desafio. Como se atreve a tratar-me como se eu fosse um animal?

Mas depois os seus dedos não param, nem a pila, e quando dou por mim sou arrebatada mais uma vez, e o meu orgasmo é uma coisa violenta e poderosa que me faz gritar o seu nome repetidamente, enquanto me estilhaço como vidro.

– Ramsay! – chamo, gemendo. – Oh, Deus! Ah, porra!

Ouço-o grunhir ao meu ouvido, um som de satisfação misturado com exaustão, e depois espanca-me com o sexo todo enterrado, os tomates pressionados contra o meu rabo, e o seu próprio orgasmo chega numa explosão de calor. Atira a cabeça para trás e solta um gemido estrondoso, que faz sacudir as tábuas à nossa volta, e finalmente solta a corrente.

A minha cabeça cai para a frente e fica a pender, o coração martelando tão depressa e com tanta força que temo morrer, o meu nariz absorve o máximo de ar que consigo, com a corrente ainda na boca.

– Maren – diz o Ramsay atrás de mim. – A minha Maren.

Deposita um beijo nas minhas costas, gentil e macio, seguidos de uma fileira deles pela minha espinha, sussurrando o meu nome enquanto o faz.

– Maren, Maren, Maren.

Agarra-me as ancas e sinto-o endireitar-se, expirando tremulamente.

– Nunca tive um vício – diz, rouco. – Mas acho que vais ser o meu vício.

Aclara a garganta e sai de mim, e todo o meu corpo afunda no chão, como se seu sexo fosse a única coisa a manter-me de gatas.

– Vou buscar a tua comida – diz ele, e ouço-o a levantar-se, o roçar das roupas a serem ajeitadas, depois, encaminhar-se para a porta antes de fechá-la.

Mas não regressa.

Capítulo 27

Maren

Acordei zangada esta manhã.

Depois de ontem à noite, fiquei ali deitada, ainda amarrada com cordas e correntes e molhada do banho, à espera de que o Ramsay voltasse, à espera de que me trouxesse comida. Mas ele não apareceu.

Agora já passaram várias horas desde o nascer do Sol e deixei-me arrastar para um caldinho assassino. Tive de usar a casa de banho no canto da sala, o que é humilhante, e o meu estômago ronca tanto que sinto que posso morrer de fome. Dói-me entre as pernas, onde ele me fodeu com tanta força ontem à noite, o castigo da sua pila foi implacável numa zona que já estava dorida.

Quaisquer ondas de alegria e felicidade que aquele homem, essa *criatura* vil, me tenha trazido, já esqueci tudo. Como se nunca tivesse acontecido. Pelo contrário, voltei a odiá-lo e a planejar a minha vingança. Como se atreve a usar-me assim? Tirou-me o sangue sem que eu dissesse explicitamente que podia fazê-lo, depois desflorou o meu corpo por trás, mantendo-me presa e chegando ao ponto de me tratar como um cavalo com freio. Espanta-me que não me tenha chicoteado, se bem que acho que o fez, com a mão.

Fecho os olhos ao pensar nisso, aquele golpe agudo de dor quando a palma da sua mão encontrou a minha carne, a maneira como me tomou logo em seguida, tão exaustivamente, como se não conseguisse controlar-se, e as minhas coxas apertam-se para travar a explosão de pressão.

Para com isso, digo para comigo. Decide o que vais fazer a seguir.

Mas eu não tenho tempo para elaborar um plano, a raiva dentro de mim ferve e transborda, os meus pensamentos são muito lentos para isso.

E então a fechadura tilinta, a porta abre-se e o Ramsay entra na divisão.

Tem uma garrafa de rum na mão e um prato de peixe. Ignoro a dor da fome e foco-me no prato. Podia parti-lo e enterrar um caco no coração dele,

talvez isso resulte.

– Tenho um pedido de desculpas a dar – diz, trancando a porta atrás de si. – Eu sei que prometi que voltava ontem à noite e quebrei essa promessa. Estava exausto depois do que aconteceu aqui, estafado como nunca me tinha sentido, que adormeci, se é que acreditas.

Avança para mim e agacha-se. Coloca o rum e o peixe ao seu lado, depois agarra-me pelos ombros e puxa-me para eu ficar em pé.

– Não me toques – digo.

Tira as mãos como se eu o queimasse, depois encara-me com olhos solenes, o tom agora mais acinzentado, como a cor de uma lápide.

– E também te fiz outra promessa. Disse-te que, se fosses uma menina bem-comportada, te deixava descarregares em mim, tudo. Que te deixava magoares-me. Estou aqui para honrar essa promessa.

– Não te posso magoar estando amarrada – digo-lhe, sentindo o sabor do metal.

– Eu sei – diz ele baixinho. Leva a mão atrás da minha cabeça e, para minha surpresa, desprende a corrente, que atira para o chão com um tinido pesado.

Uma vez mais, a minha boca explode de dor, uma dor profunda, magoada, por ter sido forçada a manter-se aberta por tanto tempo, mas já sinto os meus dentes de sereia a saírem. O poder está mudando dentro de mim.

Será que ele é mesmo assim tão parvo?, não posso deixar de pensar, quando ele vai de seguida para o meu pulso, desfazendo rapidamente a corda até as minhas mãos ficarem livres. As minhas garras de fora flexionam os meus pulsos rígidos.

– Dá-me – diz ele, encontrando calmamente o meu olhar. – Dá o teu pior. Eu não retribuo.

Engulo com força, a puxar pela cabeça.

– Eu sei que queres. Sei que tens guardado esse impulso, à espera de poderes usá-lo em mim. Sei que o teu lado monstruoso vai ganhar neste caso, porque não tem como não ganhar. Eu mereço a tua ira, Maren. Mereço-a, como a merecem tantas pessoas que tentaram pôr-te numa jaula. Pessoas que te magoaram, te descuraram e te ignoraram. Pessoas que tentaram fazer de ti uma coisa que não eras. Pessoas que usaram o medo para te controlarem. Talvez não possas magoá-las a todas, talvez já tenhas destruído a que mais mal te fez, mas podes magoar-me. E eu também te magoei.

Tu não me magoaste, quero dizer-lhe, o meu orgulho a interferir. Mas a verdade é que ele me magoou. E mais do que isso, estou com raiva dele. Irritada por ele me ter colocado nesta posição entre querê-lo e odiá-lo. Irritada porque quero confiar nele, porque um qualquer ponto quente, bem fundo dentro de mim, *anseia* por confiar nele e, no entanto, sei que não posso.

– Não torno a amarrar-te e deixo-te livre se prometeres descarregar a tua fúria sobre mim – diz ele.

Será outra coisa que o excita, a dor?

Mas não importa o que eu penso, porque sinto a raiva subir dentro de mim, qual tina de água a levantar fervura.

– Pensa na tua irmã – sussurra.

Ele matou a tua irmã.

Isso prime o gatilho.

Uma raiva quente e branca cega-me.

O grito que sai dos meus pulmões pertence a um animal ferido. Agita o ar, quebra o vidro da vigia e eu ataco-o, de garras para fora.

Vou para a cara dele, a gritar. O seu lindo rosto, tão belo. Arranho nele as garras, cortando-lhe a sobrancelha, o olho, arrancando-lhe a ponta do nariz. Vou para o outro lado, fazendo o mesmo. Grito e grunho e despedaço-o, vezes sem conta, até ele ter pior aspeto do que o Sedge. Tem a cara desfeita em tiras descaídas e já não está reconhecível. É apenas osso e músculo e pele ensanguentada.

E sinto algo descer sobre mim. Julguei que seria vergonha, eu *devia* sentir vergonha, eu devia ficar horrorizada e, no entanto, há algo tão sombrio e desafiador e mau dentro de mim, um monstro para vencer todos os monstros.

Atiro-me a ele com a bocarra a morder o ar e abocanho-lhe o pescoço, em grande medida como ele me fez a mim ontem à noite, vira-se o feitiço contra o feiticeiro. Mas enquanto ele apenas bebeu de mim, eu mordo até ao fim, arrancando-lhe um pedaço do pescoço, o sangue a derramar para o chão.

Já terminaste. Para, acabou!, grita uma voz dentro de mim. *Vais matá-lo!*

O Ramsay balança sobre os pés, um caos de um homem e eu pergunto-me se terei ido longe demais. Talvez ele não seja tão invencível como me levou a crer.

– Ainda estás zangada? – diz ele, através dos lábios esfarrapados, com uma voz crua e não humana. – Continuas cheia de raiva?

Começo a pestanejar para conter as lágrimas, com um surto de emoções precipitando-se para a superfície.

– Sim – digo, mal conseguindo respirar agora. – Continuo zangada. Que os deuses me ajudem, eu não quero estar tão zangada.

Ele parece refletir sobre o assunto, mas já nem lhe consigo ver os olhos, são meras massas escuras ensanguentadas.

– Depois tentamos de novo, noutro dia. Agora, se me dás licença.

O Ramsay vira-se, instável, e encaminha-se para a porta, com as mãos à frente do corpo como se não conseguisse ver de todo, como se eu o tivesse cegado.

– Vou mandar o Sedge tomar conta de ti – diz, fazendo uma pausa à porta. – Por favor, não lhe faças o que me fizeste a mim. Eu mereço toda a tua ira, Maren. Ele não.

Sai da divisão, trancando-a atrás de si, talvez para me impedir de destruir todos os outros no navio.

Fico a olhar para a porta por um momento, apavorada por agora estar

sozinha, sozinha comigo mesma, com este monstro, e olho para as mãos trêmulas, para as tiras de carne dele debaixo das minhas unhas, a pensar no que fiz.

A pensar no que me tornei.

* * *

Fiel à palavra do capitão, o Sedge veio mesmo visitar-me. Trouxe-me um balde, mais peixe e outra garrafa de rum. Eu não lhe disse uma palavra, nem sequer conseguia olhar para ele. Quando se foi embora, peguei na garrafa de rum e despejei-a sobre as mãos e a boca, tentando limpar a carne e o sangue. Depois, peguei na garrafa que o Ramsay me trouxe antes e bebi. Bebi até perder a consciência e desmaiei no chão.

Os meus sonhos não foram amáveis comigo, mas a verdade é que não tinham de ser. Sonhei com a Edonia e com o Kraken e a Asherah. Com o Ramsay e o Sterling e o Aerik. Sonhei que fui capturada por uma sereia-esqueleto e arrastada para o abismo. Sonhei ver o meu pai morrer de coração partido e a minha mãe cativa num tanque como aquele onde estava a minha irmã.

Acordo a sentir-me pessimamente. Vou a rastejar até ao balde no canto e vomito lá para dentro, o estômago às voltas por causa do rum, assim como da tomada de consciência do que fiz ao Ramsay.

Ele queria. Queria que eu descarregasse a minha fúria nele, usou essas palavras.

E, no entanto, a única coisa que eu quero fazer é chorar. A vergonha que me assola é tão grande. Quero abraçar o monstro que existe em mim, quero ser mortífera e poderosa para que nunca mais ninguém me possa fazer mal.

Mas eu não quero fazer-lhe mal. Porque embora ele tenha feito coisas que me fazem odiá-lo, embora a maneira como me trata vacile entre a ternura e a brutalidade, oscilando como a maré, receio estar a começar a gostar dele. Quando me disse que poderíamos ser um rei e uma rainha do alto mar, uma parte secreta ao fundo do meu ser inchou de alegria. Eu queria isso, exatamente isso. Ter um homem que me vê como sua igual, não como alguém para apoucar ou espancar.

Seremos agora iguais? O Ramsay nunca foi violento comigo. A marca do ferro foi dura, mas fê-la para minha própria proteção. Nunca me bateu nem açoitou nem me causou propositadamente dor que eu não quisesse ou de que não gostasse.

Mas *eu* sim. Magoei-o, arrasei-o. E acho que ele não gostou. Creio que a loucura em que me perdi, a raiva que me consumiu como uma besta, creio que lhe causei grande sofrimento.

E ele deixou-me fazê-lo, simplesmente. Queria que eu o fizesse. Não gostou, foi tudo para mim, para que eu pudesse finalmente ver-me livre da raiva dentro de mim.

Só que não funcionou. Continuo zangada, com este buraco fundo a

apodrecer dentro de mim, e agora sinto-me assustada e com vergonha. Assustada porque... e se eu estraguei alguma coisa entre nós? E se eu o marquei e o assustei? E se essa linha ténue de respeito que parecíamos ter um pelo outro tiver sido rasgada como o foi o rosto dele?

O que acontece então?

O que acontece a seguir?

Cuspo no chão e limpo a boca com a ponta da camisa, depois rastejo pelo vidro partido da vigia e pego num caco irregular. O vento assobia pela janela estilhaçada enquanto reviro o caco de vidro nas mãos. Julguei em tempos que esta seria a minha saída, porque não podia viver com os meus arrependimentos. Agora, tenho mais um a acrescentar à lista.

Então, a porta abre-se.

Sustenho a respiração quando o Ramsay aparece.

Antes de poder sequer vê-lo bem, ele acorre para junto de mim num borrão de velocidade e tira-me o vidro irregular das mãos, agarrando-me pelos pulsos, as minhas mãos viradas para cima.

Fita-as de sobrolho franzido, talvez com medo que eu faça mal a mim mesma.

Mas eu estou a olhar para ele.

Para o seu lindo rosto, belo e encantador.

Voltou ao normal. Está coberto de ténues linhas vermelhas, ligeiramente empoladas em algumas áreas, mas o seu rosto sarou e está novamente inteiro. Os seus olhos são maravilhosamente límpidos, o crepúsculo no mar, e não posso evitar o sorriso que isso me traz.

– O que estavas a fazer? – sussurra duramente, e o seu olhar fixa-me no lugar.

Limito-me a sacudir a cabeça, as lágrimas acumulando-se na parte de trás da minha garganta.

– Estás bem – digo. – A tua cara...

Ele consegue fazer um sorriso duro.

– Eu disse-te que ia ficar bem. A questão é: tu estás bem?

Liberto uma mão da sua e levo-a à maçã do rosto dele, os dedos percorrendo-a suavemente, descendo depois o vazio da bochecha e o maxilar forte, onde os pelos da barba me arranham a pele, até à covinha do seu queixo. Os seus olhos fecham-se e ele respira bruscamente ao meu toque.

Depois, passo os dedos pelos seus lábios benditos, que tão bem me sabem agradar, e então ele move a cabeça para o lado, para depositar um beijo delicado na palma da minha mão.

– Estou bem – diz ele baixinho, mas com firmeza, olhando agora para mim.

– Causei-te dor – digo, e ele levanta a minha outra mão e beija-me o pulso, provocando a terna sensação de uma vibração no meu peito. – Fui um monstro.

– Eu sei – diz ele. – Mas és o meu monstro, Maren. A minha feroz

criaturazinha. Fizeste o que nasceste para fazer e o que eu te disse para fazeres.

Ergo uma sobancelha.

– Tens sempre de estar no controlo, não é?

– Sim – diz ele. E eu precisava que te libertasses das algemas que mantêm o teu monstro sob controlo.

Sacudo a cabeça.

– Eu não quero. Não quero ser um monstro que te faz isso.

Ele sorri de alívio, com o olhar estagnado nos meus lábios.

– Devo admitir que é um alívio, porque não quero passar por isso de novo. Já tive a minha quota parte de dor neste mundo, mas esta levou o prémio.

– Desculpa. – Estremeço, sentindo uma intensidade no peito.

– Não peças mais desculpa, ‘morzinho – diz-me, e pega-me na mão e aperta-a. – O que já está, já está.

– Foi um erro – digo, envergonhada.

– Não existem erros. Apenas escolhas que nos levam por um caminho diferente. – Pigarreia. – Seja como for, agora sei que podes continuar a odiar-me, mas não me queres morto. E isso, meu *cearban*, é um alívio.

– *Cearban*? – repito, tentando imitar o sotaque escocês. – Já usaste essa palavra uma vez. O que significa?

– «Tubarão», em gaélico – explica ele. – Tubarão-peregrino, para ser mais específico.

Franzo a testa.

– Tubarão-peregrino? Mas nem sequer têm dentes.

– Sim. – Rasga um sorriso. – Mas, têm uma boca enorme.

Rio-me e ele estende o braço, para me tocar no fio.

– Queria perguntar por isto – diz, pensativo. – Era do teu amigo tubarão? Nill, não era?

Aceno com a cabeça, satisfeita por ele se lembrar do nome.

– A única parte desse mundo que me resta. A Edonia deixou-me ficar com ele de propósito. É uma maneira de me torturar, acho eu, mas dá-me fé quando parece que estou a perdê-la.

– Sabes que vai ter a nossa vingança, não sabes? – pergunta ele, os seus olhos procurando os meus. – Eu prometo-te.

Aceno com a cabeça.

– Só se continuares a alimentar-te de mim.

Ele esfrega os lábios um no outro, o sobrolho enrugado de preocupação.

– Eu nunca mais vou fazer isso, Maren.

– Porque o que bebeste vai sustentar-te.

– Não – diz, abanando a cabeça. – Embora tenha sido incrível, o poder que me deu durou apenas o resto da noite. Quase me sinto de volta ao normal. E é uma pena, porque me tinha dado jeito o poder adicional da cura. Assim, sinto-me bastante feio. – Gesticula para o rosto.

– Nunca podias ser feio – dou por mim a dizer.

– Pois, provavelmente continuas bêbeda – diz ele, olhando para as garrafas vazias.

– Alimenta-te novamente de mim – imploro, surpreendida com as palavras que me saem da boca.

Ele levanta a cabeça.

– Já te disse. Nunca mais o vou fazer. Não é justo para ti e eu quase perdi o controlo. Não sei o que faria se acabasses morta por causa da minha própria falta de disciplina.

– Não me importo. Posso defender-me contra ti, agora já sabes. Eu aguento. Se precisas mesmo de mim para a tua vingança...

– A *nossa* vingança.

– A nossa vingança, então faz isso. Usa-me. Deixa-me ajudar de alguma forma.

Ramsay passa a língua pelos dentes.

– Deixa-me pensar no assunto.

– Se eu te estou a dar consentimento e se consigo lidar com isso...

Um sorriso escapa-se-lhe dos lábios e ele passa a mão pela cara, estremecendo um pouco quando passa sobre as feridas recentes.

– Eu e o meu pai tivemos uma relação complicada, como tenho certeza de que todos os rapazes têm, mas a única coisa em que concordámos foi que nunca beberíamos sangue se não precisássemos. Ele ensinou-me esses princípios e eu agarrei-me a eles com determinação. São os mesmos princípios que deu à sua tripulação do *Nightwind*, antes de se tornarem a minha tripulação.

Isto surpreende-me.

– O teu pai era o capitão do *Nightwind*?

– Sim – diz ele. – Não por muito tempo, mas o navio foi originalmente dele, antes de ser meu. O meu pai nasceu em Itália e era filho de um marinheiro, Alberto Battista, e mais tarde saiu de casa para se tornar corsário na Escócia, onde conheceu a minha mãe. Eu cresci num navio com o Thane e a minha mãe. Viajei para toda a parte que possas imaginar. Era mais seguro para nós no mar. Na Escócia, não compreendíamos bem aquilo que éramos. O meu pai tinha começado a chamar-nos Irmandade antes de descobrirmos que havia outros como nós, além da nossa própria família.

Tento imaginar o Ramsay e o Thane em pequenos, a correrem pelo convés como o Henry e o Lucas fazem e eu não posso deixar de sorrir.

– Como é que ele se tornou pirata?

Faz-me um sorriso débil.

– Quando já se vive à margem da sociedade, não é difícil dar o salto para fazer o que é melhor para si e para a sua família. Quando ele soube que havia tesouros a serem retirados dos navios, alinhou. Especialmente navios de Inglaterra, sabes, que já executavam os estatutos de Iona e queriam que eu e o Thane fôssemos enviados para as escolas protestantes no sul. Viu nisso uma

vingança contra um rei que o traiu e nunca olhou para trás.

– Isso é uma infância emocionante – reflito.

– Tens razão. Todos os dias era uma aventura nova. Mas tu eras uma princesa nascida debaixo do mar, portanto imagino que a tua também não tenha sido muito maçadora.

Encolho os ombros. Quero saber mais do seu passado.

– Então ele tinha o *Nightwind*.

– Não – diz ele, o sotaque mais pronunciado quando fala da pátria.

– Teve outro navio antes, mas o *Nightwind* foi o primeiro galeão que capturou ao largo dos Açores. Depois disso, tornou-se a nossa casa.

– Como é que o teu pai e a tua mãe morreram? – pergunto, embora saiba que deve ser um assunto doloroso.

Ele pigarreia e desvia o olhar.

– A minha mãe era humana. Portanto, já sabes. Foi a velhice que a levou. Embora, olhando para trás, eu veja como, de facto, foram dolorosamente curtos os seus anos. Não havia nada de *velho*. Quando se prova a imortalidade, qualquer coisa menos do que isso é mesmo uma pena.

– E o teu pai?

Agora a sua expressão faz-se sombria, o cinzento torna-se duro como aço.

– O meu pai foi executado, por um capitão da marinha que se tornou pirata. O capitão Ed Smith. Depois disso, tornei-me capitão do navio.

Pestanejo.

– Espera, como é que foi apanhado? Porque é que foi morto?

O seu olhar estreita-se bruscamente.

– O capitão Smith fez da caça aos piratas o trabalho da sua vida, mas dedicou-se especialmente ao meu pai. Andou atrás de toda a minha família. Nem todos os que vivem do sangue partilham os mesmos códigos.

– Era um Irmão, como tu?

– Só no nome. Sim, uma criatura como eu, embora duvide que a sua tripulação o saiba. Continua por aí até hoje, ainda a alimentar os seus planos. Mas agora eu alimento os mesmos planos para ele. A Edonia não é o único objeto da minha vingança, ‘morzinho. Fiz a minha quota-parte de inimigos nesta vida e o Ed Smith é um dos piores. O único problema é que, se andamos os dois à caça um do outro, é bastante difícil alinhar um plano de ataque. Mas se eu o vir, podes escrever o que eu te digo, vou matá-lo e fazê-lo sofrer até ao último suspiro.

Pela violência nos seus olhos, não duvido.

De repente, a porta da sala abre-se e aparece um dos esqueletos.

– Capitão! – grita o esqueleto. – Acho que avistámos o *Nightwind*!

Capítulo 28

Ramsay

Olho de relance para a Maren, o meu olhar alternando entre os olhos dela e as suas unhas, sabendo com que facilidade se podem transformar em garras. Eu posso mantê-la trancada aqui para sempre ou posso libertá-la. Já não me preocupa tanto que ela me possa fazer mal, mas preocupa-me que possa saltar para o mar e deixar-me.

É isso que queres para ela, não é? Que seja feliz. Que regresse ao que é. Mesmo que não vá agora, acabará por ir.

A Maren ergue as sobrancelhas para mim e acena subtilmente com o queixo para o tripulante-fantasma.

– O *Nightwind*.

Aceno.

– Sim. Vem comigo, então – digo, agarrando-a pelo cotovelo e puxando-a em direção à porta.

Ela parece surpreendida por ser autorizada a sair, mas não o questiona em voz alta. Em vez disso, olha para a camisa suja que está a usar, com nódoas de sangue meu.

– Há mais alguma coisa neste navio que eu possa usar?

Viro-me para o esqueleto.

– Não terás, por acaso, roupas velhas por aí? Coisas que talvez agora sejam um pouco grandes demais para ti?

O esqueleto inclina a cabeça, parecendo pensar.

– Sim, acho que tenho. – Ele acena para a Maren. – Então vem ver o que temos. Pouca escolha, acho, definitivamente nada para os gostos de uma menina bonita como tu.

Ela olha para mim, em busca de aprovação, e eu aceno.

– Vai. Vem ter comigo lá em cima.

A Maren vai-se embora com o esqueleto. Pelo menos, não tenho de me

preocupar com o facto de ela estar sozinha com ele. Quando muito, preocupo-me com o esqueleto.

Vou para o convés, onde o intendente e o Sedge acenam-me do castelo da proa. O intendente-esqueleto bate com um óculo na palma da minha mão.

– *Avast*, há um navio – diz ele.

Espreito pelo óculo, com a sensação de já ter feito isto, só que foi quando eu estava no *Nightwind* a olhar para este navio. Meu Deus, parece ter sido há séculos.

E lá está ele, o meu glorioso navio no horizonte. A visão faz o meu coração parar uma batida, uma reação muito semelhante a quando, às vezes, olho a Maren. Tem de haver algum tipo de analogia entre o navio do capitão e a sua amante, mas eu não sou poético o suficiente para pensar numa.

A única coisa que sei é que sou tão obsessivo e possessivo em relação ao navio como em relação à Maren e era capaz de viajar até aos confins da terra para reaver os dois. Ambos me pertencem. Felizmente, neste momento, o *Nightwind* está na minha mira e devagar, mas com constância, estamos a aproximar-nos. Quanto à Maren, só espero que o seu pedido de roupas novas não tenha sido um ardil para secretamente fugir para o mar.

Oh, bolas! Era o que ela estava a fazer, não era? Não estava a pedir para usar roupa nova, o que ela queria era afastar-se de mim e do meu olhar atento para poder dar uma marretada na cabeça do esqueleto e saltar da parte de trás do navio, sabendo que quando eu descobrisse a sua tramoia já ela estaria bem longe, no meio do Pacífico e impossível de encontrar.

Dou um suspiro pesado, a perda a afundar-se no meu peito. Eu...

– Viste-o?

Dou meia-volta e vejo a Maren de pé atrás de mim, olhando-me com um olhar aberto e o esqueleto ao seu lado. Traz vestida outra camisa branca enorme, de pirata, com um coldre de pistola à cintura, como se fosse um corpete de couro, e bermudas interiores, largas e pretas. Dobra os pés descalços quando os fito.

– Ainda aqui estás – digo baixinho. – Não saltaste borda fora.

Ela consegue fazer um sorriso rápido.

– Bem, tenho de admitir que quando vi que estavas disposto a deixar-me ir, pensei nisso. Mas também percebi que terei muitas oportunidades mais tarde. Também quero voltar ao *Nightwind*.

Rasgo um sorriso de alívio e entrego-lhe o óculo.

– Vê por ti própria.

Ela põe-se ao meu lado no corrimão e espreita pelo óculo para o horizonte e eu demoro um minuto a absorvê-la. Com o traje de pirata, o cabelo negro a soprar ao vento, até aquelas linhas ténues de guelras no pescoço, está tão bonita que sinto uma dor aguda nas costelas, uma saudade dela que lentamente se foi concretizando. O lugar dela é aqui, ao meu lado, com a brisa do mar no cabelo e o sol na pele.

Contudo, pertence também ao fundo do mar. Como pode pertencer a

ambos os lugares, quando apenas um desses mundos me inclui?

Não te apegues a um pássaro engaiolado se a tua intenção é soltá-lo, penso.

– Não vejo nada, só um pontinho – diz ela, franzindo a testa no óculo. Olha-me de relance. – Tens a certeza de que é o *Nightwind*?

– Tenho – digo, pestanejando para limpar da cabeça os pensamentos teimosos. – A minha visão é melhor do que a tua. É ele.

Viro-me para olhar o resto da tripulação, que se reuniu no convés.

– Avistámos o *Nightwind*! – grito, erguendo o punho no ar. – Mantém o rumo, contramestre! Os restantes, não fazem mal a nenhum membro da minha tripulação, exceto o Sterling McCoy, que se tem autodenominado capitão. Quando nos aproximarmos do navio, vão diretamente ter com ele e tranquem-no no porão até eu saber que castigo aplicar a um cabeça de motim!

– Hurra! – grita a tripulação, erguendo as espadas e os mosquetes no ar. Um deles até levanta um fémur, possivelmente o seu.

– Fazemos-lhe um *keelhaul*! – berra um esqueleto. – Vai arrastado debaixo do navio!

– Pomo-lo a alcatrão e penas! – grita outro.

– Abandonamo-lo numa ilha deserta – diz a Maren amargamente.

Olho-a com curiosidade.

– Achas que sim?

Ela anui.

– Como é que se diz que os piratas fazem? Deixá-los numa ilha só com uma bala? Eu sei que isso não vai acabar com a miséria do Sterling, mas é essa a questão, não é? Deixá-lo algures num areal com uma bala que não lhe serve de nada. Vai passar a eternidade a morrer de fome, mas sem nunca morrer. Sem sangue, sem comida, sem água.

– Eu não devia ficar espantado com o teu sadismo – digo, a sorrir ao seu cérebro demoníaco. – Se bem que, dada a natureza do mundo, ele acabará por ser descoberto e possivelmente resgatado.

– Então, corta-lhe um membro e ficará inutilizado, de qualquer maneira. Esses não tornam a crescer, pois não? – Mira as feridas que deixou no meu rosto.

– Nunca soube de nenhum Irmão que tenha perdido um membro – admito. – Mas talvez possamos fazer o teste.

Dirige-me um sorriso de satisfação que faz com que o meu sexo fique logo alerta. Sempre nos momentos mais inconvenientes.

Com o vento constante nas velas, o casco rasgando a água em quedas rítmicas, ganhamos velocidade no meu *Nightwind*. Já sei que este navio maldito terá sido avistado pelos olhos sobrenaturalmente atentos da tripulação. A minha tripulação. Deus me ajude, tornarão a ser a minha tripulação. Não consigo imaginar o que deve ter acontecido naquele navio durante a minha ausência, mas sei que aqueles que teriam saído em minha defesa – o Thane, a Sam, o Cruz – podem correr algum perigo. São capazes de

enfrentar o Sterling, mas a Nerissa é o jóquer do baralho. Mas o que é que ela quer com o *Nightwind*? Será que se pôs do lado do Sterling? Será que planeia assumir o comando do navio, ou já o fez? Se ela não pode amaldiçoar os Irmãos para se tornarem mortos-vivos, poderá fazer-nos outra coisa? E, em caso afirmativo, porquê? Estará a agir em nome da Edonia?

As minhas perguntas serão respondidas em breve. O *Nightwind* virou-se de lado para a nossa aproximação.

– Está de lado – diz-me o intendente. – Preparamos os canhões?

Abano a cabeça.

– Não se vai disparar um único tiro contra aquela embarcação.

– Mesmo que disparem contra nós, capitão?

Ranjo os dentes, mas resisto.

– Não. Levamos a surra e embarcamos. Não vamos disparar contra o *Nightwind*, escreve o que eu te digo, ou vais-te ver comigo.

O intendente faz um grunhido de decepção, antes de gritar para o resto da tripulação:

– Agarrem-se bem, rapazes! Selem as vigias! Redes no porão!

Enquanto muitos dos tripulantes correm para baixo para reforçar as laterais do navio contra os pelouros, a Maren olha-me com um sobrolho preocupado.

– Tens noção de que podemos ter de lutar com uma bruxa do mar.

– Tenho noção de muitas coisas, ‘morzinho.

Ela aproxima-se mais e o meu nariz enche-se do seu aroma natural doce, algo que lembra o sal do mar, o sol e o jasmim.

– Porque não te alimentas novamente de mim? – sussurra ela, sem querer que a tripulação a ouça.

Com ela tão perto de mim e o calor que emana do pescoço, não é só a minha pila que tem fome dela, o meu estômago também.

– Não devias provocar-me assim – digo, com voz rouca. – É perigoso para ti e irritante para mim.

– Não estou a provocar – protesta, e eu vejo sinceridade nos seus olhos.

– Leva-me lá para baixo e faz o que tens a fazer comigo.

Não posso deixar de fazer um sorriso torto.

– Estás a ameaçar-me com prazer?

Ela pressiona o meu peito com a mão e ergue os olhos para mim.

– Estou a falar a sério. Toma o meu sangue. Disseste que já passou pelo teu sistema.

Agarro a mão que está no meu peito e aperto-a.

– Também te disse que jurei não tomar sangue se não for preciso. Não preciso dele para derrotar a Nerissa e o Sterling. Vamos guardá-lo para a Edonia, por nós os dois.

Ela não parece muito segura, mas eu falei com sinceridade. Sim, quero o sangue dela. Sim, quero aquela sensação incrível que dele obtive, de ser todo-poderoso e não ter limites, de ser um raio de um deus na terra. Quero aquela

conexão que senti com ela quando o seu sangue se misturou com o meu.

Mas eu sei que não só poderia deixar-me levar num momento inoportuno, como possivelmente a iria drenar. Vejo-o agora nos olhos dela, e ela pode pensar que é só de ter bebido o rum todo, mas eu conheço o olhar de alguém a quem tiraram muito sangue. Não posso enfraquecê-la agora.

O *Nightwind* encontra-se agora a poucas centenas de metros. O contramestre deixa o navio numa posição de lado relativamente ao *Nightwind*, uma posição defensiva. Sempre que consigo ver o meu navio de longe, seja de uma doca ou do bote do navio quando nos afastamos a remar, tira-me o fôlego. É um navio poderoso, pode-se até dizer que grande demais para uma tripulação de piratas como a nossa, mas pertence-nos.

– É deslumbrante, não é? – diz a Maren, admirando-o.

Mas agora estou a olhar para *ela*, o rosado dos seus lábios, a suave curva arrebitada do nariz delicado, as bochechas cheias, salpicadas de sardas que parecem multiplicar-se a cada dia que passa e os olhos dramáticos.

– Sim. Simultaneamente bela e fatal. O único tipo de mulher que me apaixona.

Dirige-me um sorriso rápido, sardónico, não aceitando o elogio. Depois, franze a testa.

– Onde está toda a gente?

Olho de novo para o navio. Estava tão atarefado a admirar as suas linhas que não parei para pensar em como era estranho não haver vivalma no convés.

Forma-se-me um sentimento de terror ao fundo do estômago.

O que aconteceu aqui?

– *Ahoy!* – grito, com as mãos em concha ao lado da boca. – Fala o vosso ex-capitão. Permissão para embarcar e cessar-fogo?!

Mas só obtenho silêncio em resposta.

– E agora? – pergunta a Maren. – Será uma artimanha? Se subirmos a bordo, encontramos uma emboscada?

– Sim, parece ser uma armadilha – diz o contramestre. – Procedam com cautela.

Anuo.

– Não podemos ficar aqui a coçar o grelo. Se não for uma armadilha, a minha tripulação pode precisar de mim, e depressa.

– E se for uma armadilha? – pergunta a Maren.

– Nesse caso, terá de ser momento a momento.

E esperar que os momentos sejam gentis.

Capítulo 29

Maren

A visão do *Nightwind* completamente vazio, os convés desertos, sem tripulação, provoca-me um arrepio na espinha. Onde estão eles? O que lhes fez a Nerissa? Ou o Sterling, já agora? Não parece viável que algum dos Irmãos desse ouvidos a um grande parvalhão como ele, mas posso estar enganada. Se calhar, há décadas de ressentimento purulento entre os membros, talvez até no seio da própria família.

– Firme! – grita o contramestre-esqueleto. – Preparar a prancha.

Alguns membros da tripulação trazem uma prancha de madeira comprida e baixam-na por cima do corrimão até assentar no do *Nightwind*. Ramsay estremece com o barulho, não querendo danos no seu adorado navio.

Depois, dá um comando silencioso com a mão para a tripulação embarcar no navio, movendo-se o mais silenciosamente possível. Não que quem estivesse a bordo não nos tivesse já ouvido, mas enfim.

O Ramsay olha para mim.

– Maren, fica no navio e guarda-o com o contramestre – diz ele, baixando a voz.

Olho para o contramestre e, embora as caveiras da tripulação pareçam estar sempre a sorrir, estas parecem especialmente maliciosas.

– Não me parece – digo-lhe e, antes que ele me possa impedir, puxo-me para cima da prancha e atravesso-a a correr. Normalmente, o meu equilíbrio é atroz por causa das minhas pernas, mas como o mar está debaixo de mim, o mar que eu não temo, consigo atravessá-la com uma graça recém-descoberta.

Dirijo um olhar de desafio ao Ramsay quando me junto a ele, que se limita a abanar a cabeça em resposta.

– Não vale a pena dizer-te nada, pois não, ‘morzinho?’ – Leva a mão ao coldre e saca da pistola, colocando-a na minha mão. – Toma. Pelo sim, pelo não.

Gosto do peso dela nas minhas mãos, se bem que, se for caso disso, estou pronta para arrancar a cara do Sterling com as garras, talvez até a da bruxa também.

Descemos as escadas para o convés escuro e silencioso lá em baixo, o Ramsay primeiro, seguido por mim, o intendente e o resto da tripulação-esqueleto. O Ramsay pega numa candeia e acende-a riscando um fósforo que tirou do bolso e esta é a segunda vez que faz aparecer lume facilmente. Sou obrigada a perguntar-me se será outra magia que a Venla lhe deu.

O *Nightwind* parece diferente, como se tivesse perdido a sua essência durante a ausência do Ramsay. Ele dá vida ao navio e eu sei que o navio lhe dá vida a ele. Aqui, nos passadiços escuros, a sensação é sinistra e fria, as sombras especialmente parecem dançar na chama ondulante e vejo rostos onde eles não existem. Talvez não ajude que, sempre que me viro, veja crânios a sorrir para mim.

Exploramos este convés, depois o próximo, e cada um está vazio, negro como o pecado e num silêncio sepulcral. Continuo a achar que vamos ser emboscados, como se sentisse coisas a observar-me das sombras, mas nada acontece.

Finalmente, vamos para o porão, com as suas diferentes divisões de arrecadação. Aqui em baixo o cheiro é sempre horrível por causa das águas estagnadas, mas agora ainda mais, porque parece não ser esvaziado há algum tempo e eu sei que também há cadáveres em putrefação. O ar é denso de humidade, que se cola à pele, a água desliza contra o casco. O capitão do *Elephanten* costumava dizer que estávamos sempre a oito ou dez centímetros da morte, que é a espessura das tábuas da embarcação. Nunca senti muito isso até agora, apesar de saber que posso respirar debaixo de água.

O Ramsay dirige-se diretamente para o porão principal, onde manteve a minha tripulação e os criados, e nós seguimo-lo de perto. Quanto mais nos aproximamos, pior o cheiro e eu tento preparar o estômago para aquilo que podemos ver. Mesmo que a tripulação não esteja lá, não quero ver o Hodges e o resto dos corpos.

Segurando na candeia, ele respira fundo e coloca a mão na porta.

De repente, ouve-se passinhos a correr, um raspar na madeira, e o intendente deixa escapar um arquejo quando inúmeros caranguejos pretos minúsculos surgem por baixo da porta, dirigindo-se diretamente para nós.

Não param e todos gritamos, um fluxo de patas negras dobradas e pinças a morder o ar, centenas deles espalhando-se pelo convés e, em seguida, subindo-nos pelo corpo.

Passo violentamente as mãos pelo corpo, sacudindo-os, tentando não entrar em pânico quando entram pelas pernas das minhas calças, dentro da camisa, até finalmente aquele enxame deles nos deixa e continua subindo as escadas para o resto do navio.

– Mas que diabo foi isso? – diz o Ramsay, muito ofegante. O seu corpo produz um tremor involuntário, completamente enojado. – O *Skip* vai ter as

patas ocupadas.

Estremeço, ainda a sentir os caranguejos no corpo, embora eles tenham desaparecido na escuridão.

O Ramsay coloca novamente a mão na porta, firma-se e abre-a.

O porão está cheio de corpos.

Os corpos da sua tripulação, empilhados.

Mortos.

Dou um grito de furar os tímpanos e o Ramsay fica a olhar, num estado de choque total, a angústia e o terror a contorcerem-lhe a cara à luz da chama, que brilha nos rostos pálidos e imóveis de Sam, Henry, Thane, Cruz...

– Meu Deus! Não! Meu Deus! – sussurra ele e começa a oscilar sobre os pés.

Estendo a mão para estabilizá-lo e ouve-se uma risada baixa e rica atrás de nós.

Damos meia-volta e vemos a Nerissa atrás dos esqueletos, que automaticamente abrem caminho, com medo dela. Ela sorri para nós maliciosamente, enrolando um pedaço de alga à volta do dedo.

– Bem me parecia que, mais cedo ou mais tarde, haverias de vir – diz ela.

O Ramsay tenta falar, mas não consegue formar as palavras e eu vejo, em tempo real, a raiva dominar e ele correr para ela, de candeia ao alto.

– Para – diz ela, estendendo a palma da mão e o Ramsay fica imobilizado no lugar, lutando contra uma força invisível. – E espera um momento antes de fazeres algum disparate. Olha novamente para a tua querida tripulação.

Olho para trás. Não mudaram de posição, mas mesmo com a luz mais fraca, posso ver que o Henry respira, o peito sobe e desce suavemente.

– Estão a dormir – explica ela. – Um pouco de magia, espero que não te importes. Estavam tão indisciplinados e barulhentos desde que os enfiei no porão que eu precisava de um pouco de paz e sossego.

– Empilhaste-os em cima dos cadáveres – digo-lhe, horrorizada, quando parece que o Ramsay precisa de um momento para recuperar. – Como se fossem descartáveis. Isso é cruel.

– Isso é cruel? Oh, filha. Credo. *Isso* é cruel? É exatamente o que eles merecem! Não sabes que sou uma grande provedora de justiça? Para começar, a razão pela qual existem cadáveres é a tripulação do *Nightwind* os ter colocado lá. – Lança ao Ramsay um olhar de nojo. – Toda a tua espécie é destituída de remorsos, lampreias da terra sugadoras de sangue. Está na hora de alguém lhes dar uma lição. Para verem como é. Talvez mudem de modos.

– O que queres? – pergunta o Ramsay, com o olhar frio e a voz de ferro.

– Nada – diz ela, com um sorriso luminoso. – Agora que estão os dois aqui, tenho tudo o que quero. – Olha para a tripulação-esqueleto. – Têm de me desculpar, meus queridos, mas infelizmente cansei-me de vocês. Já não fazem parte do meu destino. Não, eu vi o meu destino agora na bola de cristal do

Thane.

Ramsay fica rígido ao ouvir estas palavras.

– E o meu destino é aqui – acrescenta simplesmente. Mal vi a visão, soube o que o meu instinto já me estava a dizer, que eu tenho coisas a tratar a bordo deste navio. Naturalmente, abrandei o vento. Talvez reparem que estávamos aqui parados, à vossa espera.

– Não tens coisas nenhuma a tratar aqui – diz o Ramsay com um trejeito da cabeça. – As coisas que tens a tratar são com a tripulação-esqueleto do *Norfinn*.

– *Ossos* – diz ela, alongando a alcunha dele. – Se eu me for embora, não haverá ninguém para levantar o feitiço. A tua tripulação vai dormir para sempre.

– Então, acorda-os – diz ele, remoendo as palavras.

O sorriso dela torna-se recatado.

– Tu sabes como nós, as bruxas, trabalhamos. Queremos retribuição por um favor.

– Então? – pergunta ele, impaciente.

Ela inclina a cabeça.

– Da última vez que estivemos num impasse, ofereceste a tua pessoa. Desta vez, não serve. Eu sei o que quero. A mulher que quer ser sereia. Dás-ma e eu devolvo-te a tua tripulação. Se ficares com ela para ti, a tua tripulação ficará em eterno repouso. – O seu olhar desliza para o meu, com os seus olhos acobreados a brilhar, a desfrutar completamente da situação.

Engulo em seco, sentindo o peso desta decisão. O Ramsay está hesitante, com um turbilhão de pânico e dor nos olhos quando olha para mim. Não quer escolher-me em detrimento da sua tripulação e não quer escolher a tripulação em detrimento de mim. Da última vez que estivemos nesta mesma situação difícil, as coisas terminaram em motim e eu não vou permitir que isso aconteça novamente ao *Nightwind*. Certamente a minha pessoa não vale a vida de toda a tripulação, especialmente a das crianças.

– Eu vou – digo rapidamente, olhando a Nerissa nos olhos. Estou de queixo erguido, a voz firme, e caminho em direção a ela. – Está tudo bem.

– Maren, não! – grita o Ramsay, tentando alcançar-me, mas a Nerissa prende-o no lugar com os olhos.

– Ela voluntariou-se e isso é vinculativo. – Rasga um sorriso para mim, um sorriso bonito, mas ameaçador. – Talvez seja aquela que eu sempre quis. – Estende a mão para mim. – Agora vem, minha filha de cabelos de corvo. Temos muito para conversar.

– Espera – digo, olhando atrás de mim, para a tripulação. – Não vou a lugar nenhum antes de levatares o feitiço. Preciso de saber que posso confiar em ti.

Ela suspira e encolhe os ombros.

– Está bem, mas quando eu levantar o feitiço, isso vai despertar também o Sterling. Está acorrentado num canto, mas é capaz de ser terrivelmente

barulhento.

– Quem o acorrentou? – pergunta o Ramsay.

– A tua tripulação. Afinal de contas, é cabeça de motim, e a tua tripulação é leal.

Depois agita os dedos para o porão e tanto eu como o Ramsay ficamos a ver, de fôlego preso, começarem a mexer-se, os membros a contrair, as pálpebras a bater.

– Vão demorar algum tempo a sair do torpor – explica, depois estende a mão e agarra a minha. É surpreendentemente quente e macia.

Mas eu recuo.

– E eu quero outro favor – digo-lhe. – O nosso companheiro Sedge foi vítima da maldição. Está, neste momento, à espera no *Norfinn*. Eu preciso que revertas a situação. Ele não o merece, nem um pouco.

Tem ar de quem lida com abusadores, mas fecha os olhos e estala os dedos.

– Pronto. Dá-lhe umas horas e deve ficar bem.

– Então e nós? – pergunta o intendente-esqueleto.

Ela ri-se, revirando os olhos para o teto.

– Vocês? Por que diabo haveria eu de reverter a vossa maldição?

– Porque já lá vão vinte anos – diz um deles. – Não achas que já sofremos e pagámos o suficiente?

– Tu sabes o que fizeste – diz ela, com voz dura. – Sabes o que mereces. Eu fiz justiça.

Então ela suspira, os ombros suavizando um pouco.

– Vou libertá-los da maldição – diz ela e, quando todos arquejam em choque, ela levanta a palma da mão, com minúsculas estrela-do-mar gravadas na pele –, *mas* não poderão sair das ilhas às quais estão amarrados. O vosso navio irá sempre mantê-los lá, se por acaso outro navio passar, vocês serão trazidos de volta pela força dos deuses. Viverão lá o resto da vida, que agora é dolorosamente mortal e breve. Residirão apenas na minha ilha, que continua desabitada, para que as pessoas estejam a salvo do vosso comportamento. Duvido que tenham aprendido a lição.

Depois, fecha os olhos e estala de novo os dedos.

– Agora – diz ela, com os olhos abertos e flamejantes, com chamadas douradas. – Volta para o teu navio e iças as velas antes que eu mude de ideias. E assegura-te de que entregas o Sedge ao seu navio, onde pertence.

Embora a tripulação-esqueleto não tenha um aspeto diferente, parecem acreditar nela e aceitar os termos. Começam todos a correr para as escadas, subindo-as com clamor até chegar ao convés superior.

– Nunca digas que não sou justa – diz ela ao Ramsay, depois volta a olhar para mim. – Agora vem. Temos muito para falar.

Puxa-me para os degraus enquanto o Ramsay corre atrás de nós.

– Para trás! – berra ela, girando com a palma da mão para a frente e o grande corpo do Ramsay é empurrado para o chão. Depois, leva-me pelas

escadas acima, até ao convés principal e aos aposentos do Ramsay.

– O que é que a tripulação-esqueleto te fez? – pergunto-lhe.

– Desagradaram-me – responde ela. – Foram transgressores na minha ilha. Saquearam as aldeias, violaram as mulheres. São homens maus. Mereciam este destino.

Não posso argumentar contra isso.

– Para a jaula – diz ela, gesticulando para a cela.

Dirijo-lhe um olhar suplicante.

– Acho que não sabes quanto tempo já passei aí dentro.

– Vou deixar-te sair – diz ela. – Só quero falar contigo sem lutas ou me obrigares a usar a minha magia em ti. Fica cansativo e eu já estou exausta.

– E achas que eu devia ter compaixão por ti? – pergunto.

Empurra-me para dentro da jaula e tranca-me com um aceno de mão.

Viro-me e agarro as grades, odiando estar de volta aqui, mesmo que, desta vez, não seja às mãos do Ramsay.

– O que queres de mim? – pergunto.

– O que queres de *mim*? – contrapõe. – Sabes, Maren, há algo em ti que não bate certo e eu tenho um sentido muito apurado no que toca às pessoas. – Faz uma pausa, puxando o cabelo de algas atrás da orelha. – Mas não és gente, pois são? Não és humana. E é aí que reside o problema.

Endireito as costas, sentindo um arrepio percorrer-me as veias.

– Como assim?

– Tu sabes o que eu quero dizer. Vejo essas guelras no teu pescoço. Ouvi o teu pedido para te transformar em sereia. Vi-te saltar ao mar para salvar o Ossos e ficar debaixo de água durante uma imensidão de tempo. Já para não falar no que as minhas sereias malditas me disseram mais tarde. – Dá um passo na minha direção, até estar encostada à jaula. – Disseram-me que és uma delas.

– Não sabem o que dizem – digo, querendo referir que lhes arranquei a cabeça ao pontapé.

– Sabes sim. Ouviram falar de uma sereia que anda, que negociou com uma bruxa do mar. Que vive entre os humanos, incapaz de voltar à sua forma passada. – Sorri para mim. – Essa sereia és tu.

Um sorriso malévolo alonga-me os lábios.

– Se isso é verdade... – começo.

O meu braço sai disparado por entre as grades da jaula, desta vez não indo para o coração, mas para o pescoço, com as garras de fora, os dentes afiando-se quando os arreganho para ela. – Então, cometeste um erro grave.

Ela arregala os olhos, e as suas mãos vão para as minhas para me tentar arrancar os dedos, mas as minhas garras enterram-se no pescoço dela, extraindo um sangue verde-metálico que escorre em riachos. Fecha os olhos, tentando recitar palavras, talvez um feitiço, e agita as mãos em volta, mas eu não a largo. Aperto mais e mais, sentindo-a ser drenada sob a minha mão.

– Maren! – grita o Ramsay e eu olho rapidamente para a porta, por onde

ele entra a correr.

– Tenho-a nas mãos – digo, trazendo os meus olhos de volta à bruxa. – Agarra-a!

Ele faz uma pausa.

– Tenho reforços. – Diz isto de uma maneira que faz com que eu demore um momento a perceber o que ele quer dizer.

As minhas garras. Os meus dentes. A tripulação não me pode ver assim.

Largo imediatamente a Nerissa, as minhas garras desaparecem em unhas e ela cai ao chão no preciso instante em que o Thane e o Cruz entram a correr, parecendo um pouco em pior estado. Correm diretamente para ela e a agarram-na de ambos os lados, pondo-a em pé.

Ela parece consumida e mal luta contra as mãos que a agarram. Olha para mim como se tivesse magoada, como se eu a tivesse ofendido.

– Oh pá, Maren – diz Cruz, olhando para mim. – Lá que te sabes defender, sabes.

Nem sequer consigo sorrir. Fico a ver o Ramsay tirar uma chave do bolso e abrir a porta da jaula, depois puxa-me para fora enquanto a Nerissa é empurrada para tomar o meu lugar, caindo contra as grades. Vejo que tranca rapidamente a porta com essa chave e os três recuam.

– Como é que isso a vai manter ali dentro? Não vai usar um feitiço e pronto?

– As bruxas não querem que se saiba que o seu poder não é ilimitado – diz-me, com um sorrisinho sardónico. – Já usou muitos dos seus feitiços. E, seja como for, nem todas as bruxas podem desfazer todos os feitiços. – Acena com a chave para mim. – Esta chave pode abrir e fechar qualquer fechadura. A minha magia é igual e essa jaula tem um feitiço específico para a impedir de usar a sua.

– E esse fósforo que vi em tua posse?

O Ramsay dá uma palmadinha no bolso, orgulhoso.

– Mais uma magia que me foi dada. Um conjunto de fósforos infinitos capazes de fazer chama a qualquer momento.

– Muito bem – diz a Nerissa com voz rouca, tossindo ao pressionar a mão no pescoço, com o sangue verde-metálico reluzente ao passar-lhe pelos dedos.

– Deixem-me ficar aqui. Já vos disse que queria ficar no vosso navio, seja como for. Porque não nos aposentos do capitão, onde tenho melhor acesso aqui ao Ossos?

– Acho que está na hora de calares a boca, harpia – diz o Thane, descompondo-a.

Os olhos dela iluminam-se quando desliza o olhar para o dele.

– E *tu*. Meu destino. Usei o teu cristal, Thane – diz ela. – Não te perguntas o que eu vi naquela luz roxa?

O Thane grunhe, fazendo um movimento em direção à jaula, mas o Cruz estende o braço e segura-o.

– Deixa-a lá – diz o Cruz. – Eu sei como são as bruxas, e ela é tresloucada como as demais.

– Oh, chamas tresloucada à tua própria mãe, Isaac? – diz ela com voz sedosa, mirando agora o Cruz. – Eu sei que a deixaste na Serra Leoa. Sei que ela própria era uma bruxa, rainha da aldeia. Quanto tens dentro de ti da magia do sangue dela, ó formoso?

– Eu não deixei... – começa ele, depois abana a cabeça. Olha para Ramsay e Thane. – Acho que é melhor deixá-la aqui antes que ela tente entrar na nossa cabeça.

Eles acenam com a cabeça e saímos da divisão; o Ramsay fecha a porta dos seus aposentos o melhor que consegue, tendo em conta que disparei contra a tranca.

– A jaula vai confiná-la? – pergunto. – Se calhar, devias pô-la lá em baixo, no porão.

E fora do teu quarto.

– Não me digas que estás com saudades da jaula? – pergunta ele. – Não te apoquentes, ‘morzinho, agora ficas nos aposentos de um oficial. Um quarto só para ti.

É a maneira de ele dizer que vou dormir sozinha.

Mas ele não vai.

Capítulo 30

Maren

Um raio de sol atinge o meu rosto, acordando-me do meu sono, e levo um momento a perceber onde estou. Nunca tinha estado nos aposentos dos oficiais do *Nightwind*, por isso não estava à espera de um espaço tão singular. É muito mais pequeno do que os aposentos do capitão, mas não deixa de estar decorado com bom gosto, com uma prateleira estreita forrada com livros usados, uma pequena bacia e balde, uma pintura de alguma ilha tropical. A vigia fica acima de uma pequena escrivaninha e eu não posso deixar de me perguntar quem se teria sentado ali antes, a escrever cartas ou a registar coisas num diário de bordo.

Sento-me devagar e sorrio ao ver o meu baú, de que já me tinha esquecido completamente. Embora me esteja a habituar a vestir como um pirata, senti a falta dos meus vestidos, da minha roupa lavada que me assenta como uma luva e nunca foi usada por um esqueleto.

Saio do beliche, com cuidado para não bater com a cabeça, e dirijo-me ao meu baú, que vasculho até encontrar a minha roupa interior, uma combinação branca, uma anágua e um par de espartilhos cor de champanhe. Renuncio à crinolina, porque só dificulta o manobrar do navio, depois decido renunciar também ao vestido. É muito quente para o efeito, muito rígido e desajeitado, já para não mencionar que deixei de ter criada para me ajudar com os alfinetes-de-ama. Porque não apenas vestir apenas a combinação? Eu sei que seria visto como imoral usar só a roupa interior, mas já não me resta vergonha nenhuma neste navio e acho que ninguém quer saber.

Decido apertar o espartilho e o peitilho a condizer, já que o meu busto precisa desse apoio, mas quando fico pronta, estou a usar apenas isso, a combinação e a anágua. Decido que a maior parte dos meus sapatos não dá jeito nenhum num barco, por causa dos saltos, e resolvo que, se houver um par de botas masculinas suficientemente pequenas para os meus pés, então irei

usá-las.

Não tenho espelho para me ver, mas, quando termino, sinto-me livre e solta. Sinto que mantenho a minha feminilidade de sereia, mas que estou a fazer as coisas à minha maneira, já sem estar presa na caixinha do que a sociedade diz que devo vestir.

Saio dos meus novos aposentos, passando pelos outros quartos, que pertencem ao Lucas e ao Henry, que partilham o deles, ao Cruz e à Sam e ao Thane, que partilham outro. O resto da tripulação dorme à frente do mastro, num grande espaço cheio de redes.

Depois, dirijo-me para as escadas, passando pelos aposentos do capitão. Sinto novamente uma pontada de ciúmes, por a Nerissa estar enjaulada no quarto dele. Porque é que não está no porão, ou acorrentada ao pé do Sterling? Será que ele a quer lá por outros motivos?

Ignoro essa sensação ácida nas entranhas e subo as escadas para o andar de cima.

É cedo, mas parece que já estão todos a pé e o sol brilha na minha cara, o ar salgado acordando-me logo. Avisto o Ramsay na popa, sentado num banco ao lado do leme, junto do Drakos, o grego, que entalha um pedaço de madeira com uma pequena faca de corte que vejo sempre em sua posse. O Henry observa o Drakos a trabalhar. O Thane está sentado ao leme com o Olhos Doidos e o Lucas, a discutir um mapa e, ocasionalmente, virando-se para ver o que o Ramsay está a dizer.

Estou prestes a ir para lá quando reparo na Sam, que está tombadilho, a acenar-me para ir ter com ela. Está sentada em cima de um caixote virado ao contrário, de pernas cruzadas, com uma caneca alta nas mãos, do que presumo ser café, vestida com a indumentária habitual, com um chapéu tricorne na cabeça.

– Queres um pouco? – pergunta e, em seguida, dá uma palmadinha no caixote, ao seu lado.

Aceno com a cabeça, sentindo-me estranhamente tímida, de repente. Acostumei-me tanto a lidar com os homens a bordo e os seus modos descarados, mas a Sam intimida-me. Talvez por ser tão confiante de si, por ser dona do seu nariz e se marimbar para o que todos pensam. Além disso, já a vi lutar.

Sento-me ao lado dela, que me passa a caneca.

– Toma, bebe um pouco. Depois posso pedir mais ao Sedge.

Digo-lhe um grato «obrigada» e bebo um gole de café.

– É forte o suficiente para fazer nascer pelos no peito – digo, a tossir. – Como está o Sedge?

– Parece estar bem – diz ela. – A Nerissa reverteu a maldição, por isso parece ter voltado mais ou menos ao normal. Está feliz por estar aqui, embora talvez um pouco traumatizado.

– Aposto que sim – digo.

– Devo dizer que gosto da maneira como estás vestida – diz ela,

mirando-me de cima a baixo. Muito melhor assim, não é? É mais fácil movimentares-te sem essas camadas todas, já para não dizer que é muito mais fresco. – Faz uma pausa, espreitando-me. – E tu, estás traumatizada?

– Eu? – pergunto. – Não, já passei por muito pior. A tripulação-esqueleto era praticamente anjos, em comparação.

– Refiro-me ao Ossos – diz ela, num tom de voz cheio de significado. – Ele disse-me que se alimentou de ti.

Imobilizo-me, os meus ombros enrijecem, depois baixo cuidadosamente a caneca dos lábios.

– Ele disse-te isso?

– Disse – responde ela, recostando-se no corrimão e ajustando a camisa preta. – Então já sabes tudo sobre a Irmandade do Sangue.

– Ele disse-te... *porquê*?

Ela franze a testa.

– Porque tinha fome?

O que eu estou a tentar perceber, sem deixar transparecer nada, é se ela sabe ou não que sou uma sereia. Mas, pela maneira como está a agir, acho que não sabe. Relaxo um pouco e bebo mais um gole de café. O Ramsay tinha prometido que o meu segredo estaria seguro com ele e tenho de confiar.

– Ah, se estava, com fome – digo.

– Aposto que sim – diz ela, com os olhos verdes a iluminarem-se. – Então, como foi?

Fito-a, horrorizada, por um momento.

– Referes-te a ele beber ou...?

– Refiro-me às cambalhotas – diz ela, impudica. – Olha, eu sou da Irmandade, independentemente de ser mulher, e sei como se fica quando se recebe o sangue. Sem dúvida que, com Ossos, conduziu ao ato das trevas, pois.

Sinto-me a corar.

– É muito cedo para este tipo de conversa.

– Então acaba o café e acorda.

Faço o que ela diz, a rir, e bebo o resto da caneca. Nunca tive ninguém com quem podia ter este tipo de «conversa de mulher», portanto sinto que devia aproveitar. Aclaro a garganta.

– Não ias acreditar nas coisas porcas e abjetas que saem da boca daquele homem – ofereço. – São de fazer corar um marinheiro.

– Claro que acredito. Olha para ele. – Acena com a cabeça para o convés da popa, onde ele está sentado.

Nesse momento, ele está a sorrir para o Drakos, com ar perverso e bonito.

– Tenho de admitir que, durante um tempo, ficámos preocupados, a pensar que ele podia nunca mais voltar para nós e para o *Nightwind* – acrescenta, com a voz a tornar-se grave.

– Alguém da tripulação pensou seriamente em navegar sob o comando

do Sterling?

– Não, nem perto disso.

– Então, são mesmo como uma família.

– Sim. Não estou a dizer isto apenas como cunhada, mas todos nós confiamos nele com a vida. O Ossos está a fazer o que o seu pai fez, que é fazer um naraz à política e ao privilégio do mundo. Não havia lugar para eles lá e continua sem haver. O facto de fazermos parte da Irmandade e estarmos afastados da sociedade não ajuda. Aqui, no *Nightwind*, estamos juntos e em segurança e temos o nosso próprio mundo para governar.

– Embora seja o Ramsay a governá-lo.

Ela abana a cabeça.

– Como viste, é uma democracia. Podes dizer o mesmo de qualquer outro lugar onde reinem o rei e a rainha? Os sistemas de classes que foram criados para tornar os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Agora até nos dizem que religião temos de seguir, em que *deus* acreditar. Como se pudesses forçar alguém a acreditar. – Abana a cabeça, com repugnância. – Aqui somos iguais. O Ossos lidera-nos, mas todos precisamos de um líder e, no final, nada é contra a nossa vontade. Podemos ser livres aqui para viver a vida que queremos e ser quem queremos ser. Achas que em Glasgow eu teria permissão para usar estas bermudas!? Meu Deus, penduravam-me pelo pescoço por ser esquisita, por isso e por tudo o mais que faz de mim quem sou.

Olho para trás, para o Ramsay, que agora pegou na faca do Drakos emprestada, e está a tentar esculpir alguma coisa numa tábuia de madeira, a rir, e o Henry olha-o empolgado para ver o que ele vai criar.

– Ele é bom homem, Maren – acrescenta com ênfase, inclinando-se para encostar o ombro ao meu. – Pode ser um bocado bruto, mas desculpa dizer-te isto, não o via assim tão feliz há muito tempo.

– Feliz? – pergunto, perplexa. – Presumi que fosse sempre assim.

Não que o Ramsay tenha sido sempre alegre, mas é certo que não tem a seriedade do irmão.

– Às vezes é bem taciturno – observa ela, com um sorriso. – Nada como o Thane, claro, que é um filho da mãe rezingão por natureza. No entanto, antes de chegares, havia uma inquietação inerente ao Ossos. A maneira como cruzávamos repetidamente o Pacífico. Sempre à procura da bruxa do mar, como se isso lhe trouxesse paz. A questão é que, e eu detesto dizer isto, mas mesmo que ele a encontre, não creio que matá-la lhe vá trazer paz. A filha já cá não está e nenhuma vingança a trará de volta.

Anuo, embora não queira que as suas palavras sejam verdade. Será que matar a Edonia me trará paz? Talvez não. Mas eu nem sequer a quero necessariamente morta, só quero as barbatanas e o meu mundo de volta.

Continuo a querer, não continuo?

– E ela também tem o livro – digo. – O livro mágico que a mulher bruxa escreveu para ele.

– Sim, isso também. Mas ele não se dá conta de que o livro é inútil.

Olho para ela com surpresa.

– Inútil?

Ela tira o chapéu e ajusta umas madeixas de cabelo ruivo antes de voltar a pô-lo.

– O que é que o livro vai fazer por ele?

– Não é uma maneira de ele aceder a mais magia?

– É. Mas o que quer ele realmente?

– Quer a mulher de volta – sussurro, tentando ignorar o nó que tenho meu estômago. – O livro pode trazê-la de volta?

Ela dirige-me um sorriso empático.

– Não. Não pode. E eu sei que os Ossos se reconciliou com a ideia da sua morte. Passou muito tempo, Maren. Ele já se conformou. Seguiu em frente. – Ela suspira. – Mas o livro, não. A filha, ele não esqueceu. A dor que sente por ela é profunda. Pois sabe que não pode tê-la de volta, mas pode ter o livro de volta e ele acha que é a mesma coisa. O livro, para ele, é o seu passado. Ele precisa de aprender a conformar-se também com isso.

– E não lhe disseste isso?

A Sam ri-se.

– Credo. Achas que ele ouve alguma coisa do que eu digo? Ele acha que a única razão pela qual me casei com o irmão foi para irritá-lo para o resto da vida.

– E não é assim.

– Não, é só um bónus, se quiseres – diz, com um sorriso que lhe faz uma covinha na bochecha. – Embora te diga que o Thane não foi minha primeira escolha.

Ergo as sobrancelhas.

– Não? Querias o Ramsay?

Ela acena com a cabeça.

– Sim. Queria. Tinha um fraquinho por ele, como tinham todas as raparigas de Port Royal. Sempre que o *Nightwind* entrava no porto, eu esperava conseguir apanhar o Ramsay sozinho. Eu era uma menina de bar numa das tabernas, tinha vindo da Escócia apenas alguns anos antes. Não fazia ideia de que eles eram como eu, o *dearg-diulai*, só desconfiava, como às vezes se consegue perceber de onde uma pessoa é. Temos um brilho, estás a ver? Uma noite entrei furtivamente no navio, a pensar que ia seduzir o Ossos na sua cama. Fui parar à cama errada.

– *Não!* – exclamo sussurrando, olhando para trás, para o Ramsay e o Thane.

Ambos partilham o maxilar forte, o cabelo grosso, estatura e constituição, mas o Thane é três ou quatro centímetros mais baixo e tem a cara um pouco mais quadrada. O cabelo do Ramsay é comprido e castanho muito escuro, ao passo que o do Thane é um pouco mais claro e curto, cortado rente à cabeça. Embora ambos permaneçam congelados nos trinta e cinco

anos, por alguma razão, o Thane parece um par de anos mais velho, embora talvez isso se deva apenas aos seus maneirismos.

– Uma coisa levou à outra e trás! – diz ela, apontando para o Lucas, que está a falar com o pai sobre alguma coisa. – Eu estava de bebé. Mal o Thane descobriu, casámos e eu tornei-me o membro mais novo do *Nightwind*.

– E nunca contaste isso ao Ramsay?

Ela inclina a cabeça para o céu e ri-se.

– Ah, ele sabe. Estou sempre a lembrar-lhe isso. De qualquer modo, ele na altura estava com a Venla, foi um disparate da minha parte, mas eu era jovem e... – Encolhe os ombros. – Acabou tudo bem, não foi? Mais uma razão para eu estar grata ao navio. Uma pessoa podia engravidar aqui fora do casamento sem ser ostracizada e condenada. Não posso pensar em melhor lugar para criar o nosso filho, para ser honesta.

– Ele parece ser bom rapaz – digo-lhe. – Muito educado.

– Sim, e todos o escolarizamos à vez. O Ramsay gosta especialmente do Henry.

– Dá para ver – comento, lembrando-me da cara do Ramsay quando o Aerik ameaçou matá-lo.

– Entãooo – diz ela, arrastando a palavra, enquanto fixa os olhos verdes em mim. – Quais são os teus planos para o futuro próximo? Uma vez que já não pareces ser refém.

Passo os dedos pelo colmilho no fio.

– Não sei. Para ser sincera, nunca na vida me senti tão livre, contudo...

– Contudo, sentes que este navio chama por ti. Sentes que o capitão chama por ti.

Não posso deixar de anuir, com vontade de poder contar-lhe toda a história.

– Sinto. Mas... eu tinha família e uma vida antes de conhecer o príncipe Aerik. Uma vida da qual não faço parte há dez anos. Gostava de ir visitá-los enquanto posso.

– Tenho a certeza de que o Ossos te leva lá.

Pondero a questão.

– Acho que sim. Acabaria por levar. Mas e se for um lugar aonde ele não pode ir comigo?

– Então, parece que vais ter de fazer uma escolha quando esse momento chegar.

Sim, mas é uma escolha da qual nunca mais posso voltar. Se eu conseguir reverter o feitiço da Edonia e recuperar as barbatanas, nunca mais poderei viver em terra. Não vou ter pernas. Terei de viver debaixo do mar e, embora o Ramsay possa sobreviver lá por um breve tempo, eu nunca faria nenhum ser humano (nenhuma *criatura*) viver assim para estar comigo. Seria cruel. Além disso, eu nunca seria capaz de tirar o Ramsay do seu navio. E ele também nunca escolheria isso.

Nem sequer sabes se ele te escolheria, lembro a mim mesma. Não faz

sentido alimentar essa ideia. Lá por teres ido para a cama com ele um par de vezes e ele te ter bebido um pouco de sangue, não quer dizer que estejam destinados a algo mais do que luxúria. Além disso, ele tem um fraco por bruxas e talvez não seja por acaso que a linda Nerissa está enjaulada nos seus aposentos e sejas tu quem dorme sozinha.

De repente, avisto um movimento laranja no convés e fico grata pela distração.

– *Skip!* – chamo o felino, que percorre a base do corrimão com os seus pezinhos de lã.

– Ah, aquele gato nunca ouve ninguém – diz a Sam entre dentes.

Mas o *Skip* olha para mim, mia, e começa a aproximar-se bamboaleando-se à sua maneira. Começa a lembrar-me o Ramsay, autoconfiante e com tendência para deixar as pessoas à espera.

– Eu seja... – diz a Sam quando o *Skip* vem para debaixo das minhas mãos e eu lhe passo ao de leve as unhas no lombo.

– Os animais adoram-me – digo-lhe, a sorrir, passando a mão pela cauda de seda do gato.

– Incluindo o capitão – diz ela.

O coração para por um instante no meu peito e eu pigarreio, sentindo algo leve a crescer dentro de mim.

– O capitão adora a sua tripulação e adora o seu navio.

– E é capaz de adorar mais coisas além dessas. Até uma antiga refém, ex-princesa, ex-espinho ao seu lado.

Reviro os olhos e dou-lhe uma leve cotovelada, que a faz rir.

De repente, os rapazes desatam a rir à gargalhada e nós olhamos para o Ramsay, que esculpiu na madeira o que parece ser um objeto fálico gigantesco. Todos se riem quando ele segura o objeto, e o Lucas e o Henry são os mais ruidosos de todos, enquanto o Thane se limita a abanar a cabeça, de desilusão.

– Oh, céus! – diz a Sam, cansada, a abanar a cabeça. Levanta-se do caixote e, em seguida, puxa-me para que me levante e fique ao seu lado, conduzindo-me, de mãos dadas, até juntos dos homens e dos rapazes.

– Têm a noção de que estão a exhibir uma pila gigantesca na presença de uma princesa? – diz a Sam, quando paramos junto deles, com ela a levantar-me o braço e a gesticular para mim com um floreado.

– Sim, mas é uma princesa de roupa interior – diz o Henry, com uma risadinha para mim.

O Ramsay fica de queixo caído.

– Henry – ralha ele, tentando não rir. – É indelicado apontar isso a uma pessoa da realeza.

O Thane faz um resfolego seco.

– Parece-me que a princesa já não se deixa afetar por essas coisas – diz ele. – De cada vez que a vejo, está um passo mais perto de se tornar pirata. É melhor fazeres com que ela venha para o nosso lado, irmão, ou será mais

difícil devolvê-la à sociedade.

Prendo o meu olhar ao do Ramsay ao ouvir estas palavras, e ele sustém o meu olhar, sugando-me momentaneamente para a tempestade que habita os seus olhos azul-escuros.

Queres-me do teu lado?, penso. Estamos do mesmo lado?

Não consigo ler os olhos dele em resposta. Mas sei que quando ele me olha assim, com tanta intensidade, está a ver tudo de mim, até as partes que estou acostumada a esconder. E quer seja algo de que tenho vergonha ou não, ele vê-o.

E lembro-me de que, em tempos, isso foi tudo o que eu quis.

Capítulo 31

Ramsay

– Estás a ter um pesadelo – diz uma voz baixa, rompendo o abismo negro da minha mente.

Abro os olhos e o pesadelo desvanece, embora os sentimentos permaneçam alojados no meu peito como alcatrão preto, deslizando pelas minhas veias como um pavor invasivo.

Olho para o canto da sala, onde a Nerissa está sentada na sua jaula, os olhos brilhando no escuro como faróis, olhando diretamente para mim. Fico com pele de galinha no pescoço.

Pigarreio.

– Desculpa teres tido de assistir a isto.

– Mmmm – murmura ela. – Não foi só ter assistido, eu vivi-o. Eu estava contigo no teu sonho, como tu.

Tento lembrar-me, mas não consigo trazer à memória a imagem dela lá. Não me lembro de nada do sonho, mas sei que era o mesmo de sempre. A única questão é: eu estava a sonhar com a Hilla? Ou era a Maren?

– É uma coisa que costumas fazer? – pergunto, ociosamente, lançando as pernas para fora da cama. – Invadir a mente dos outros?

Ela faz um ruído de desdém.

– Eu não invado, Ossos, a menos que seja uma emergência. Eu estava no teu sonho, quer quisesse, quer não. A tua pessoa tem um apelo, como todos os da tua espécie. As vossas mentes puxam-me, da mesma maneira que às vezes espreitas a mente dos outros. – Faz uma pausa e, pelo luar que entra pela janela, ela sorri e os seus dentes brilham. – Vi a minha irmã no teu sonho. Vi um dos Kraken dela.

Engulo em seco, pouco à vontade.

– Quem é a tua irmã?

– A Edonia.

Sinto que todo o ar do quarto foi sugado.

– És irmã da Edonia?

Ela acena devagar com a cabeça.

– Sabias da Venla?

Outro aceno lento.

– A Venla era a tua mulher. Também era minha meia-irmã. Eu *amava* a Venla – diz ela, fechando as mãos nas grades da jaula. – Partiu-me o coração que tenha morrido. Se ela fosse uma bruxa do mar de sangue puro, teria sobrevivido.

Sinto que isto deve ser um truque qualquer.

– Não acredito em ti – digo, com respiração árdua.

– Nem tens de acreditar – diz ela. – Mas pergunta-te porque estou aqui.

– Tenho-me perguntado. Tenho-te perguntado e dizes-me sempre que é o destino.

– É o destino. E tu não tens de acreditar em mim nem nele, mas o destino acredita em ti. Em todos vocês.

Passo as mãos pelo rosto. Tenho a sensação de que ela está sempre a entrar-me na cabeça. Não se pode confiar nas bruxas, a Venla era a única exceção à regra.

– Preciso de apanhar ar – digo-lhe, saindo do quarto.

Não posso trancar o quarto porque alguém, e por alguém refiro-me à Maren, arrancou a tranca com um tiro de mosquete em algum momento, mas espero que a magia continue a mantê-la na jaula.

Subo para o convés superior e sinto imediatamente o coração acalmar e a minha respiração voltar ao normal. O céu é grande e escuro, apesar da lua e das estrelas, com nuvens baixas ao longe, a virem na nossa direção. Também está tudo sossegado aqui, apenas com os murmúrios do Remi e do Horse no leme, a fazerem a sua vigia noturna, a *guardia de modorra*. A batida constante do vento nas velas e a chapa das ondas são os únicos outros sons que se ouvem.

Suspiro e fito o céu, sentindo-me imensamente impotente. Não se trata de um sentimento que eu alimente, na verdade é raro. Mas sinto que agora há complicações na minha vida onde não havia antes e não sei bem como tudo vai acabar no final. Depois da morte da Venla, mas especialmente depois da da Hilla, perdi uma das minhas melhores mais-valias, a minha atitude positiva. Nos tempos anteriores, eu era otimista, sabia que tudo iria correr bem. Mesmo depois de o meu pai ter morrido, continuei a acreditar que tudo ficaria bem no final, se seguisse em frente.

Mas, depois, a Venla morreu e eu comecei a perder um pouco dessa fé. Não parecia justo que ela morresse pouco tempo depois do meu pai, que eu tivesse de lidar com as duas mortes.

Depois, a Hilla morreu e eu perdi a fé no universo. Perdi a capacidade de partir do princípio de que tudo ia correr bem, porque agora sei que não há garantias. A vida não poupa os murros só por já ter mandado alguém ao chão.

Não deixa respirar só por a pessoa já se estar a afogar. Não há aqui misericórdia. Sou imortal e, no entanto, nem sequer consigo escapar da morte. Há alturas em que ela me cerca de todos os lados.

Nos últimos anos, porém, senti finalmente que regressava ao meu velho «eu».

Mas agora... agora...

Solto uma expiração pesada, o meu olhar perscruta as estrelas, como se nelas encontrasse as respostas e depois...

Encontro.

Ao alto, no cesto da gávea, junto ao topo do mastro, está uma mulher emoldurada por inúmeras estrelas, o cabelo negro como tinta fundindo-se no céu noturno.

– Maren – sussurro, a pensar o que diabo estará ela a fazer lá em cima.

Está tão perto da borda da plataforma, a trinta metros de altura, e parece perto de cair para o que seguramente seria a sua morte.

Dou uma corrida até ao mastro e começo a subir os cabos que levam ao cimo e que balançam enquanto subo, tentando cobrir trinta metros o mais depressa possível.

Finalmente, chego ao topo, com o vento a fustigar-me o rosto.

– Maren – chamo, içando-me até à plataforma.

Ela roda para me olhar, quase caindo para trás, por cima do corrimão baixo, e eu lanço-me rapidamente a ela, puxando-a de novo para dentro.

– O que estás a fazer? – sussurro, e a minha mão cinge-lhe a cintura e puxa-a para mim, de modo a não haver espaço entre nós.

Está apenas de combinação, com o cabelo negro a ondular à volta dos ombros, os olhos arregalados de medo.

– Não conseguia dormir e sempre quis vir até aqui – diz ela, baixinho. – Desculpa.

Engulo em seco, olhando-a no rosto.

– Não peças desculpa. Pregaste-me um susto, só isso.

– Pensaste que eu ia saltar? – pergunta, pousando o olhar nos meus lábios por um instante.

Dirijo-lhe um pequeno sorriso, mas que não é muito tranquilizador.

– No outro dia, vi-te com aquele caco de vidro e... Acho que estou a pensar em como nos conhecemos.

– Quando te dei um soco na cara.

– Quando te resgatei.

Ela desvia o olhar com um sorriso amargo.

– Tu não me resgataste.

– Estavas a afogar-te – relembro-lhe, cingindo-lhe mais a cintura e com a outra mão aberta nas costas dela, mantendo-a colada a mim, como se largá-la agora fosse largá-la para sempre. – Estavas a afogar-te e não te debatias – acrescento. – E não te culpo por isso. Todos os abusos que tiveste de suportar, os arrependimentos que continuam a envenenar-te. São coisas que podem

levar uma mulher à loucura. Pode levar qualquer um à loucura.

– Só que – diz ela lentamente, um vislumbre da língua rosada a sair para lambe os lábios –, só que agora enlouqueci mesmo. – Ergue os olhos para mim, com um olhar feroz sob as pestanas. – Não achas? O que é a loucura, se não raiva? Se não um monstro?

Com uma mão ainda a segurar-lhe a cintura com força, levo a palma da outra, em concha, à sua face. As suas pálpebras fecham-se perante o meu toque, o peito ergue-se com ar.

– Então, se calhar estamos os dois loucos, se a loucura e os monstros são a mesma coisa – murmuro. – Mas podemos ser loucos juntos. Podemos afogar-nos juntos na nossa loucura.

Mexe a garganta ao engolir e eu inclino-me para ela, roçando a ponta do nariz no dela. Sinto o calor dos seus lábios irradiar para o calor dos meus. Ao longe, o trovão estoura e fico com os pelos dos braços em pé com a eletricidade no ar.

– Às vezes... – sussurra ela. – Às vezes, sinto-me a desmoronar-me, devagar, depois só de uma vez.

– Não estás a desmoronar, 'morzinho – digo-lhe, falando de maneira que os meus lábios toquem os dela. – Estamos a encaixar num lugar.

– Esse lugar é contigo? – pergunta ela, a boca movendo-se na minha, mal sendo um beijo.

– O que achas? – digo, e depois elimino o espaço entre nós.

Beijo-a intensa e profundamente, beijo-a com posse. A minha língua desliza para a dela, a sua boca abre-se mais para me acomodar e as minhas mãos mantêm-na no lugar, aqui mesmo comigo, enquanto o beijo nos une de uma maneira tão íntima como o sexo, talvez até mais.

As mãos dela deslizam para os meus ombros, agarrando-me, e o meu coração dá mais um salto competindo com o meu sexo por atenção.

Afasto-me por um momento, tentando estabilizar a respiração, assim como as ideias, e repouso a testa na dela, fresca do ar da noite.

– Há tanto tempo que não me sentia assim por alguém – murmuro, as emoções demasiado fortes para se manterem submersas por mais tempo.

– Como é esse «assim»? – pergunta ela, com a voz sussurrante, rouca, esperançosa.

– Como se fosses a lua e eu as marés e cada pensamento, cada necessidade, cada desejo, fosse atraído para ti, Maren. – Dou uma gargalhada para mim mesmo. – Tens razão, isto é loucura, estou a afogar-me e não quero saber.

Desta vez, beija-me ela, as mãos descendo pelas minhas costas, apertando-me contra si, o meu pénis em riste contra a sua anca; o tecido fino que ela usa não confere a mínima proteção contra o calor da minha tesão.

Com um grunhido, baixo o braço para lhe levantar a combinação até à cintura, deixando-a nua em baixo, depois pego-a nos braços e afasto-a do corrimão rodando-a, para que fique pressionada contra o mastro que se ergue

no centro da plataforma.

– Deixa-me afogar-me em ti, deixas? – pergunto, e baixo-me entre as suas coxas, enquanto lhe mantenho o corpo pressionado contra o mastro.

Ela grita quando a minha boca encontra a sua rata e os meus lábios e língua começam a devorá-la, saboreando o sabor, esse tónico de água do mar. A tempestade rebenta de novo, desta vez mais perto, mas o único relâmpago que sinto é a maneira como a sua pele quente e viscosa derrete na minha língua, emitindo choques de necessidade diretamente para o meu sexo.

– Ramsay – diz ela por entre um gemido quebrado, enterrando os dedos no meu cabelo solto, as coxas a apertar-me a cabeça. Continuo a comê-la, provocando-a onde está quente e intumescida, círculo após círculo, com movimentos seguros da língua, deslizando em seguida na zona dolorosamente molhada e empurrando a língua para dentro dela. Fodo-a assim, desta maneira selvagem, descuidada e crua, até me começar a doer o maxilar e ela ficar tensa em redor de mim.

Os trovões ribombam, ainda mais perto, e depois ela solta-se, a tensão dentro de si estala como um chicote. Aperta em torno da minha língua, e logo depois aperta as pernas em torno da minha cara e dá pinotes descontroladamente contra mim, os seus gritos engolidos pelo vento que se levantou. As mãos puxam o meu cabelo, empurrando-me mais fundo dentro de si e, em seguida, quando tem os membros a tremer e os meus sentidos são inundados pelo gosto e pelo cheiro dela, endireito-me.

Tiro a pila para fora com um movimento rápido, depois mantenho a Maren no lugar enquanto a penetro. É tão apertadinha que reviro os olhos até à parte de trás da cabeça, a respiração embargada no peito, o meu corpo em esforço.

– Meu Deus! – sussurra ela bruscamente e eu sinto-me um deus, pela maneira como estou dentro dela, a maneira como sou capaz de fazê-la olhar para mim como se *eu* valesse a pena ser adorado.

Sinto a primeira gota de chuva no pescoço e o vento começa a ficar mais forte, chicoteando o nosso cabelo e enfunando-me a camisa. É como se tentasse acompanhar a nossa ferocidade.

Tenho-a presa ao mastro, a perna dela enroscada à volta da minha anca e tenho uma mão a deslizar até ao seu clítoris, seguramente ainda sensível. Mas ela só geme e começa a empurrar as ancas para a frente, ao encontro das minhas investidas, e a sua boca está no meu pescoço, a beijar-me, a morder-me, a lamber-me. A força do vento é agora constante, como várias mãos a segurar-nos por trás e a empurrar-nos um para o outro.

– Continuas a pertencer-me – digo, com voz rouca, ao seu ouvido, o meu sexo tão fundo dentro de si que é como se ela me apertasse, como uma luva pequena demais. – Serás sempre minha.

– Isso é o que vamos ver – diz ela, e morde-me o lóbulo da orelha, provocando um ronco baixo do fundo do meu peito.

Com um grunhido, estendo o braço para baixo e agarro-lhe a anca onde

se encontra a minha marca.

– Queres vê-la? Está mesmo aqui, 'morzinho – digo-lhe, e depois invisto contra ela, sentindo-me selvagem e implacável à medida que vou mais fundo, onde ela está quente e molhada, apertada e pronta, e possuída como nunca na vida.

Um relâmpago rasga o céu, seguido por um estrondo ensurdecedor de trovão, e ela grita, estridente, quando eu começo a deslizar o polegar nela, ao mesmo ritmo das minhas ancas.

A chuva cai agora com mais força, fustigando-nos, e ela inclina a cabeça para o céu, a boca aberta num gemido voraz. Estou mais rápido, mais fundo e mais intenso do que nunca e enquanto a sinto apertar-se à minha volta e o prazer percorrer-me as veias, sei que é aqui o meu lugar, a afogar-me nesta loucura com ela. Dois monstros que encontraram a respetiva alma um no outro.

É tarde demais para mim, penso, ao penetrá-la até ao fim, agora com uma mão em concha no seio dela, a puxar o decote da combinação para lhe poder chupar o mamilo entre os lábios. Não posso fingir que ela não é o que eu quero ou o que sempre quis.

Ela solta outro gemido profundo e eu tenho uma vaga consciência de ter a tripulação trinta metros mais abaixo, no convés, e de que podem estar a ouvir-nos, a ver-nos, ou talvez de que sejamos engolidos pelo trovão, o vento e a chuva. Seja como for, não tenho a capacidade de me preocupar com isso neste momento. A única coisa que quero é que mergulhemos os dois juntos no êxtase.

A tempestade fustiga-me deixando-me num frenesim e invisto cada vez com mais força e mais depressa, o seu calor viscoso envolvendo-me como veludo. Sinto o meu orgasmo crescer e solto um grunhido baixo e profundo quando sou dominada pelo prazer, e o meu alívio chega com fervorosa intensidade. Martelo-a contra o mastro com tanta força que juro que o navio balança debaixo de nós.

– Maren – grito com a respiração trémula e sinto o corpo dela tremer com o seu próprio alívio, os ruídos inconscientes que produz saindo-lhe por entre os lábios, a maneira como se agarra a mim, como se nunca me fosse largar.

Colapso em cima dela, ofegante e trémulo, completamente saciado, com as emoções ao rubro. Ficamos nesse abraço por muito tempo, banhados pela chuva, que nos limpa, o meu sexo ainda dentro dela. Não quero que nos separemos. Quero ficar fundido dentro dela.

– Ramsay – sussurra ao meu ouvido, e eu levanto a cabeça do mastro para encontrar os seus olhos. A chuva escorre-lhe pelo rosto em fios. – Este lugar será o mais seguro durante uma tempestade?

Rio-me, ainda sem fôlego.

– Pois, acho que não. – Inclino-me para a frente e beijo-a nos lábios, bruto e rápido. – Mas aposto que valeu a pena o risco, não?

Faz-me um pequeno sorriso de satisfação, concordando comigo.

Saio dela e tomo-a nos braços, baixando-a delicadamente na plataforma. A combinação está completamente transparente, os mamilos espetados, e naturalmente estou outra vez com tesão, mesmo ao guardar a pila dentro das calças.

Ela percebe e ergue uma sobrancelha escura.

– Outra vez duro? – pergunta.

– Já viste como tens uma aparência deliciosa? – digo-lhe, trazendo para a minha boca a sua mão, cujas costas beijo. – Há qualquer coisa no facto de estares toda molhada que me põe em chamas por ti.

Ela sorri perante estas palavras e inclina a cabeça novamente para a chuva, estendendo os braços.

– Estava a precisar disto.

– Estás a falar da chuva ou de mim? – pergunto.

Desvia os olhos para mim.

– Ambos. Estava a precisar de ambos.

– Então, talvez possamos secar nos nossos aposentos – digo.

A alegria estampada no seu rosto dissolve-se imediatamente vez.

– Nos teus aposentos não. Está lá uma bruxa do mar.

– Ah! – digo, lembrando-me da Nerissa. Nem sequer quero pensar nela e em todas as coisas que ela disse antes de eu sair de lá. – Bem, os teus aposentos são apertados, mas talvez queiras companhia.

Mas bem vejo que quando trouxe a Nerissa para a conversa, a postura dela endureceu, a expressão facial ficou mais reservada. Não gosto de ver essa expressão nela. Quero que aquela alegria desinibida e animada volte a impregnar-lhe o rosto.

– Durmo melhor sozinha – diz ela, levantando ligeiramente o queixo.

Estudo-a por um momento, tentando perceber a mudança de humor. Sei que odeia bruxas do mar, por um bom motivo, e vai odiar a Nerissa ainda mais se ela lhe disser que é irmã da Edonia. Decido enterrar essa informação por enquanto, especialmente porque desconfio que a Nerissa está a mentir.

– Independentemente de como dormes – digo-lhe –, vou acompanhar-te aos teus aposentos, quer queiras quer não.

Ela resmunga e vira-se, e antes que eu possa oferecer-lhe a minha ajuda, já está a descer a escada de corda, como se já o tivesse feito centenas de vezes. Fico a observá-la por um momento, para me certificar de que ela vai ficar bem, depois começo a descer atrás dela.

Quando os meus pés chegam ao convés, já ela se encaminha pelas escadas abaixo. Passo pelo Remi e pelo Horse, ao leme, que agora se riem de gozo e dão uns gritos encorajadores, limitando-me a fazer-lhes um aceno autoritário em resposta. Não preciso que vão falar disto amanhã com o resto da tripulação.

Sigo rapidamente a Maren escadas abaixo até ao convés principal e ela está prestes a baixar-se para entrar nos seus aposentos quando estendo a mão e

lhe agarro o braço.

– Tens a certeza de que não queres a minha companhia esta noite? –
pergunto, baixando a voz.

Ela dá-me um sorriso rápido.

– Acho que já tenho o que precisava.

Abre então a porta e fecha-a na minha cara.

Capítulo 32

Maren

– Onde está o Ramsay? – pergunto à Sam, pondo a mão em pala sobre os olhos para olhar o convés.

Faltam algumas horas para o poente, o Sol está mais baixo no horizonte, mas continua forte. Apanhei mais sol nestas últimas semanas do que na minha vida inteira e a minha pele começa a revelar isso mesmo, as minhas sardas intensificam-se e a minha tez adquiriu um tom levemente dourado. Sem guarda-sóis para me proteger ou preocupações da rainha sobre ser o mais pálida e imaculada possível, aprecio a mudança na minha pele.

– O Ossos deve estar a ler aos rapazes – diz ela, a jogar gamão no banco com o Cruz, também conhecido como Isaac. – Há de estar nos meus aposentos.

Anuo e dirijo-me às escadas.

Passou cerca de uma semana desde que eu e o Ramsay estivemos juntos no cesto da gávea. Tenho andado a evitá-lo desde então, apenas um pouco, tentando que o meu cérebro trabalhe corretamente. Sinto que as palavras dele estão a começar a corroer a determinação que construí, são uma ameaça aos meus intentos e tudo se complica à medida que a passagem pelo oceano se alonga.

Desde o momento em que, pela primeira vez, pus o pé em terra, há tantos anos, soube que cometi um erro e tenho tentado desde então encontrar alguma maneira de retificá-lo. Eu estava presa, mas continuava a sonhar em voltar a casa, nas profundezas. Quando fui raptada pelo Ramsay, todos esses sonhos começaram a tornar-se realidade. Já não era algo a que eu aspirasse, mas sem esperança, agora eu tinha esperança. O regresso ao meu verdadeiro «eu» e à minha vida antiga estava à vista.

Mas, embora o Ramsay me tenha dado essa oportunidade, ele é também a razão pela qual tudo subitamente ficou tão complicado.

Porque eu não quero deixá-lo, mas não estou destinada a fazer parte do seu mundo. Estou destinada ao mundo em que nasci. E se estamos fadados a separar-se no final, então de que adianta ter os sentimentos que estou a sentir?

Porque eu sinto alguma coisa. Não, não é alguma coisa. Eu sinto *tudo*. Tudo, vindo de todas as direções, e isso ilumina a escuridão que tenho dentro de mim, dá-me um tipo diferente de esperança, faz com que todos os meus arrependimentos valham a pena se, no final, me conduzem até ele. Quando eu olho para ele agora, sinto uma dor cá dentro, este anseio e desejo constante de o ter, mesmo quando está mesmo à minha frente. Sinto-me ligada a ele de maneiras que nem compreendo e que não têm nada que ver com o facto de ele me reclamar como sua.

Eu acho que já o reclamei para mim.

Temo que o meu coração já pense nele como meu.

E agora ele abre-se para mim e eu afogo-me nas suas palavras, na nossa paixão frenética, na maneira como ele me faz sentir; contudo, está uma bruxa no seu quarto. Contudo, terei de me despedir. Contudo, não podemos estar juntos. Contudo, e contudo e contudo...

Mas não quero ignorá-lo mais. Se eu acabar por deixar o seu mundo para ir para aquele a que estou destinada, então isso significa que só temos um tempo limitado juntos. Eu poderia manter a distância dele, como tenho feito, dirigindo-lhe apenas acenos de passagem no convés e desviando o olhar quando ele olha para mim durante muito tempo. Mas, nesse caso, não passaria o resto do meu tempo com ele, como deveria.

Agora sei que, independentemente do que eu faça, quer esteja com ele quer não, vai custar dizer adeus, vai dilacerar-me. Não posso fingir o contrário.

Portanto, agora quero usar todo o tempo que me resta. Aqui no mar, com estes dias calmos e agradáveis, a vida fácil e a tripulação de volta ao normal, estamos a percorrer muitas milhas e eu sei que nos aproximamos de terra, devemos ver a costa da Nova Espanha a qualquer altura.

A viagem está a chegar ao fim.

Desço as escadas e paro à porta dos aposentos do capitão. Se ele estiver na cabine da Sam com os rapazes, os seus aposentos devem estar vazios e eu tenho querido falar novamente com a Nerissa.

Abro a porta e olho em redor, para me certificar de que ninguém me observa, e depois entro.

A Nerissa está de pé, encostada às grades, olhando-me fixamente com olhos calmos, como se estivesse à minha espera.

– Perguntava-me quando voltarias – diz ela, com voz baixa. – Estava a começar a ficar preocupada que talvez não tivesses a consciência pesada.

Dirijo-me a ela e vejo a ligadura que tem à volta do pescoço. Sinto logo uma pontada de culpa.

– Partiste do princípio de que eu era como os sanguessugas – continua ela. – Quando não passo de um ser humano. Bem, uma bruxa, mas ainda

assim humana. E sangro como eles, embora o meu sangue seja verde.

– Estás à espera de que eu peça desculpa? – digo, rigidamente.

Ela rasga um sorriso. É mesmo bonita, de uma maneira sobrenatural. – Não, acho que não. Mas talvez peças, quando perceberes que não estou aqui para te fazer mal, Maren. Estou aqui para tornar todos os teus sonhos realidade.

– Porquê? – pergunto, com desconfiança.

– Sei tudo sobre como conseguiste as pernas – diz ela. – Sabes, é que a minha irmã me contou como te enganou.

Os meus olhos fazem-se grandes.

– A tua irmã é a Edonia?

Ela anui, com o maxilar tenso.

– É. Infelizmente.

Pestanejo, surpreendida.

– Infelizmente?

– Não somos chegadas. Nunca fomos. Eu era mais chegada à minha irmã Venla. – Interpreta a expressão esclarecida do meu rosto. – Ah, conheces o nome. O Ossos falou-te dela? Ótimo, então, isso poupa-nos algum tempo.

– A tua irmã era a mulher do Ramsay?

– Meia-irmã – corrige. – Quando ela morreu, foi como perder uma parte da minha alma. Quando a Hilla morreu, ainda mais. Era a minha sobrinha, a criança mais próxima que eu alguma vez poderei ter. Observava-a de longe, olhava por ela e nunca pensei que a Edonia fizesse uma coisa daquelas com o seu Kraken. Foi quando eu soube que o seu apetite pelo mal não tinha, de facto, limites.

Isto parece bom demais para ser verdade. Não posso acreditar, nem por um momento, que a Nerissa não seja chegada à irmã. Não se pode confiar nela. Em nenhuma bruxa do mar.

– Agora quero o que tu queres – continua ela.

– E que é...?

– Justiça.

– Para quem?

– Para a Hilla. Para ti.

Dirijo-lhe um olhar amargo.

– Para mim? Tu não queres saber de mim. Não me conheces, de todo.

– Mas eu sei o que te foi feito. Se eu conseguir recuperar o livro da Edonia, posso reverter o feitiço.

– Estava a pensar em pedir-lhe que fizesse isso – digo-lhe, cruzando os braços ao peito.

Ela ri-se.

– E achas que ela o faria? Céus, minha pequena sereia. Se a Edonia te vê outra vez, mata-te. Não podes confiar nela para nada, devias saber isso. Vai matar-te por teres sequer a audácia de lho pedir.

– A Edonia usou o livro da Venla para o feitiço? – pergunto.

Ela anui.

Penso no que aconteceu. Embora tenha reproduzido tantas vezes esse momento na minha cabeça, embora eu ainda sinta aquela faca na minha língua, às vezes parece um sonho envolto em névoa.

– Há homens que são resistentes aos encantos das bruxas – digo eu devagar. – Foi o que ela disse quando lhe perguntei porque precisava da minha língua, da minha canção de sereia.

– Homens como o Ossos. Acha que uma canção de sereia o pode atrair, embora eu desconfie que não. Mas não importa. A Edonia odeia-o.

– Começo a pensar que toda a gente o odeia – digo.

– É difícil não fazer inimigos quando se é pirata, especialmente da espécie imortal e sugadora de sangue.

– Poder-se-ia dizer o mesmo das bruxas – relembro-a.

– E das sereias – contrapõe, dirigindo-me um olhar de satisfação. – Sabes, estamos todos em guerra uns com os outros, mas na realidade somos todos muito iguais. Diferentes tipos de monstros, unidos por serem párias do mundo.

– Então, o que queres de mim?

– Quero que me ajudes a conseguir a minha vingança – diz ela, baixando a voz. Quando chegar o momento certo, e tu saberás quando for, quero que me libertes. Posso corrigir os problemas de todos ao mesmo tempo. Posso fazer justiça e corrigir todos os erros.

Franzo a testa perante a confiança dela.

– Sabes que não confio em ti, não sabes?

– Sei – diz ela com um sorriso. – Mas rezo para que, com o tempo, confies. Antes que seja tarde demais. Eu vi o nosso destino, Maren. Eu vi-o, e que os deuses nos ajudem a todos se ficar mais sombrio do que isso.

Quero perguntar-lhe o que viu, mas eu tenho a sensação de que me vai induzir em erro.

Aceno-lhe com a cabeça e saio, fechando a porta dos aposentos. Quando estou fora, respiro profundamente e tento tirar a conversa da cabeça. Eu quero confiar nela, quero mesmo, porque confiar significa ter esperança, mas não posso deixar-me enredar nos seus truques. Se ela for irmã da Edonia, está fadada a ser tão duvidosa como ela.

Embora eu quisesse falar com o Ramsay, não quero interromper as suas lições aos rapazes. Ainda assim, estou tão curiosa e dou por mim a dirigir-me aos aposentos da Sam e do Thane. A porta está entreaberta e não ouço grande coisa, além do riscar de lápis. Abro-a um pouco mais e olho para o interior, sorrindo para a cena. Estão todos de costas para mim e, por um momento, fico a ver o Ramsay olhar por cima dos ombros do Henry e do Lucas, que escrevem nos cadernos.

– É isso mesmo, Henry, meu rapaz – diz-lhe, com uma palmadinha afetuosa no ombro. – O «i» antes do «e».

– Exceto antes do «c» – diz o Henry, orgulhoso.

– Mas só quando o som é «iiiiiiiiiii» – finaliza o Lucas.

– E tenho a certeza de que ainda há mais exceções que desconheço – diz o Ramsay. – Mas isto já vos leva a algum sítio. Agora, se me dão licença, rapazes, fiquem a preencher o resto dessa página, depois corram para o andar de cima para fazerem exercício com o vosso pai. Eu tenho de atender um mirone.

Com estas palavras, o Ramsay dá meia-volta e faz-me um sorriso galante. Os rapazes também se viram, para me verem, surpreendidos. Acho que os sentidos deles só serão tão apurados como os do Ramsay quando completarem trinta e cinco anos.

– Ela continua de roupa interior – sussurra o Henry para o Lucas, que solta uma risadinha.

O Ramsay lança-lhes um olhar desaprovador, antes de se aproximar de mim.

– Maren – diz-me, com uma expressão calorosa mas cauta, quando cruza os braços sobre o peito amplo. – A que devo o prazer da tua companhia?

– Estava a pensar se podia falar contigo – digo-lhe. Nos meus aposentos – acrescento rapidamente.

Ele ergue as sobrancelhas, mas acena com a cabeça.

– Está bem.

Anuo, odiando esta distância entre nós, uma distância que eu criei, e encaminho-me para a minha cabine, sentindo a sua presença imensurável nas minhas costas. Que tola fui, por pensar que este tipo de espaço mudaria, de alguma forma, os meus sentimentos por ele. Quando muito, sinto-me bastante desesperada, que era o sentimento que estava a tentar evitar.

Entro na minha cabine e sento-me na cama, com o cimo da cabeça a roçar o beliche acima. Ele fica à porta, olhando em redor.

– Gostas de estar aqui? – pergunta, ociosamente.

– Muito. Gostava que houvesse um espelho por cima do lavatório. Gostava de ver o meu aspeto antes de começar o dia.

– Posso ser o teu espelho – diz ele, encostado à moldura da porta. E vou ser o primeiro a dizer que és mais bela do que um pêssago. Então, em que posso ser-te útil?

De repente, sinto-me muito pequena e desajeitada. Aponto para a cadeira da escrivaninha.

Ele está prestes a sentar-se, mas eu faço um movimento brusco com o queixo para a porta. Ele vai fechá-la e depois senta-se à minha frente. Agora, aquela expressão cauta e blasé esmorece um pouco e ele une as sobrancelhas, preocupado, ao inclinar-se para a frente, de cotovelos nas coxas.

– O que foi?

– Eu queria pedir desculpa pelo meu comportamento estranho ultimamente – digo, olhando para as mãos no regaço, e estremeço ao ver a sujidade que tenho debaixo das unhas. – Eu sei que tenho sido curta e grossa contigo e queria pedir-te desculpa.

– Maren – diz ele, esperando um instante. Olho para ele, que me dirige um sorriso simultaneamente suave e torto. – Não gosto mesmo nada que peças desculpa. Na verdade, aposto que pedes demais. – Abro a boca para pedir desculpa, mas ele levanta o dedo. – Ah, estás a ver. Aí está. Por favor, para com isso. Não há necessidade, especialmente comigo. Percebes isso, não percebes?

– Sim – digo, e um calor percorre-me o peito, fazendo-me sentir mais leve. A ideia de que eu não tenho de pedir desculpa a este homem é libertadora. Não que eu vá dar ouvidos, não que eu não vá precisar de o fazer, mas, comparado com os anos passados a pedir desculpa até por respirar, é como um tónico para a alma.

– Mas o que eu quero saber é por que razão começaste a ser curta e grossa comigo. Sempre que eu olhava na tua direção, ‘morzinho, agias como se eu nem existisse. Como se não passasse de um fantasma num navio contigo.

Mordo o lábio inferior por um instante, tentando decidir até onde devo falar, se é que devo de todo. Com o seu olhar tão intensamente posto em mim, faz-me sentir muito mais vulnerável.

– Acho que tenho estado... – começo, ainda a evitar os seus olhos. – Que me tenho estado a assustar.

– Como assim?

Lá consigo olhar para ele, ficando cativa do seu olhar cinzento.

– Contaste-me muitas coisas maravilhosas na outra noite.

– Sim – diz ele, passando a mão pelo queixo, com a barba crescida a produzir um som arranhado. – Não sei se achaste maravilhoso ou não, mas eu achei. E fui sincero, se é isso que te preocupada. Eu não faço afirmações falsas no que te diz respeito, ‘morzinho, tu pertences-me de corpo e alma, coração e espírito. – Faz uma pausa e dirige-me um sorriso de tirar o fôlego, que me faz um buraco no estômago. – Monstro, sereia, princesa e pirata.

Sinto as faces enrubescer.

– E agora fiz a senhora corar – diz ele. – Como tinha saudades desse tom rosado em particular. O mesmo dos teus mamilos e da tua ratinha quando lhes pus a língua.

A minha pele arde ainda mais agora e sinto um impulso que nunca senti antes.

Um impulso pecaminoso e desviante.

Saio da cama e ajoelho-me.

Rastejo até ele.

O Ramsay olha-me, surpreendido, quando abro caminho até entre as pernas dele.

– Não me digas que me estás a provocar, ‘morzinho, eu não iria aguentar – diz ele grosseiramente.

– Eu não estou a provocar – digo-lhe, com o coração a começar a bater mais forte. Estendo a mão para a faixa das bermudas. – Há já algum tempo

que te quero dar prazer assim.

Ele engole em seco e pestaneja, deslizando as mãos fortes sobre as minhas e segurando-me no lugar por um momento.

– Promete-me que não usas esses dentes – pede ele. – A não ser que, por acaso, eu goste – acrescenta, pigarreando.

– Prometo – digo, com um sorriso inocente.

Ele solta-me as mãos e eu desabotoo-lhe a aba das bermudas, com as mãos a tremer ao de leve de excitação. Embora o seu membro tenha estado dentro de mim inúmeras vezes, ainda nunca o manuseei com as minhas próprias mãos, muito menos com a boca.

Olho para ele, que me fita com tanta energia bruta que sinto um raio cair-me na espinha, deixando os meus nervos a faiscar.

Inspiro fundo e alcanço a aba, as minhas mãos fechando-se na extensão dura, e liberto-o.

Arquejo. Não consigo evitar. Sinto o peso quente do seu sexo na minha mão, surpreendentemente macio, e de aspeto absolutamente ameaçador.

Ele solto um assobio baixinho, com a pila a estrebuchar nas minhas mãos, fazendo-me agarrá-la e eu juro que fica ainda mais teso com o meu toque.

– Oh, ‘morzinho! – sussurra roucamente, pondo a cabeça para trás.

Não posso deixar de sorrir. Adoro ser capaz de lhe fazer isto, ter este efeito sobre ele. Talvez isto estimule a sereia sedutora que há em mim, mas é diferente, porque não é o meu prazer que procuro, mas o dele. Quero vê-lo com o sexo na minha boca, quero vê-lo entregar-se a mim, ficando tão vulnerável como eu me sinto.

– Porque não te alimentas de mim? – pergunto, percorrendo a extensão do seu sexo com as palmas das mãos, deliciada com a sensação de veludo quente.

– *Cearban*, parece que vais ser tu a alimentar-te de mim – diz ele, com a voz rouca enquanto continuo a acariciá-lo.

– Estou a falar a sério – digo-lhe, estendendo os pulsos como numa oferta. – Porque não beberes o meu sangue agora? Nunca se sabe quando vais precisar – acrescento, pensando no que a Nerissa disse sobre o nosso destino sombrio.

– Porque vais precisar das duas mãos enquanto me fazes esse serviço – diz ele, semicerrando os olhos quando o aperto junto da ponta reluzente.

Mergulho a cabeça e lambo-lhe a humidade, e ele contrai-se, as mãos agarram a borda da cadeira e ele solta um gemido profundo que parece preencher a sala.

– Credo, mulher, vais fazer-me vir já.

Continuo a lambê-lo, com movimentos hesitantes da língua na cabeça escura intumescida, saboreando o gosto salgado da sua essência.

– Se gostas desse sabor, é melhor começares a chupar-me – diz ele, por entre um gemido. – Deixa-me foder-te a boca até te encher a garganta com a

minha semente. Eu sei que és capaz de me ter dentro de ti, mesmo que te engasgues.

Eu também sei que sou capaz. Abro a boca o suficiente para abocanhá-lo e, com mão apertada, faço-o deslizar por entre os lábios molhados. Ele grita e empurra as ancas, de modo que o sexo desce pela minha garganta abaixo e ele tem razão, estou a engasgar-me.

Mas depois ele sai e, quando tenta penetrar novamente os meus lábios, eu tenho controlo da sua extensão, chupo-o ao meu próprio ritmo, com a língua a girar em torno de todos os sulcos quentes. A pila está agora mais quente, como fogo mal contido.

– Maren – diz ele com um grunhido, a pronúncia mais cerrada. – Foda-se! Maren, eu perco-me contigo! Porra, perco mesmo!

Tento dizer-lhe para ter o orgasmo, mas não consigo, porque ele ocupa-me a boca toda. Em vez disso, empurro-o pelo limite, mantendo um controlo apertado com o punho ao mesmo tempo que o deixo investir na minha boca, a ponta da pila a deslizar ao longo do céu da boca, a minha língua a chupá-lo fundo.

– Céus! – berra ele. – Estou-me a vir. Estou-me a vir, ‘morzinho. Meu Deus, tens a garganta apertadinha como a rata, querida. Vou encher-te toda, até entornar no chão.

Quase me engasgo quando ele diz isto, depois as suas ancas começam aos pinotes e a pila tem espasmos e eu sinto um calor molhado disparar dentro da minha boca, pousando na parte de trás da língua e na garganta. Engulo rapidamente. Apesar do que ele disse, não quero nada disto no meu chão.

Finalmente, quando ele parece acalmar, mas ainda com a respiração irregular e rápida, tiro-o da boca, saindo um rasto de saliva entre os meus lábios e a ponta esgotada, e olho-o timidamente.

– Nunca vi nada mais bonito – diz ele, com o olhar saciado preso em mim. – Nunca experimentei nada assim, meu ‘morzinho.

Limpo delicadamente os lábios e cruzo as mãos no regaço, como uma senhora.

– Capitão! – grita alguém do lado de fora da porta.

Ele endireita-se, abanando a cabeça, e enfia a pila na aba. Aclara a garganta enquanto eu rapidamente me ponho em pé e me dirijo à porta, abrindo-a quando vejo que o Ramsay está decente.

A estatura alta do Cruz enche o outro lado da porta.

– Capitão, avistámos um navio. Vais querer ver isto.

Capítulo 33

Ramsay

Pela maneira apreensiva como o Cruz me olha, sem prestar atenção à densa tensão que paira no ar e à forma como estou sentado, percebo que é importante.

Ponho-me rapidamente em pé, ajustando a pila esgotada, que o Cruz finge não ver, e saímos dos aposentos da Maren. Ela segue-me, o que não me incomoda. Gostava que ela estivesse ao meu lado durante todo o dia e toda a noite, embora sinta uma inquietação na barriga relativamente a esse tal navio que eles viram.

No convés de cima, todos estão reunidos no castelo da proa e, quando me aproximo, o Thane está com ar sombrio.

– É a Marinha Real – diz ele, entregando-me o óculo. – Dirige-se mesmo para nós. – Uma batida e os seus olhos brilham num tom âmbar brilhante. – É o Ed Smith.

O meu coração para, alojado algures na minha garganta, e olho pelo óculo. Expiro grosseiramente. Ei-lo. Trata-se do *Pembroke*, um navio de 60 canhões que navega com a bandeira da Grã-Bretanha e é atualmente comandado pelo capitão Edward Smith. Alguém que é membro da Irmandade, mas definitivamente não da nossa tripulação.

– Devia haver outros navios – diz o Thane entre dentes. Onde estão os outros navios da armada?

Levo o óculo ao longo do horizonte, mas não há nada, sem sequer a sugestão de um mastro. Só há o *Pembroke* e navega para nós.

– Eles veem-nos – digo. – Dirigem-se para nós.

– Podemos ultrapassá-los – diz Cruz.

– Não! – digo bruscamente. – Não vamos ultrapassá-los! Ficamos e lutamos!

– Capitão – diz o Thane. – Com todo o respeito, eles têm sessenta

canhões e, muito provavelmente, sessenta artilheiros. Nós temos quarenta canhões e apenas um punhado de tripulantes para elas.

– Tu sabes que este navio não vai afundar – digo-lhe.

– Só porque sabemos quando fugir.

– Está na nossa mira, irmão! – digo, de súbito espicaçado pela raiva frustrada de ter esperado por este momento durante tanto tempo, e viro-me, agarrando o Thane pelo colarinho.

– Temos de vingar o nosso pai. Temos de fazer isto pelo pai!

Porque é que ele não tem a mesma necessidade de justiça que eu? Porque é que não está a espumar da boca para destruir este homem?

A expressão estoica do Thane é suavizada.

– O nosso pai não nos ia querer mortos, mesmo que isso implicasse vingança. Não podes deixar que isto te controle mais uma vez. Tens de aprender a deixar para trás.

Abano a cabeça, a pestanejar para ele, incapaz de me reconciliar com as palavras dele.

– Estás a dizer que devemos fugir com o rabo entre as pernas? Já combatemos navios de guerra antes.

– E, no fim, o vento leva-nos sempre embora. Embora o *Nightwind* não se possa afundar, *nós* podemos. Não estamos todos no nosso melhor e o Smith sabe exatamente como nos matar – diz ele implorando e o seu olhar dirige-se para a Maren, que está atrás de mim. – E temos pessoas a bordo que podem não sobreviver a isto.

– Não te preocupes comigo – diz a Maren, com determinação e o meu coração alegra-se com a sua lealdade a mim. – Eu digo que fazemos como diz o capitão. Nós lutamos. Nós destruímos esse navio e o homem que matou o vosso pai. Que tipo de piratas seríamos se fugíssemos sempre que as coisas ficassem um pouco erçadas?

Meu Deus! Acho que estou apaixonado por ela.

– Isto no *Nightwind* é uma grande democracia, não é? – grito para a tripulação ao soltar a camisa do meu irmão.

Ergue-se um viva.

– E, dado ser uma democracia, aqueles que se opõem à luta, que acham que devemos desviar e fugir, digam sim.

– Sim – diz o Thane, o Cruz e o Drakos. Como a Sam não levanta o braço nem fala, o Thane dirige-lhe um olhar de desdém silencioso, perante o qual ela encolhe os ombros.

– Mais alguém? – grito. – Lutamos, como piratas que somos? Como a Irmandade do Sangue?

Ergue-se um clamor, a maior parte da tripulação está comigo.

– Então a democracia decide. Foi posto à votação. Agora devo perguntar ao meu intendente e ao meu imediato: vão ajudar-me com isto ou faço descer o bote para vocês?

O Thane limita-se a fazer-me uma carranca e a dar-me uma palmada no

ombro.

– Tu sabes que estamos aqui por ti, capitão – diz ele, a contragosto. Depois, vira-se e começa a dar ordens à tripulação e o convés irrompe num caos controlado.

O meu sangue vibra, a minha cabeça ferve e sinto um picar na pele, como se tivesse alfinetes minúsculos a picar-me e os meus sentidos estão a ficar mais claros do que o normal.

A batalha já começou.

– Ramsay – diz a Maren, preocupada, puxando-me para o lado do caos. Alimenta-te de mim – sussurra.

– Não há tempo, ‘morzinho – digo, olhando para o *Pembroke*, que se aproxima rapidamente. Aceno com a mão para as velas acima de mim, para ter certeza de que diminuámos a velocidade para não colidirmos. – Tenho de me certificar de que tudo corre como planeado no convés e que Deus me ajude se eu perder novamente o controlo.

– Eu não te deixo perderes o controlo – diz ela, puxando-me o braço. – Vá lá. Só demora um segundo.

É o que ela pensa, mas é muito mais complicado do que isso. Alimentar-me implicaria deixar o convés, onde sou necessário, e desaparecer com ela lá em baixo, não a melhor imagem para um capitão. Além disso, preciso manter a sua identidade de sereia secreta e isto não vai ajudar.

– Maren – digo-lhe com austeridade, agarrando-a pelos ombros. – É tarde demais. E não importa nada, em qualquer dos casos. Vou matar esse homem e não preciso de ajuda para isso. Vai buscar os rapazes e o Sedge e esconde-os nos meus aposentos.

– Com a Nerissa? – pergunta ela, sem surpresa.

– Ela não lhes toca, eles vão estar seguros com ela – digo-lhe, agora por puro instinto –, e há montes de armas lá.

– Está bem – diz ela, com medo. – Mas volto logo para aqui, para junto de ti.

– Eu sei que não te posso impedir, tubarãozinho teimoso – digo, e puxo-a para um beijo antes de a deixar partir de novo. – Depressa!

Ela sai a correr e eu volto a minha atenção para o convés, tornando-o o mais limpo e arrumado possível, puxo cordas para o lado e ajudo o contramestre a guardar as velas.

O Cruz saca do violino e toca uma música para deixar o coração de todos e seus nervos prontos, então Drakos corre por aí dando tiros de rum. Sei que preciso de fazer o meu habitual discurso inspirador, mas neste momento estou a vibrar com tanta energia nervosa que me está a deixar doente.

Porém, lá consigo, de alguma forma, recompor-me o suficiente para lhes dizer um breve:

– Estamos todos juntos nisto, rapazes. Somos a Irmandade e não recuamos. Estamos a fazer isto por todos os piratas do mundo, pelos pecadores e os párias e todos os demais que têm de ir para o mar para

encontrar a sua casa. E este homem não vai levar a nossa casa! Não, nós é que lhe vamos tirar a dele e a sua vida!

A tripulação responde ruidosamente, um grito de guerra que soa através do navio, e eu reparo na Maren a subir as escadas, com a espada de pirata na mão. Meus Deus, espero que ela saiba usar aquela coisa o suficiente para se defender. No mínimo, que tenha o bom senso de atirá-la para o lado e usar antes os dentes e as garras. Sim, a tripulação veria que é uma espécie de monstro, mas numa situação de vida ou morte pode ser a sua única saída.

– Atiradores, preparem-se para disparar quando eu disser – grita o Thane, seguindo a via de disparar primeiro. As nossas balas têm um pouco de magia extra, que as ajuda a alvejar com mais força e mais longe, algo que o navio de guerra não tem, por isso ser proativo é a melhor linha de ataque quando eles têm mais artilharia.

– Fogo! – grita o Thane e os artilheiros abaixo disparam os canhões, que rebentam com estrondo, sacudindo o navio. Esmagam um lado do *Pembroke*, do tipo que vai disparar carvalho e estilhaços para a tripulação.

– Belos tiros, rapazes! – grito. – Mais uma vez! Depois, mudem para tiros em cadeia ao mastro! Lothar, Matisse, limpar o convés!

Os canhões disparam novamente de baixo, tiros mais certos, enquanto o Lothar e o Matisse levantam os mosquetes de pederneira e disparam contra o convés, as suas competências de tiro aperfeiçoadas, como bucaneiros capazes de matar o timoneiro e outro membro da tripulação antes de precisar recarregar.

Estou a tentar ver se o Smith está à vista no convés superior, mas não o avisto e começam a disparar os canhões para as vigias deles.

Os disparos chegam todos de uma vez, pelo menos vinte a esmagarem a lateral do *Nightwind*, sacudindo o navio violentamente. A Maren cai ao chão, mas eu estendo a mão e seguro-a a tempo, justamente quando as suas próprias tentativas de disparar tiros em cadeia tentam destruir o aparelhamento. Conseguem bater no mastro dianteiro, arrancando a parte de cima, e a vela começa a cair para o convés, levando-me a puxar Maren para fora do caminho.

– Talvez devesse ir lá abaixo – digo-lhe, enquanto as velas batem atrás de nós, evitando por um triz a tripulação.

– Se calhar, vou só sair do caminho – diz ela, deslocando-se para junto de um barril, brandindo a espada de pirata na mão.

Amaldiço o mastro caído. O Lothar fará um trabalho rápido, na qualidade de carpinteiro do navio, mas por enquanto está ocupado a recarregar o mosquete e a dar cabo de mais membros da marinha.

Disparamos mais tiros e o navio da marinha responde na mesma moeda, alguns atingindo diretamente o casco do *Nightwind* e arranjando mais trabalho para o Lothar. Ouço um grito vindo de baixo e percebo que o Remi ou o Horse foi atingido e espero que estejam bem. O Sterling era o nosso principal artilheiro, mas, neste momento, está acorrentado. Demoro um momento a

perguntar-me se valerá a pena libertá-lo, mas decido que não. No estado de espírito em que se encontra, provavelmente sabotaria o nosso navio e ficaria do lado da Marinha Real.

– Sam! – grito por ela. – Vai para o convés dos canhões, podemos precisar de reforços.

Ela acena com a cabeça e começa a correr no preciso instante em que uma bala dispara contra ela, atingindo-a no ombro.

– Ahhh! – grita. Agarra o ombro e faz uma careta de dor, mas depois continua a correr, não deixando que a bala a faça parar. Esta mulher é de ferro.

Mas embora ela possa sobreviver a qualquer bala, a Maren não pode. Olho para ela, para ver se está atrás do barril, mas ela agora brande a pistola que eu lhe tinha dado há uma semana e tenta fazer mira ao navio da Marinha. Quero dizer-lhe que guarde a bala para um combate próximo, mas ela dispara e consegue atingir um dos tripulantes da marinha no pescoço.

Vira-se e rasga um sorriso para mim, encantada com o tiro, e eu fico de peito apertado, de tanto querer esta mulher.

– É assim mesmo, rapariga – digo-lhe, embora ela não me consiga ouvir com este estrépito.

OSSOS.

De repente, estou dobrado sobre mim mesmo, com as mãos nas orelhas ao ouvir a Nerissa gritar dentro da minha cabeça.

OSSOS, ELE TEM-NOS.

– Estás bem? – grita a Maren; vem a correr para mim e põe-me a mão nas costas quando outro pelouro é disparado para o convés inferior, fazendo o *Nightwind* estremecer como uma besta, e uma bala chia por cima da minha cabeça, atingindo um barril de alcatrão atrás de mim.

– A Nerissa – consigo dizer, mantendo-me baixo, enquanto olho em redor da carnificina, o ar enchendo-se de fumo. – Onde ela está?

– Continua na tua jaula, claro – diz ela, parecendo confusa. Fui pôr o Henry, o Lucas e o Sedge aos teus aposentos, como me disseste, e disse-lhes para bloquearem a porta com alguma coisa pesada depois de eu sair. – Ela perscruta o meu rosto, temeroso. – Porquê? Vai fazer-lhes mal?

– Não é com a Nerissa que estou preocupado – digo. Empurro-a suavemente para o lado e corro pelo convés até às escadas, quando outra explosão sacode o barco e eu tenho de me atirar às tábuas, cuja madeira se estilhaça sob meu impacto.

Levanto a cabeça, com os ouvidos a zumbir ferozmente, e olho para trás, para me assegurar de que a Maren está bem. Ela está a levantar-se e a coxear na minha direção, acenando para mim com as mãos para que eu continue o meu caminho. O resto da tripulação parece estar bem, embora o Matisse segure a mão por causa de um ferimento de bala na palma e o Cruz esteja de costas, a gemer, dos últimos tiros de canhão.

Não posso preocupar-me com eles agora. Iço o corpo, corro para as

escadas e vou a cambalear até ao convés principal e direto para os meus aposentos.

– Henry! – grito, tentando abrir a porta, mas, apesar de não haver fechadura, ela não vai abrir, porque algo pesado foi empurrado contra ela. – Lucas! Sedge! Estou aqui!

Olho em volta, à procura do machado de bordo que usamos para esmagar as portas trancadas de navios conquistados, mas não há nenhum à vista, portanto corro alguns passos para trás e lanço-me com o ombro à porta, que quase salta das dobradiças, e algo tomba do outro lado. Recuo e atiro-me contra ela novamente e, desta vez, a porta estilhaça-se sob o meu peso e irrompo nos meus aposentos.

Vejo o Ed Smith de pé diante de mim, as portas da varanda abertas atrás dele, por onde deve ter subido.

Tem duas pistolas nas mãos, apontadas à cabeça do Sedge, do Lucas e do Henry, que estão de joelhos diante dele, de frente para mim.

E estou a sentir o terrível caso de já ter vivido este momento. Mas ao passo que, nessa ocasião, era o príncipe Aerik e tinha o espigão encostado à cabeça do Henry, eu sabia que, de alguma forma, levaríamos a melhor, e assim foi, graças ao Drakos. Desta vez, não tenho tanta certeza. Sinto-me tão inseguro que nem sinto as tábuas debaixo dos pés, como se nada disto estivesse a acontecer e eu nem sequer estivesse aqui.

OSSOS.

Ouçõ a voz da Nerissa na minha cabeça, vinda da jaula, mas não me atrevo a olhar para ela, nem olho para a Maren que sei que está atrás de mim, ofegando suavemente perante a cena diante de nós.

Eu tentei, mas não consegui detê-lo, continua a Nerissa. *Não consigo executar a minha magia a partir da jaula. Desculpa.*

Ignoro-a. Concentro-me nos meninos, na tripulação, e tento gerir o ódio insondável por este homem que tenho diante de mim antes que ele me engula inteiro.

O Ed Smith parece o mesmo de sempre, como sucede connosco, a Irmandade. Mas, embora ele possa não ter envelhecido, o mal teve um efeito nas suas feições, endureceu-as transformando-as em algo reptiliano. Tem o nariz mais pontiagudo, a boca estreita torcida num esgar arrogante e implacável, e usa uma peruca ruiva que salienta o vermelho nos seus olhos castanhos, fazendo-o parecer positivamente demoníaco. O seu navio, o *Pembroke*, está sob o seu comando há dez anos, antes deste era outro, e antes desse era outro. Gostava de saber se ele muda de nome tantas vezes como muda de peruca. Não é fácil não ser reparado quando se está no serviço público e, no entanto, nunca se envelhece.

Sou lambido pela raiva de dentro para fora, um inferno vermelho escaldante que sinto espalhar-me na minha mente, transformando-me em algo cru. Nunca quis tanto matar alguém. Fazê-lo ver-me arrancar a sua cabeça e cagar-lhe no pescoço.

– Capitão Battista – diz o Smith, com pronúncia altiva. – Ou será que devo dizer capitão Battista *Júnior*. Pareces surpreendido por me ver.

– Liberta-os, Smith – digo-lhe, como se as palavras fossem adagas –, e não haverá terás problemas.

Ele sorri com sarcasmo.

– Os teus problemas são bem-vindos, Battista – diz ele. – Lembra-me como és mau com eles. Mal soube pela minha frota que estavas aqui, em curso para terra firme, bem, tive de vir ao teu encontro. Eu sabia que virias a Acapulco, naturalmente, sabia que com as tuas velas mágicas atravessas a direito o oceano, que se lixem os ventos alísios. Só que achei que era melhor lidar aqui contigo do que mais perto da costa. É muito mais arrumado assim, não é?

Agita as pistolas para a minha tripulação.

– Honestamente, nem sequer estou aqui para te matar, Battista. No final, sim, mas agora só te quero fazer sofrer. Sabes, aquilo que devias ter feito depois de eu ter matado o teu pai era desistir do fantasma. Deixar esta vida imoral. Guardar a bandeira da caveira e ossos cruzados e ficar por aí.

Os seus olhos estreitam-se.

– Mas não o fizeste. Viste o que aconteceu ao teu querido e velho pai e, no entanto, decidiste tornar-te capitão do *Nightwind*. Ainda pioraste tudo ao teres uma mulher, uma filha, a bordo. Estes navios não são lugar para crianças, será que não tens decência? Sabes o que passaste, tu e o teu irmão inútil, ao ver o próprio pai ser executado às minhas mãos, e mesmo assim não pensaste nos riscos de os criar aqui?

Os dedos dele agitam-se nos gatilhos e eu olho o Henry nos olhos. Estão tão abertos e cheios de medo e esperança de que o salve, e claro que vou salvá-lo.

Claro que te salvo, penso, antes de olhar para o Lucas, que está a tentar tanto ser corajoso, mas tem o queixo a tremer, e depois para o Sedge que não mostra nenhuma emoção no rosto, apenas determinação. *Vou salvá-los a todos, ou morrerei a tentar fazê-lo.*

– Eles estão mais seguros aqui do que alguma vez estariam em terra, e tu sabes isso – digo, com a voz rouca de desprezo. – A tua tripulação sabe aquilo que tu és? Escondes o facto? Manténs um ser humano para te alimentares dele? Jura manter o teu segredo? Até tu sabes que no navio se tem uma liberdade que nunca se poderia ter em terra. O alto mar é muito bom a guardar segredos, é por isso que guardamos os nossos segredos aqui.

Ele resfolega, desdenhoso, e levanta o queixo, encarando do alto do seu nariz.

– Poupa-me o sermão. As tuas palavras só existem para te fazerem sentir melhor. Mas escreve o que te digo, só terás a ti para culpar depois disto, *capitão*. A morte deles é por tua conta.

Sei o que ele está prestes a fazer antes que o faça.

– Não! – grito, e lanço-me a ele pelo ar quando prime os gatilhos.

Embora saia disparado para ele com a rapidez de um relâmpago, tudo abranda. Vejo as balas dispararem de ambas as pistolas, uma explosão de pólvora flamejante, um tiro um segundo atrás do outro e a ir para a nuca do Lucas. O atraso fá-lo inclinar-se para o Sedge e a bala apenas lhe roça a ponta da orelha, com um esguicho de sangue.

A outra bala disparou mais rápido.

Foi diretamente para a nuca do Henry.

Esguicha uma explosão horrível de vermelho.

Sinto que morri de coração estilhaçado antes sequer de bater no chão.

Nesse caso, vou esmurrar o Ed Smith, atirando-o ao chão com as mãos à volta do seu pescoço. Caímos para trás, para a varanda e eu mordo-lhe o pescoço, tentando separá-lo como um animal raivoso.

– Eu posso salvá-lo! – grita a Nerissa da jaula. – Deixa-me sair antes que seja tarde demais!

– Ramsay, a chave! – grita a Maren, e eu afasto o maxilar do Smith e vejo-a correr para junto do Henry, caindo de joelhos ao lado dele, com lágrimas de horror a escorrerem-lhe pela cara, enquanto o Sedge reconforta o Lucas, que grita de dor e segura a cabeça.

Levo a mão ao bolso à procura da chave e tiro-a; estou prestes a atirá-la à Maren quando o Smith a sacode da minha mão. Fico a ver a chave voar por cima do corrimão em direção ao mar, lá em baixo.

Deus Todo-Poderoso! Não pode ser o fim!

– Eu apanho! – grita a Maren. Põe-se em pé e corre para nós; por um instante, julgo que também vai atacar o Smith, mas está a saltar por cima de nós e do corrimão, mergulhando para ir buscar a chave.

Ouç o chapinhar lá em baixo e, naquela distração, o Smith vira-me, quase me derrubando por cima do corrimão, e estrangula-me com uma mão enquanto procura a faca.

– Vamos ver com que rapidez te arranco o coração. Tão rápido como arranquei a cabeça do teu pai?

Segura a faca acima do meu peito e detesto que sejamos igualmente fortes, detesto não ter dado ouvidos à Maren e bebido o seu sangue, detesto a rapidez com que a minha vida se desmoronou novamente e temo que talvez ele vá acabar comigo aqui, que em breve vá ao encontro do meu pai, seja onde for que os imortais descansam.

Então, o Sedge aproxima-se cambaleante, pairando sobre nós, com um olhar sanguinário como nunca lhe vi e um bacamarte na mão, apontado diretamente para o rosto do Smith.

O Smith tem a audácia de sorrir para ele e é enquanto sorri que o Sedge prime o gatilho. A boca da arma dispara e a metralha atinge o Smith, destruindo o seu rosto, e a força produzida faz com que ele cai para trás, para o corrimão.

Ouve-se um grito abafado quando Smith cai ao mar.

Olho rapidamente por cima da borda e vejo-o afundar-se nas ondas e

desaparecer. A Maren também não se vê em parte nenhuma e a superfície está repleta de cadáveres dos membros da marinha que foram vítimas da minha tripulação.

O Sedge deixa cair a arma e põe os braços debaixo dos meus ombros, ajudando-me a levantar. Viro-me e vejo o Henry, ainda imóvel, no chão dos meus aposentos, o Lucas ao seu lado, a segurar-lhe a cabeça, coberta de sangue. Também o sangue de Lucas escorre da orelha pela sua face, misturando-se com as lágrimas enquanto brada, balançando para frente e para trás.

Só então me dou conta que também eu estou a chorar.

Olho para a jaula da Nerissa, de visão turva.

– Lamento – sussurro para ela, as palavras engasgadas. – Não sei tirar-te daí sem a chave. E não posso, de outra forma, desfazer a magia que te mantém afastada.

Ela agarra as grades com tanta força que tem os dedos brancos, e acena com a cabeça, voltando a sua atenção para o Henry.

– Oxalá pudesse ajudar-te, filho – diz ela ao Henry, com a voz baixa e tensa. – Só posso desejar que os deuses te deem a mão no teu caminho.

– Não! Temos de fazer alguma coisa! – O Lucas soluça descontroladamente, agarrando-se firmemente ao seu querido amigo. Fita-nos, suplicante, com a cara molhada das lágrimas. – Temos de o pôr melhor. Por favor, faz com que melhore.

Mas o Henry está morto.

O meu pobre menino está morto.

O Sedge ajoelha-se ao lado do Lucas, pousando a mão no meu ombro, tentando consolá-lo e eu sinto-me petrificado, com um terror tão acutilante e frio que acho que nunca mais hei de sentir calor.

Não pode ser.

– Ramsay! – ouço a Maren gritar o meu nome lá de fora. – Ramsay!

Vou a cambalear para a varanda e olho borda fora, onde o corrimão está partido. Ela está na água, lá em baixo, entre os dois navios e acena a chave para mim.

– Tenho a chave!

Olho por cima do ombro para a Nerissa, mas ela limita-se a abanar a cabeça solenemente.

– A sua alma já nos deixou – diz a Nerissa suavemente, os olhos de cobre enchendo-se de lágrimas. – É tarde demais para trazê-lo de volta.

Olho para trás, para a Maren, mas não aguento dizer estas palavras.

Porém, pela maneira como o rosto dela está abatido de tristeza, não vai ser preciso.

O Henry foi-se.

Parte 4

O Ocidente

Capítulo 34

Maren

O Sol acabou de se pôr, o céu é uma aguarela de lavandas e azuis temperamentais. Começam a aparecer algumas estrelas, que anunciam a sua chegada dançando. Embora ainda não consigamos ver terra – pelo menos, eu não consigo, com os meus olhos um tanto ou quanto comuns –, dá para perceber que está perto. Pode-se cheirá-la, o vago aroma de vegetação e terra no ar.

Também a tristeza paira no ar.

Fizemos o funeral do Henry hoje de manhã, antes de o Sol nascer. O Ramsay tem estado perdido de dor, portanto eu e a Sam pegámos no corpo do menino e o Lothar montou uma jangada com tábuas e destroços das muitas feridas do *Nightwind*. Colocámos o Henry nela e adornámo-la com todas as bugigangas e os brinquedos de que ele gostava, cães e ursos em miniatura feitos de madeira pelo Drakos, além dos seus livros e roupa preferidos. O Sedge pegou no que restava dos grãos de café e espalhou-os à volta dele, como pétalas, uma vez que o Henry tinha recentemente começado a gostar a sério da bebida.

Chorámos muitas lágrimas. Eles podem ser piratas, mas a tripulação do *Nightwind* é um grupo emocional, sempre com o coração piegas. Até o geralmente impassível Thane foi levado às lágrimas e abraçou o Lucas e a Sam com mais força.

E o pobre Lucas está a sofrer tanto como o Ramsay. Parece estar bem depois de ter levado um tiro, embora tenha perdido a ponta da orelha e tenha a cabeça ligada, mas perdeu o melhor amigo e vê-lo morrer assim, à sua frente – ter, ele próprio, quase morrido – será uma coisa difícil de superar. Duvido que alguma vez o faça.

Portanto, com o Cruz a tocar uma melodia comovente no violino, o Henry foi baixado ao mar e pegou-se fogo à jangada. Ficámos a vê-lo afastar-

se para o Sol nascente, as chamas erguendo-se à medida que ele subia no horizonte, banhando-nos a todos de luz brilhante.

E depois desapareceu.

A única pessoa que não esteve presente no funeral foi a Nerissa, mas não foi por estar na jaula. Depois de eu ter mergulhado para ir buscar a chave ao fundo do oceano, grata por estarmos sobre um monte submarino, o que significava que eu não teria de mergulhar milhares de pés, decidimos libertar a Nerissa. O Ramsay parecia ter desistido completamente, não querendo saber se a bruxa do mar queria causar estragos no seu navio. Quanto a mim, começava a acreditar que a Nerissa era alguém em quem podíamos confiar. Eu sei que ela teria salvado o Henry se pudesse, ou pelo menos teria tentado e, segundo disse, quando viu o Ed Smith rastejar pela varanda, tentou entrar em contacto com o Ramsay usando a sua mente, a única coisa que era capaz de fazer.

Portanto, agora ela está noutro lugar do navio, tendo arranjado um canto para si, e a tripulação foge dela como o diabo da cruz. Não os culpo, considerando que a morte do Henry e a sua chegada provavelmente estão associados nas suas mentes, mas eu sei que não há correlação. Naturalmente, o Ramsay disse-lhe que é livre de ir embora, mas ela está determinada a permanecer no navio, pelo menos até chegarmos à Baía de Banderas, que será o nosso primeiro contacto com terra.

Esse pensamento, a ideia de chegar à Nova Espanha e a Acapulco, e de estar mais perto de Limonos, aperta-me o coração, ainda mais do que sempre. Como é que encontramos a Edonia? Será que a Nerissa nos vai ajudar? E se ela não quiser ser encontrada?

A questão maior é: será que a tripulação é capaz de passar por outra batalha como essa novamente? O *Nightwind* levou uma tarefa brava do navio da marinha, mas continua de pé. No final, o navio da marinha foi destruído e quase toda a sua tripulação foi morta. O Thane apanhou alguns prisioneiros vivos e colocou-os no porão, para sustento posterior, e o Ed Smith nunca foi encontrado depois de o Sedge lhe ter dado o tiro na cara. É possível que esteja a nadar algures no meio do oceano, mas, por esta altura, já o teríamos deixado há muito para trás.

Mas canhões e armas são uma coisa, o Kraken e a magia, outra. A menos que o *Nightwind* possa fisicamente contra-atacar, o Kraken é capaz de afundar, sem problema, um navio deste tamanho. Pode dilacerar a Irmandade com os seus tentáculos, tudo por obra da Edonia. Podemos ter perdido o Henry nesta rodada contra a Marinha Real, mas, mesmo assim, ganhámos, mesmo assim, sobrevivemos. A próxima vez pode ser a morte de todos nós.

Razão pela qual decidi que vou precisar de procurar a Edonia por mim própria. Talvez a Nerissa me vá ajudar, talvez não, mas eu não posso deixar que a minha necessidade de remediar os meus arrependimentos ponha em risco qualquer outra pessoa. Isto é entre mim e a Edonia e mais ninguém.

Se é que vais mesmo seguir em frente com isto, relembro a mim mesma

enquanto percorro lentamente o convés, olhando para o céu à medida que mais estrelas aparecem.

Suspiro e desço as escadas. Eu devia ir para o meu quarto, ou talvez chatear o Sedge para me preparar alguma coisa para comer, mas, em vez disso, preciso de ir ver como está o Ramsay. A única coisa que ele tem feito é fechar-se, trancado dentro da sua cabeça, e eu tenho-lhe dado espaço, mas sei que o luto não é algo que se trate num dia.

Bato-lhe à porta e fico à espera de ouvir se posso entrar. O Lothar soldou um novo ferrolho para ele e eu experimento-o com a mão, embora só haja silêncio.

A porta abre-se e eu entro e vejo o Ramsay rolar na cama para ficar de frente para mim.

– Maren? – pergunta baixinho, a voz crua.

– Sou só eu – digo-lhe, fechando a porta atrás de mim. – Só queria ver como estavas e se precisas de alguma coisa.

Vou ter com ele e paro junto à cama. À luz ténue da cabine, vejo que os seus olhos estão raiados de sangue, o cabelo despenteado e os meus olhos percorrem brevemente o seu peito nu, estando o resto do corpo tapado pelo cobertor.

– De ti – diz, rouco, estendendo a mão para mim. – Preciso de ti.

Pouso a mão na dele e ele puxa-me para a cama, para cima de si. Coloca as mãos em ambos os lados do meu rosto, os dedos enfiados no meu cabelo, e olha para mim.

– Eu preciso de fugir deste inferno, Maren. Não quero os teus chavões.

– Não tenho nenhum – digo-lhe. – Estou aqui só para estar contigo, para ouvir. Nada que eu te possa dizer te consolará, eu sei disso.

– Então beija-me – diz ele.

Inclino-me e levo os lábios aos dele, que imediatamente me envolve no seu beijo, molhado e aberto e faminto. Sou puxada para dentro, como se ele se erguesse das profundezas onde tive tanto medo de nadar e já não posso ficar a flutuar por mais tempo. Ele é a contracorrente e sinto-me impotente contra si.

– És a encarnação do delírio – sussurra junto da minha boca, com as mãos no meu cabelo, dando um puxão forte às minhas madeixas. – És a febre na minha alma, para a qual não há cura.

Solta-me o cabelo com um gemido e baixa o braço, tentando desapertar o meu espartilho.

– Preciso de sentir a tua pele na minha – diz ele com urgência, agarrando os dedos às fitas. Levo rapidamente as mãos atrás e tento ajudá-lo, mas, num ataque de desespero, ele rasga-os ao meio com um som forte e atira o espartilho para o meio do quarto.

Depois, puxa-me a combinação pela cabeça e empurra para trás os cobertores, agarrando-me pela cintura com mãos que magoam e colocando-me em cima dele para lhe montar as coxas musculosas, com a extensão dura e grossa do seu sexo espetada ao longo do estômago.

– Preciso que me ajudes a esquecer, ‘morzinho – diz ele, com os dedos a pressionarem a minha pele quando me fita. – Preciso que estejas comigo assim.

Sinto-me completamente exposta, a montá-lo, mas, por uma vez na vida, ele também está completamente nu. Demoro um momento para passar os olhos pelo seu corpo, a pele lisa de um leve tom dourado e sem mácula, julgo que por a sua pele não criar cicatrizes. Tem os músculos bem tonificados e tesos, e vibra com força e virilidade. Tem pelos espalhados no peito e também num caminho estreito que vai do abdómen contraído até onde se reúnem, na base do sexo.

Ele faz o mesmo comigo, olhando-me com reverência quando o seu olhar quente me absorve, sem palavras e arrebatado.

Depois, pega em mim e move-me para o seu sexo, que enterra em mim e é tão grosso, tão rígido e inflexível, que sinto a respiração ser arrancada dos meus pulmões.

– Olha só para ti, milagre de criatura – murmura ele, com o sotaque a ficar cerrado. – Olha como me acolhes tão bem, que bem montas a minha pila.

Arqueio as costas, já com as coxas a tremer, e sinto-o tão profundamente que nem consigo pensar como deve ser.

– Preciso de me distrair contigo – diz ele, as narinas dilatando quando me ergue as ancas com a investida. – E preciso que te entregues. Podes fazer isso por mim, ‘morzinho?

Aceno, fechando os olhos. Ele não percebe que, por mais que eu me entregue, também recebo. Concentro-me no movimento das ancas, deixando-o que me conduza para onde quiser, ofegante de prazer de cada vez que a base do seu sexo desliza contra a minha área mais sensível.

Ele ajusta-se por um momento e depois penetra-me mais fundo, pressionando alguma parte ansiosa dentro de mim que eu não sabia que existia.

Solto um débil som de necessidade, esticado até ao ponto da rutura.

Quero tanto dele, demais, o sentimento é como um vício em torno do meu coração.

Começo a mexer as ancas em pequenos círculos, em cima dele, enquanto ele investe, e as minhas pernas tremem quando começo a aumentar o ritmo. Ele muda a posição das mãos para as minhas ancas e aperta-me com força, mantendo-me no lugar.

– Não vou aguentar muito tempo, se continuares a fazer isso – avisa.

Então, de repente, puxa-me para cima e vira-me deixando-me de costas, debaixo dele. Rasga um sorriso para mim e beija-me profundamente com a língua, enquanto me abre as pernas com uma mão e volta a empurrar o sexo para dentro de mim, mais grosso do que antes, de alguma forma.

Dou um gemido rouco, apreciando a sensação do seu peso duro em cima de mim, a sensação de pele quente colada a pele quente. Estendo a mão e sinto-lhe os músculos dos braços duros como pedra, os ombros largos, as

costas tensas, querendo sempre tocá-lo desta maneira, explorando os planos macios e rígidos da sua pele. O seu corpo é tão magnífico de sentir como de olhar.

– Continua a tocar-me – sussurra ele, mordiscando-me o maxilar, até ao pescoço. – Deixa as mãos postas em mim, ‘morzinho, que estou a morrer de vontade de ser adorado por ti.

Faço o que ele diz, e as palmas das minhas mãos deslizam sobre cada parte do seu corpo, apreciando especialmente a sensação do traseiro, os músculos firmes e contraídos sob o meu toque enquanto os usa para continuar a penetrar-me. Húmido de suor, solta um grunhido a cada investida brusca, a cada movimento das ancas, que faz a cama ranger debaixo de nós. Tem os braços fletidos, a boca entreaberta ao baixar os olhos para onde a pila desaparece dentro de mim. Faço o mesmo por um momento, hipnotizada com a visão, de como ele é grosso, de como me sinto apertada, o som suave de nossa união impregnando o quarto. Sinto que somos animais com cio, e talvez isso não esteja muito longe da verdade, quando se trata de criaturas como nós.

Sai então de mim com um grunhido e eu estou ofegante, sentindo-me desamparada, oca e ansiosa sem ele, que rapidamente rola para o lado e investe de novo para dentro de mim. Estende o braço e prende-o em gancho debaixo da minha coxa, depois começa a foder-me por trás com força, estando nós os dois deitados de lado.

Leva uma mão à boca e cospe nos dedos, depois leva-os ao meu clítoris, embora eu já esteja encharcada. Enquanto passa com força os dedos na minha pele viscosa e intumescida, em círculos, a outra mão vai para os meus seios e belisca-me os mamilos até eu gritar.

– Oh, *cearban* – arqueja no meu pescoço. – Parece que queres mais, criaturazinha ávida. Vem-te para mim, ‘morzinho.

Estou mais do que pronta. Quero essa sensação cerrada, quero ser violentamente sacudida e largada no pó das estrelas. A necessidade de atingir o clímax sobe-me pela espinha, ameaçando destruir-me, e preparo-me para o orgasmo.

– Solta-te – diz ele, mordendo o meu pescoço, mas sem perfurar a pele. – Agora.

– Sim, capitão – consigo dizer, o que produz nele um resfolegar divertido, a respiração quente no meu pescoço.

É preciso outra fricção forte dos seus dedos para me pôr em ação e engasgo-me com os sons que sobem pela minha garganta. O calor atravessa o meu corpo como uma tempestade elétrica e estou ofegante, chamando o seu nome, vendo estrelas.

– Foda-se! – diz ele ao meu ouvido, com um grunhido.

Os seus músculos tremem, os sons aumentam de volume e ele movimenta-se mais fundo e mais rápido, até eu sentir que sou fodida até à morte, num fervor selvagem e caótico. Martela em mim como se estivesse perdido de loucura, como se morresse se não derramasse a sua semente dentro

de mim.

Conclui então e eu sinto os jorros quentes dentro de mim, as suas ancas a abrandar em três duras investidas.

Ele imobiliza-se, apertando o meu corpo contra o seu, com a respiração ofegante e irregular. Eu caio contra a cama, contra ele; ele sai de mim e deitamo-nos de costas.

Engulo em seco, com o coração adejando como uma borboleta no meu peito, e olho para as vigas de madeira do teto. Com o meu corpo a recuperar lentamente, a minha mente faz o mesmo. Volta à tristeza. Volta a um futuro das incógnitas.

– Maren – sussurra, afastando o cabelo da minha testa e beijando-me a bochecha com tanta ternura que o meu coração dispara. Quando é assim tão suave desarma-me completamente.

– Sim?

– Vamos ancorar em breve na baía de Banderas – diz. – Eu não sei o que queres fazer.

Pondero, sugando o lábio entre os dentes.

– Eu sei que ambos temos a nossa vingança – começa ele. – Sei que mereces a tua. Mas preocupa-me. Preocupa-me que, ao fazeres isso, te perca para ela. Que te perca para a pessoa que em tempos foste. E não sei se o meu coração aguenta mais perdas, meu ‘morzinho’.

Engulo em seco. As palavras dele marcam-me.

– Fica comigo – sussurra. – Não voltes às profundezas do mar. Fica comigo na superfície. Com o sol, a lua e as estrelas.

Fecho os olhos e relaxo encostada a ele, apoiando a cabeça no seu peito, a ouvir o batimento lento e constante do seu coração, e não posso deixar de imaginar que ele me pertence. Por natureza, as sereias anseiam pelo coração dos homens, mas eu só quero que o coração dele me ame.

– Se eu não me vingar, então quem sou? – pergunto num sussurro. – Tudo o que eu conheci como adulta está a tentar voltar para a criatura que já foi. Para a menina que fui. Se eu largar isso, terei de me reconciliar com o que sou agora.

– Então, reconcilia – diz ele, pousando os lábios na minha cabeça. – Desde que saibas que o caminho para a paz é difícil, talvez tão difícil como o que conduz à vingança. Mas é o caminho certo, e é isso que conta, no final.

Ele tem razão, claro, mas é sempre mais fácil falar do que fazer. Há algo tão passivo na aceitação, que contraria a minha personalidade, talvez porque durante tanto tempo foi isso que fui. Fiquei sentada à espera do que me calhava, com o Aerik e a minha vida como princesa. O facto de finalmente me ter sido dada uma oportunidade de agir e de tomar medidas e de eu estar a virar as costas a isso, parece que estou a desistir.

– Tenho medo de cometer um erro, mais um com o qual não vou conseguir viver – digo.

Ele fica rígido.

– Achas que sou um erro?

– Não – digo, olhando para ele. – Não és um erro, Ramsay. Tu és uma escolha e, o que disseste antes é um caminho diferente a seguir.

– Então, escolhes-me a mim, ‘morzinho?’ – pergunta ele, e nunca o vi com um ar tão vulnerável. Causa-me uma moinha no peito.

Porque a questão é esta, não é? Escolho-o e às minhas pernas e a esta vida à superfície do mar? Ou despeço-me e volto a viver debaixo de água, de novo num reino sem o meu pai, a minha mãe ou a minha irmã, com a minha outra irmã noutro lugar?

Esta última opção era tudo o que eu sempre quis nos últimos dez anos.

A primeira é tudo o que eu quero há umas semanas.

– Não precisas de me responder – diz ele, acariciando-me. – Ainda temos tempo.

Não preciso de olhar para uma ampulheta para saber que o tempo se está a esgotar.

Capítulo 35

Maren

– Sedge – digo, espedada à entrada da cantina. – Podes dar-me duas canecas de café?

Ele dirige-me um sorriso amável e acena, colocando a cafeteira sobre as chamas. Embora o Sedge não fale, gosto de descer à cantina e falar com ele. Não é só por ser um bom ouvinte, embora eu tenha notado que a sua mente vagueia um pouco, mas porque o entendo. Ele pode não vocalizar palavras, mas há uma linguagem que comunica com nós e que eu acho que a maior parte da tripulação sabe compreender espontaneamente.

– Tudo bem contigo? – pergunto, embora lhe tenha perguntado muito isto nos últimos dias.

Estamos todos traumatizados e, embora ele esteja de volta ao normal, no sentido em que a maldição foi revertida, o que ele testemunhou com o Henry foi horrível, já para não falar em como se deve sentir por ter rebentado a cara a outro homem. É verdade que ele sabe como é a Irmandade e que provavelmente não matou o Ed Smith, mas mesmo assim deve ter sido uma visão horrível.

Acena novamente com a cabeça, dirigindo-me um sorriso rápido e tranquilizador. *Sim*, parece dizer. *Não pior do que da última vez que me perguntaste.*

Interpreto isto como uma dica para deixar de lho perguntar.

– Posso contar-te um segredo? – digo então. – Se bem que eu saiba que provavelmente já te puseste a adivinhar, desde que estivemos juntos no navio maldito.

Ele acena ansiosamente enquanto coloca os grãos no moedor e dá à manivela.

Olho em volta da cantina. Está sossegada e sei que estamos aqui a sós.

– Não faço parte da Irmandade – começo tranquilamente. – Mas também

não sou humana como tu. Na verdade, sou uma sereia, para que saibas.

Ele arregala os olhos, mas não parece muito surpreso, nem amedrontado.

E então lanço-me na história da minha vida, que já fui uma pequena sereia debaixo do mar e troquei tudo pelo coração de um príncipe. Além do Ramsay, nunca tive a oportunidade de contar esta história a outra pessoa com medo de represálias e devo dizer que me sabe terrivelmente bem desabafar tudo. Também queria contar isto ao resto da tripulação, mas sei que provavelmente a mensagem não vai passar muito bem, considerando o que o sangue de sereia faz, mas o Sedge parece ser um bom lugar para começar.

Quando acabo de falar, o Sedge já tem o café pronto e servido nas canecas, e os seus olhos estão grandes como pires.

Uau, parece dizer e eu dou-me conta de que tenho uma história e peras para contar. Talvez um dia eu conte tudo.

Um som lento e estridente de palmas surge atrás de mim e eu viro-me e vejo a Nerissa de pé, a sorrir para mim com recato, as mãos unidas, as pulseiras de pérola e concha a chocalhar.

– Julguei que conhecia a tua história, mas não pensei que seria bem assim – diz ela. – Tens o meu café?

Anuo e pego nas canecas das mãos do Sedge, entregando-lhe uma. Quando passei por ela mais cedo, tinha-me visto a beber café e a sua expressão denotava tanta inveja que lhe perguntei se podia ir buscar um para ela.

– Vamos dar uma volta? – convida-me.

– Soa bem – digo, sabendo que andar de um lado para o outro no convés era uma maneira comum de a tripulação libertar o excesso de energia. Isso e o jogo de espadas.

– Tenho muito para falar contigo – diz. – *Em privado*.

Esta última parte faz-me estremecer. Foi diretamente para dentro da minha cabeça.

– *Está tudo bem, filha* – continua ela com um sorriso sigiloso. – *Também podes responder*.

Olho de relance para o Sedge, mas ele voltou à tarefa de cortar legumes para o jantar.

– *Consegues ouvir os meus pensamentos?* – penso.

Ela franze o nariz.

– *Tenta outra vez, se calhar. Projeta mesmo para mim*.

– *Consegues ouvir-me agora?* – digo, pensando com mais força.

Ela rasga um sorriso, os dentes brancos reluzentes.

– *Claramente. Agora vem dar uma volta comigo*.

Subimos as escadas para o convés superior, com o nosso cabelo soprado para a frente quando o vento encontra as nossas costas. O cheiro a terra está agora mais forte e parece que o vento nos empurra mais depressa em direção a ela.

A tripulação levanta os olhos quando passamos. Reparo agora que me veneram, com respeito e carinho creio que tanto por estarem habituados à minha presença como por ser óbvio que eu e o capitão temos um caso. A refém já não está aqui contra a sua vontade.

Mas embora eles agora olhem para mim como sendo parte da família, uma sensação de que tanto gosto, continuam a olhar para a Nerissa com desconfiança. Mesmo com ela em liberdade para andar pelo navio e com o facto de se manter fora do caminho de todos, eles não foram capazes de baixar a guarda. Especialmente o Thane e o Cruz. Parece que ela abalou os dois até ao tutano.

Se está incomodada com isso, não o demonstra. Quando ela caminha, fá-lo como uma deusa de cabeça erguida, o seu vestido de marfim perpetuamente molhado a rastejar atrás de si.

– O que se passa? – pergunto-lhe.

Dirige-me um olhar seco por já me ter esquecido da técnica do «falar dentro da cabeça».

– *Sabes que vi coisas quando olhei para a bola de cristal do Thane* – diz ela. – *Coisas que não estou autorizada a repetir, para ficarmos claras.*

– *Viste a morte do Henry?* – pergunto.

Ela abana a cabeça, com a boca numa linha sombria.

– *Vi uma morte, e era às mãos daquele homem. O tal Ed Smith. Mas não vi quem era.*

– *Mas sabias que alguém ia morrer* – digo, olhando-a com surpresa. – *E não disseste nada.*

– *Sabia. E tentei dizer-vos o melhor que pude.*

– *Porque é que não podes falar e pronto? O que é que acontece?*

– *É difícil explicar. É como se eu fosse fisicamente incapaz de o fazer.*

– *Então só nos podes dar pistas e dicas, é isso?*

– *Sim* – responde ela, dirigindo um cortês aceno de cabeça à Sam quando passamos por ela. A Sam sorri para mim, mas limita-se a fazer cara feia à Nerissa. A bruxa do mar suspira em resposta, com uma expressão cabisbaixa.

– *O que foi?*

– *Às vezes, sabemos que há um destino que não pode ser mudado* – diz ela, dirigindo à Sam um olhar tenso por cima do ombro. – *Às vezes, vejo muitos futuros, muitos caminhos, mas outras vezes, não. Esse é o destino definido. É o fado. É quando sei que nada pode ser feito, nenhum aviso pode ser dado.*

– *Estás a tentar avisar-me de alguma coisa agora?*

Ela acena com a cabeça.

O meu coração dá um pulo. Oh, deuses!

– *O quê?*

Limita-se a abanar a cabeça. Não te posso dizer o quê. Mas aquilo que sei é que talvez seja hora, Maren, de contares à tripulação quem és. De lhes dizeres que és uma sereia.

Franzo o sobrolho.

– *Porquê? Vão querer comer-me.*

A Nerissa ergue as sobrancelhas.

– *E talvez devas deixar. Compreendes o que eu digo?*

Os meus olhos arregalam-se de medo.

– *Achas que eu devo...*

– *Diz-lhes o que és e dá-lhes o teu sangue* – diz ela. – *É tudo o que posso dizer. Mas prometo-te que não é em vão.*

Engulo em seco e fico a matutar naquilo quando chegamos ao castelo da proa e nos viramos, para fazermos devagar o caminho de volta. Vejo o Ramsay na popa com o Thane e o Olhos Doidos e pergunto-me o que diria ele sobre isto.

– *Não te preocupes com o Ossos* – acrescenta à pressa, seguindo o meu olhar. – *Ele não tem voto na matéria. Pode ter-te reclamado como sua, mas continuas a ser dona de ti, com livre-arbítrio. Tem em consideração os sentimentos dele, mas não deixe que isso te influencie.*

Dou por mim a acenar com a cabeça.

– *Está bem.* – Olho de novo para a Nerissa. – *Posso perguntar-te uma coisa?*

– *Claro.*

– *O meu futuro é com o Ramsay? Ou não é?*

Dirige-me um pequeno sorriso que faz dançar os seus olhos metálicos.

– Já sabes a resposta a isso.

* * *

Não durmo bem naquela noite. Estou na cama do Ramsay e só isso deveria bastar para me embalar e adormecer, especialmente no conforto dos seus braços fortes, mas não consigo parar de pensar no que a Nerissa me disse. Que tenho de dar o meu sangue à tripulação e que eles têm de saber o que sou. Tenho pavor de que este destino diante de mim esteja gravado na pedra, com a agravante de não saber o que a Nerissa viu naquela bola de cristal.

Levanto-me e o Ramsay tenta alcançar-me no seu sono, passando o braço pela minha cintura. Resmungo qualquer coisa e eu deslizo para fora do seu abraço, depois inclino-me e afasto-lhe o cabelo da testa, beijando-o aí.

– Volta a dormir – sussurro, sorrindo ao vê-lo.

Ele torna a resmungar qualquer coisa, os olhos ainda fechados, e volta-se na cama, respirando profundamente numa questão de segundos. Tem tido pesadelos ultimamente, acordando com suores frios, a choramingar, e não preciso de perguntar do que se trata. É impossível não ter pesadelos depois do que acabou de acontecer ao Henry.

Levanto-me e saio dos seus aposentos, depois subo as escadas até ao convés superior, esperando que o ar fresco me traga clareza de espírito. Sigo em frente e olho para trás, para o leme, vendo que está completamente

deserto. Devia haver pelo menos uma pessoa de turno esta noite. Depois, ouço um gemido baixo e olho para a proa. Contraio os olhos e dou-me conta de que estou a ver um vulto usar a cabeça do gurupé, felizmente mais ou menos obscurecido pela distância. Seja como for, vou evitar essa zona.

Estou prestes a virar-me quando, de repente, sinto uma presença atrás das costas e uma mão fedorenta tapa-me a boca. Sei logo de quem se trata.

– Todas as reclamações de posse estão canceladas – rosna o Sterling ao meu ouvido, com a outra mão a começar a levantar-me a combinação. – És minha para a apanha, rameira.

Sinto, num instante, os dentes e as garras afiarem-se e abro a boca contra a sua palma, que mordo.

Com força.

Ele começa a ganir alto quando roo osso e tendões e quase lhe arranco metade da mão.

– Cabra – rosna ele, e solta-me, se bem que agora não o largo eu, e as minhas garras cravam-se no seu braço, a minha mandíbula presa como um texugo raivoso, rasgando-o.

Ele levanta o outro braço e dá-me um soco na cara.

O meu rosto explode de dor e caio para trás no convés, a ouvir o Olhos Doidos em pano de fundo a perguntar-se o que se passa. Viro-me rapidamente e tento pôr-me em pé, mas estou desorientada e ele é rápido, agarra-me as pernas e puxa-me para si, prendendo-me por trás. A minha combinação é novamente puxada para cima, até eu ficar com o traseiro exposto, e tento com tanta força virar-me e lutar, mordendo o ar com os maxilares como uma piranha, mas ele é demasiado forte e agora estou a gritar, berrando por ajuda.

Ouçó o Olhos Doidos atravessar o convés a correr na minha direção, dizendo:

– O que se passa aqui? Princesa? Sterling!

E eu fito-o, com a mão esticada, a pedir ajuda com o Sterling prestes a violar-me da maneira mais horrível que é possível. Mas o Olhos Doidos para chocado, captando algo ao meu lado com o olhar.

Ouçó um rugido familiar de fúria masculina que enche o ar, depois uma rajada de vento. Há o som denso e doentio do metal a atravessar músculo e osso e sinto uma golfada de sangue quente nas costas e o peso do Sterling desabar sobre mim.

Tento virar-me, mas não consigo, e o Olhos Doidos agora agarra-me as mãos, puxando-me de baixo do Sterling.

Lá consigo virar-me e vejo o Sterling no convés com um machado espetado nas costas e o Ramsay atrás dele, a segurar o cabo, os olhos selvagens de raiva, a respiração dura e irregular. O olhar do meu amante dirige-se ao meu.

– Ele fez-te mal?

Tento falar, mas não consigo. Não me fez mal, mas esteve quase, mesmo quase.

– Ele fez-te mal!? – repete o Ramsay, agora feroz, com uma veia a palpar na têmpora.

Abano a cabeça.

– Não – digo, com a voz a tremer, quando o Sterling começa a levantar-se do convés.

– Ahhhh! – O Sterling dá um grito, embalando o braço e a mão ainda selvaticamente destroçados por mim.

– Não – diz-lhe o Ramsay, absolutamente fumegante ao puxar o machado das costas do Sterling. – Não, não vais sobreviver a esta, pá. A mulher que acabaste de tentar tomar, a minha mulher, tinha sido simpática o suficiente para considerar deixar-te isolado numa ilha. Mas já não será assim. Agora vais comer a própria pila antes de eu te cortar a cabeça. O sabor da tua falha é a última coisa que vais conhecer.

O Sterling berra e tenta pôr-se em pé, mas o Ramsay chuta-o para trás e olha para ele com um sorriso maníaco. – Vejo que a Maren já deixou a sua marca em ti. Como é ser-se atacado por uma mulher? – O Ramsay saca de uma faca de trás das costas. – Deixa lá, prefiro não ouvir a resposta.

O Ramsay cai de joelhos e eu desvio rapidamente o olhar, enterrando a cabeça nos braços do contramestre, que desata numa enxurrada de imprecações irlandesas entre dentes. Ouço o rasgar do tecido, o corte rápido da faca do Ramsay, seguido do grito de furar os tímpanos que o Sterling dá. O seu grito parece prolongar-se eternamente, até de repente ser sufocado e eu perceber que o Ramsay está a fazer exatamente o que disse que faria.

Levanto a cabeça, espreitando além do contorno dos braços do contramestre e vejo sangue por toda a parte e o Sterling a tentar cuspir a própria pila, impiedosamente enfiada na sua boca.

Depois, vejo o Ramsay levantar o machado, cuspir na testa do Sterling e baixar o machado. A cabeça separa-se do resto do corpo com um golpe final.

Aperto o contramestre com mais força, esmagada pela violência, embora saiba que também eu sou capaz do mesmo. Se eu tivesse sido capaz de lutar contra um homem do seu tamanho, teria feito o mesmo ao Sterling. Mas, mesmo assim, estou chocada e a tremer.

O Ramsay atira o machado ao chão, respirando com força, focando-se agora em mim. Parece um pouco inseguro, como se tivesse perdido o controlo e ido um pouco longe demais e não soubesse como vou reagir.

– Ninguém te toca – diz ele, limpando o suor da testa. – Nunca.

Por esta hora, há uma multidão reunida atrás dele, ofegante com o derramamento de sangue aos seus pés.

E o Olhos Doidos olha para mim, nos seus braços.

– Parece que a princesa sabe cuidar de si – diz o contramestre, franzindo a testa. – Em nome de Deus, o que és tu, rapariga?

Capítulo 36

Ramsay

Olho fixamente para o corpo decapitado do Sterling e o único remorso que sinto é de não nos termos livrado dele mais cedo. Não sei como fugiu das suas correntes, mas nós, a Irmandade, às vezes conseguimos arranjar força extra e talvez tenha afrouxado a batalha com a Marinha Real. Se tivéssemos feito o que a Maren sugeriu e procurado algum atol para o deixarmos lá, isto nunca teria acontecido.

Mas não foi assim. E, embora eu saiba que a Maren se sabe defender, ela é melhor na ofensiva, é melhor quando é ela a atacar e não o contrário. O Sterling tinha-a, ele... ele quase a quebrou. Graças a Deus que quando a ouvi levantar-se e dizer-me para voltar a dormir não fiquei a dormir por muito tempo. Eu tinha uma sensação incómoda nas entranhas de que alguma coisa não batia certo.

E agora o Sterling está morto e nós temos muito que explicar, e não menos importante é responder à pergunta do contramestre: «O que és tu?»

Vou ter com a Maren, um pouco inseguro que ela mude de opinião sobre mim depois de eu ter brutalizado o Sterling daquela maneira à frente dela, mas também não quero saber se ela achar que é uma reação exagerada. Avisei-o uma vez que o mataria se ele voltasse a tocar nela. Simplesmente, cumpri a ameaça. Além disso, tenho estado no limite nestes últimos dias. A perda do Henry fez da minha raiva um pavio aceso. Era apenas uma questão de tempo até tudo sair assim, com uma violência explosiva.

Estendo a mão e tiro-a dos braços do contramestre, com um aceno para lhe agradecer por ter cuidado dela, depois aperto-a contra o peito. Os braços dela cingem-me a cintura e ela agarra-me com força. Beijo-lhe o topo da testa.

– Hei de proteger-te sempre – digo, junto do seu cabelo macio. – Aconteça o que acontecer.

Acena com a cabeça, encostada a mim, e suspira, ainda a tremer

ligeiramente. Depois, estica o pescoço para trás para olhar para mim.

– Temos de lhes contar.

Olho para a tripulação, a maior parte acordada e a tagarelar entre si, perguntando-se o que aconteceu, o Cruz a tocar no Sterling com a ponta da bota.

– Mais feio na morte – comenta o Cruz com uma careta.

A Maren afasta-se de mim e pigarreja, enfrentando a tripulação.

– Há uma coisa que tenho de vos contar a todos – diz ela. Parece tão forte, tão firme na voz, embora eu odeie o facto de ela lhes estar a contar desta maneira e não em tempo próprio.

Agarro a sua mão e aperto-lha, para a apoiar.

Ela inspira fundo, olhando os olhos curiosos de todos.

– Eu sou... uma sereia – diz ela. – Uma sereia.

Um grito sussurrado ergue-se na tripulação, quase todos semicerrando os olhos para as suas pernas nuas, à espera de verem aparecer barbatanas.

– Eu *era* uma sereia – esclarece. – E em tempos vivi debaixo do mar, no reino de Limonos. Quando tinha dezasseis anos, apaixonei-me por um príncipe e, bem, vocês sabem como essa história acabou. Mas, para conquistar o seu amor, tive de vender a alma à bruxa do mar Edonia.

Várias pessoas arquejam, sabendo muito bem quem Edonia é e o que me fez.

– A Edonia fez com que eu trocasse as barbatanas por pernas e tirou-me a língua para poder ter a minha canção de sereia. Não sei porquê, nunca fui muito grande cantora para começar – acrescenta com um sorriso. – Mas estou a divagar. Ela prometeu-me coisas que sabia que não eram verdadeiras e eu, sendo jovem e ousada, apaixonei-me por isso. Portanto, agora podem ver o que eu tenho sido nos últimos dez anos. Tenho pernas. A minha língua acabou por crescer. Mas nunca consegui voltar ao mar. – Faz uma pausa. – Isto até ver a minha irmã, Asherah, a sereia no tanque.

Mais arquejos e murmúrios espalham-se pela multidão, seguidos por alguém, o Drakos, creio, a dizer:

– Eu sabia! – Mas é claro que ele não podia ter sabido.

– Quando a Asherah estava a morrer, beijou-me e esse beijo devolveu-me algumas das minhas capacidades. Tornei-me mais monstro, se quiserem, embora continue a ter pernas. – Espeta uma das pernas. – Então, isso é tudo que há para saberem sobre mim.

O Thane avança, dirigindo à Maren um olhar inspetor, antes de olhar para mim.

– Porque não nos contaste isto antes?

– Porque não queria que perdessem a cabeça sedenta de sangue ao descobrirem que ela tinha sangue de sereia – digo-lhe.

– Mas – diz a Maren enfaticamente –, agora que já sabem, estou aqui para vos oferecer o meu sangue.

– Maren – digo, com um grunhido, puxando-a para mim, com os pelos

erçados. – O que estás a fazer?

– Quero dar-vos o meu sangue – diz ela, unindo as sobrancelhas. – Só assim podemos derrotar a Edonia.

– Nós nem sabemos se vamos ver a Edonia – digo-lhe, com uma espiral de possessividade fundida formando-se dentro de mim. – Não te quero partilhar.

Ela estreita os olhos para mim.

– É só sangue. Não é sexo. – Depois, faz uma pausa, franzindo a testa. – Meu Deus, espero não ter oferecido sexo a todos.

– Não – digo-lhe com firmeza. – Está fora de questão.

– Ossos – A voz baixa da Nerissa ecoa pelo convés. – Controla o ciúme.

Toda a gente se vira para a olhar, ao fundo da multidão.

– Se a Maren acha que devem beber o sangue dela, é porque devem – diz ela.

– Vão drená-la – gaguejo.

– Pelo amor de Deus, Ramsay – contesta o Thane. – Achas mesmo que a tua tripulação não tem esse tipo de controlo e *finesse*? Não temos de nos alimentar diretamente dela, burro. Podes extrair-lhe o sangue para uma garrafa, que podemos passar à volta entre nós. Bem sabes que basta um pouco.

Penso em quando me alimentei da Maren. Bateu-me tão depressa e bebi tanto que senti que era capaz de levantar o *Nightwind* acima da cabeça. Também é verdade que desapareceu pela manhã, embora ainda persistissem alguns efeitos residuais. Mesmo um pouco bastaria para o curto prazo. Um pouco entre a tripulação pode ser suficiente para ter uma frente de combate sólida.

Mas, mesmo assim.

– Não – digo com firmeza. – De modo nenhum. Ela é minha e o seu sangue também.

– É o meu sangue – grita ela. – É meu e posso fazer dele o que eu quiser.

Ignoro-a e olho para a tripulação.

– Proíbo todos de beber o sangue dela e, como capitão, isto é uma ordem.

Todos suspiram e resmungam entre si, virando-se e voltando para o convés inferior e para os seus quartos, agitando os braços num movimento desdenhoso. Todos saem, exceto o Olhos Doidos, que contorna o cadáver do Sterling e retoma a sua posição ao leme, e a Nerissa, que se deixa ficar e dirige à Maren um olhar cheio de significado. Se eu não soubesse que isso é impossível, diria que a informação era transmitida entre elas em silêncio.

– Diz-me, por favor, o que fazes aqui? – pergunto. – Maren?

A Maren desvia finalmente o olhar da Nerissa, que caminha para o convés inferior, e olha-me com uma careta.

– Dizes que és meu dono, Ramsay, mas só és dono do meu coração.

Fico imóvel.

– Só? – repito, sentir a quietude desvanecer quando uma onda de emoções estranhas me atinge e aperto-a mais a mim. – Só do teu coração? O teu coração é tudo para mim, ‘morzinho.

Ela está a dizer que ele me pertence? Que mo dá livremente?

Engole em seco, o seu lábio com beicinho.

– Tu sabes o que quero dizer.

– Não sei, não – digo-lhe, com o peito a aquecer. – O meu coração pertence-te, Maren, mas será que o teu me pertence? Acaso te reclamo, de facto, nesse sentido, mais do que uma mera marca na tua anca, mais do que a minha possessividade, mais do que a maneira como me uno ao teu corpo? És reclamada de tua livre vontade? Dás-me o teu coração em troca?

Ela estende o braço e toca-me no rosto ao de leve, com um sorriso doce nos lábios.

– Sim, dou-te o meu coração, Ramsay.

– Verdadeiramente? – pergunto num sussurro, com medo de que não seja verdade. Trago as suas mãos aos meus lábios e beijo-lhe os nós dos dedos.

– Verdadeiramente – diz ela.

– É porque me apaixonei por ti, *cearban* – digo-lhe, segurando-lhe as mãos com força. – Apaixonei-me por ti, afoguei-me nesse delírio puro do que tu és, esse sonho febril que não me larga. O teu coração, a tua alma, o teu corpo e o teu espírito. Ah, como eu te amo ferozmente. – Beijo-a delicadamente, a paixão erguendo-se em mim como uma mola. – Amo-te com a mesma ferocidade que tem essa pequena criatura que és tu.

Ela agarra-me, retribui o beijo e eu sinto que estamos a ser puxados para as estrelas.

– Eu também te amo – sussurra contra os meus lábios e eu agora sinto que as estrelas chovem sobre nós, afundando-se nas minhas veias. – Meu feroz senhor pirata.

Meu Deus, como eu adoro ouvir isto.

Depois, separamo-nos, o seu peito a subir e a descer, e o olhar desafiante.

– Mas embora te dê o meu coração, o meu corpo e a minha alma, embora agora te pertençam – continua ela, ofegante –, o meu sangue continua a ser meu. Deixa-me dá-lo à tua tripulação. Deixa-me ajudar de alguma forma. – Ela faz uma pausa e dirige-me um olhar de dor no coração. – Eles também são a minha família.

Abano a cabeça.

– Sou um homem teimoso, Maren, já sabes isso. Podes fazer o que quiseres, mas eles não vão bebê-lo. O teu sangue é teu e meu, e pronto. Não o partilho, de forma nenhuma.

Ela expira com desilusão, mas francamente não me importo, porque acabou de me dizer que o seu coração me pertence. Acabou de me dizer que me ama. Depois de tudo o que eu perdi, o meu pai, a Venla, a Hilla, o Henry,

ainda encontrei alguém que me ama por quem sou, e alguém que eu amo profundamente de volta. Eu amo-a e nunca a deixarei partir.

Nada mais importa agora.

* * *

Quando acordo de manhã, descubro que a Maren desapareceu. Outra vez.

Entro imediatamente em pânico, salto da cama, com a imagem do Sterling a forçá-la na véspera à noite ainda enraizada na minha cabeça. Tem havido tanta violência e horror ultimamente que já não confio no mundo. Estou à espera de que o tapete seja puxado de baixo de mim a cada segundo que passa.

Enfio as bermudas e saio a correr do aposento, chamando-a pelo nome, depois ouço-a responder do fundo do convés principal, por isso apresso-me a passar pelo seu quarto e pelos aposentos do oficial até a encontrar, na cantina. Está sentada na bancada de madeira com a Nerissa ao lado, neste momento parecendo duas ervilhas numa vagem. Belas criaturas do mar.

Mas depois olho para o braço da Maren, que está enfaixado, e de seguida para o Sedge, de pé ao lado dela, com um rolo de gaze nas mãos.

– O que se passa aqui? – pergunto. – O que aconteceu ao teu braço?

A Maren dirige-me um débil sorriso e reparo que está mais pálida do que o habitual.

– Nada. Simplesmente, cortei-me quando estava a ajudar o Sedge a cortar cebolas para o pequeno-almoço dos pajens.

Tento engolir o nó na garganta pelo facto de o Henry não ir tomar o pequeno-almoço, como de costume. Dissolvo a tristeza sacudindo a cabeça e olho para o braço dela, depois para Sedge, que apenas encolhe os ombros inocentemente. Por fim, olho para a Nerissa, que também encolhe os ombros, embora o faça com um sorriso recatado.

Estreito os olhos para elas.

– Se eu descobrir que houve algum mau comportamento... – aviso-os.

– Então eu ofereço a Maren para a tarefa – diz a Nerissa maldosamente.

– *Humf.* – Faço um ruído de desagrado. – Bem, estão a pé terrivelmente cedo, tendo em conta a noite que nós...

– Terra à vista! – A voz de Thane chega do convés superior. – Terra à vista!

Trocamos todos um olhar de choque, chegado este momento mais cedo do que eu pensava, e depois saio da cantina a correr e subo disparado as escadas até ao convés superior. A tripulação está reunida ao longo do corrimão, a apontar para o horizonte, onde o Sol acabou de raiar. Corro para lá e sigo a direção deles. Nem preciso de óculo para a ver, há uma linha de neblina baixa no horizonte e, logo depois, a península que se destaca no norte da baía de Banderas.

Não sei o que eu sinto, para ser sincero. Em todas as viagens pelo

Pacífico, a terra representou uma mudança em relação à monotonia no mar. Pessoalmente, não me importo com a monotonia, o mar significa liberdade para mim e a terra é apenas um lugar para as pessoas se meterem em problemas. Mas a tripulação adora quando entramos nos portos. Há vítimas frescas para nos alimentarmos, ratas frescas para foder e tesouros frescos para roubar. A Irmandade não é como a Maren, nós não somos criaturas marinhas de origem e até eu admito que há lá uma sensação de «assentar» que não se consegue com frequência acima das ondas.

Representa também para nós o início dos ataques piratas. Percorremos, de um lado ao outro, a costa do Pacífico da Nova Espanha, desde a Baía de Banderas até Acapulco, a saquear a mercadoria dos galeões, quer se trate de pólvora, seda, marfim e jade provenientes de Manila, ou montes de moedas de prata, vinho e armas que acabam de sair de Acapulco. De qualquer forma, os galeões estão sempre carregados e, mesmo com a sua escolta, as coisas ficam caóticas perto da terra e é mais fácil dominá-los.

No entanto, agora o nosso propósito não é o mesmo de quando saímos de Manila. Quando partimos, tínhamos um porão cheio de tesouros para gastar e trocar quando chegássemos a este lado do oceano. Tínhamos também um príncipe e uma princesa para resgate. Mas o príncipe há muito que passou há história, a princesa agora é uma pirata – mesmo que ela mesma não pense assim – e o tesouro que temos no porão não parece ser tão importante como a possibilidade de enfrentar a Edonia. Sabemos que ela vive algures ao longo desta costa e, portanto, embora seja imperativo para a tripulação chegar a terra firme, não é o fim da batalha para mim.

A Maren aparece ao meu lado, estreitando os olhos para o horizonte.

E ela é outra razão pela qual ver terra firme me traz tantos sentimentos contraditórios. A nossa viagem juntos está a acabar. Eu amo-a e ela ama-me, no entanto, não sei se esse amor é forte o suficiente para a impedir de voltar a casa se tiver oportunidade.

– Uau – sussurra ela. – Nunca pensei que ver terra seria tão estranho.

– Estranho? – pergunto.

Ela acena com a cabeça e eu reparo que parece um pouco instável.

– Sim. Da última vez que a vi eram as ilhas e foi um grande alívio daquele lugar assustador. Mas muita coisa mudou desde então, entre lá e aqui. Julguei saber o que queria da última vez que vi terra. Agora que a vejo de novo, não sei bem o que quero.

O que queres sou eu, ainda, não sou?, quero perguntar.

Coloco a mão ao fundo das costas dela, inclina-se para mim desajeitadamente, caindo ligeiramente.

– Estás bem, 'morzinho? – pergunto, espreitando-a.

Continua pálida e quando olho para a ligadura que tem à volta do braço, vejo uma ponta de vermelho a atravessá-la. A visão do sangue desencadeia em mim uma fome primordial, que enterro profundamente por enquanto.

Ela acena com a cabeça e faz um débil ruído de assentimento.

– Estou bem.

Deus Todo-Poderoso, ela não fez o que eu julgo que fez...

– Maren – digo, agarrando-lhe os ombros e forçando-a a olhar-me. – Olha-me nos olhos.

Ela abre-os lentamente, balançando. Têm a cor azul-pálido de um cardume de águas rasas, quase pigmento.

Foi drenada.

Contraio o maxilar.

– Não lhes deste sangue, pois não?

Dirige-me um sorriso cansado.

– Está todo numa garrafa. O Thane escondeu-a. Por favor, não te zangues.

– Zangar?! – expludo, lívido. Olho rapidamente em redor, à procura do Thane. – Vou matar esse filho da mãe. – Thane! – grito. – Onde estás?! Onde está a garrafa?

Mas quando vejo o Thane, ele está de pé ao lado do leme, no convés da popa, a olhar para a água.

Largo a Maren e vou a marchar até aos degraus que conduzem ao convés da popa, e subo-os a correr até ficar ao seu lado.

Empurro-lhe o ombro para que olhe para mim.

– Thane – rosno.

Mas ele limita-se a fitar a água, com uma expressão de horror nos olhos. Trata-se de um olhar que me enregela o meu próprio sangue.

– O que foi? – pergunto, e espreito para ver para onde ele está a olhar.

A princípio, o mar parece normal, de um azul intenso, uma cor mais rica do que durante toda a nossa viagem, por estarmos a chegar a terra. Depois, dou-me conta de que algo desliza logo abaixo da superfície. Algo escuro, negro, e impossivelmente grande.

E uma visão de uns olhos amarelos.

Sugo o ar e grito como nunca gritei antes.

– É o Kraken!

Capítulo 37

Maren

– É a porra do Kraken! – grita de novo o Ramsay, e o pânico espalha-se pelo convés como um vírus.

– Vai buscar a garrafa de sangue! – berra o Cruz para o Thane, do castelo da proa.

O Ramsay lança-me um olhar de terror que eu sinto do outro lado do convés, embora não tenha a certeza se é por causa do Kraken ou por agora o meu sangue está sendo chamado a uso.

Mas depois ele grita para o Thane.

– Sim, vai buscar o sangue da Maren! Passa-o a todos! Um gole chega! – E agora sei que ele finalmente alinha com a ideia.

Hoje de manhã levantei-me cedo, encorajada pela ideia da Nerissa de ignorar a possessividade do Ramsay e dar o sangue à tripulação, de qualquer maneira. Então, entrei na cozinha e ela juntou-se a mim, depois pedi ao Sedge que me cortasse a veia para me sangrar. Ele hesitou, é claro, mas compreendeu, e não tardou a que o meu sangue fosse derramado para uma caneca, que depois foi entornada para uma garrafa de vinho vazia.

Agora, essa garrafa de vinho revela ser muito útil.

Mas, enquanto está a ser passada de mão em mão para que a tripulação possa fortalecer-se, não sei o que fazer. O meu sangue não tem esse efeito em mim.

– Mantenham-se afastados dos lados! – grita o Ramsay. – Todos sabem até onde esses tentáculos chegam!

– Maren! – grita a Sam, segurando a espada de pirata. – Agarra!

Atira a espada para mim e só por sorte consigo apanhá-la pelo cabo.

– Agora és uma verdadeira pirata, rapariga! – grita ela. – Vais ter de tentar cortar esses tentáculos, a menos que aches que o podes fazer com dentes e garras.

– Acho que vou tentar as três coisas! – digo-lhe, segurando a espada com força. A minha experiência com o Kraken tem sido superficial, por assim dizer, mas eu vi o que esses tentáculos tentaram fazer ao Nill.

Mas claro que se o Kraken está debaixo do navio neste momento, isso não significa que a Edonia estará a controlá-lo?

Raios, praguejo. Onde está a Nerissa?

Não quero abandonar o convés superior, para o caso de o Kraken atacar e ser preciso uma espada adicional na defesa, já para não falar de que podia haver mais do que um. Mas a Nerissa devia estar aqui connosco. Se ela puder de alguma forma falar com a irmã ou com o Kraken, talvez nem seja preciso lutarmos, pelo menos não a tripulação toda.

Decido arriscar e descer as escadas até ao convés principal, à procura da Nerissa.

– Viste a Nerissa? – pergunto ao Sedge, quando irrompo na cantina. Ele abana a cabeça.

– Está bem, bom, temos companhia na forma do Kraken, e não sei qual é o melhor lugar para ti e para os rapazes. Eu sei que é pedir muito que voltes para os aposentos do capitão novamente, mas caso o navio comece a afundar, pelo menos podem fugir pela varanda.

O Sedge limita-se a inclinar a cabeça como que a dizer: *O navio não pode afundar.*

Deuses, espero que ele tenha razão. O *Nightwind* pode ser capaz de lidar com uns pelouros, umas granadas e as tempestades mais ferozes, mas se essa besta marinha decidir despedaçar o navio tábua a tábua, não vejo como seria capaz de se montar de novo. Não faz propriamente parte da Irmandade.

– Fazes isso por mim, vais buscar os rapazes e mantém-nos em segurança? – O Sedge acena enfaticamente com a cabeça.

Respiro aliviada e começo a correr pelos conveses, a chamar o nome dela. As únicas pessoas que encontro são o Remi e o Horse em posição nos canhões, um de cada lado do convés. Dirigem-me um olhar apavorado.

– Ouvi dizer que é o Kraken – diz o Horse. – É mesmo o Kraken? Estamos à espera da ordem para disparar.

– Talvez o atinjamos em cheio na boca – acrescenta o Remi, com falsa coragem.

– Espera a ordem do Thane – digo-lhe. – Vai correr bem. – Faço uma pausa. – Viste a Nerissa?

Abanam a cabeça em unísono.

– Não, minha senhora – diz o Horse, desajeitado. – Não a vejo desde... desde...

Perde o fio à meada, a boca frouxa, os olhos aterrorizados em algo atrás de mim. Viro-me bruscamente para ver a portinhola do canhão aberta, do outro lado do Remi. Em vez de olhar para o horizonte azul, a única coisa que eu vejo é um olho amarelo gigantesco a espreitar-me.

– Kraken! – grito. – Disparem! Disparem os canhões!

Não me importo de não ser o Thane, e os artilheiros também não. Riscam um fósforo e acendem a parte de trás do respiradouro e o tiro é disparado com um ensurdecedor *BANG*, que impregna o ar de fumo.

O canhão recua com grande violência, puxando as cordas que o mantêm no lugar e o tiro dispara o pelouro diretamente para o olho do Kraken.

O monstro solta um berro sobrenatural que abala todo o navio e parece saído das entranhas do inferno e o olho destruído começa a cair, saindo do campo de visão deles, mas agora os tentáculos batem na lateral do casco, sacudindo o navio.

Gritos e berros chegam do convés superior e eu sei que tenho de ajudá-los. Olho para o Remi e para o Horse, com o terror estampado nos rostos. Não têm este ar quando lutam contra a Marinha Real, mas o Kraken é uma luta completamente diferente, que pode significar a morte para todos.

– O Thane passou por aqui com a garrafa? Não, não teve tempo – respondo a mim mesma, esperando que a garrafa ainda esteja a ser passada lá em cima.

Pego no braço e arranco a ligadura, e o movimento abre a ferida de antes. O meu sangue começa a fluir e levo rapidamente o braço à cara do Remi.

– Chupa! – grito, ciente de como isto soa, e também ciente de que o Ramsay tem sido muito inflexível com a questão de eu não partilhar o meu corpo com os outros. Mas quando se trata de uma situação de vida ou morte, e não hipotética, estou-me a marimbar para o que ele pensa.

O Remi chupa delicadamente o sangue, dirigindo ao Horse um olhar inseguro, e depois vejo que as suas pupilas ficam vermelhas e ele me morde.

– Ai, caraças! – grito. – Não é preciso morderes-me.

– Remi – ralha o Horse, empurrando-o para fora do meu braço, com gotículas do meu sangue no bigode fino, depois o Horse começa a alimentar-se. Mostra um pouco mais de contenção e não me morde, mas o Remi já lhe facilitou a vida.

Então, também as pupilas do Horse ficam vermelhas e eu percebo que ele se está a deixar levar, por isso dou-lhe um pontapé na canela para ele parar.

– Já sentem? – pergunto-lhes e eles acenam vigorosamente, os olhos abrindo-se muito de entusiasmo. – Então disparem de novo!

Lançam-se à luta de um salto, e correm tão depressa que são um borrão.

Viro-me e saio a correr do convés das armas para as escadas até ficar com a carnificina do piso superior diante dos olhos. Os tentáculos do Kraken fugiram selvaticamente o navio, um deles puxa o mastro dianteiro, outro bate no corrimão até os cacos voarem pelo convés, outro bate no convés como um punho.

– Socorro! – grita o Olhos Doidos quando um tentáculo o agarra, apertando-o como se quisesse cortá-lo ao meio, e depois aparece o Cruz, que corta o tentáculo com uma espada larga, empunhando a arma gigantesca como

se fosse um brinquedo.

Quanto mais olho para todos, mais me apercebo que todos beberam o meu sangue. Deslocam-se mais depressa, estão mais fortes, pensam dois passos à frente. Não sei quanto tempo permanece no organismo deles uma dose, mas pode ser o suficiente para destruir o Kraken.

E a Edonia?, não posso deixar de pensar. Onde está? Porque não mostra a cara? E onde foi a Nerissa? Será que já nos abandonou?

Uma sensação de terror abala o meu organismo.

E se a Nerissa tiver conduzido a Edonia aqui? E se isto tudo fizer parte do seu grande plano? E se não houver destino, mas algo que ela controla?

Estou a matutar nisto, horrorizada, recusando-me a sentir-me traída, enquanto vejo a tripulação desbastar continuamente os tentáculos do Kraken. Trata-se de uma besta enorme, do tamanho do navio, no entanto, com os canhões a disparar por baixo e a força de luta que a Irmandade revela, parece estar a desistir.

Corro para mais perto do limiar do convés e paro ao lado do Matisse, que me olha de cima a baixo, com expressão aprovadora.

– Obrigado pelo sangue, a propósito – diz ele, com o sotaque francês. – Tens um sabor magnífico.

Descarto o estranho elogio enquanto o Thane grita:

– Está a recuar!

– Encher as velas! – grita o Ramsay do convés da popa. – Vamos superar a besta!

– Sim! – grita a tripulação, e começa a correr de um lado para o outro.

– Tudo graças à Maren! – diz a Sam, subindo para o caixote junto do corrimão. Levanta no ar a garrafa do meu sangue, quase vazia. – Obrigada à sereia...

Um tentáculo roxo, quase preto, ergue-se do outro lado, mesmo atrás da Sam, que ali está na borda. Abro a boca para gritar o nome dela, mas o tentáculo recua por um momento, depois ataca tão rápido que eu me engasgo com o som.

O Kraken faz um buraco mesmo no meio da Sam, extraíndo-lhe o coração.

– Sam! – consigo finalmente gritar.

Corro para ela, de espada de pirata em riste, e começo a dar golpes no tentáculo, que lhe atravessa o corpo ao meio. Furo, corto, fatio, com as lágrimas a escorrer quando ela cai do caixote, aterrando de cara no convés.

O tentáculo recua, com o coração de Sam ainda a pulsar na ventosa.

– Não! – grito, ciente de que os outros agora estão correndo para mim, a gritar pela Sam, a gritar por mim, o horror tomando conta do navio.

Então, aparece outro tentáculo e, enquanto aquele que tem o coração da Sam desliza para o mar, o outro vem direto para mim.

Tento saltar para fora do caminho, mas o tentáculo é rápido. Enrola-se à volta do meu corpo como um anzol, as sucções viscosas dolorosamente

coladas à minha pele, depois levanta-me no ar e começa a puxar-me borda fora.

Torço o corpo, tentando libertar-me, e a última coisa que vejo é o convés do navio, onde o Ramsay corre para o tentáculo de espada em riste, o Thane se ajoelha ao lado da Sam, que jaz numa poça de sangue, morta.

Depois sou puxada diretamente para o oceano.

Diretamente para a Edonia.

Capítulo 38

Maren

O Kraken que me tem mexe-se depressa, mas não está sozinho. Quando viro a cabeça para olhar para a superfície, vejo outro ainda a lutar com o navio, embora pareça enfraquecido da luta.

Continua a nadar para baixo, levando-me como refém, e a princípio a única coisa que eu vejo é o azul-escuro das profundezas vir ao meu encontro, esse abismo infinito que se estende eternamente. Não demora muito a que eu veja o fundo, um recife vermelho-escuro que lembra sangue e, no meio do recife imponente, num círculo de areia, está a Edonia.

O aperto do Kraken intensifica-se, como se soubesse que eu tentaria contorcer-me para escapar. Eu tento, de qualquer maneira, fazendo um esforço para me soltar das sucções, mas elas prendem-se tanto à minha pele que tenho medo de que possam arrancar-ma.

– Ei-la – diz a Edonia com a sua voz suave e malévola. – Como eu esperei por este dia.

Paro a minha luta para a olhar, embasbacada, quando o Kraken me entrega, estendendo-me como um prémio arduamente conquistado.

A Edonia está mais ou menos como a recordo, mas ainda mais poderosa e ameaçadora. Parece mais alta, os ombros mais largos e o cabelo branco mais comprido, transformado em enguias perladas que se contorcem na água. O vermelho dos seus olhos já não é um coral brilhante, mas sangue seco, roçando o preto, e parece ocupar os olhos inteiros, já não restando branco neles.

Sorri para mim e os seus dentes rivalizam com os meus, afiados como facas.

Componho a expressão de reverência no meu rosto e não retribuo nada.

– Eu sei que também tens estado à espera deste dia – diz ela com um tom sabedor. – Minha doce menina de cabelos de tinta, lembro-me como se

fosse ontem, quando me chamaste, a poucos quilómetros daqui, bem podes acreditar. Tão fresca, tão jovem, tão cheia de inocência. É difícil acreditar que és a mesma sereia, e não é por teres pernas. Pareces tão mais... velha. E eu sei, vinte e seis anos não é ser velho, aqui nas profundezas, mas lá em cima...

– Se estás a tentar insultar-me, não estás a funcionar.

– A insultar-te? Credo, não. – Sorri para mim e saem uns peixinhos escuros da sua boca. As enguias brancas do seu cabelo mordem a água quando eles saem, ansiosas por um lanche. – Mas é a verdade. O mundo lá em cima tem sido muito indelicado contigo, não tem?

– Tenho-me saído bem – respondo. Tento empertigar-me, mas é impossível quando se está a ser engolido por um tentáculo gigante.

Ela acena com a cabeça ao Kraken.

– Liberta-a.

O Kraken larga-me, as ventosas desprendem-se com um *pop pop pop*. Arquejo e afundo-me na areia, segurando a pele dorida onde me sugaram.

– Então, ouvi dizer que queres que eu reverta o feitiço... – diz ela.

Debato-me para me pôr em pé, sentindo-me estranhamente desequilibrada apesar de estar debaixo de água.

– Quem te disse isso? A Nerissa?

– A minha irmã? Credo, não. Como se eu lhe desse ouvidos. Mal é uma bruxa do mar, se queres saber a minha opinião, mas toda família tem de ter uma ovelha negra.

Avança alguns passos na minha direção. Os seus movimentos são suaves e medidos. O vestido preto diáfano flutua em volta do seu corpo como seda e dou-me conta que é feito de tinta de Kraken.

– Não sou parva, minha querida, embora seja seguramente curiosa. Não regateio com sereias como tu nem parto do princípio de que vai correr tudo bem, quando são tantas as variáveis na vida. Porque eu acredito na responsabilização.

Resflego ao ouvir isto e ela dirige-me um olhar firme. Continua:

– Sou uma reparadora, Maren. Uma transformadora de vidas. Uma realizadora de desejos. Preciso de saber como os meus... clientes... se adaptaram às novas vidas. Nunca estiveste verdadeiramente sozinha, princesa, não, eu sempre lá estive de alguma forma. Tenho criaturas debaixo e acima do mar que, de vez em quando, viam como estavas. Eu gostava de ficar de olho em ti, para ter a certeza de que estava tudo bem.

A indignação irrompe dentro de mim

– Que estava tudo bem? – repito, e a frase deixa-me um sabor amargo na boca. – Então claramente viste que, nos últimos dez anos, nada estava bem!

– Fizeste a tua escolha, queridinha – diz ela, com tom de voz paternalista, andando à minha volta, com os cabelos brancos de enguia brilhando como pérolas enquanto rodopiam na correnteza. – E foi uma escolha tua. Esqueceste-te de que foste *tu* que me procuraste. *Tu* pediste-me. *Imploraste*. Dei-te aquilo que me pediste. Reescreveste a história para te

fazeres de vítima aqui, mas só és vítima das tuas próprias escolhas tolas.

Abro a boca para a censurar, mas fecho-a, comprimida. Porque ela tem razão. Ela é pura maldade. Tinha más intenções, persuadiu-me a continuar contando-me as mentiras que eu mais queria ouvir, mas fui eu quem pedi. Fui eu que fiz a escolha, no final. Também sei disso, claro que sei e odiei-me por isso. É por essa razão que este erro pesou tanto na minha alma, porque sei que, no final, sou eu a culpada.

Fecho os olhos, a lembrar-me das palavras do Ramsay, de que não cometemos erros, mas fazemos escolhas que nos levam a caminhos diferentes. Foi este o caminho que escolhi. Mas não é aquele em que tenho de ficar.

– Em que pensarás, pergunto-me eu – reflete, e eu abro os olhos e constato que desapareceu.

Passa uma sombra e eu ergo os olhos para a ver nadar acima de mim, movendo-se como um tubarão, com o sol brilhando fraco atrás dela. Diante dos meus olhos, as pernas unem-se e transformam-se num branco liso e sem costuras, uma cauda de tubarão, no final.

– Tens inveja daquilo que consigo fazer? – pergunta ela, nadando agora para baixo à minha volta. Agora já não é a Edonia, mas um grande tubarão-branco, uma besta de aspeto feroz e olhos vermelhos. – Lembro-te o teu amigo?

Não. O Nill era mais pequeno e tinha uma cor cinza suave e metalizada, com barbatanas compridas arredondada e as pontas brancas brilhantes como se tivessem sido mergulhadas em tinta.

– Gostavas de poder fazer como eu? – pergunta ociosamente e, num instante, transforma-se novamente em si mesma, embora os seus dentes continuem a parecer pertencer a um tubarão. Os seus olhos dirigem-se ao meu fio. – Ficaste com ele estes anos todos. Espero que sempre que lhe tenhas tocado te tenhas lembrado daquilo que perdeste.

– O que eu perdi já não existe – digo-lhe, rígida. – As minhas irmãs desapareceram, a minha mãe, o meu pai. Não sei quem ficou em Limonos.

– Oh, bem, posso atualizar-te com todos os mexericos – diz ela alegremente, juntando as mãos. – A Ashera atravessou o Pacífico, ao passo que a Larimar julgo que foi para o sul, para os polos. As tuas irmãs partiram depois de o teu pai ter morrido de coração partido, tudo por tua causa. Sem eles, não havia mais ninguém para governar o reino e todos – gesticula com as mãos, fazendo contorcer as enguias do seu cabelo se – se espalharam. Todas as sereias abandonaram Limonos. Agora, é um mar estéril, circundado por terra árida. É incrível, o que o egoísmo de uma menina pode fazer.

Fulmino-a com o olhar.

– Estou cansada de me sentir mal com as minhas escolhas.

Ela dirige-me um olhar falsamente empático, fazendo beicinho.

– Ah, aposto que sim. Não é por isso que aqui estás?

– Foste tu e o teu Kraken que me puxaram para aqui!

Ela abana o dedo para mim.

– Só porque sei que é por isso que fizeste este caminho todo. Tudo te levou diretamente até mim, tal com tu querias. É o destino, querida. E agora, serei tão nobre que te concederei o desejo e reverter o feitiço. Não digas que nunca te fiz nenhum favor.

Ela gesticula para a areia, mexendo os dedos, e os grãos começam a erguer-se e a girar como um turbilhão, sempre à volta, até surgir um livro, um manual de couro gasto, com as páginas virando ao atravessar a água.

– É o livro do Ramsay – digo.

– Sim. O que a *mulher* escreveu para ele – diz, com irritação na voz. – Eu sabia que a Venla era uma traidora da sua espécie quando se casou com aquele sanguessuga, mas não pensei que escrevesse um livro de magia para ele para poder aprender os feitiços e usá-los para si mesmo. – Os seus olhos estreitam-se em fendas vermelho-vivas. – A nossa magia é só para as bruxas. Nós não a partilhamos com os seres humanos, especialmente com a Irmandade. São o nosso verdadeiro inimigo, linda, não lhes damos as únicas armas que temos! Isso é punível com a morte.

Fito-a, horrorizada.

– Não mataste a Venla, não?

– Não – diz ela, de queixo espetado. Eu queria matá-la, mas não deixava de ser minha irmã. Meia-irmã, em qualquer dos casos.

– Mas mataste a filha dele – digo, com olhos fulminantes.

Ela sorri friamente.

– Matei. Eu queria o livro. Este livro não pertencia às suas mãos, pertencia às minhas. Matar a menina do Ramsay foi uma distração. Além disso, teria crescido para ser meia-bruxa e meia sanguessuga e o mundo não precisa disso. Já há membros da Irmandade a mais. O mundo está a tornar-se desigual.

Ela suspira e abana a cabeça, e as enguias suspiram com ela. Então, inclina a cabeça para me encarar e fixa-me com olhar satisfeito.

– Mas agora o livro está nas mãos certas, as minhas, e, com isso, vou transformar-te novamente no que desejas.

Dou por mim a sacudir a cabeça e o pulso a acelerar.

– Não – digo, engolindo com força. – Não, eu já não quero isso.

Ela fita-me com os olhos arregalados.

– O que é que já não queres mais?

– Não quero voltar ao meu estado pleno de sereia – digo-lhe, sentindo convicção pela primeira vez. – Quero ficar como estou.

– Um monstro a habitar na terra – diz ela com desprezo.

– Que está apaixonada por outro monstro que habita a terra – digo, ousada. – Eu e o Ramsay somos o mesmo. Ele é o meu sangue e eu o dele. Não voltarei a este mundo se não puder estar com ele.

A expressão dela faz-se ainda mais venenosa, o suficiente para me provocar arrepios.

– Mesmo que seja ele a razão pela qual todo o teu mundo ruiu?

Franzo o sobrolho. As palavras dela deixam-me irritadas.

– Como assim?

– A vida é feita de sequências, querida. A tua mãe foi-te tirada, o que significa que o teu pai te ignorou por causa da sua dor. Depois, abandonaste-o para sempre, o que acabou por matá-lo. Sem a rainha, o rei e as princesas para governar Limonos, o reino desmoronou. E estás a virar-lhe as costas de novo porque dizes que te apaixonaste pelo mesmo homem que apanhou a tua mãe.

Parece que o mundo ficou num silêncio de morte, por um momento. Nem sequer ouço o meu coração.

– O quê? – sussurro, rouca, o peito cheio de gelo.

– Ouviste-me bem – diz ela. – O Ramsay capturou a tua mãe e matou-a. É isso que eles fazem. Esses piratas, essa Irmandade. Adoram o sangue de sereia. Podes pensar que te veem como parte da tripulação, talvez até uma nova família a que possas chamar tua, mas afinal só querem usar-te e descartar-te. Fizeram o mesmo à tua mãe e vão fazê-lo contigo. Para eles, não passas de um peixe.

– Não – digo, abanando a cabeça. – Recuso-me a acreditar nisso.

– Muito bem – diz ela, olhando para as unhas. – Mas diz-me porque é que nunca descobriste quem a levou. O Ramsay não é parvo. Não completamente. Sabe que a verdade arruinaria a confiança que construiu entre vocês.

Continuo a abanar a cabeça, não querendo que as palavras sejam assimiladas. Não pode ser verdade.

– Não. Perguntei-lhe se alguma vez tinha levado uma sereia que fosse mãe – consigo dizer.

– E qual foi a resposta dele?

Que eu saiba, não. Foi o que ele disse. Não era mentira. Na altura, nem sequer sabia que eu era sereia.

– Estou a ver – diz ela, lendo o meu rosto. – Não importa. O que está feito, feito está e tens sorte por eu estar do teu lado.

A mão dela dispara e o livro que estava a flutuar na água vai diretamente para ela, as páginas viram-se até ela segurar o tomo na mão e bater nas páginas com o dedo.

– Ah, vamos lá. Como reverter um feitiço – diz ela. – Embora te deva informar de que há custos inerentes a essa reversão. São necessários para que eu não passe os dias todos a desfazer o que me é pedido. É o custo de se fazer negócios, como se costuma dizer. Embora talvez fosse melhor rasgar a página inteiramente.

– Que custos? – pergunto, depois abano a cabeça. – Não, eu não quero, por isso não importa.

– O custo – continua ela, rasgando a página do livro – é que terás as barbatanas de volta, como se nunca as tivesses perdido. Voltarás ao que eras de todas as maneiras possíveis. Não era isso que querias? Nestes últimos dez anos, não é um retorno à menina que foste, não é tudo o que sonhaste e

desejaste?

– Era – admito, com o coração a martelar-me o peito. – Mas acho que não posso voltar. Eu não quero.

– Ah, mas queres. Tu sabes que, bem lá no fundo, queres. E eu vou conceder-te isso. Um regresso a ti própria em todos os sentidos... todos, exceto um.

– Qual é?

– Mantenho a posse da tua alma.

– Tu nunca tiveste a minha alma! – digo-lhe. É verdade que muitas vezes pensei e disse que lhe vendi a alma, mas foi sempre uma maneira de dizer.

Não foi?

Dirige-me um olhar seco.

– Semântica, minha querida. Mas agora vou possuí-la completamente.

E, com estas palavras, acena os dedos na minha direção, disparando tinta das palmas das mãos e deixando o mundo negro.

Capítulo 39

Ramsay

Tão depressa estou a olhar para a Sam, como o Kraken lhe arranca o coração, deixando o sangue de um membro da Irmandade derramado no convés.

Logo a seguir, assisto o Kraken a agarrar a Maren como um gancho, arrastando-a no ar e para fora do navio.

Dirijo-me a ela antes que a minha mente tenha oportunidade de alcançá-la, correndo com a minha espada larga desembainhada, pronto para cortar o tentáculo do Kraken ao meio e libertar o meu amor, mas o tentáculo recua para o mar, levando a Maren consigo.

– Maren! – grito, e fico a vê-los desaparecerem nas profundezas, cobertos pelas ondas.

– Ramsay – diz o Cruz, com a voz baixa e pungente.

Viro-me e vejo o Thane de joelhos com a cabeça da Sam no colo, o sangue a espalhar-se debaixo dela como uma rosa a desabrochar. Fita o céu, sem vida, desaparecida.

Por um momento, não sei o que fazer. O Kraken – parto agora do princípio de que há mais do que um – continua a atacar o outro lado do navio, os tentáculos esmagando o *Nightwind* em alguns pontos, embora os seus movimentos sejam fracos e desleixados e o Lothar e o Matisse trabalhem arduamente com as espadas para mantê-lo à distância.

A Sam Battista está morta, minha querida cunhada, a amada esposa do meu irmão, e eu sei que ele está num estado de imensa dor e choque, de onde não há regresso. Já passei por isso e sei o que ele tem pela frente.

E sei que não posso fazer nada por ele. Tal como ninguém pôde fazer nada pelas minhas perdas. A única coisa que eu agora posso fazer é vingar a morte da Sam, bem como a da Hilla, e ir buscar a Maren antes que ela tenha o mesmo destino.

– Vou fazer-nos justiça, irmão – anuncio ao Thane, segurando a espada.

– Dou-te a minha palavra.

Ele olha-me, com as lágrimas a escorrer pelo rosto angustiado, e fico de coração partido com esta perda. Ele anui.

Não quero abandonar a minha tripulação, mas a Maren precisa de mim e parece que todos se estão a aguentar, graças ao sangue dela. Estou eternamente grato por ela ter decidido ir contra a minha vontade e seguir a sua. Nunca mais tentarei evitar isso, se bem que, mesmo que o fizesse, ela não me permitiria. Uma das coisas que mais gosto dela é a sua tenacidade.

Se ela estiver viva, penso, e esta ideia atinge-me até ao âmago.

Vou para o corrimão e subo para mergulhar no mar com a minha espada.

– Ossos! – Viro-me e vejo uma gaivota voar na minha direção, uma gaivota que tenho a certeza acabou de chamar o meu nome. Franzo a testa. Talvez seja normal ter alucinações em momentos destes.

– Vou contigo – diz a gaivota e, mesmo diante dos meus olhos, voa por cima da minha cabeça e transforma-se no corpo castanho e cheio de curvas da Nerissa, mergulhando diretamente na água sem sequer um salpico.

Nesse preciso instante, o Kraken atinge novamente o navio, fazendo-o estremecer e desequilibrando-me, de modo que caio também no mar.

Caio a chapinhar na água, quase perdendo o controlo da espada, e começo a bater os pés, descendo atrás da Nerissa, seguindo o seu cabelo que lembra algas e brilha com um verde mais claro na água mosqueada. Ela é rápida, faz isto com naturalidade, mas, por causa do sangue da Maren, tenho toda a energia e força do mundo e sou capaz de acompanhar o ritmo dela.

Lá vamos nós, até às profundezas, depois a Nerissa estende repentinamente a mão e agarra-me o braço, puxando-me para o lado noutra direção.

– *Por aqui* – diz, dentro da minha cabeça.

– *Como é que sabes?* – pergunto. O oceano parece-me todo igual.

– *Porque sei* – diz ela. – *Eu conheço a minha irmã.*

Engulo com força.

– *Então é ela. Não só o Kraken.*

– *Claro que é ela. Os Kraken não passam de criaturas sob o feitiço dela. Controla-os e eu agora tenho medo de que ela possa estar a controlar a Maren.*

– *Isso é impossível* – respondo. – *Ninguém controla a Maren. Ela é cem por cento dona do seu nariz.*

– *Também a bruxa do mar* – relembra-me ela. – *Vamos, vês ali a berma do penhasco? Vai dar-nos cobertura.*

Olho para o recife cinzento e vermelho-escuro, assento no topo de um banco de areia, cujo lado desce até ao abismo. Engulo com dificuldade, odiando o medo que a escuridão do oceano me dá. Parece um disparate para um marinheiro ter medo das profundezas, mas não é algo em que eu pense até o enfrentar. O fundo do mar desce tão abruptamente que é estonteante, como se eu estivesse prestes a ser sugado e a cair para sempre no grande fundo,

onde se escondem tantos monstros nessas profundezas escuras.

Mas o monstro que eu tenho de enfrentar é a Edonia, por isso sigo a Nerissa e nadamos ao longo de um desfiladeiro estreito criado pelo recife, a espada larga é pesada, mas continua firmemente agarrada na minha mão.

Nadamos assim durante algum tempo, passando por peixes de cores diferentes, barracudas, até alguns golfinhos que nos olham, curiosos, de longe, quando de repente a Nerissa para e se baixa atrás de um monte alto de coral.

– *É aqui que te deixo por enquanto* – diz-me, com os olhos brilhantes e sombrios. – *Tens de lidar com minha irmã sozinho.*

Aceno com a cabeça, não querendo a ajuda dela, de qualquer maneira.

– *Isto é entre mim e Edonia, mais ninguém.* – Brando a espada, embora se mova muito lentamente na água. – *Algum conselho?*

– *Ela é mentirosa* – diz enfaticamente, com o cabelo de algas girando em torno do rosto de bronze. – *Terá contado mentiras à Maren para conseguir o que quer. Se o que ela realmente quer é a ti ou à Maren, não podes acreditar numa única palavra que saia da sua boca. Fica a saber que, independentemente do que tenha acontecido à Maren, não tem de ser assim. Ficas com o livro e podes mudar as coisas.*

O livro! Claro que ela ainda teria o maldito livro.

Dirijo um derradeiro olhar à Nerissa e começo a nadar, continuando ao longo do desfiladeiro até ouvir uma linda voz sobrenatural ecoando através da água. É uma canção impressionante, aguda e transparente como o vidro e, pela maneira como mexe comigo, um anseio, uma tontura, uma lança afiada na minha alma, sei que não se trata de uma música comum. É um canto de sereia. A canção roubada da Maren. E, pela graça de Deus, porventura a graça da Maren por me deixar beber o seu sangue, sou capaz de permanecer invulnerável.

Pelo menos sei que estou no caminho certo e não tardo a ver o Kraken, alongando-se no seu tamanho maciço e escuro, parecendo fundir-se com o abismo atrás de si, e os olhos amarelos especialmente penetrantes.

À frente do Kraken está a Edonia, muito mais impressionante do que me lembro de ela ser. Os seus cabelos brancos giram em torno dela e, quanto mais olho para eles, mais percebo que são feitos de enguias cintilantes. Tem ao pescoço um fio numa correnteza de ossinhos minúsculos, de onde pende um frasquinho de poção com fumo roxo a rodopiar lá dentro.

E, ao seu lado, está a Maren.

Paro de nadar. Fico de boca aberta, e a água entra quando a olho pasmado, deslumbrado. A Maren está de pé à minha frente, já não é apenas uma mulher, mas uma maldita sereia. De cima, parece a mesma, com os longos cabelos pretos fluindo com a corrente, os seios fartos, o espartilho e a roupa interior que tem usado como vestido.

E sob a bainha rasgada da saia, sai uma comprida e poderosa cauda de peixe, as escamas de um verde-azulado cintilante que se afunilam em tons de roxo perto da barbatana, uma cor que muda quando capta a luz.

Com os dentes e as garras e aquela cauda deslumbrante e o seu rosto lindo, parece simultaneamente um sonho e um pesadelo, uma criatura dividida entre deusa e diaba.

– Deus Todo-Poderoso – praguejo, saindo bolhinhas da minha boca. – És o monstro mais impressionante que eu já vi.

Tem uma trela, uma coleira de espinhas entrelaçadas ao pescoço, e a corda segue até à Edonia. A expressão no rosto da Maren podia ser feita de pedra.

– Eu e a Maren fizemos um acordo – diz a Edonia. – Ela queria muito voltar à sua vida debaixo de água e eu estava a sentir-me generosa quanto baste para lhe atender ao pedido.

Sinto o coração afundar-se com estas palavras. Fito a Maren, tentando fazê-la ver, de facto, mas tem os olhos inexpressivos e indiferentes. *Afinal, continuavas a querer isto?*, penso para ela. *Escolheste isto, em detrimento de mim?*

– Naturalmente, tem um custo e, bem, ela agora pertence-me – continua a Edonia. – Não é mesmo um bichinho feroz? Como um lobo transformado em cão de guarda.

– A Maren não é um animal de estimação – digo, rangendo os dentes e dobrando a mão no cabo da espada. – Ela merece ser libertada.

A Edonia encolhe os ombros.

– Talvez. – Depois, levanta o braço e o Kraken avança com um tentáculo e coloca um livro nas suas mãos.

E não se trata de um livro qualquer. Eu reconheceria aquele tomo encadernado a couro em qualquer lugar. Há vinte e dois anos que o procuro.

– Tens uma escolha a fazer, Ramsay. Ou ficas com este monstro como ela é, ou ficas com o livro. – Puxa a coleira com uma mão e ergue o livro com a outra. – A escolha é tua.

Penso no que a Nerissa disse. Que a Edonia mente. Se eu escolher o livro, não há nenhuma possibilidade de ela me deixar ficar com ele, especialmente porque poderia desfazer o feitiço e libertar a Maren. Também não há como saber o que ela faria à Maren.

Fito o livro, a pensar nas horas que a Venla passou a escrevê-lo nos seus aposentos, os mesmos que a Maren ocupou. Sentava-se à escrivaninha a criar para mim todos os feitiços que considerava poderem ser úteis à Irmandade, mesmo aqueles que achava simplesmente caprichosos. Pensou num livro de magia que juntasse os dois tipos de poder, para mostrar ao mundo oculto que a unidade e a compreensão podem ser encontradas nos lugares mais improváveis.

Quando a Edonia me tirou esse livro, passou a ser a única coisa que eu queria. Não podia trazer a Hilla de volta, mas era uma coisa tangível, que podia sobreviver no tempo e era algo que já me tinha pertencido e devia pertencer de novo. Era propriedade minha e sou muito apaixonado no que toca aos meus bens.

Mas percebo finalmente agora que ter o livro de volta nas minhas mãos não me trará nada. Não me vai devolver a minha filha. A única coisa que poderia dar-me agora é a Maren. E a Maren é a única coisa que eu quero. Tirando isso, o livro é passado.

Tenho de me libertar do passado.

– Escolho a Maren – digo à Edonia. – Continuo a escolhê-la.

– Ela é um monstro, Ramsay. – A Edonia cospe as palavras, os olhos faiscando de raiva com a minha escolha. – É uma criatura feroz das profundezas.

– Sim – digo firmemente. – E não a amo apesar disso. Eu amo-a por causa disso.

– Estás prestes a cometer um erro grave – diz, com uma carranca.

Ergo um ombro.

– É só um livro.

Dilata as narinas e sorri desdenhosamente.

– Muito bem! A tua escolha será a última que fazes. – Puxa a corda até as espinhas de peixe à volta do pescoço da Maren se desfazerem e ela ficar de repente solta.

– Traz-me o coração dele, meu bichinho – diz a Edonia, arrulhando.

A Maren dirige-se a mim com um rugido selvagem, os dentes arreganhados, as garras de fora, a cauda a impulsioná-la tão depressa que não passa de um borrão. Mesmo com os meus reflexos rápidos como um relâmpago, mal tenho tempo para largar a espada e alcançar os seus braços, agarrando-a pelos pulsos.

Ela solta um grito estridente, que produz ondas de choque no oceano, e eu caio, disparado, na areia, com ela em cima de mim, a morder ferozmente a água.

– Olá, ‘morzinho. – Rasgo um sorriso para ela. – Estou tão contente por te ver.

Mas ela não está.

Rosna e contorce e é forte... oh, meu Deus, tão terrível e tão forte... e empurra-me mais na areia, que começa a preencher o espaço à minha volta, enterrando-me. Arranha selvaticamente a água, os pulsos estalam para trás e para a frente, e é preciso toda a minha força para a segurar. Mesmo assim, continua a empurrar e eu afundo-me ainda mais, a areia cobre-me agora o tronco e os meus brancos começam a tremer do esforço, tenho as mãos douradas de lhe agarrar os antebraços para manter as garras afastadas de mim.

– Maren – consigo dizer. – Não te lembras?

– Ah, ela lembra-se – diz a Edonia presunçosa, observando a cena toda. – Não está completamente desvairada. Acabei de lhe dizer que lhe mataste a mãe, de modo que está particularmente zangada. A raiva dela é uma coisa abençoada.

– A mãe!? – exclamo, olhando a Maren nos olhos. Estão agora completamente brancos, o azul desbotou e nem sei se vejo aí a sua alma. –

Maren, eu não matei a tua mãe. – De que é que ela está a falar, bom Deus?

– Alguma coisa que terias dificuldade em registar, sem dúvida – diz a Edonia, suavemente.

– Maren – repito, e as suas garras tocam agora na minha camisa e rasgam as fibras, milímetros de distância de perfurar o meu peito. – Juro por Deus que não matei a tua mãe.

Mas quando a olho nos olhos sei que ela não me ouve. Porque estou a perceber que a sua alma, essa alma complicada e ferozmente impressionante que aprendi a amar, não está lá. É como se não fosse ela. Tudo o que ela é, é a sua raiva personificada.

– O que lhe fizeste!? – grito, virando a cabeça para olhar para a Edonia quando me afundo mais na areia. – Esta não é a minha Maren.

– É apenas a concha, mas um homem não quer outra coisa de uma mulher, seja como for – diz ela, e toca no frasquinho que traz ao pescoço, com o fumo roxo a girar lá dentro. – Guardo a sua alma aqui mesmo.

Olho para a Maren, horrorizado. O seu corpo está a ser usado para me manter, enquanto a alma está no colar da Edonia, talvez assistindo a tudo.

– Não – digo-lhe, suplicando. – Não, não faças isso. Maren, ‘morzinho, princesa, eu sei que tu me ouves.

Mas as suas garras agora perfuram-me a pele, picando-me, o sangue sobe na água e a Edonia não para de rir, prestes a ver o meu coração ser arrancado e comido diante dos meus olhos, pela mulher que amo.

Depois, o riso da Edonia esmorece.

A Maren continua a enterrar as garras em mim, nada cansada, mas viro a cabeça quando a areia começa a derramar-se sobre o meu pescoço e olho para a bruxa do mar.

Há outra bruxa do mar atrás dela, segurando o livro nas mãos.

– O que estás a fazer aqui? – grita a Edonia ao vê-la.

– Estou a corrigir alguns erros – diz a Nerissa, e abre o livro e começa a ler em latim.

A Edonia grita:

– Não! – E atira-se ao livro, mas surge um cardume de barracudas por trás da Nerissa e disparam contra a Edonia como se fossem balas, salpicando o seu corpo de facadas afiadas, mantendo-a afastada.

– *Maren animam tuam liberabo!* – apressa-se a gritar a Nerissa, estalando os dedos.

A Edonia solta um grito em pânico, tentando agarrar o colar, mas uma das barracudas agarra-o na boca e fica pendurado por entre os seus dentes irregulares, até o levar à Nerissa.

Com a Maren ainda a tentar matar-me – sinto as suas garras à volta do coração, prestes a rasgá-lo –, a Nerissa pega rapidamente no colar e destapa o frasquinho, o fumo roxo transforma-se em líquido e sai do frasco, diretamente para a Maren.

– Aguenta, Ossos! – grita a Nerissa para mim.

– Não é tão fácil como tu pensas – lá consigo dizer, ofegante e em agonia ao sentir as pontas das garras da Maren roçarem as paredes do meu coração.

Não estou preparado para ir ao encontro do meu fim.

Capítulo 40

Maren

Estou prestes a arrancar o coração do Ramsay.

Eu tinha visto a cena desenrolar-se a partir do cativeiro do frasquinho da Edonia, presa pelo que deveria ser uma eternidade, incapaz de fazer coisa alguma a esse respeito. Vi o Ramsay aparecer, a nadar para fora do recife como um cavaleiro de armadura brilhante, a espada larga, uma determinação gritante no rosto bonito, e nunca me tinha sentido tão apaixonada por ele como naquele momento. Eu sabia que as coisas que a Edonia me disse sobre ele ter matado a minha mãe podiam ser verdadeiras. Eu sabia que o Ramsay teve um passado implacável quando no que toca a matar pessoas, sereias ou outras. Mas, naquele momento, nada disso importava. Eu amava-o, verdadeiramente, loucamente, profundamente.

Mas o corpo da criatura que eu era, aquele que a Edonia controlava, era alimentado pela raiva e, pela primeira vez na vida, separei-me daquele inferno que sempre borbulhou dentro de mim. Eu conseguia olhar para a minha raiva como sendo outra coisa, algo que eu não podia controlar, e percebi que ela nunca deveria ser separada. A minha raiva faz parte de quem eu sou, não é algo para enterrar nem para soltar cegamente. É algo com que me devo reconciliar, faz parte de ser humana.

No entanto, nesses momentos, a única coisa que eu queria era refreá-la. Parecia que a assassina sem qualquer noção que a Edonia criou, o produto da minha própria raiva sem restrições, estava prestes a arrancar o coração do Ramsay e a comê-lo.

A Nerissa apareceu então, pegou no livro da Edonia quando ela não estava a ver, demasiado focada na morte de Ramsay, e recitou as palavras que libertaram a minha alma.

Mas agora, de volta ao meu corpo de sereia, estou horrorizada com a perspetiva de que possa ser tarde demais. O Ramsay está debaixo de mim, a

olhar para o meu rosto em agonia, o sangue a subir das feridas que eu lhe fiz, as minhas garras enterradas no seu peito, prontas para lhe arrancar o coração e...

Num instante, amoleço. O amor amolece-me. As minhas garras dissolvem-se nas unhas, os meus dentes fazem-se rombos e a raiva que me conduzia descongela até eu ser capaz de a pôr de lado.

– Ramsay! – grito, retirando os dedos das feridas abertas que eu própria criei no seu peito.

Olho fixamente para os meus dedos, com a respiração a recuperar, enquanto me certifico de que o seu coração continua no lugar. Há apenas sangue seu nas minhas mãos, mais nada.

Ele larga-me os braços e agarra-me a cara, puxando-me para si. Beija-me com desespero, apertando-me junto ao corpo com tanta força que não me consigo mexer.

– Desculpa eu ter tentado matar-te – consigo dizer, afastando-me, os lábios junto dos seus.

Ele rasga um sorriso, aquele sorriso lindo, completamente maravilhoso, e deixa escapar uma gargalhada, que forma bolhas.

– Se eu tiver de ir, que seja às tuas mãos, 'morzinho.

Beijo-o outra vez, depois ouço um grunhido que ecoa na água e nos arranca do nosso reencontro. Endireito-me, depois puxo o Ramsay para fora da areia.

A Nerissa e a Edonia estão engalfinhadas, com as mãos no pescoço uma da outra enquanto rolam na areia, erguendo-se plumas de limo à volta delas. As barracudas mergulham e bicam a Edonia, ferindo-a e puxando as enguias no seu cabelo, enquanto o Kraken tem um tentáculo enrolado nas pernas da Nerissa, tentando afastá-la.

– Continuo a querer a minha vingança – diz o Ramsay com um grunhido. Pega na espada larga, vira-a na mão e persegue as bruxas bélicas.

– Afasta-te, Nerissa – ordena, de espada em riste. – A morte da Edonia é minha.

A Nerissa grita e, com um derradeiro impulso de força, consegue virar a Edonia de costas e depois solta-a, dando azo a que o Kraken a puxe para trás na água, ainda com o colar do frasquinho na mão, enquanto outro tentáculo segura o célebre livro.

A Nerissa e o Kraken desaparecem de vista, engolidos pelo azul profundo, e eu quero nadar atrás dela, para a ajudar a impedir de ser estilhada pela besta de tentáculos, mas o Ramsay é o meu único foco agora.

O Ramsay pega na espada larga e segura-a acima do coração da Edonia, enquanto ela grita por baixo dele.

– Nunca deixarás de ser um monstro! – grita ela, arreganhando os dentes, parecendo a fealdade em pessoa.

Antes que se possa escapulir, o Ramsay empurra a espada para baixo, perfurando-lhe o coração.

– Assim seja, então – diz ele, torcendo a espada com ênfase.

O grito da Edonia faz ondinhas na água e todos os peixes e criaturas nadam para longe dela apressadas. Ela continua a gritar, o sangue impregna a água, até que a última enguia perolada da sua cabeça para de se contorcer.

Tudo se imobiliza.

A bruxa está morta.

O Ramsay empurra ainda mais a espada com um grunhido, até ficar empalada mais fundo na areia.

Agora, está excepcionalmente morta.

Depois, ele atira a espada para o lado e nada até mim.

– Maren – sussurra, puxando-me novamente para os seus braços. – Acabou, meu amor. Acabou.

Mas eu só posso abanar a cabeça, e todo o meu corpo começa a tremer.

– Não acabou, Ramsay – digo, com a voz embargada. – Olha para mim. Olha para mim.

Ele solta-se e dá um passo para trás, o seu olhar percorre-me e acho que nunca me senti tão adorada e venerada.

– Estou a olhar para TI, Maren. E estou apaixonado pelo que vejo.

– Sou uma *sereia* – exclamo suavemente. – Não sabes o que isso significa? Não posso voltar a ser humana. O feitiço foi invertido. Estou presa nisto.

Ele franze o sobrolho, deslizando os olhos sobre mim novamente, interiorizado a amplitude e o comprimento da minha cauda.

– Não era isso que tu querias?

Abano a cabeça.

– Não fui eu que escolhi isto, Ramsay. A Edonia puxou-me aqui para baixo.

– Eu vi – diz ele, sombrio.

– Eu disse-lhe que não queria as barbatanas de volta, mas ela fez isto na mesma. Reverteu o feitiço e depois disse que a minha alma lhe pertencia para sempre.

– A última parte não é verdade – diz ele, pegando na minha mão e segurando-a firmemente. – A tua alma é tua. És livre.

– Mas não se eu for assim – exclamo baixinho. – Passei tanto tempo a querer isto e depois percebi que o que eu sempre quis eras tu. Foste sempre tu, Ramsay. Desde o início, eu queria ser ouvida, compreendida e vista, e tu *vês-me*. Vês-me como sou, princesa, pirata, monstro, sereia, seja eu o que for, não importa. Tu vês-me e, de alguma forma, independentemente de tudo... amas-me de facto.

– Claro que te amo – diz ele, os olhos escuros perscrutando minuciosamente os meus. – És impossível de não amar, raios.

As suas palavras quebram-me, estilhaçam como vidro. Fecho os olhos e tento lutar contra o desespero da situação.

– Só que agora estou condenada a viver a minha vida dentro de água, a

nunca ir a terra, a nunca estar ao teu lado.

– Não importa, *cearban*. Eu vou viver aqui em baixo contigo.

Pestanejo e o meu queixo faz um trejeito para cima.

– Não podes estar a falar a sério. Não podes trocar uma vida em terra por esta. Não quero saber que não precisas de respirar muito, este não é o teu mundo.

– Farei dele o meu mundo – diz ele com voz rouca, a mão agora no meu rosto, com as pontas dos dedos a pressionar-me a maçã do rosto. – Sim? Farei dele o meu mundo por ti.

– Eu não posso pedir-te que faças isso.

– E eu também não aceito orientações – diz ele. – Tu és a escolha que estou a fazer. Além disso, de que serve ser pirata quando eu já tenho o tesouro? – Dirige-me um sorriso torto.

– Estou a falar a sério – digo-lhe.

– Também eu – diz ele, passando o polegar pelos meus lábios. – Vamos fazer com que funcione, de alguma forma.

Mas eu não vejo como. Ele pertence à Irmandade, não pode viver uma vida debaixo de água comigo, mesmo que afogar-se seja impossível. Mais do que isso, não quero que ele desista do seu navio ou da sua família. O que eu quero é ter as minhas pernas de volta, subir até ao *Nightwind* e manter a vida que eu tinha. Nunca me dei conta de como gostava de fazer parte da sua tripulação, da sua vida, até isso me ser tirado.

Contemplo-o, com uma tristeza a destruir-me. Compreendo tudo o que me tem estado a dizer, mas continua a parece um adeus. Não estou pronta para me despedir.

Ele estende a mão e passa delicadamente os dedos pelas escamas macias da minha cauda, de lado.

– A minha marca – diz baixinho. – Desapareceu.

Olho para baixo. Tem razão. Não há vestígios da caveira com ossos cruzados e as suas iniciais dentro. Essa marca tornara-se uma das minhas partes preferidas do meu corpo.

– Não importa – digo-lhe. – Continua aí, mesmo que não se veja. Tu marcaste o meu coração, Ramsay.

Reclamaste-me para toda a vida.

– Beija-me – sussurro. – Deita-te comigo. Quero sentir-te toda.

Os olhos dele abrem-se muito e olha para o meu novo corpo, estendendo a mão para a minha cintura enquanto a outra segura, em concha, o meu maxilar. Beija-me profundamente, um beijo que parece tomar o meu coração e apertá-lo, fazendo contorcer as minhas barbatanas.

Afasta-se, com confusão no olhar.

– Admito, ‘morzinho, que não estou cem por cento seguro de como este curso de ação poderia... bem... acontecer.

Estou aliviada por ele não saber, para dizer a verdade. Isso significaria que ele já tinha dormido com uma sereia. No entanto, também não tenho a

certeza, dado que, como sereia, nunca fui para a cama com ninguém. Mas ainda estou familiarizada com este corpo, embora agora seja de adulta e sei que parte de mim anseia por ele, onde preciso dele em profundidade.

– Vou mostrar-te – sussurro, sentindo-me nervosa e arrojada.

Sou finalmente eu que lhe mostro algo pela primeira vez e não o contrário.

Deito-me na areia, a olhar para a superfície, que parece estar a um milhão de milhas de distância. Estou ciente de que o cadáver da Edonia se encontra próximo, de que os peixes já estão a trabalhar rapidamente nele, preso pela espada. Eu sei que há tristeza no *Nightwind* pela morte da Sam, e há tristeza no meu coração também. Sei que a Nerissa foi arrastada pelo Kraken para as profundezas e talvez nunca mais a veja.

Mas, apesar de tudo o que está a acontecer noutros lugares, a minha mente e o meu coração estão aqui com ele. Especialmente o meu corpo está aqui com ele.

E se ele me aceitar assim, na minha forma completa de sereia, penso com apreensão.

Existe a possibilidade de ele não me querer, de todo. De que pense que sou muito estranha e diferente nesta forma.

Mas, pela expressão calorosa do seu olhar, pela maneira como nada por cima de mim, a prender-me os pulsos acima da cabeça com uma mão, a abrir a aba das bermudas com a outra, sei que as minhas preocupações podem ser infundadas.

– És linda, Maren – diz ele, inclinando-se para me beijar profundamente. Olho para baixo e vejo-o sacar da pila dura e rija, o seu desejo por mim à mostra, e amoleço de alívio.

Baixa então os olhos, hesitando. Pela maneira como as escamas iridescentes da minha cauda se juntam, não dá para perceber onde fica a minha feminilidade. É praticamente invisível à primeira vista.

Baixo o braço e o seu olhar está preso à minha mão, que desliza pelo meu tronco até ao início da cauda, até estar a um quarto do caminho, mais ou menos no mesmo lugar onde as minhas pernas se juntariam.

Passo devagar o dedo pelas escamas, separando-as, e a sensação é logo escorregadia, depois o meu dedo mergulha no ponto onde estou quente e viscosa.

Arquejo, esta sensação é tão incrivelmente nova para mim, é como ser tocada desta maneira pela primeira vez e as minhas costas arqueiam no chão do oceano. Começo a gemer, as bolhas subindo para a superfície, e já estou perdida no meu próprio toque.

– Ajuda-me, meu Deus – diz o Ramsay, com a voz rouca de luxúria.

Com estas palavras, empurra o sexo para dentro de mim, deslizando pelos meus dedos, e eu sou tão impossivelmente apertada, ainda mais do que era em terra, que solto um grito que enche o mar. O seu sexo não parece caber, mas estou tão viscosa que ele penetra-me até à base, e as minhas costas

fundem-se com a areia.

– Oh, Deus! – grito.

Tento mexer as mãos para o agarrar, querendo sentir os músculos tensos dos seus braços, dos ombros, das costas, agarrar-me a este homem por quem eu faria qualquer coisa. Mas ele prende-me os pulsos e fode-me com tanta força e tão profundamente que sinto o cérebro a chocalhar, nublado, e sou arrastada por sensações que são familiares e estranhas. Nunca tive um homem assim, nunca tive o Ramsay desta maneira e é como dormir com ele pela primeira vez. Todos os lados do seu sexo, cada toque dos seus dedos nos meus seios, dos seus lábios no meu pescoço, e sinto-me como uma terra a ser descoberta.

Sinto-me conquistada.

E ele olha-me de tal maneira arrebatado, observando o meu rosto à procura de cada arquejo que dou, de cada vez que reviro os olhos, de cada vez que arqueio o pescoço, que nunca me senti tão idolatrada. É como se ele estivesse a guardar-me na memória a cada investida forte das ancas.

Talvez esteja. Talvez ele saiba que isto é tudo o que nos resta. Que não pode haver mais nada para nós. Dois monstros que pertencem a mundos diferentes, a serem colocados nos seus devidos lugares. Ele, o rei do alto mar; eu, a rainha do mundo submerso.

Só que agora sou uma rainha sem reino.

E em breve serei uma rainha sem o seu rei.

– Fica comigo – sussurra ele, com as narinas dilatadas de se tentar refrear. – Fica comigo aqui e agora, ‘morzinho.

Aceno com a cabeça e solto um gemido quando as suas ancas rodam da maneira certa, trazendo os meus pensamentos de volta para ele, de volta a este momento, onde ele está tão fundo que é difícil imaginar alguma vez estar sem ele.

Não demora muito a que esse foco nele comece a vacilar e a expressão dos seus olhos seja substituída pelo olhar igualmente intenso do abandono selvagem. Parece um homem feroz, move-se como uma criatura selvagem, fode-me como um monstro absoluto.

– Ramsay! – grito, e o meu orgasmo chega em ondas, aproximando-se sempre mais.

– Vem-te para mim, minha bela criatura – diz, com um grunhido, empurrando o sexo impossivelmente duro em movimentos rápidos e rasos antes de me penetrar profundamente, o suficiente para me fazer gritar.

– Oh, Deus! Oh, meu Deus! – Sinto o peito apertado e quente e sinto que se o largar abro mão dele para sempre e estou a tentar agarrar-me a ele cada vez mais.

Mas ele sabe tão bem e é tão bom a desvendar os meus sentimentos, como conchas reveladas debaixo da areia.

Grito, as ancas aos pinotes indo ao encontro dele e entro numa espiral descontrolada, o meu corpo em convulsão quando o clímax me atravessa,

sacudindo-me até ao âmagô. Sinto dentro de mim essa criatura uivando, que quer reivindicá-lo de todas as maneiras possíveis, que quer mantê-lo dentro de si para sempre.

Ele sucumbe pouco depois. A determinação na sua fronte estala e eu vejo-o ser trespassado pelo orgasmo, que transforma o meu homem forte em algo suave e livre. Um arquejo forte escapa-se-lhe da boca aberta, o pescoço tenso com a derradeira investida das ancas, os músculos a tremer do esforço de ir para a cama comigo debaixo de água, e depois imobiliza-se. Cai contra mim, só por um momento, até a flutuação da água o levantar de mim, de modo que mal nos tocamos.

– Maren – diz ele suavemente, estendendo o braço para me tocar na face.
– Foi...

– Incrível? – preencho o silêncio, mas ao fazê-lo uma onda de emoções esmaga-me, querendo afogar-me no medo profundo do que se segue para nós. Pressiono os lábios, disposta a não chorar, e olho para a superfície, incapaz de olhar para a expressão adorável no rosto do Ramsay.

Mas, ao olhar, reparo numa coisa.

Ao alto, na superfície, um navio rasga a água.

Depois, há outro à esquerda, outro à direita, e depois atrás, e todos eles seguem na direção do *Nightwind*.

– Ramsay – sussurro e ele demora um momento a levantar a cabeça e olhar para cima.

– Oh, raios! – diz ele. – É a Marinha Real.

Capítulo 41

Maren

– A Marinha Real? – repito, quando ele se afasta de mim. – Tens a certeza? Como sabes, visto aqui de baixo?

– Bem, não tenho a certeza – diz ele, dirigindo-me um olhar furtivo enquanto volta a enfiar a pila nas bermudas. – Mas quando se vê navios em linha assim e deslocando-se a essa velocidade, só poderão ser da Marinha Real. Seja como for, tenho de voltar ao *Nightwind*.

– Eu levo-te – digo-lhe. – Não vais ser capaz de nadar com a rapidez daqueles navios, mas eu sim.

Faz-me um sorriso irónico.

– Tens a certeza de que não temos golfinhos que possamos montar?

Consigo rir-me. Ele não sabe os sacanas que os golfinhos na verdade são.

– Sou mais rápida do que um golfinho. – Estendo a mão por ele. – Vamos lá. Eu mostro-te.

– Já me mostraste muito, ‘morzinho – diz ele. Não sei bem quanto mais aguento.

– A sério? E eu aqui a pensar que estavas à altura.

– Oh, eu estou à altura – diz com voz rouca, unindo as sobrancelhas.

– Isso é o que vamos ver – digo, e começo a nadar, movendo a cauda o mais depressa possível, enquanto lhe agarro a mão com firmeza, puxando-o através da água.

– Credo! – pragueja, e as suas palavras afogam-se na água quando o levo velozmente comigo.

Não nado assim há uma década, mas é como uma segunda natureza para mim. Chego depressa à velocidade máxima e é-me tão fácil que o faço a sorrir, deliciando-me com a sensação de ser tão ágil e ligeira. Embora eu adore estar acima da água, em duas pernas, nunca terei o equilíbrio ou a

coordenação nas pernas para ser especialmente graciosa. Mas aqui no fundo, com o corpo com que nasci, tenho grande alegria no movimento. É a única coisa pela qual serei grata nesta nova vida debaixo de água.

Mas força esses pensamentos a saírem da minha cabeça antes de ter tempo de me debruçar sobre eles. Neste momento, a tripulação do *Nightwind* está potencialmente em apuros, e quer seja a Marinha Real ou uma frota de galeões que segue na sua direção, o navio pirata será um alvo fácil.

É quando nos aproximamos deles que os navios da Marinha começam a desacelerar e vemos o vulto iminente do *Nightwind* mais abaixo. Virou-se de lado, pronto para disparar contra os seus atacantes e assumir a posição defensiva.

– O que estão a fazer? – exclama o Ramsay, a sua voz tornando-se clara quando abrando. – O *Nightwind* precisa de ultrapassá-los! Nunca sobreviverão a um ataque destes.

Olho novamente para ele, o terror descendo sobre mim.

– Tu não estás lá. Tu és o vento nas velas, Ramsay. Não estás no navio.

Ele arregala os olhos e eu começo a nadar novamente, puxando-o comigo até rompermos a superfície na popa do *Nightwind*, fora do caminho da batalha. O *Nightwind* disparou pela primeira vez contra o navio da Marinha mais próximo, e os estilhaços do barco caem na água, mas depois passam-se segundos e o navio contra-ataca, um PUMPUM enchendo o ar, o fumo a subir.

– Preciso de chegar lá a cima – grita o Ramsay por cima do ruído enquanto olha para os lados do *Nightwind*, ofegante enquanto atravessamos a água. – Precisamos de pôr o navio em movimento.

Engulo em seco, sem saber bem o que deva fazer.

– Depois venho ter contigo – diz-me ele, e puxa-me para si, segurando o meu rosto nas suas mãos. – Prometo que venho ter contigo.

Aceno com a cabeça e ele beija-me com força.

– Aqui estarei – digo-lhe, tentando mostrar-me corajosa.

Mas e se não conseguires encontrar-me? E se eu não conseguir encontrar-te?

O oceano é demasiado grande, demasiado profundo, e agora demasiado escuro.

A expressão dele rui por um momento quando me olha, perguntando-se talvez as mesmas coisas que eu.

– Amo-te, não te esqueças disso.

Engulo as lágrimas na minha garganta.

– Amo-te. – Aceno para o navio. – Vai proteger a tua tripulação. Eu ajudarei no que puder.

Acena brevemente com a cabeça e começa a nadar para o navio. Saca de dois espigões do coldre e começa a espetá-los nas laterais da madeira, escalando assim o navio, até chegar a uma portinhola de canhão aberta e rastejar lá para dentro.

Fico a observar, sem saber o que fazer. O *Nightwind* e o navio da Marinha mais próximo continuam a disparar um contra o outro, tendo o navio da Marinha sofrido muito mais danos. O estrondo constante dos pelouros ensurdece-me e o fumo fica mais denso.

Mas quando o fumo se aparta reparo que no convés desse navio da Marinha está uma silhueta que me parece verdadeiramente familiar.

Sinto uma pontada fria nas entranhas, seguida pelo calor da raiva.

Capitão Ed Smith.

O sacana a quem o Sedge deu um tiro na cara sobreviveu e está de volta para dar cabo do *Nightwind*, desta vez com a o resto da sua companhia.

Não me posso ir embora agora. Mesmo que o *Nightwind* parta, preciso de fazer alguma coisa a este homem. Ele merece uma morte terrível e quero ser eu a dar-lha. Afinal, já sou bastante boa nisso.

Mergulho debaixo de água e começo a nadar para o navio até estar debaixo dele, a tentar perceber se há alguma fraqueza. Talvez se eu me esforçasse o suficiente pudesse tirar as tábuas do casco. Afinal, todas as pessoas no navio estão a apenas três ou quatro centímetros da morte.

Nado até as minhas mãos percorrerem as tábuas. Infelizmente, são revestidas a alcatrão para impermeabilização, e os percebes também lá fazem casa. Ponho as garras de fora e começo a tentar arrancá-las, mas nem com a minha força de sereia elas cedem.

Talvez se eu começar por outro lado, penso e, enquanto nado ouço um chapinhar na água.

Olho e vejo que um homem da Marinha caiu e está a tentar nadar. Não tem muito jeito, mal se conseguindo manter à superfície.

Sorrio para mim mesma e nado até ele devagar.

Espeto a cabeça mesmo ao seu lado, pregando-lhe um valente susto.

– Olá – digo-lhe.

– Olá? – diz ele, cuspido água, com a peruca a flutuar ao seu lado. –

Como é que... Quem é...?

Ele olha para a água e vê a minha cauda brilhar ao sol.

Arqueja, os olhos arregalados.

– Sereias – grita, começando a bater nas ondas.

– Sereia – corrijo-o.

E invisto.

Mordo-lhe o pescoço, enquanto as minhas garras esfarrapam o resto dele. A água enche-se de sangue, ele engasga-se nos seus gritos e eu começo a dilacerá-lo, removendo-lhe rapidamente os órgãos, abrindo caminho a devorar-lhe o fígado, o rim e, finalmente, o coração.

Depois largo-o e ele começa a afundar no sangue, e eu devia estar satisfeita por ter comido tanto dele, mas continuo voraz.

Aguardo, aos círculos por baixo do navio como um tubarão, logo junto à curva do casco para não ser vista, embora daqui tenha uma visão clara do *Nightwind*. Vejo o Ramsay no convés, que claramente avistou o capitão

Smith, e em vez de o navio virar e partir com o vento, mantém-se no lugar. Sem dúvida, o Ramsay quer a sua derradeira vingança.

Eu também quero.

Começo por dilacerar todos os homens da Marinha que caem ao mar devido às explosões de canhão. Arranco-lhes membro a membro. Desfaço-lhes a pele, retiro-lhes os órgãos e, neste momento, atiro-os para o lado como se fossem comida de peixe porque já tive a minha quota parte e estou a poupar o meu apetite para um homem.

Mas agora que o *Nightwind* não parte, os outros navios de guerra aproximam-se, rodeando o navio pirata em todas as direções. Estou a gostar de ser predador, mas, afinal, não estou a ajudar muito, apenas a matar aqueles que provavelmente morreriam de qualquer maneira.

Oxalá pudesse fazer mais qualquer coisa.

– Maren.

Arquejo e viro-me para ver a Nerissa atravessar a água atrás de mim.

– Estás viva – arquejo.

– Tens sangue na boca – observa ela, com um sorriso dissimulado.

Passo rapidamente a mão pelos lábios.

– Estou tão feliz por te ver. Julguei que tinhas desaparecido. Pensei que o Kraken te tivesse dilacerado.

O sorriso dela intensifica-se e o cabelo de algas flutua à sua volta.

– Os Kraken estão livres, minha filha. A Edonia desapareceu. – Estende a mão para as ondas e tira o fio do frasquinho que traz ao pescoço, aquele onde esteve a minha alma. Agora, há fumo verde a girar. – Bem, acho que não foi para muito longe.

Franzo o sobrolho.

– Isso é... é a alma dela?

A Nerissa lança-me um olhar altivo.

– Ela é minha irmã, afinal. Seria indelicado deixá-la completamente morta, não é? Desta forma, posso tê-la ao meu lado para sempre, sem nunca ter de ouvir uma palavra sua.

Olha para o navio e para o fogo de canhão, agora vindo do resto da frota. – Parece que o teu lado pode precisar de alguma ajuda – diz ela, acenando para o *Nightwind*.

– Não tenho certeza se esse continua a ser o meu lado – digo. – Já não pertencço à tripulação, se é que não era óbvio. – Gesticulo para a cauda. – Já não faço parte do mundo deles.

A Nerissa faz *ts-ts* ao aproximar-se de mim a nadar. As ondas refletidas nos seus olhos de cobre fazem-nos brilhar como o sol.

– Tu, minha querida – diz ela, colocando as mãos nas minhas faces –, és uma num milhão. E podes fazer teu qualquer mundo.

Então, ainda a segurar-me o rosto, começa a recitar palavras em latim, fechando os olhos.

Não quero interromper o que ela está a fazer porque tenho a certeza de

que é algum feitiço e tenho de confiar que ela agora zela pelos meus interesses, mas ao mesmo tempo o mundo está a mergulhar no caos à nossa volta. O *Nightwind* aguenta tiro atrás de tiro e alguns pelouros penetram no casco, outros são de cabeça dupla e tiros de corrente que esmagam o aparelhamento, sendo que o mastro dianteiro já levou uma surra do Kraken. Mas quanto mais o *Nightwind* leva, mais parece que a Irmandade não pode ganhar. Há gritos e berros de dor e susto vindos da tripulação e temo que mais pessoas, além da Sam, possam morrer hoje.

Finalmente, a Nerissa abre os olhos e fita-me.

– Tu ama-lo?

– Se amo o Ramsay?

– Sim.

– Sim. Amo-o com todo o meu coração – digo-lhe, sentindo o meu coração inchar.

– Então é tudo o que precisavas de dizer – diz ela.

Antes que eu me dê conta do que está a acontecer, inclina-se e beija-me ao de leve nos lábios, como fazem as sereias com os familiares mais próximos.

– Para que foi isso? – pergunto, quando a Nerissa se afasta, nadando para trás.

Ela faz o seu habitual sorriso sinuoso.

– Hás de descobrir.

– Hei de descobrir? – repito, resfolegando. Gesticulo para a guerra que decorre no meio de nós, quando um dos homens da Marinha cai ao oceano aos gritos, incendiado. – Talvez seja uma boa altura agora

– Vou contar-te uma coisa – diz ela. – Tu podes controlar o Kraken.

Fita-me com olhos brilhantes e depois a sua cabeça desaparece abaixo da superfície.

Mas que raio?

Enfio a cabeça debaixo de água, mas a Nerissa está a nadar mais para baixo, e depois é apenas uma barracuda, disparando para as sombras.

Irrompo pelas ondas e olhar em redor. Agora consigo controlar os Kraken? Porque é que hei de querer fazê-lo?

E então ocorre-me.

Quase guincho de euforia e torno a mergulhar debaixo de água. Nado mais fundo, na mesma direção que tomou Nerissa, até estar longe o suficiente do barulho da batalha, as bolas de canhão afundando nas profundezas como chumbo.

Abro a boca e começo a cantar a minha canção de sereia.

Começo a chamar o Kraken.

Capítulo 42

Ramsay

Há momentos na vida de um capitão em que ele sabe que tem de tomar uma decisão importante para a segurança da tripulação, uma decisão que pode estar em desacordo com o que os seus homens querem. Outras vezes, o capitão terá de fazer uma escolha em que, essencialmente, escolhe a tripulação em detrimento de qualquer tesouro ou recompensa que lhe possa ser prometida.

Tive de tomar duas decisões dessas num período muito curto.

O momento em que escalei o *Nightwind* e entrei furtivamente a bordo foi uma decisão tomada. Tive de deixar a Maren na água para cuidar do navio, para colocar de volta o vento nas velas. Eu sabia que ela ia ficar bem e em segurança no oceano, que não havia criatura mais feroz do que ela no vasto mar infinito. Mas não sabia como nem quando poderia voltar para ela. Sabia que voltaria – prometi-lhe que voltaria –, mas há tantas incógnitas que me parte o coração pensar nisso.

Então, quando cheguei ao convés, para grande alegria da tripulação, que pensou que eu os tinha abandonado para sempre, ou pior, que estava morto, tive de fazer outra escolha. Porque, embora fosse fácil colocar o vento de volta na vela do navio e ir-me embora, esse plano de ação parou quando percebi *quem* estava naquele outro navio.

Capitão Ed Smith.

Embora ele estivesse longe, consegui vislumbrar o seu rosto de falcão, aquele revoltante esgar de maldade sem remorsos e a injustiça de tudo isso começou a esgaravatar dentro de mim.

Ali estava ele, tendo regressado para terminar o trabalho, e desta vez trouxe consigo a frota naval. Ele sabia que estávamos encurralados.

Também achou que eu era um parvalhão egoísta que escolhia a minha vingança em detrimento da segurança da minha tripulação. Não percebeu que ser egoísta não é da minha natureza, sobretudo quando sei o que está

realmente em jogo. Cometi erros no passado, mas aprendi com eles. Não ia ficar para lutar com ele, por mais que me provocasse.

La fugir. Pôr o vento a enfunar as velas e deixá-lo e à sua frota no meu rasto, conduzindo-nos à segurança.

Mas embora virar costas e sair dali fosse o que eu queria, apesar da minha urgência de justiça, descobri que a necessidade de vingança da minha tripulação era maior do que a minha. Bem, talvez não maior, mas certamente tinha mais peso, considerando que eu agora era o único que queria sair de cena.

Todos os outros queriam lutar, todos encorajados pela vingança condutora do Thane e pelo amor deles pela Sam e pelo Henry. Eles queriam ficar. Queriam vingança. Justiça. Queriam que o Ed Smith morresse às suas mãos.

E então tive de fazer uma escolha. Ou ignoro os desejos da minha tripulação para os manter em segurança ou dou-lhes o que querem, pondo em risco a vida de todos a bordo.

No final, neste navio reina a democracia e o povo falou.

Devíamos ficar onde estávamos e lutar.

Até à morte.

– Tripulação do *Nightwind*! Preciso que ouçam todos e ouçam bem! – berro.

Em circunstâncias normais, o Thane estaria a dar algumas dessas ordens, mas pela maneira como continua a embalar o corpo sem vida da Sam, apesar de ter saído de ação, decido deixá-lo estar. Só espero que ele saiba cuidar de si, mas mesmo que não saiba, vou assegurar-me de que cuido dele. Os irmãos amparam-se sempre uns aos outros.

– Cruz! – rosno. – Vai às armas rotatórias e limpa os convés desses navios aí mais perto. Matisse, tu e o Lothar continuem a apanhá-los com os mosquetes. Disparem só se tiverem um tiro certo.

– Certo, certo – gritam, espalhando-se em direções diferentes.

– Contramestre! – grito, pegando num mosquete e atirando-lho. – Mantém o barco firme, dispara quando puderes.

– Sim, cap'tão – diz ele; pega na espingarda e volta para o leme.

– Drakos! – grito quando um pelouro atravessa o navio com estrépito, provocando a explosão de um barril de alcatrão e todos caímos nos convés. Grito quando o meu ombro bate na borda de um cunho de ferro, depois levanto-me rapidamente chegando aos meus pés para examinar os danos. Há alcatrão e óleo por toda a parte, mas o aparelhamento continua de pé.

– Drakos! – grito de novo e ele aparece ao meu lado, ofegante, com marcas de fuligem debaixo dos olhos. – Vai lá abaixo recrutar o Sedge, o John e o Bart. O Lucas precisa de ficar no seu quarto, no centro do navio, mas os outros meninos, é hora de brincarem. Eles que ajudem o Remi e o Horse, nós agora precisamos de mais canhões a disparar de ambos os lados do convés.

– É como dizes – obedece o Drakos e começa a correr.

– E quando terminares, vai ter com o Cruz às armas giratórias! – berro para ele.

O Drakos acena com a cabeça e desaparece abaixo do convés.

Olho em redor, tentando perceber o próximo movimento. O Ed Smith está ali mesmo, a poucos metros do navio, e embora nos aguentemos firmes e enxotemos o Diabo do nosso navio, são as outras embarcações que nos sufocam. O *Nightwind* nunca ficou a lutar contra uma frota inteira. São quarenta armas contra centenas e os navios estão cada vez mais perto. Independentemente do que façamos, nunca seremos capazes de superá-los.

Não vamos ganhar isto, penso, e essa percepção custa como tudo. Eu sempre pensei que, quando chegasse a minha hora, me reconciliaria com a ideia, mas não há paz aqui. Eu não posso morrer às mãos do Ed Smith. Simplesmente, não vou permitir isso. Normalmente, há sempre uma fuga para nós, uma vez que somos particularmente difíceis de matar. Os seres humanos partem do princípio de que disparam ou esfaqueiam e já está. Houve até um momento em que o Cruz foi capturado e levado para a forca, mas ele fingiu-se de morto e, quando a noite caiu e todos se foram embora, saiu do nó da forca e foi-se embora. Queixou-se de uma dor de pescoço durante alguns dias, mas só isso.

Mas o Ed Smith é um de nós. É o pior tipo da Irmandade e sabe exatamente como nos matar. Se acabarmos nas suas mãos, cada um de nós vai morrer uma morte horrível. Ele vai certificar-se de que assim é. Irá torturar-nos durante dias e a mim mais do que a qualquer outro.

Fico feliz por a Maren não estar aqui para ver. Que se encontra em segurança no oceano, onde continuará a ser o predador no cimo da cadeia alimentar. Só espero que, com um pouco de sorte, o Smith possa cair no mar. Então seria certamente dilacerado. Oh, como eu gostaria de poder ver uma coisa dessas.

– Parece-me que vou juntar-me a ela em breve.

Viro-me e vejo o Thane atrás de mim, com os olhos vermelhos e coberto de sangue da sua mulher. Acena com a cabeça para os navios.

– Não há como sobreviver a isto. Por mais abençoados que sejamos.

– Podemos sempre ultrapassá-los – sugiro. – Podemos sempre pôr vento nas velas.

– Sim – diz ele, com um aceno vagaroso. Mas às vezes não te cansas de correr?

Suspiro.

– Canso. Mas às vezes também me canso de lutar.

Ficamos lado a lado quando os canhões detonam abaixo de nós, com os artilheiros a irem buscar o maior número de tripulantes que conseguem e tudo o que os navios da Marinha retribuem tem o dobro do impacto.

Não temos muito tempo até o *Nightwind*, o nosso navio inafundável, encontra a sua sepultura no fundo do mar.

– Foi bom servir contigo, irmão – diz-me o Thane. – O nosso pai teria

orgulho em ti.

Sinto as lágrimas picarem-me o canto do olho e ponho por breves instantes o braço à volta do Thane, apertando-o.

– Eu sei que ele também teria orgulho em ti – digo.

Enquanto isso, no outro navio, Ed Smith sorri alegremente para nós, à espera da nossa morte. É-me abominante que vá assistir a ela.

Mas, enquanto penso nisso, do outro lado do seu navio, grandes tentáculos negros começam a erguer-se da água.

– Oh, meu Deus! – sussurra o Thane.

– Credo! – praguejo. – É o Kraken.

É exatamente o que precisamos agora, embora, aqui chegados, preferia que nos matasse o Kraken do que o Smith.

Mas, quando o Kraken desce os seus tentáculos gigantescos, fá-lo sobre o navio do Smith, esmagando o corrimão.

E depois os gritos começam a encher o ar, gritos de terror e horror enquanto olhamos em redor e vemos mais Kraken a aparecer, todos eles saindo das profundezas para os outros navios da Marinha, começando a destruí-los. Os seus tentáculos batem nas laterais, varrem os convés da tripulação, agarram os mastros e torcem-nos.

Atacam toda a gente, menos a nós.

Então, o Kraken que bateu no navio do Ed Smith ergue-se das profundezas, pairando sobre o capitão como um leviatã de olhos amarelos.

E montada na cabeça abobadada da besta, com o maior sorriso na cara, está a Maren.

A minha Maren.

A minha Maren, a sereia, está montada no Kraken.

Mal posso acreditar nos meus olhos. Preciso de pestanejar por várias vezes para me certificar de que não se trata de alguma alucinação de morte.

– Oh, é a tua mulher sereia! – diz o Olhos Doidos, aparecendo ao meu lado com o mosquete na mão.

– Sim, é isso mesmo – digo, sorrio para ela quando grita uma ordem ao Kraken, fazendo com que ele esmague outro tentáculo no navio, mandando os homens disparados.

– Está a montar o Kraken.

Rasgo um sorriso para ele.

– Já viste alguma cena mais gloriosa?

Ele retribui o sorriso.

– Não, senhor, nunca em todos os meus anos. – Tira o chapéu e segura-o ao peito, como se prestasse homenagem à minha sereia.

Se eu ainda tivesse o meu chapéu teria feito o mesmo.

Agora, o resto da tripulação parou de lutar e observa a Maren com espanto, murmúrios de surpresa e adulação emanando do *Nightwind*. O Kraken que ela monta continua a bater no navio do Smith, bem no meio, enquanto os outros Kraken fazem o mesmo com os respetivos navios, alguns

deles já destruídos e sendo arrastados para suas sepulturas aquáticas.

E depois, há o Ed Smith. Todos sustentamos a respiração quando ele sai do seu esconderijo atrás de um barril, como se isso lhe protegesse a alma cobarde.

– Apanha-o, Maren – digo entre dentes, com os punhos cerrados. – Destrói-o por nós.

– Despedaça-o! – grunhe o Thane.

– Estou feliz por ela ser da tripulação – diz o Drakos alegremente, sacudindo a espada de pirata no ar.

– Sim, lá isso é – digo, embora não saiba como será possível com ela agora como sereia. Mas aconteça o que acontecer, será sempre parte da nossa tripulação.

Será sempre minha, mesmo que já não tenha a minha marca.

O Kraken que ela monta concentra-se no Smith, os olhos amarelos a brilhar, e a Maren está a dizer alguma coisa que não conseguimos ouvir, com o som da madeira estilhaçada e os homens gritando.

Dois tentáculos gigantesco, um deles agarrando o Smith pelo pescoço, o outro agarrando-o pelas pernas. O Smith grita e o Kraken ergue-o do convés.

O Smith contorce-se, e mesmo a partir desta distância, todos podemos ver o terror no seu rosto. Ele sabe que não há como escapar de uma morte terrível, não há fuga possível.

– Por favor – implora à Maren, que o encara com desprezo gelado. Deus Todo-Poderoso, ela parece sempre uma rainha. – Por favor, deixa-me ir. Deixa-me negociar contigo, monstro.

Ela não diz nada e ele choraminga enquanto todos os Irmãos observam com respiração ofegante.

A vingança nunca foi tão doce.

Capítulo 43

Maren

– Sereia – digo ao Ed Smith, ao vê-lo contorcer-se da minha posição elevada ao cimo da cabeça escorregadia do Kraken. – Sou uma *sereia*. As sereias são criaturas míticas que vocês, os homens, inventaram, como se houvesse enxames de fêmeas à espera para vos adorar. – Dou uma risada destituída de humor. – Mas, nós, as sereias, não queremos adorá-los. Queremos *comê-los*.

– Baixa-me até ele – digo ao Kraken – Quero aproximar-me.

Com um tentáculo livre, cinge-me delicadamente a cintura, tirando-me da sua cabeça. Baixa-me até ao Smith, segurando-me mesmo à frente dele, perto o suficiente para lhe tocar.

– Eu sei que não me conheces – digo ao Smith, vendo o medo nadar nos seus olhos quando lhe arreganho os dentes –, mas eu conheço-te muito bem e tenho conhecido homens como tu. Sei quem tu és e o que fizeste. És um cobarde patético e fracote, uma desculpa lamentável de homem e uma desculpa ainda mais lamentável de Irmão. Passaste a vida inteira a esconder a criatura que és e a atacar os outros que têm a audácia de viver a vida segundo os seus próprios termos. Ressentes-te da sua liberdade, da sua vontade de evitar uma sociedade que já os rejeitou, e invejas a sua proximidade e ligação, algo que nunca tiveste e nunca terás. Vais morrer aqui, vais morrer agora e vais morrer sabendo que nunca viveste um dia verdadeiro na tua vidinha feia.

Sibilo para ele e atinjo-o com o punho, as garras de fora cravadas no seu peito. Agarro-me ao coração pulsante e arranco-o diretamente do peito, deixando apenas um buraco escancarado.

Seguro o coração pulsante na mão e mantenho os olhos nos dele quando o trago à boca e o rasgo.

Ele solta um arquejo de ar moribundo e eu mastigo um pedaço do coração por um momento, antes de fazer uma careta e o cuspir, indo o pedaço pousar na testa dele.

– Até o teu coração está podre – digo-lhe, e atiro o coração para trás do ombro, onde respinga no convés.

De repente, o ar enche-se de aplausos, gritos e vivas e eu olho para cima e vejo a tripulação heterogénea do *Nightwind* pular para cima e para baixo, as espadas erguidas no ar. Vejo sobretudo o Ramsay, o olhar de orgulho no belo rosto, o cabelo escuro soprado pela brisa, e de repente sinto como ele é livre, como todos são livres, já não mais presos à vingança.

Olho para o Ed Smith, os olhos fechando-se enquanto ele morre lentamente, mas tem a cabeça virada para o *Nightwind* e vê-os. Vê-os celebrar a sua morte, vê que no final perdeu e eles ganharam.

Faço o Kraken continuar a segurá-lo até estar quase morto, e então digo:

– Despedaça-o! – E o Kraken puxa os tentáculos em direções opostas, rasgando o capitão Ed Smith, da Marinha Real, ao meio.

O Kraken larga as partes do corpo do Smith, que caem para convés com uma tenebrosa pancada sangrenta.

– Leva-me até eles – digo ao Kraken, apontando para o *Nightwind*. – Mas não te esqueças de não lhes tocar num cabelo que seja.

O Kraken compreende. Consigo comunicar com ele de uma maneira inata, não ouvindo vozes, propriamente ditas, mas apenas sentimentos. O Kraken sai do navio, deixando-o afundar por conta própria, e desliza para o *Nightwind*. Com a sua grande dimensão, enfrentamos o navio pirata numa questão de segundos.

A tripulação recua toda do corrimão, com ar cauto, as espadas e pistolas prontas. Não os culpo.

– Não se preocupem – digo-lhes. – O Kraken não vos faz mais mal.

Eles relaxam, só um pouco, e eu bato no tentáculo com a mão, pedindo que ele me coloque no convés. Eu sei que por causa da cauda me vou sentir completamente inútil e desamparada quando estiver no navio, mas quero abraçar o Ramsay novamente. Quero beijá-lo e dizer-lhe que agora, agora acabou.

O tentáculo baixa-me suavemente no convés, mas o Ramsay sai de braços estendidos e toma-me. O Kraken solta-me os braços e eu envolvo os ombros do Ramsay quando me segura contra si.

– Olá, ‘morzinho – diz-me, sorrindo de orelha a orelha.

– Olá, capitão – digo, fitando-o com um sorriso pateta estampado no rosto.

– Eu disse-te que ia ter contigo – diz ele.

– Tecnicamente fui eu que vim ter contigo – digo-lhe. – Mas não vou alimentar isso contra ti.

Ele dá uma risadinha suave e inclina-se para me beijar, um beijo suave e doce que é como borboletas e raios de sol. Um beijo que parece que estou a voltar para casa.

Um arquejo faz-se ouvir entre a tripulação e eu acho que todos se enamoram da nossa manifestação pública de afeto, o suficiente para que eu

intensifique o beijo, puxando o Ramsay para mais perto de mim.

Mas então o Cruz diz:

– Princesa... hã, a tua cauda...

Abro os olhos e aparto-me do beijo do Ramsay para olhar para baixo, à espera de ver a minha cauda sustentando-me de alguma forma no convés.

Em vez disso, vejo um par de pernas saírem por baixo da combinação.

Dou um grito de espanto.

– Deus meu!

Tropeço para trás, mas está ali o braço do Ramsay, a amparar-me. Olha para as minhas pernas com a mesma incredulidade.

– Maren? Mas que raio?

– Não sei.

Arquejo, a abanar a cabeça. Estendo uma perna, depois a outra. Estão as duas molhadas, com vestígios ténues de escamas cintilantes deixadas na minha pele e que parecem evaporar lentamente no ar. Dobro os tornozelos, os dedos dos pés, estico a barriga das pernas. Sinto-as fracas, talvez até mais do que antes, mas tudo parece funcionar.

– As minhas pernas – digo baixinho, maravilhada com elas. – Tenho pernas de novo.

Mas embora esteja muito feliz por as ter de volta, e mais ainda com o que ter pernas representa, sinto uma leve pontada no peito por perder a cauda. Não tive de facto oportunidade de apreciá-la de novo. Mas acho que não se pode ter o melhor dos dois mundos, algo que sei desde o início.

– Foi o beijo? – pergunta o Ramsay, com um ar tão esperançoso que quase me rio. – Um beijo de amor verdadeiro, não é?

– Não sejas parvo – digo-lhe, tentando morder o sorriso perante a expressão desiludida que tem estampada na cara. – Já demos muitos desses.

E depois penso no que a Nerissa disse.

Podes fazer teu qualquer mundo.

– Espera aí um minuto, que raio – digo-lhe, deslizando para fora de seu alcance. – Tenho de verificar uma coisa.

– Maren? – chama ele, quando começo a correr o convés, cheia de esperança no peito.

Os meus passos são curtos, a minha marcha, irregular como sempre, e não me consigo deslocar muito depressa, mas, mesmo assim, atravesso o *Nightwind* a correr até chegar ao lugar onde o corrimão foi esmagado pelo Kraken.

Respiro fundo e salto do navio, mergulhando diretamente na água lá em baixo; o Kraken já desapareceu nas profundezas.

Mergulho bem fundo e, quando o faço, sinto uma corrente de eletricidade em torno do meu corpo. As minhas guelras começam a funcionar novamente, erguendo-se do pescoço, e quando olho para as pernas, vejo-as fundirem-se, transformando-se em cauda. *A minha cauda.*

Dou um guincho de alegria na água e começo a nadar para a superfície

precisamente quando o Ramsay se atira ao mar e às ondas. Cai de chapa na água e nada para mim, eu viro-me e levanto a cauda para ele ver.

– Cuidado! – grito, a rir, fazendo o sol brilhar nas minhas escamas, que passam de azul-esverdeado a lavanda e vice-versa.

Ele também se ri.

– O que é que isto quer dizer? – pergunta ele, puxando-me para um beijo.

Encosto a testa à dele, agitando a cauda.

– A Nerissa deu-me outra oportunidade, outro feitiço.

– Viste a Nerissa? – pergunta, as sobranceiras escuras levantadas.

– Como é que pudeste imaginar-me capaz de controlar o Kraken?

Ele encolhe os ombros.

– Podia ser uma coisa de sereia com que eu não estivesse familiarizado.

– Bem, agora que a Edonia está morta, eles foram libertados do seu feitiço. São agentes livres, simplesmente acontece que agora me ouvem.

– E fizeram muito do teu trabalho sujo – diz ele, enquanto ela atravessa a água, beijando-me a cabeça. – Pelo qual estamos gratos como a porra, caso não tenhas reparado.

– Ah, eu reparei! E o melhor de tudo é que o Ed Smith também reparou. Os teus vivos foram a última coisa que ouviu. Bem, isso e eu a dizer ao Kraken que o despedaçasse.

Ele dirige-me um sorriso diabólico que faz os seus olhos brilharem.

– Quero-te mais do que nunca. – Beija-me de novo, com força e intensamente, depois recua. – Mas isso continua sem explicar as pernas e a cauda.

– A Nerissa entou um feitiço qualquer – digo-lhe. – E depois beijou-me, como se isso selasse o nosso acordo. Não me disse o que era, apenas que eu agora poderia controlar o Kraken, mas que podia fazer de qualquer mundo meu. Acho que é isto que ela quis dizer. – Aceno com a cauda para dar ênfase. – Deu-me a capacidade de viver contigo à superfície e debaixo de água, a capacidade de escolher o mundo que eu quisesse.

– E continuas a querer o meu? – pergunta ele, com as sobranceiras ensombrecendo os seus olhos.

– Quero o teu mundo e quero-te a ti – asseguro-lhe. – Isso é garantido, Ramsay. Mas não é maravilhoso que eu possa voltar a ser sereia sempre que desejar? Já não tenho de desistir dessa parte de mim.

– Claro, *cearban* – diz ele, e uma expressão calorosa perpassa-lhe o rosto. – Não tenho de fingir que não queria uma oportunidade de me deitar novamente contigo no fundo do oceano. – A sua expressão endurece ligeiramente. – E o livro?

Penso no assunto.

– Talvez ela o tenha. Da última vez que o vi, estava com ela e com o Kraken. Mas não te apoquentes, a Edonia desapareceu. A sua alma está no frasquinho que a irmã usa ao pescoço.

– O frasco deve ser destruído – resmunga o Ramsay.

– Tu sabes como são as famílias – digo, entendendo um pouco por que razão a Nerissa gostaria de manter parte da irmã junto de si, por mais horrível que ela seja. As minhas irmãs vieram à minha procura, apesar de ter sido eu a deixá-las para trás.

Fico de coração apertado ao pensar nisso e digo:

– Espero voltar a ver Larimar.

Dirige-me um débil sorriso.

– Tenho certeza que verás, ‘morzinho. Acabaste de recuperar as guelras e é um oceano grande e poderoso.

– E isto é só o Pacífico – concordo, gesticulando para o horizonte amplo, além do cemitério de navios esmagados pelo Kraken. – Há mais mares e oceanos do outro lado do mundo, onde ela poderia estar. O mar do Norte, o Atlântico, o Mediterrâneo, os polos. Pode estar em qualquer lugar.

– Felizmente para ti, também tens um navio que te pode levar onde quiseses – diz ele, e eu olho para o *Nightwind*, de repente ciente de que a tripulação olhava para nós e observava com atenção arrebatada. Até o *Skip* saltou para o corrimão, olhando para mim.

O Ramsay prossegue.

– Então, deduzo que a questão seja a seguinte, princesa: Para onde queres ir a seguir?

Capítulo 44

Ramsay

Três meses depois

De todas as batalhas que travámos, o luto é aquela que não podemos vencer. Não há vitória nem perda. O luto aloja-se-nos nos ossos, para que o levemos sempre connosco.

Já se passaram três meses desde que perdemos o Henry e a Sam. Julguei que o meu luto tinha acabado quando perdi o meu pai, a Venla e a Hilla, mas foi um pensamento ilusório e tolo. A perda e a tragédia não impedem mais perdas e tragédias de ocorrerem e o luto segue-nos sempre, como uma sombra indesejada.

Nesse tempo, houve muito a agradecer. Tenho o resto da minha tripulação, tenho a Maren e tenho o meu navio. Depois da batalha na baía de Banderas, o *Nightwind* dirigiu-se para sul, em direcção a Acapulco, mas, desde a destruição de toda a frota de navios da Marinha, o governo britânico pôs as nossas cabeças a prémio. É verdade que não fizemos nada aos navios, exceto disparar uns canhões e tirar alguns aparelhamentos e tripulação. Mas, com efeito, não afundámos esses navios.

Apesar disso, já que o mundo vigilante não acredita no Kraken, associando os monstros a lendas que um marinheiro bêbedo contaria, chegaram à conclusão de que, de alguma forma, destruímos uma frota naval inteira. Devo dizer que, embora isso implique termos a cabeça a prémio, não me importei de termos isso adicionado à nossa já temível reputação.

Significava, contudo, que precisávamos de ser discretos. Contornámos Acapulco e levámos o navio até à Cidade do Panamá, um lugar pouco à vontade com os piratas desde que o Henry Morgan queimou a cidade original no século passado e, portanto, temerosamente respeitoso connosco. Estamos aqui desde então, a tripulação estica as pernas pela última vez, aluga

propriedades e vive em mansões em terra, gastando os nossos tesouros, comendo a comida local e bebendo a população local.

Mas, embora este período tenha sido uma trégua da vida no mar, também tem tido muitas agruras. Tenho umas saudades terríveis do Henry e não se passa um dia em que não pense nele. Às vezes imagino-o no futuro e em tudo o que acreditei que ele viria a ser e dá cabo de mim pensar que ele nunca vai crescer, da mesma forma que dói pensar na Hilla. Mas, embora haja dor, há também uma aceitação lenta e constante dela. A Maren tem sido excepcionalmente paciente comigo quando quero um tempo sozinho, para matutar e beber, quando sou curto e grosso com ela, quando me comporto como se não tivesse a cabeça no lugar. Tem ficado ao meu lado, uma presença firme e reconfortante.

Também sinto falta da Sam, da sua personalidade bem-humorada, do seu atrevimento e génio, da sua capacidade para me colocar no meu lugar. Era mais do que uma cunhada, era como uma irmã para mim e a sua ausência das nossas vidas é marcadamente perceptível. Acima de tudo, sinto falta da maneira como ela fez o Thane e o Lucas se sentirem. Adoravam-na e ela era a cola que os unia.

Mas, apesar de todas as suas lutas, o meu irmão e o meu sobrinho conseguiram manter-se firmes. É do Lucas que tenho mais pena, por ter perdido a mãe e o melhor amigo em tão curto espaço de tempo, e estou grato por a Maren ter entrado em cena e tentar estar lá quando ele está disposto a isso.

O meu irmão é um osso duro de roer. É dado à bebida, como todos nós quando as coisas ficam difíceis por estas bandas. Afinal, é a vida de pirata. Mas amanhã zarpamos, voltamos para norte, para Acapulco, onde esperamos atacar um galeão antes de regressar a Manila pelo Pacífico, e eu decidi ir ter com o Thane à taberna aqui da zona, antes que ele se deixe levar.

A taberna situa-se a uns passos da praia, onde propositadamente encalhámos o navio, deixando a besta na areia para que os locais que contratámos possam fazer reparações no casco, raspar os percebes e adicionar mais alcatrão para o impermeabilizar. Também faz parte da pousada onde eu e a Maren alugámos o último andar, ao passo que o Thane e os outros têm os quartos em baixo.

Vou encontrar o Thane sentado a uma mesa lá fora, a beber o seu rum e a contemplar o céu noturno, as ondas batendo suavemente na praia.

– Irmão – digo, e sento-me à frente dele.

Faz um grunhido em resposta e emborca a bebida.

– Olha – digo-lhe. – Eu sei que estes últimos meses foram duros para ti e mereces toda a fuga que conseguires das cartas que a vida te deu. Mas amanhã partimos para Acapulco e, depois disso, não sabemos quando voltaremos a estar em terra. Podem passar meses.

– Onde é que queres chegar? – diz ele com rispidez.

– Quero chegar a que somos uma família. Nós somos a Irmandade. E

quando nos reunimos ali naquele navio, no *Nightwind*, precisamos de agir como uma unidade. Tu sabes que eu fecho os olhos aos hábitos de bebida do Olhos Doidos, ou às mudanças de humor do Lothar, mas, pelo bem de todos, porque és o intendente, aquele que tem verdadeiramente todo o poder, tens de estar no teu melhor.

Resfolega, desdenhoso, e dirige-me um olhar penetrante. Tem os olhos âmbar raiados de sangue.

– O meu melhor? Eu já não tenho um melhor, Ramsay.

– Tens. E sabes que tens, porque dás o teu melhor pelo teu filho. Pelo Lucas. Ele perdeu tanto como tu, talvez mais, e é jovem. Não passa de um menino, Thane, é maduro e já viu muito, Deus Todo-Poderoso, se viu, mas não deixa de ser um menino. E precisa que sejas o seu pai, tanto quanto a tripulação precisa que sejas o seu intendente. E, por mais que tentes, não vais conseguir ser tudo isso com tanta bebida no corpo.

O Thane olha-me tristemente, com a testa enrugada.

– Achas que as tuas palavras vão fazer desaparecer o meu luto? Queres curar-me? Sentes-te mal por eu me sentir assim?

Estendo o braço e ponho a mão na dele, e aperto-lha.

– Nada o vai fazer desaparecer – digo-lhe abertamente. – Nem as palavras. Nem sequer o tempo. Estou aqui apenas para te lembrar de que tens deveres mais importantes do que a tua dor.

Ele não diz nada por um momento, a atenção voltada para o *Nightwind* e os caranguejos que correm por ali, com as carapaças brilhando ao luar. Depois, acena com a cabeça.

– Sim. O Lucas.

Suspiro de alívio no meu íntimo. Não está no carácter do Thane perder o controlo durante tanto tempo. Sempre lidou bem com as suas emoções.

O silêncio desce sobre nós. Os grilos estridulam na selva.

– Eu sei que a Sam no início te queria a ti, irmão – diz ele, com a voz tão baixa que mal se ouve.

Franzo a testa.

– Perdão?

– Tu ouviste – continua ele. – Eu sei que ela te queria a ti.

– Estávamos sempre a brincar com isso – relembro-o. – Era cómico.

– Mas nunca foi cómico para mim – diz ele. – O facto de eu ser uma segunda escolha. Sou sempre o segundo em relação a ti, capitão.

Recuo, com surpresa, porque nunca foi assim entre nós.

– Segunda escolha? De que raio é que estás a falar? És parvo? Acho que sim. Eras a criança sagrada. O mais velho. O preferido da mãe. E do pai também. Devias ter sido tu a liderar o *Nightwind* desde o início, não eu.

– Porque não quis essa posição – diz ele. – Sempre foste melhor a ser um capitão. Tu unes as pessoas.

– E tu fazes com que as pessoas te ouçam. Respeitam-te muito mais do que a mim.

Ele encolhe os ombros.

– A única coisa que eu estou a dizer é que a Sam te queria. Contentou-se comigo. E tenho medo de, afinal, nunca ter conseguido dar-lhe, de facto, o que ela queria. – Fita-me com um olhar apaixonado. – Eu amava-a muito, mas nunca fui capaz de lhe dar o amor que ela precisava, o amor que ela originalmente queria de ti.

Engulo em seco, desejando ter passado pelo balcão da taberna para ir buscar uma bebida para mim. Oxalá soubesse dizer-lhe as coisas certas.

– Vocês eram um bom casal – digo-lhe. – E complementavam-se. E, independentemente de como achas que ela se sentia, ou como te sentias, no final isso não importa por causa do Lucas. Porque geraram um filho que amas muito. Um filho que precisa do pai mais do que nunca.

Ele roda o copo nas mãos e dirige-me um olhar surpreendentemente sóbrio.

– Vais ser pai?

A pergunta apanha-me desprevenido.

– Isto é, outra vez – acrescenta o Thane.

– Não há outra vez – digo-lhe bruscamente. Depois solto os ombros. – Ou seja, embora a Hilla já cá não esteja, nunca vou deixar de ser pai. Não é coisa que acabe com a morte. Ela será sempre minha filha.

Ele acena com a cabeça e espera pacientemente que eu continue.

Suspiro.

– Mas eu sei o que queres dizer... com a Maren.

– Sim.

– Para ser honesto, eu e a Maren nunca falámos disso. Pensei nisso, claro, no que poderia ser. Meio-sereia, meio-irmão? A criança seria um monstro puro, mas o nosso monstro, claro.

O Thane consegue esboçar um leve sorriso.

– As crianças não são todos monstros, a dado momento?

Dou uma gargalhada.

– Isso é verdade, bem podem ser. Mas sabes, não creio que seja vital para a nossa relação. Acho que a Maren tem excelentes instintos maternos, mas que ser mãe não está na sua lista de prioridades. Talvez com o tempo.

– Talvez.

– Embora deva dizer que, pela quantidade de semente que derramo nela, estou bastante chocado que ela ainda não tenha engravidado.

O Thane solta um grunhido e põe-se em pé, encostado à mesa para se equilibrar, com um olhar de nojo na cara.

– Pronto, acho que é hora de ir dormir. Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre a tua *semente*.

Rio-me e fico a vê-lo ir-se embora a cambalear.

– Tens a certeza? Tenho um sem-fim de histórias picantes com que te regalar!

Ele dá um aceno desdenhoso da sua mão e desaparece ao virar da

esquina.

Vejo-o partir, subir as escadas e entrar na estalagem, não na taberna, e relaxo, feliz por talvez o ter ajudado a ter juízo. Viro-me no assento e recostome, respirando o cheiro inebriante dos frangipanis no ar, observando a lua na água, a silhueta do *Nightwind* a descansar junto das ondas. Eu sei que está ansioso para voltar ao mar e continuar, tal como eu.

Fico ali sentado durante algum tempo, a desejar ter um charuto, quando ouço saltos nas pedrinhas atrás de mim.

– Posso juntar-me a ti, capitão?

Viro-me e sorrio para a Maren, que se dirige à minha mesa. Tem o cabelo negro preso no alto da cabeça, mais por necessidade de lidar com o calor e a humidade sufocantes do que para seguir a moda, e o seu vestido é muito mais elaborado do que aquele que usa no navio. A sua cor azulesverdeada rica e os fios roxos de seda no busto e na cintura lembram-me a cauda de sereia e provavelmente foi por isso que o escolheu.

O meu coração bate mais depressa do que as asas dos beija-flores, uma sensação que acontece sempre que ela está por perto, e eu puxo a cadeira para ela, gesticulando para que se sente.

– Princesa – saúdo-a.

Dirige-me um pequeno sorriso de reprimenda. Já não gosta da alcunha, mas quando se apresenta desta maneira, não consigo evitar tratá-la assim.

– Vi que estavas a ter o que parecia ser uma conversa franca com o Thane – comenta.

– Sim – digo. – Como sabes, tenho tido as minhas preocupações.

– E?

– Acho que consegui chegar a ele. Só tive de lhe recordar que, embora entregar-se ao luto seja bom, ou até saudável, continua a ter um rapaz para criar.

– Ótimo – diz ela, passando os olhos pelo navio. – Não duvido que o Thane levará as tuas palavras a sério. É um bom homem e um bom pai.

Com as palavras dela naquela matéria, pigarreio.

– Já pensaste em casar-te?

Ela sobressalta-se e vira devagar a cabeça para olhar para mim, com uma expressão incrédula no rosto.

– Estás a pedir-me em casamento?

– Não.

Franze o nariz, em sinal de consternação.

– Não gosto do teu jogo, capitão Battista.

– Mas se um dia pedisse – continuo, debruçando-me sobre a mesa. – Achas que aceitavas?

Ela ergue as sobrancelhas, dirigindo-me um olhar firme e cheio de discernimento.

– Não sei, Ramsay. Acho que teria de pensar no assunto.

– Pff – digo. – Estás à espera de um pirata ainda mais alto e mais rico

para te arrebatar, é isso?

– Duvido que exista um homem assim – diz ela. – O que eu estou à espera é de um anel.

– Vou arranjar-te um anel, princesa – digo-lhe. – Só tenho de esperar que apareça o navio certo para me enfiar nele.

– Isso é um eufemismo?

– Maren, acho que já estive em todos os buracos do teu corpo. Não, vou reconhecer o tesouro quando o vir.

Ela ri-se.

– Estava-se mesmo a ver que o meu anel de noivado seria uma coisa saqueada.

Rasgo um sorriso para ela.

– Não posso deixar de ser quem sou.

– E o quem é que tu és, mesmo? – pergunta, num tom de voz recatado, com os olhos azuis perpassados por uma expressão impudica.

– Um Irmão – digo, e ponho-me em pé. – Um pirata – digo, e contorno a sua cadeira até ficar à frente dela. – O teu amante. – Deixo-me cair de joelhos e começo a passar as mãos pelas pernas dela. – O teu adorador – continuo.

Ela arqueja e olha para trás, para a taberna, onde as luzes continuam acesas e os clientes continuam a beber.

– Alguém pode ver.

– Que vejam – digo, a resmungar, com a pila já dolorosamente dura de pensar nisso. – O mundo inteiro devia saber como te faço vires-te.

Então, subo-lhe o vestido e o saiote e enterro a cabeça entre as suas pernas.

Ela solta um forte suspiro, que tenta encobrir com tosse e eu ataco-a selvaticamente, os meus dedos nas suas coxas num aperto contundente, a abri-las, e a minha boca esfomeada encontra a sua rata.

– Oh, Deus! – grita baixinho e as ancas começam aos pinotes para irem ao encontro da minha cara.

– Que monstrinho faminto, não és? – digo, num grunhido, para dentro dela, com a minha língua a deslizar para cima e para baixo com movimentos rápidos, desde o seu calor intumescido até às profundezas molhadas. Como-a como um homem faminto e a verdade é que sou sempre voraz por ela. Ela nunca está fora da minha mente, nunca está sem ser desejada tanto pelo meu coração como pelo meu sexo.

Tenho muita sorte em ter encontrado esta criatura, esta mulher, esta alma que pertence ao meu coração. Eu e ela somos iguais, dois mundos que se unem até criarmos o nosso, até que tenhamos criado um mundo próprio, um mundo que levamos connosco independentemente de para onde vamos nos mares. Nunca estaremos separados, seremos sempre um.

E hei de sempre fazê-la ver o raio das estrelas.

– Ramsay – diz ela, ofegante. – Oh, estou-me a vir.

Sorrio para ela, certificando-me de que agora a estimo completamente,

com o envolvimento dos dedos, que a fodem bem fundo, enquanto a minha língua e os lábios lhe sugam o clítoris e ela atinge o limite. O seu corpo treme e tem espasmos, as coxas apertam-me as faces e, se alguém estiver a ver, verá uma senhora de alto nível agir como se tivesse sido possuída pelo Diabo.

Mas não, não é o Diabo.

Sou só eu.

Capitão Ramsay «Ossos» Battista.

Capítulo 45

Maren

É uma sensação estupenda, estar de volta ao *Nightwind* em mar aberto, a água azul agitada no rasto do navio, por baixo da varanda da popa, onde me debruço sobre o corrimão.

Também é estupendo ser completamente tomada pelo Ramsay nesta posição.

Tenho o vestido enrolado à cintura e ele está completamente nu, a segurar-me as ancas e a empurrar a pila por trás, enterrada até ao fim. O ar do mar fustiga-me o cabelo para trás enquanto ele pressiona os testículos contra mim, contra a minha pele ardente.

– Que vista linda – diz, com voz rouca, e o seu desejo insaciável deixa-me ainda mais molhada do que já estou. – O teu rabo, o oceano, não tenho a certeza de qual eu gosto mais.

– É bom que seja o meu rabo! – digo-lhe e tento virar-me para trás para olhar para ele, mas ele levanta a palma da mão e dá-me um valente PAM no rabo.

Eu grito, endireitando-me com o choque da dor. Ele certamente não se refreia quando acha que eu mereço uma palmada, e muitas vezes mereço umas quantas.

– O que é que eu já te disse sobre responderes – disse entre dentes, brincalhão.

– Disseste que te deixa com tesão.

– Sim, isso deixa. – Faz uma pausa, antes de dar outro PAM com a palma da mão no meu rabo. – Mas o que é que não deixa?

Chega outra palmada, tenho a pele a arder e depois ele empurra mais fundo, as suas mãos nas minhas ancas quando sou empurrada contra o corrimão. Está a tornar-se um vício. Com o corrimão recém-reconstruído, existe a possibilidade de ele me foder diretamente até ao oceano, mas como é

a minha segunda casa e eu consigo nadar tão depressa como o navio, por mim, tudo bem. Desde que não me deixe à beira do orgasmo.

– Vem-te, 'morzinho – murmura o Ramsay no meu pescoço, pegando nesse pensamento. Faz deslizar uma mão à minha frente e por baixo do vestido, os dedos passando sobre a minha pele sensível, criando correntes de calor que irradiam para fora.

Ele é tão requintado. Como eu adoro este homem.

Dou um gemido.

– Meu Deus, eu...

– Galeão mercador! – Ouço a voz do Thane bombar do convés superior, interrompendo o desejo do Ramsay. – Fresquinho para ser tomado! Todas as mãos no convés!

O Ramsay faz uma pausa a meio da sua investida.

– Já avistaram um galeão? Ainda nem sequer estamos assim tão perto de Acapulco.

Estou à espera de que pare de me foder, perante isto, mas, em vez disso, ele continua, acelerando o ritmo, indo mais fundo, com mais força.

– Se não te vieres já, vou fazer com que te venhas – ameaça-me o Ramsay.

– Então faz isso, em vez de dizeres que vais fazer – retruco.

Ele grunhe, mordiscando-me o pescoço, apenas o suficiente para fazer sangue.

Gemo mais alto. Adoro quando ele se alimenta de mim. Não o faz muitas vezes, na verdade só quando é acorrentado, para não se deixar levar pelo desejo de sangue. Mas, de vez em quando, os seus dentes furam-me e ele toma-lhe um pouco o gosto, especialmente se estivermos prestes a entrar em situações potencialmente violentas, como invadir um galeão espanhol.

– Chupa-me – digo-lhe, encorajando-o a beber uma dose maior. – Ficas muito maior quando o fazes.

Ele solta um som grave e gutural, mordendo agora com mais força, bebendo-me, e sinto o seu sexo intumescer dentro de mim, a ponto de eu poder quebrar ao meio. Então, a passagem rápida dos seus dedos leva-me ao limite.

O meu orgasmo atravessa-me, deixando-me os joelhos bambos, as garras de fora e cravadas na madeira do corrimão para me manter em pé, e ele atinge o clímax ainda mais forte, retirando as presas do meu pescoço e soltando um longo berro, que tenho a certeza será ouvido pelo navio inteiro. Talvez eles julguem que se trata de um grito de guerra, embora, por esta altura, já estejam todos acostumados aos ruídos que saem dos seus aposentos a todas as horas do dia.

– Magoei-te? – pergunta ele, quando se acalma, quando sai de mim com a respiração ainda pesada.

– Com a palma da mão ou com os dentes? – pergunto, alisando o vestido e puxando-o para baixo enquanto me inclino para trás, contra o corrimão. –

Com nenhum, mas que tal está? – Inclino a cabeça, desnudando o pescoço atacado.

– Só dois furinhos – diz ele, com um sorriso que pede desculpa. – Estou cada vez melhor nisto.

– Pois estás. – O meu olhar desce para o seu sexo meio duro, o seu corpo puramente masculino em perfeita exibição à luz do dia. Se não tivéssemos umas aventuras a fazer, seria tentada a mais uma rodada.

– Ossos! – grita o Cruz, impaciente, de algum lugar no convés. – Precisam de ti lá em cima, capitão!

Pomo-nos a andar, o Ramsay enfia as bermudas largas e a camisa preta e eu ajudo-o a amarrar o coldre, enfiando nele as pistolas e a espada de pirata. Depois, saímos a correr pela porta e subimos ao convés, onde a tripulação se reuniu no castelo de proa. Ao longe, perto da costa, encontra-se um galeão solitário.

– É um alvo fácil – diz o Ramsay, esfregando as mãos com alegria.

Vamos ter com o Thane, que ladra ordens para toda a gente. Dirige-nos a ambos um olhar de decepção quando nos aproximamos.

– Demoras o teu tempo, capitão? – observa o Thane. – É só o teu navio.

– É o *nosso* navio, irmão. E, na qualidade de intendente, sabes exatamente o que fazer na minha ausência.

O Thane murmura qualquer coisa entre dentes. Não apanhei, mas o Ramsay sim, com o seu superior sentido de audição, e faz ao irmão um gesto obsceno com as mãos em resposta.

O Thane desata a rir, provavelmente é a primeira vez que o ouço rir desde que a Sam morreu. Depois, vira-se para o resto da tripulação e a expressão torna-se rapidamente sóbria.

– Muito bem, rapazes, queremos que seja o nosso navio do tesouro antes de cruzarmos o mar poderoso, portanto, vamos fazer com que esta valha a pena.

– Vamos buscar o que nos pertence! – grita o Drakos, e o resto da tripulação clama vivas.

– Sem piedade! – grita o Thane, erguendo a espada de pirata.

Lanço um olhar acutilante ao intendente.

– Vamos ter *alguma* piedade, se faz favor – digo-lhe. – Os tempos de matar toda a gente a bordo impiedosamente acabaram.

O Thane fulmina-me com o olhar, depois olha para o Ramsay, completamente atarantado.

– De que raio é que ela está a falar?

É a primeira vez que o Thane ouve isto. Ao longo dos últimos meses, desde que me juntei oficialmente à tripulação como a mulher do Ramsay, tive muito tempo para pensar sobre a minha vida e o que queria dela. Embora siga o amor até ao fim do mundo, ter discernimento continua a ser um deus para mim e algo que sempre hei de venerar. Quero viver uma vida, um produto do meu livre-arbítrio, em que posso não só estar livre das restrições da sociedade,

mas também ter uma boa consciência. Eu sei o que sou, sei o que é o Ramsay e o resto da Irmandade: somos monstros. Isto é algo que não vai mudar e eu nunca vou sentir vergonha por abrigar um lado sombrio e monstruoso.

Mas os monstros não têm de estar amarrados aos seus impulsos. Não quero ser um brinquedo da minha raiva. Cuido da minha raiva como um jardim, mantenho-a podada e regada para que seja saudável, para que me dê, em vez de me tirar. E, por isso, sei que tenho o que é preciso para separar o certo do errado, para jogar entre moral e imoral, santo e pecador, princesa e pirata.

Disse ao Ramsay que se eu fosse uma pirata ao seu lado, especialmente uma noiva pirata algum dia, precisaríamos de mudar algumas coisas.

Não sei se a tripulação alinha com essas mudanças.

O Ramsay olha para mim e, depois, para o irmão com um encolher de ombros.

– Achei que devíamos experimentar fazer à maneira dela desta vez. Atacar o navio, saqueá-lo, mas em vez de massacrar toda a gente, deixamos alguns ir embora e levamos apenas quem precisamos.

– Para serem sangrias – termino.

– Sangrias? – pergunta o Cruz e dou-me conta que toda a tripulação está a ouvir.

– Sim – explica o Ramsay. – Tornam-se sangrias para nós. Damos-lhes a escolher. É justo. Perguntamos-lhes se querem morrer ou ser sangrias. Se concordarem em ser sangrias, mantê-los a bordo, mas apenas para a nossa viagem. Libertamo-los do outro lado.

– Não achas que isso é um nadinha cruel, cap'tão? – diz o Olhos Doidos. – Acho que eles preferem todos morrer a ser mantidos no porão.

– Eu arranjei o porão – digo-lhes. – Eu e o Sedge passámos os últimos dias a deitar fora os ossos e a lavá-lo. Colocámos feno para as camas, cobertores e agora tempos bastante comida e água da Cidade do Panamá. Podemos mantê-los lá para a viagem, só tirando sangue quando é preciso. Funcionou quando eu vos dei meu sangue, diretamente na garrafa, pode funcionar com eles.

– Isso é contra a nossa natureza – diz o Lothar sombriamente, ao que o Matisse anui. – Eu não quero beber sangue humano de uma garrafa. É para isso que servem o vinho e o rum. Eu quero-o diretamente da fonte. – Os seus dentes afiam-se diante dos meus e arreganha as presas para mim.

Retribuo arreganhando os meus e sibilando para ele, depois esboço um sorriso recatado.

– A tua natureza pode ser desnecessariamente selvagem.

– Diz a mulher que come corações ao pequeno-almoço – diz o Ramsay.

Dou-lhe uma patada no peito e dirijo-lhe um olhar de censura.

– Então?! É suposto ficares do meu lado.

– Eu estou eternamente do teu lado, ‘morzinho. Mas uma coisa de cada vez, pode ser? Vamos buscar as sangrias e colocá-las no porão. Talvez o sangue deles vá para a garrafa, talvez acabemos todos por beber da fonte, mas

concordo que eventualmente possamos controlar a nossa crueldade... um pouco.

O Thane suspira, passando a mão pela cara. Embora eu saiba que ele é um homem destruído por dentro, é bom ver a sua rabugice de volta.

– Muito bem. Ordens do capitão, pessoal. Atacamos, saqueamos, tomamos... sangrias. Deixamos o resto para contar uma história em que ninguém vai acreditar. – Pigarreia. – Redes para cima, peito para baixo!

– Ai, ai! – grita a tripulação, a correr de um lado para o outro.

O Cruz saca do violino e começa a tocar uma melodia animada.

– Preparem a vela de batalha! – grita o Thane.

– Seja, intendente – responde o Olhos Doidos, correndo para a popa.

– Fechar as escotilhas!

– Sim! – respondem o Remi e o Horse em uníssono, e desaparecem lá em baixo.

– Içar as cores! – berra o Ramsay, levantando a pistola no ar. – E rápido!

– Sim, capitão! – A tripulação dá vivas e nós vemos a bandeira vermelha, com a caveira e os ossos cruzados, ser içada no mastro, batendo gloriosamente na brisa.

– Içar as cores!

Capítulo 46

Maren

– Falta muito? – pergunta-me o Ramsay, estendendo a mão para a garrafa de vinho.

Dou outro gole, as belas uvas Madeira sabem maravilhosamente, e passo-lha.

– Tu és o capitão. Diz-me tu.

Ele solta uma risadinha e bebe um gole.

– É o teu reino, Maren, não o meu.

Estamos sentados lado a lado no cesto da gávea, com as pernas penduradas sobre a borda da plataforma. O sol está baixo no céu e banha-nos em correntes de ouro, a brisa do mar sopra sal e o perfume da terra vizinha no nosso rosto. Já cheira a casa.

Nós já devíamos seguir pelo Pacífico, mas perguntei ao Ramsay se podíamos fazer um pequeno desvio para o mar de Cortez. Quando eu era pequena, o mar tinha um nome diferente, mas agora que vi os mapas, percebo que o reino de Limonos fica no fundo desse mar, não muito longe da vila de Loreto, sob o vice-reino da Nova Espanha.

O Ramsay concordou – não é preciso muito para o convencer a fazer alguma coisa, especialmente quando uso as minhas artimanhas femininas – e assim o *Nightwind* partiu em direção ao golfo. Temos andado a passear ao longo da costa, contemplando a paisagem rochosa e seca com as suas montanhas escarpadas em tons de corais e plantas espinhosas do deserto. Também a água, com muitos tons de azul e verde, me chama, acenando-me para entrar.

Mas tenho esperado até ter a certeza. O golfo é grande, parece estender-se infinitamente e, embora eu mal conheça o local, só quero entrar na água quando tiver a certeza. Eu sei que o *Nightwind* tem para onde ir, agora que temos sangrias a bordo, portanto não temos muito tempo para explorar o mar

à procura do meu reino perdido.

Contudo, a trinta metros de altura no mastro, com o Ramsay, sinto que estamos a aproximar-nos. Consigo senti-lo.

– O que vais fazer quando lá chegares? – pergunta-me o Ramsay, passando os seus olhos pelo meu rosto enquanto me observa. Está curioso, mas há uma pitada de apreensão na sua voz. Eu sei porquê. Ele acha que quando eu vir Limonos não me vou querer ir embora.

Encolho os ombros.

– Não sei mesmo. Só quero vê-lo, para me poder despedir. Acho que preciso fechar este ciclo. – Estendo a mão e pouso-a na dele, com a pele agora bronzada do sol e um tom mais escura do que a dele, que parece nunca ganhar cor. – Eu volto para ti, Ramsay.

Levanta o canto da boca, com os olhos bailando de determinação.

– Tens noção de que, se não voltares, eu entro na água e vou atrás de ti. Não me importo quanto tempo demora, vou encontrar-te e trazer-te de volta à tua verdadeira casa. – Pega-me na mão e beija-a demoradamente, com o seu olhar fixo no meu. – A tua casa comigo.

Sinto um nervoso miudinho e ele baixa-me a mão dos seus lábios. Outro olhar cauteloso obscurece os seus olhos e depois leva a mão ao bolso da camisa e puxa algo.

Um anel.

Arregalo os olhos, fico de queixo caído e fito-o, nos seus dedos.

O anel é lindo, de prata com um crescente a abraçar uma pedra azul-escura, a mesma cor do mar.

Tu és a lua, eu sou as marés, disse-me uma vez.

– Isto é para ti – diz, pigarreando. – Maren, dás-me a honra de casar comigo?

Fico de peito apertado, como se tivesse demasiados sentimentos eufóricos ao mesmo tempo, e olho para o seu rosto. Por uma vez na vida, o Ramsay parece positivamente um rapaz. Jovem e inseguro e há algo tão dolorosamente vulnerável nele que, neste momento, ninguém pensaria que ele era um pirata sanguinário que...

Fito o anel.

– Espera aí, de que cadáver tiraste isto?

A sua vulnerabilidade desvanece.

– Quero que saibas, princesa, que mandei fazer o anel especialmente para ti enquanto estávamos na Cidade do Panamá. Só queria esperar o momento certo para to dar. – Faz uma pausa. – E acontece que o momento certo é logo antes de te transformares em peixe e essa marca na anca desaparecer. Para que te lumbres que pertences a alguém.

Fulmino-o com o olhar pela maneira como diz *peixe*, mas não consigo ficar zangada com ele por muito tempo, porque o anel é absolutamente lindo.

– Posso pô-lo? – pergunta ele.

– Eu ainda não disse sim – provoco.

O seu rosto irradia impaciência quando me olha, à espera.

– Então? Se me vais arrancar o coração e comê-lo, Maren, pelo menos sê rápida.

Rio-me, a alegria escapa-se de mim.

– Sim – digo-lhe. – Sim, pirata sujo. Sim, caso-me contigo.

Enfia o anel no meu dedo e ri-se, agarrando-me o rosto e puxando-me para um demorado e intenso beijo, que atinge cada centímetro da minha alma. Quando termina, ficamos sem fôlego e ele apoia a testa na minha, com o meu rosto ainda enfiado nas suas mãos.

– És a lua e eu, as marés – sussurra.

– Amo-te – sussurro em resposta.

Baixo os olhos e admiro o anel que tenho no dedo.

– A propósito, não sou um pirata sujo – desdenha, passado um momento.

– Eu sei que não és sujo, mas eu também não sou um peixe...

Solta uma risadinha e encolhe os ombros, depois um aroma familiar banha-me, como sal marinho e algo mais profundo, almiscarado.

– Chegámos – digo, ansiosa, pondo-me rapidamente em pé.

– Tens a certeza? – pergunta ele, levantando-se ao meu lado.

Olho em redor e, em seguida, aponto para uma pequena ilha estreita.

– Estás a ver aquela ilha? Vês a ponta? Eu conheço aquela terra. Costumava andar sempre a empoleirar-me na praia à procura de navios. – Olho para ele, animada. – Limonos é mesmo ali.

– Para o navio! – berra o Ramsay à tripulação, abaixo, depois acena às velas, que esvaziam consideravelmente.

Começo a descer a escada de corda o mais depressa que consigo e, assim que os meus pés batem no convés, começo a correr para o corrimão, sacudindo o espartilho e o vestido até ficar completamente nua.

– Que diabo? – diz o Cruz quando passo por ele a correr, despida.

Olha para o Ramsay à procura de uma explicação.

– Não sei – diz o Ramsay. – Perguntei-lhe se queria casar comigo e foi esta a sua reação.

Rio-me e continuo a rir enquanto me lanço borda fora, com um mergulho de cisse.

No instante em que atinjo as ondas, o meu corpo transforma-se e suspiro de alívio. Embora os meus dentes e garras sempre tenham aparecido quando eu quisesse, as minhas guelras e a cauda só se materializam quando estou na água.

Uso ambas a meu favor e começo a nadar o mais rápido que posso, ansiosa e aterrorizada por ver o que resta de Limonos. Mas quanto mais fundo vou, mais o meu sorriso esmorece. Existem algumas ruínas do que foi, formações de corais e cavernas rochosas e montes marinhos, mas não há vitalma.

– Olá? – chamo. Depois, tento chamar dentro da minha cabeça. *Olá? Sou eu, a princesa Maren. Está aí alguém?*

Nado e paro, à escuta. Só ouço o estalar de camarões e outras criaturas. Algures ao longe há uma canção, mas é a canção de uma baleia cinzenta, não de uma sereia.

Começo a nadar de novo, na esperança de ver alguma coisa, qualquer coisa. Vou para onde se encontra a floresta de algas e embora veja focas e polvos simpáticos, parecem não saber do que estou a falar quando menciono Limonos. Nado até aos jardins de corais, que também são o lar de cardumes de peixes e uma ou outra tartaruga marinha a passar. Finalmente, nado até aos arcos onde o meu pai costumava residir no seu trono, com poços de luz solar atravessando as formações rochosas e a iluminar o local deserto.

Porque está deserto.

O meu pai foi-se.

Todos as sereias se foram.

Só resto eu.

A Asherah e a Edonia disseram que seria assim, penso no meu íntimo. Eu sabia, bem no fundo, que só queria que a Asherah estivesse errada e que a Edonia estivesse a mentir.

Expiro, sentindo o coração encharcado, e descanso a cauda num retalho de anémoma do mar rosada, tentando pensar. Olho para a superfície, para a forma escura do *Nightwind*, que espera por mim.

É esse agora o meu lugar, de qualquer maneira, e eu sei disso. Lá em cima, com o Ramsay. Nem sequer pensei que encontraria grande coisa aqui, eu só queria despedir-me, se houvesse alguém de quem me despedir.

Mas todas os sereias partiram. A minha família foi-se. E a família que tenho está lá em cima, no *Nightwind*, à minha espera.

Olho em volta, mais uma vez, e começo a nadar para o navio.

Vejo movimento nas sombras pelo canto do olho e paro de nadar, de coração na garganta quando me viro para enfrentar o que seja, esperando que seja uma sereia.

Mas não é. É um tubarão, que vem direito a mim.

Estendo as mãos, para avisar a criatura.

Mas não para.

Vem cada vez mais depressa e é mais fácil quando reconheço as barbatanas brancas e o corpo cinzento metalizado do Nill.

Não. Não pode ser. Mas é.

– Nill! – exclamo, explodindo de alegria.

O tubarão vem até mim, praticamente atropelando-me, e lanço os braços em torno do seu corpo, segurando-o com força.

– Nill, Nill, sou eu.

– *Eu sei que és tu* – diz o Nill. – *Tenho estado este tempo todo à tua espera.*

Agora estou a chorar, as lágrimas desaparecem no mar.

– Desculpa – soluço, atravessada por tantas emoções. – Desculpa nunca ter voltado para ti. Eu não podia.

– *Eu sei* – diz o tubarão. – *Mas eu tinha de esperar por ti, mesmo depois de a última sereia ter partido.*

Recuo e olho para os seus olhos negros, vendo o meu reflexo neles.

– Deves ter-te sentido tão terrivelmente sozinho aqui.

– *Tinha fé de que voltarias* – diz ele simplesmente.

Olho em volta, para o vazio que nos rodeia. Há muita vida marinha aqui, talvez até mais do que havia quando o reino era habitado. Talvez as sereias tenham causado mais danos à população local de criaturas marinhas do que pensávamos. Afinal, éramos os seus maiores predadores.

– És feliz aqui? – pergunto-lhe. – É uma sensação tão estranha.

– Às vezes – responde. – *Mas eu consigo encontrar a felicidade em qualquer lugar.*

– Sabes, agora tenho uma nova casa. – Aponto para o *Nightwind*. – É naquele navio. Sei que parece uma coisa rebuscada, mas cruzamos os oceanos com o vento mágico nas nossas velas. Queres vir connosco?

A pálpebra inferior do Nill pestaneja.

– *Sou o teu devoto protetor, princesa Maren. Cometi um grave erro ao deixar-te da última vez. Nunca mais te abandonarei.*

– Pareces o Ramsay – digo, sorrindo ao meu amigo mais antigo.

– *Quem?*

– Vais conhecê-lo – digo, e largo-o. Então, mostro-lhe o meu fio. – Estás a ver, tu nunca me deixaste.

Ele abana a cauda, em resposta.

Faço uma pausa, antes de colocar a minha próxima pergunta.

– Viste a Larimar?

O Nill acena com a cabeça.

– *Mas não a vejo há muito tempo. Tenho fé de que vamos conseguir encontrá-la. Olha para a superfície. Mostra-me o teu navio* – diz ele.

Eu sorrio e começo a nadar para a superfície, com o tubarão logo atrás de mim.

Quando chego à superfície, o Sol está quase a pôr-se, fazendo o mar brilhar com um cor de laranja metálico. Olho para o *Nightwind* e vejo o Ramsay espreitar para mim por cima do corrimão, com o *Skip* empoleirado no ombro.

– Estás aí – diz ele, parecendo aliviado. – Ia agora mesmo saltar e... hã, Maren, digo-te que tens um tubarão atrás de ti.

Olho para trás e vejo a barbatana dorsal do Nill rasgar a água.

– Encontrei o Nill! – grito para ele. – Ele vem connosco.

O Ramsay franze a testa, provavelmente tentando perceber a logística disto tudo.

– Ele consegue nadar tão depressa como o navio – asseguro-lhe. – Vai ser a nossa escolta.

Ele acena com a cabeça, talvez não adorando a ideia de um tubarão a circular todo o tempo o navio, mas vai acostumar-se. Os piratas não são nada

se não forem adaptáveis.

– Precisas de ajuda? Podemos baixar a rede – diz o Ramsay.

Abano a cabeça.

– Não, vai pôr o vento a soprar outra vez. Eu e o Nill apanhamos-te.

– Tens a certeza? – pergunta.

Aceno para ele.

– Navega até ao pôr do Sol, que eu nado atrás de ti.

Ele anui.

– Muito bem, ‘morzinho – diz ele. – Mas, quando escurecer, salto para a água e pesco-te mesmo. Não vou deixar a futura senhora Battista longe de vista.

– Combinado – digo-lhe, acenando com o anel de noivado.

O Ramsay está radiante de orgulho, com o *Skip* ainda no ombro, a abanar a cauda. Depois, pisca-me o olho e vira-se para a tripulação.

– Vento às velas, rapazes! Zarpamos para Manila!

– Sim, capitão! – responde a tripulação.

As velas enchem-se de vento, enfunando de forma dramática, e o *Nightwind* começa a deslizar rapidamente em direção do pôr do Sol.

Olho para o Nill, que está logo abaixo da superfície.

– Vamos? – pergunto.

Ele abana a cauda, em resposta.

O Nill começa a nadar e eu mergulho, para cima e para baixo nas ondas, a rir, no encalço do *Nightwind*, seguindo o homem que tem o meu coração e a vida com que outrora sonhei.

FIM

Obrigada por ler *O Canto da Sereia*! Se gostou do livro, seria uma honra para mim que deixasse um comentário (e, por favor, siga-me no Instagram se quiser estar em contacto para futuros lançamentos).

Se quiser mais livros no mesmo género, posso recomendar *Bloodorange* (um romance gótico sombrio que reconta a história do Drácula) e *River of Shadows* (uma fantasia negra baseada na mitologia finlandesa). Ambos estão disponíveis na Amazon UK!

Posfácio

Prezado leitor,

Espero que *O Canto da Sereia* o tenha levado numa viagem selvagem pelo Pacífico; foi certamente um dos melhores momentos de escrita para mim e os dois meses que demorei a dar vida a este livro foram dos mais agradáveis em muito tempo. Se me seguirem nas redes sociais ou através da minha *newsletter* (aliás, podem encontrar-me no Instagram [www.instagram.com/authorhalle/] ou na minha *newsletter* [<https://authorkarinahalle.com/view-flodesk-com-pages-639f597c49ad46f529603b4e>]), saberão que tive dois anos infernais cheios de perdas e sofrimento e este livro fez-me apaixonar novamente pela escrita e deixar-me confiar na minha alma criativa, algo que eu pensava ter perdido. Portanto, embora esteja feliz por tê-lo lido, estou ainda mais feliz e aliviada por ter podido escrevê-lo.

Não se trata de ficção de fã (na verdade, eu nunca escrevi ficção de fã, exceto quando tinha 19 anos e escrevi uma história para o X-Men, em que um novo mutante e Logan se apaixonam, num romance que vai de *bully*/inimigos para amantes, todo rabiscado em cadernos enquanto eu viajava sozinha pela Austrália de autocarro, e agora pergunto-me se devia publicá-lo haha), no entanto, este livro é uma releitura de *A Pequena Sereia* e é definitivamente influenciado pelo *Pirata das Caraíbas*, especialmente em termos da combinação de temas de terror gótico, ação e humor. Na verdade, uma semente dessa ideia surgiu-me quando estava numa diversão dos Piratas das Caraíbas, na Disneylândia, em dezembro de 2022 e tive a visão de uma gruta azul brilhante, sentindo a necessidade de transformar isso em algo. Eu não sabia o quê, mas queria captar esse sentimento na página. Avançando para março de 2023, quando eu e o meu marido estávamos pela primeira vez em Loreto, no México, e eu olhava da nossa varanda para o mar de Cortez, tive a súbita vontade de escrever uma nova leitura da *A Pequena Sereia*, mas com piratas, algo sombrio, *sexy* e divertido. *Voilà*, nasceu *O Canto da Sereia*. A ideia chegou totalmente formada e eu segui-a.

Na época, os meus leitores esperavam o terceiro volume da *Underworld Gods*, a minha série de fantasia negra sobre o Deus e a Deusa da Morte na mitologia finlandesa, mas eu não estava preparada para o começar. Tinha acabado de sair de *Black Rose*, um livro cuja escrita exigiu muito de mim e tinha umas expectativas muito elevadas por parte dos leitores que tinham lido o primeiro livro, *Blood Orange*, e só queria ter a possibilidade de respirar. A possibilidade de escrever apenas o que eu quisesse, em vez de forçar a escrita,

de preferência algo diferente e divertido com zero expectativas do público e, mais importante, algo que fosse totalmente independente, uma história completa e sem relação com outros livros.

Bom, se o leitor tem um olho atento e leu os meus livros de vampiros, vai reparar que a Irmandade de Sangue é a mesma que nos meus outros vampiros e isso é porque fazem parte do mesmo mundo. Não há partilha de personagens (a menos que conte esse livro, de que *O Canto da Sereia* é a história de origem), mas os Irmãos são vampiros, embora na primeira metade do século XVIII, o termo «vampiro» não fosse usado com frequência. Portanto, chamavam-se a si mesmos Irmandade. E eu gosto mais.

Seja como for, se não leu esses livros e quer mais do tipo *O Canto da Sereia*, no sentido de terem vampiros, sugiro *Blood Orange* ou *Black Sunshine*, aqui da vossa autora.

E se quer um livro com sereias assassinas, sugiro *Into the Drowning Deep*, de Mira Grant. Não é romance, é puro horror, mas é tão inteligente, assustador e bem feito que realmente insisto para que o leia logo. Outro livro, embora muito mais curto, de uma sereia assassina é *The Salt Grows Heavy*, de Cassandra Khaw. E, claro, se quiser um romance histórico de piratas (sem elementos de fantasia), *Sea of Ruin* de Pam Godwin é incrível (mas considere-se avisado de que é muito mais negro do que este livro).

Finalmente, devo divulgar o livro de Scott Mackenzie, *Uncharted Waters*. Trata-se de uma aventura independente, passada no mar e com algum romance, intriga, *suspense* e perigo, com uma grande reviravolta que o vai deixar numa roda-viva.

Agradecimentos

Muito obrigada a Scott Mackenzie pela sua fé inabalável em mim. Obrigada novamente a Betul E. pelo atencioso contributo na qualidade de leitora beta; a Laura, por literalmente editar este livro, apesar de ter ido para o hospital; a Michelle Moras, pelo árduo trabalho com este lançamento; a Becca Syme, pelo encorajamento e por me deixar pendurada e a tentar adivinhar como seria esta capa linda!

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. PRÓLOGO - Maren
4. Parte 1 - O Oriente
 1. Capítulo 1 - Maren
 2. Capítulo 2 - Maren
 3. Capítulo 3 - Ramsay
 4. Capítulo 4 - Maren
 5. Capítulo 5 - Ramsey
 6. Capítulo 6 - Maren
 7. Capítulo 7 - Ramsay
 8. Capítulo 8 - Maren
 9. Capítulo 9 - Ramsay
 10. Capítulo 10 - Maren
 11. Capítulo 11 - Maren
 12. Capítulo 12 - Ramsay
5. Parte 2 - As Ilhas
 1. Capítulo 13 - Ramsay
 2. Capítulo 14 - Maren
 3. Capítulo 15 - Maren
 4. Capítulo 16 - Ramsay
 5. Capítulo 17 - Ramsay
 6. Capítulo 18 - Maren
 7. Capítulo 19 - Maren
 8. Capítulo 20 - Ramsay
 9. Capítulo 21 - Maren
 10. Capítulo 22 - Ramsay
 11. Capítulo 23 - Maren
6. Parte 3 - A Travessia
 1. Capítulo 24 - Maren
 2. Capítulo 25 - Ramsay
 3. Capítulo 26 - Maren
 4. Capítulo 27 - Maren
 5. Capítulo 28 - Ramsay
 6. Capítulo 29 - Maren
 7. Capítulo 30 - Maren
 8. Capítulo 31 - Ramsay
 9. Capítulo 32 - Maren
 10. Capítulo 33 - Ramsay

7. [Parte 4 - O Ocidente](#)
 1. [Capítulo 34 - Maren](#)
 2. [Capítulo 35 - Maren](#)
 3. [Capítulo 36 - Ramsay](#)
 4. [Capítulo 37 - Maren](#)
 5. [Capítulo 38 - Maren](#)
 6. [Capítulo 39 - Ramsay](#)
 7. [Capítulo 40 - Maren](#)
 8. [Capítulo 41 - Maren](#)
 9. [Capítulo 42 - Ramsay](#)
 10. [Capítulo 43 - Maren](#)
 11. [Capítulo 44 - Ramsay](#)
 12. [Capítulo 45 - Maren](#)
 13. [Capítulo 46 - Maren](#)
8. [Posfácio](#)
9. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)